COLEÇÃO PENSAMENTO E AÇÃO

NESTOR MAKHNO

A "REVOLUÇÃO" CONTRA A REVOLUÇÃO

CORTEZ EDITORA

Coleção Pensamento e Ação – Volume 4

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M195r

Makhno, Nestor Ivanovich, 1889-1934
A "Revolução" contra a revolução : a Revolução Russa na Ucrânia, março 1917-abril 1918 / Nestor Makhno ; [tradução Milton José de Almeida]. — São Paulo : Cortez, 1988.
(Coleção pensamento e ação ; v. 4)

ISBN 85-249-0133-0

1. Ucrânia - História - Revolução, 1917-1921 I. Título. II Título: A Revolução Russa na Ucrânia. III. Série.

88-1687 CDD-947.71084

Índices para catálogo sistemático:

1. Revolução, 1917-1918 : Ucrânia : História 947.71084
2. Ucrânia : Revolução, 1917-1918 : História 947.71084

COLEÇÃO PENSAMENTO E AÇÃO

NESTOR MAKHNO

A "REVOLUÇÃO" CONTRA A REVOLUÇÃO

A Revolução Russa na Ucrânia (março 1917 — abril 1918)

Direção de Maurício Tragtenberg
Tradução de Milton José de Almeida

CORTEZ EDITORA

Esta tradução
não seria possível sem a colaboração
do amigo Evaldo Amaro Vieira.

SUMÁRIO

PARTE II

Dedico este livro à memória de meus Amigos, os camaradas: Pierre Gavrilenko, Alexandre Kalachnikoff, Moïse Kalinitchenko, Simon Kartnik, Philippe Krate, Isidore (Pierre) Liouty, Alexis Martchenko, Sawa Makhno, André Sémenota, Gabriel Troïan, Stéphane Chepel, Boris Veretelnik, H. Gorélik, Luc Pantcheuko, Abram Schneider e outros, que lutaram comigo para organizar os trabalhadores revolucionários ucranianos e realizar nosso ideal comum: uma sociedade anarquista comunista livre. Todos eles encontraram a morte em circunstâncias diversas, mas na tentativa de alcançar um propósito único: a realização da idéia de liberdade, de igualdade e de trabalho independente.

O Autor

NOTA DO TRADUTOR

Comecei traduzindo um revolucionário e me vi traduzindo um poeta. Não pelo uso de palavras e construções lingüísticas inesperadas, difíceis, imagens intraduzíveis. O mundo que ele e seus companheiros começaram a compor falava palavras do presente vindas do passado recém-revirado. Suas frases seguem claras retas, curvas, desvios, ramais e paradas nas estações das linhas férreas da Ucrânia. Essas marcam seus encontros com os poderes que, ora se juntam, ora se separam no cerco à Revolução da revolução. Suas outras frases caminham, torteiam, galopam, se enchem de poeira e se aromatizam pelas estradas que unem aldeias e vilas da sua Ucrânia nos encontros com camponeses e operários. Por todos esses lugares, palavras de raiva, ternura, emoção, lucidez. Frases longas, períodos complexos, encadeamento nem sempre lógico-esperado são, geralmente, os momentos em que se juntam o ideal perseguido, a lucidez da trama do presente-acontecido e da rede da sintaxe política dos poderes do momento e do passado. Por ser real e inteiro, Makhno une poesia e revolução. Não no sentido banal e generalizante de que todo poeta é revolucionário e reciprocamente. Makhno não buscava a perfeição da forma, a expressão estilística que, calcada sobre um universo imperfeito, o abstrai em busca do seu próprio espelho, nem o reflexo mecânico e simplório do cotidiano que esteve/está na moda como estética revolucionária. Mesmo porque o problema não é da expressão escrita ou oral da linguagem que formaliza o movimento da vida. Makhno buscava mais fundo. Buscava a sintaxe nova, mais que política, artística, construída momento a momento no revolucionar relações tradicionais do poder, no revolver a gramática estatista dos novos poderes, no viver com seus companheiros e a população da Ucrânia a beleza e o sofrimento da substituição da sintaxe de subordinação, coordenação e hierarquia, pela da cooperação. Quem sabe daí viriam as novas palavras, novos sons, outra morfologia. Uma não-gramática da cooperação e da igualdade. Uma Revolução contra a "revolução" em vias de se congelar.

Milton José de Almeida

APRESENTAÇÃO

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA RÚSSIA À REVOLUÇÃO SOVIÉTICA*

Durante os dez últimos séculos da expansão russa existiu uma constante luta entre as autoridades e as famílias para obrigá-las a colonizar a terra.

Durante muito tempo a índole econômica do bosque e da técnica agrícola estavam em certo grau de imobilidade, isto devido ao caráter extensivo da economia das tribos eslavas.

A escassez de lugares adequados os obrigava a avançar pelas margens dos rios, fomentando a criação de colônias separadas entre si.

Em relação aos servos anteriores, carecemos de dados para decidir se foi a coação dos príncipes subordinados, ou comerciantes e aventureiros que desempenharam o principal papel na colonização ou se foi a colaboração voluntária de homens livres. Até 1861 o elemento monástico representou papel importante na colonização interna.

Existiam na Rússia, de um lado, tribos eslavas que constituíam a força étnica preponderante, capaz de determinar o desenvolvimento cultural e econômico de todo o território. Também determinados elementos germânicos (escandinavos) desempenharam certo papel na civilização russa.

Os homens do Norte deram à Rússia sua dinastia que produziu seus governantes.

A infiltração dos povos do Norte deu-se em dois sentidos: a superioridade militar que correspondia aos elementos germânicos invasores e o poder econômico que se achava com os eslavos, possuindo

* Tragtenberg, M. *Planificação, desafio do século XX*. São Paulo, Ed. Senzala, 1967. p. 67-122.

sua própria aristocracia agrícola, que passava por um processo de escravização.

A concepção germânica de realeza é de origem indo-européia. O rei é um personagem sagrado, "heilig", e portanto sacerdote e mago. Como sacerdote tem ele a função de servir de intermediário entre seu povo e os deuses. Como mago, conhece as fórmulas, os signos pelos quais o iniciado tem poder sobre a natureza, a vida, os homens e o próprio destino. Seu poder político deriva da eficácia de seu poder oculto. O sangue, todo o direito real, tem sua base exotérica nesta palavra "heilig".

Entre os germânicos a legitimidade pessoal é débil, enquanto a dinastia é poderosa. O que se trata aqui é de sangue, por conseguinte a família real num sentido lato de clã; o conjunto de descendentes do primeiro antepassado real ou mítico: nesse caso os descendentes de Rürik.

Mas Rürik não é um rei. É um jovem chefe, que se colocara à frente de uma expedição.

O chefe, o rei, está na direção de um grupo de leais; eles obedecem ao homem, não ao monarca. Com aquele homem, cujas qualidades conhecem, fazem um pacto de aliança temporária, ou perpétua, válida na paz e na guerra. Essa aliança baseia-se na palavra dada e no juramento. O companheiro promete servir seu chefe dignamente. Por sua vez o chefe compromete-se a não desampará-lo. Sua aliança é perpétua; acolhe-o em sua casa e sustenta-o como membro da família. Isto equivale a dizer que os companheiros são solteiros e que o matrimônio põe em perigo o princípio eterno de sua missão.

Em tempo de paz os fiéis formam sua guarda e são providos de empregos na corte.

Os servidores do rei convertem-se em seus ministros. Opera-se uma divisão no pessoal da guarda. Os jovens, mais ardentes, são elementos dispostos às expedições e aventuras. Os "velhos" formam um Estado-Maior ou um Conselho. Para estes reserva o rei altos cargos.

Todo chefe necessita, além de impor autoridade, reunir um núcleo importante de partidários, atraindo-o mediante o outorgamento de regalias. Quando não se acha em condições de recompensar seu pequeno exército, este o abandona, convertendo-se num exército mercenário.

A missão desses príncipes varegos era assegurar o tráfico entre o Báltico e o Mar Negro. A primeira missão da guarda era escoltar os comboios e policiar as rotas.

No início a guarda só era constituída de varegos. Mas como entre os indígenas das cidades forma-se uma classe de guerreiros e mercadores, os príncipes obtêm vantagens na incorporação da guarda de elementos desse patriciado em formação. A guarda converte-se num crisol onde se opera a fusão entre varegos e eslavos.

Assim o nome de russos reservado primitivamente aos varegos passa a essa aristocracia indígena e se estenderá mais tarde ao conjunto de povos da Rússia.

Os maiores da guarda são tratados como homens livres unidos ao soberano por vontade própria. *Da guarda nasce a nobreza rural boiarda.*

A primeira Rússia, a de Kiev, é uma sociedade de guerreiros e mercadores. *Ela não está baseada no regime feudal, como a civilização ocidental nessa época.*

Na Rússia kieviana as extensões territoriais são grandes e a população, disseminada. A imensa planície não convida à sedentarização. Não existe, pois, apego à terra.

Sob a classe superior da nobreza e dos mercadores insere-se uma classe de camponeses livres sujeitos ao serviço militar.

Esta classe dispersa-se pelo país, onde, para a própria segurança, agrupa-se em aldeias. A grande propriedade é o vínculo entre a cidade e o campo.

A riqueza rural alia-se à mercantil e à constituída pelos escravos.

Outra conseqüência é a servidão cuja origem radica-se no endividamento dos camponeses aos proprietários.

O que se conhece por civilização da Primeira Rússia restringia-se a ser um privilégio de uns quantos príncipes e um certo número de mercadores ricos.

A característica básica deste período é o caráter urbano da civilização devido à rota do Mar Báltico, pela intervenção dos varegos e

pelo fato de que num dado momento foi a Rússia o único intermediário comercial entre a Europa e a Ásia.

No desenvolvimento ulterior da Rússia aparecem grandes contradições sociais, pois para se exercer a atividade agrícola era necessário possuir considerável poder econômico, o que determinou a divisão da povoação russa em:

1. uma classe inferior de cultivadores dependentes; e

2. uma classe superior de proprietários territoriais legitimamente independentes.

O poder econômico e social, porém, não provinha da propriedade agrária em si.

Havia considerável quantidade de terra livre. Portanto, no que se refere ao seu primitivo regime agrário, não se pode dizer que houvesse monopólio da terra. Havia terra em grande quantidade, mas o capital agrário encontrava-se nas mãos de uma pequena minoria: as classes superiores. As classes sociais, nessa época, estavam assim estruturadas:

1.º) No sentido jurídico a camada mais baixa da sociedade era representada pelos elementos não-livres. Dividiam-se legalmente em escravos e "ministeriais". Os primeiros, encarregados dos trabalhos manuais, os segundos que administravam em nome de seus donos. Ainda que carecessem de liberdade poderiam ter sua própria casa, mas não como proprietários; a propriedade no sentido jurídico só podia ser desfrutada pelos livres.

2.º) Acima dos escravos e "ministeriais" estavam os não-livres que utilizavam o capital agrícola pertencente a outros, e tinham por isso que cultivar a terra que não era sua. Não podem ser designados como escravos ou servos; eram arrendatários com liberdade de residência. Eles deviam cultivar a terra pessoalmente, convertendo-se em camponeses no sentido moderno. Durante a segunda metade do século XV a propriedade dessas camadas superiores completava-se com o "direito de segregação", o qual, levado aos últimos limites, supunha o direito de separar do Estado o que estava nas mãos dos proprietários territoriais.

3.º) No cume estavam os príncipes governantes com plenos poderes.

Existiam príncipes dependentes de outros príncipes, mas com certos atributos de poder soberano. Príncipes que eram magistrados em repúblicas como Novgorod e Pskov.

4.º) Príncipes serventes que se achavam a serviço de outros príncipes.

5.º) Príncipes sem propriedade, que por qualquer razão eram privados das vantagens conseguidas pelo *status* social anterior.

Na época não existia um Estado unificado, havia muitos Estados nos quais os príncipes eram magistrados e não soberanos.

Mas existia o poder principesco monopolizado (Rurikovitch).

Nas relações agrárias o príncipe teve um amplo papel. Ele era um proprietário territorial privilegiado, cavaleiro, fazendeiro. Impunha taxas à povoação, julgando-a pelo poder judiciário, com base nas suas faculdades físicas. Possuía o direito de recrutar exércitos, aos quais chefiava. Da combinação da situação do príncipe com a do proprietário fazendeiro, unidas à sua autoridade militar, estruturou-se sua posição em relação aos cultivadores livres, como em relação aos proprietários territoriais cujas terras eram arrendadas por grande número de cultivadores livres.

Aqui não se pratica o regime de dotes, que consiste em feudos distribuídos pelos soberanos de acordo com o sistema de rotação entre os membros da família real.

Agora a terra é propriedade privada que se pode legar a seu filho maior, distribuir entre os filhos ou vender. Não é patrimônio de transmissão hereditária obrigatória. *Nada mais antifeudal no sentido ocidental que isso. Essa ordenação não gera uma nota característica do feudalismo ocidental: a estirpe.* Nem sequer este bem de família é confiado ao primogênito, elemento ao qual a tradição, a herança e a experiência designam como mantenedor e defensor da possessão. *Isto também é antifeudal.*

Os boiardos, classe dos antigos membros da guarda, não são vassalos, estão ligados ao príncipe por um juramento recíproco de serviço. Podem abandoná-lo sem perder a honra e as possessões. O príncipe é para eles menos um soberano que um patrão (no sentido comercial). *Outro traço antifeudal ocidental.*

Abaixo dos boiardos havia os homens livres que perdiam suas terras ao abandonar o serviço do príncipe.

Num plano inferior estavam os camponeses, que, como granjeiros, cultivavam as terras da propriedade pessoal dos príncipes.

Finalmente os escravos que não tinham o direito de abandonar seus amos.

Vêm depois os mercadores e o grosso dos camponeses. Os mercadores, pouco numerosos, *não constituem como na Europa Ocidental um estamento organizado com seu estatuto jurídico e seus privilégios.* É pois sobre o camponês que cai o peso do fisco.

Este é um dos traços mais antifeudais que oferece a Rússia, pois o feudalismo ocidental baseia-se na autonomia dos grupos históricos.

A emancipação dos servos, em 1861, deu-se doze anos após o desaparecimento da servidão na Prússia e na Áustria, e vinte e sete anos após o desaparecimento na França.

Isto devido ao fracasso da Rússia na guerra da Criméia, que tornou necessária uma remodelação nas instituições, principalmente na fundamental, que era a servidão.

De 1825 a 1835 as fábricas — ramo têxtil — trabalhavam com mão-de-obra assalariada, devido ao declínio da servidão. O mercado da mão-de-obra estava limitado pelos privilégios que concediam o direito de possuir servos adquiridos somente à nobreza e à classe média. O nível do consumo interno era muito baixo.

Na Grande Rússia, mais da metade dos donos de servos eram pequenos proprietários, tendo cada um menos de dez servos; seus interesses e pontos de vista eram muito diferentes dos grandes proprietários territoriais, que possuíam centenas e milhares de servos.

Essas divergências aumentavam pela grande extensão do cultivo do trigo, principalmente para a exportação no baixo e médio Volga. Nessa região, sobretudo, a maioria dos donos de servos consideravam a mão-de-obra assalariada mais conveniente que a servil.

A servidão em toda sua plenitude durou mais na Rússia que nos países ocidentais, porque seus inconvenientes econômicos apareciam menos que suas vantagens; porque o aumento da povoação não trouxe uma escassez de terras suficientemente aguda para os camponeses,

até a primeira metade do século XIX; porque a reação contra a Revolução Francesa fortaleceu a inércia, no que diz respeito a qualquer instituição tradicional, e, finalmente, porque a servidão não só era a base econômica dos proprietários de servos mas sim a base fundamental do Estado russo.

Os donos dos servos não pagavam qualquer imposto direto, mas precisavam prestar ao tzar o serviço militar; reagiram e, a partir de 1730, o serviço na Marinha de Guerra perdeu o caráter obrigatório. Em 1836, estabeleceu-se uma redução do serviço obrigatório a 25 anos. Em 1762, conseguiram de Pedro III a abdicação de todo o serviço.

Esse édito suprimiu a justificação formal da servidão; os servos tinham que servir diretamente ao Estado, pelo imposto individual e pela conscrição; e seus donos tinham que servir ao Estado, proporcionando-lhe oficiais para o Exército.

Se os donos não tinham que servir o Estado, por que haveriam os servos de servir seus donos?

Houve rebeliões camponesas que obrigaram um segundo édito que os libertava de seus amos.

Pedro III foi destronado e assassinado em 1861 por uma conspiração palaciana. Esse édito assinalou o começo da moderna diferenciação entre os proprietários territoriais e a burocracia; isto porque se continuou pensando que era uma coisa correta, além de lucrativa, ficar a serviço no Governo ou no Exército.

A nobreza e a classe média não conseguiram manter seu "Estado" fechado, apesar de impedirem outras classes de adquirir legitimamente terras, ou novos servos para suas fábricas ou minas; por outro lado, conseguiram planos de propriedade sobre os bosques e minerais de suas propriedades, direitos que haviam sido negados ou limitados por Pedro o Grande. O servo estava de certo modo ligado à terra, por não poder abandonar a parcela de terra sem o consentimento do proprietário. Todavia, por outro lado, não estava ligado ao solo por poder ser empregado pelo amo em suas fábricas e oficinas. Quando os servos pagavam seus serviços sob forma de renda em dinheiro ou em espécie, tinham uma liberdade relativa, podendo trabalhar como assalariados para outros patrões. Ao vender suas terras, o amo podia vender seus servos, individualmente ou com suas famílias. A servidão

era hereditária; era facultada ao amo a venda da liberdade. Alexandre I facilita a libertação camponesa proporcionando meios jurídicos para a libertação voluntária de servos com terra. Mas essa libertação custava demasiado e apenas 50.000 servos puderam emancipar-se durante o seu reinado. Mais da metade dos camponeses não eram servos; formavam diversas categorias de "camponeses de Estado", sujeitos a impostos por cabeça, ao pagamento da renda sob a forma de vários serviços, como a construção, transportes etc.

Dá-se a formação do regime litúrgico baseado na servidão dos cultivadores e nos serviços obrigatórios da nobreza territorial.

Pode-se considerá-lo um feudalismo de Estado que, em suas características legais, aparece como oposto ao clássico feudalismo ocidental.

O feudalismo é um regime fundado no reconhecimento legal das relações de caráter obrigatório entre ambas as partes: o serviço do vassalo e a concessão do soberano. Nesta base estabelece-se um laço contratual indissolúvel entre o serviço e a concessão da terra, entre a obrigação pessoal e o direito real.

O direito de separação, isto é, a combinação do direito de romper os laços que impõem o serviço, com a completa inviolabilidade das possessões agrícolas, supõe uma negação direta dos fundamentos legais e econômicos do feudalismo.

Só se pode falar em feudalismo no momento em que o "direito de separação" dos proprietários da terra livres e privilegiados caia em desuso. Este processo iniciou-se em 1350. *O feudalismo russo, nos períodos médio e final da Idade Média russa, difere muito do ocidental, pois não se funda na obrigação de fidelidade mútua entre vassalo e soberano; ao contrário, é parte integrante do sistema de Estado*: constitui-se nesse período, na base de serviços obrigatórios em favor das classes superiores e servidão para as inferiores.

Foi um sistema de feudalismo de Estado, *no qual todas as relações legais tiveram um caráter público raramente delimitado.* O processo de formação deste Estado litúrgico foi duplo, no que se refere aos vassalos; a camada superior dos príncipes vassalos perde seu direito de mudar de soberania; assim como a faculdade de "separar-se", que constituía antes uma faculdade "internacional" de eleger vassalagem, converteu-se em alta traição. Os servidores da classe inferior, a

princípio não-livres, os "ministeriais" russos, formavam agora a camada inferior dos "vassalos livres de linhagem cavalheiresca".

Este processo de emancipação pessoal das camadas superiores dos não-livres produziu juntamente com a sujeição de toda a classe oficial ao serviço obrigatório do Estado outro processo de formas e métodos complexos, que pertencia simultaneamente ao direito público e privado, pelo qual os cultivadores arrendatários tinham que trabalhar forçosamente para a classe oficial.

Do ponto de vista jurídico formal, a transformação da primitiva "ministerialidade" russa em serviço de benefício ao Estado foi de grande importância para a formação do Estado litúrgico russo. Conduziu não tanto à feudalização do primitivo regime agrário, mas *à estatização completa de todas as relações agrárias na base de serviços de Estado.*

O conceito de feudalismo russo desenvolveu-se mui debilmente, com relação ao Ocidente.

Enquanto, pelo contrário, reconhecia-se ao vassalo "o direito de separação" do seu senhor e adotava formas que parecem ter sido excepcionais.

Quaisquer que sejam as semelhanças feudais que existam, não se podia equiparar a "nenhuma terra sem senhor".

A povoação era muito escassa e dispersa, a família era a unidade fundamental e os grandes campos abertos constituíam exceções.

Os camponeses silvicultores e caçadores e artesãos haviam sido divididos econômica e juridicamente em várias classes com diferentes direitos e obrigações que iam desde o escravo sem liberdade, propriedade absoluta de seu amo, até o "estrangeiro" independente de Novgorod.

A linha que separava a liberdade da escravidão era uma carga; obrigava à contribuição ao Estado.

As "terras negras" eram comunidades que tinham que pagar essas contribuições diretas.

Os que se chamaram depois "lavradores negros" eram os camponeses livres que pagavam contribuição agrupados em aldeias e eram

coletivamente responsáveis pela repartição de impostos e serviços. Outros camponeses viviam em terras de proprietários territoriais eclesiásticos na qualidade de servos, escravos submetidos ou escravos totalmente. Estas duas últimas classes não eram livres; sua liberdade consistia na obrigação de pagar contribuições direta ou indiretamente ao Estado; as imunidades jurisdicionais e fiscais concedidas pelos grandes príncipes aos grandes terratenentes, em especial aos mosteiros, suprimiam em grande parte o contato direto com o Estado dos servos adstritos às suas terras.

De 1500 a 1700 houve uma transformação estrutural, pela qual se deu a estratificação que transformou metade dos camponeses em uma classe única de servos dos proprietários de terra, os "camponeses escriturados"; a outra metade se converteu em diversas categorias de camponeses de Estado, a maioria delas semelhantes aos servos.

Na época de Ivan o Grande (1452-1505), deu-se a nova mudança estrutural; a nova concepção de Estado, que punha o tzar na altura suprema como regulador dos serviços obrigatórios e dono de toda a terra.

Para o novo tipo de "homem de serviço", de mediana e escassa importância, as concessões de terra eram de pouca utilidade. Se lhe entregassem "terras negras" tinha que povoá-las também. Os que tinham que pagar impostos ou realizar uma classe de serviços deviam ser controlados de alguma maneira. Para isso estabeleceram-se os cadastros no fim do século XV; os registros de investigações estendem-se até os séculos XVI e XVII.

Os camponeses livres, em sua maior parte, haviam tido o direito de separar-se dos proprietários de terra num dia do ano que corresponde na Rússia ao dia de São Miguel, quando tivessem pago a contribuição.

Na medida em que a caça de braços tornou-se mais intensa, os proprietários de terra exigiram pleno direito de reclamar os camponeses fugitivos, de impedir a maior aquisição de camponeses por proprietários territoriais mais ricos e a abolição de todo o "direito de separação".

Outro fator importante para explicar a causa do robustecimento e extensão da servidão e da escravidão. Os escravos eram utilizados

para fins domésticos e administrativos; só no século XVI é que se generalizou o aproveitamento de seu trabalho para a terra.

A pobreza e o endividamento obrigaram estes homens a entrar na classe dos escravos temporários ou submetidos.

Os escravos não eram "negros", não pagavam nenhum imposto ao Estado. Daí a razão de fazer o Estado todo o possível para impedir o aumento do número de escravos. Desde 1680 impôs o Estado uma contribuição a esses escravos ligados à terra. Do mesmo modo, a partir de 1631 recolhem dentro de sua rede fiscal a classe heterogênea dos jornaleiros e artesãos comunais que carecem de terras.

Apesar de tudo os interesses do proprietário de terra e do Estado eram análogos, pois o Estado queria famílias estáveis, que proporcionassem os homens necessários ao serviço militar e contribuintes fixos.

Assim como os "homens de serviço" com suas concessões temporárias de terras que se haviam convertido em propriedades permanentes tinham a obrigação de prestar um serviço forçado ao Estado, também os camponeses tinham que prestar um serviço obrigatório, assegurando suas bases econômicas; a agricultura e os "homens de serviço" converteram-se não só na classe que proporcionava os oficiais para o Exército e os funcionários para a burocracia, como na classe dos oficiais no grande exército agrícola dos camponeses.

A transformação gradual da classe camponesa em duas extensas classes, os servos "escriturais" dos proprietários de terra e os "camponeses de Estado", adiantou-se muito na época de Pedro o Grande; basicamente porque ele fixou um imposto de contribuição por cabeça sobre os varões que não fossem nobres, suprimiu todas as distinções que não fossem da nobreza ou da alta classe média e do clero.

Suprimiu todas as distinções entre escravos e camponeses que pagavam impostos; aglomerou-os como contribuintes que pagavam impostos por cabeça, como "servos escriturados", camponeses de Estado ou cidadãos registrados. Este imposto, apesar de representar mais da metade dos ingressos do Estado, falhou num de seus objetivos essenciais: o de cobrir o déficit orçamentário, que era crônico.

As conseqüências importantes deste imposto foram de três classes:

1.º) Em 1731 tornou os donos dos servos responsáveis perante a lei pela cobrança de imposto por cabeça de seus servos. Desta forma o Estado ligou-se mais do que nunca aos proprietários de servos. Com o fim de impedir o esgotamento desta fonte de ingressos para o Estado exigiu-se dos proprietários de servos que ajudassem os camponeses em tempos de escassez para que a terra não permanecesse inculta.

2.º) No século XVIII acentuou-se a quantidade de terra cultivada, isso devido ao aumento da população e ao imposto individual. Produziu-se um florescimento do comércio interno quando se suprimiram os passaportes internos (1753) e as restrições à liberdade interior do comércio de trigo (1762). Produziu-se ao mesmo tempo uma intensificação da servidão e um aumento na produção.

3.º) O financiamento prático do sistema de imposto individual, unido ao aumento da população, foi uma causa importante para o desenvolvimento da comuna, tanto em seu aspecto econômico como no fiscal e administrativo.

M I R

Na época da emancipação a maioria dos camponeses russos era agrupada em comunas de tamanho variável, compostas às vezes de uma aldeia ou grupos de aldeias. Os traços mais essenciais da comuna do ponto de vista agrícola e econômico eram: seus possuidores eram hereditários; seus membros trabalhavam na terra por famílias, redistribuíam periodicamente suas parcelas espalhadas pelos campos de acordo com a capacidade de trabalho, com as contribuições e outras obrigações, ou com o número de componentes de cada família; os membros da comuna regulavam em comum o uso dos bosques, terras de pastagens, vivendas de terras comunais não utilizadas e aquisição de novas terras e de novos direitos para trabalhá-las.

A comuna agrícola foi um sistema produto-administrativo, se bem que tanto o Estado como os donos dos feudos tivessem influído muito sobre o seu desenvolvimento, pelo menos a partir do século XVI.

Tanto na Rússia de Kiev como no período de dominação mongólica uma característica da sociedade era o predomínio dos contratos coletivos pelas comunidades camponesas, para regular os traspassos da terra e sua utilização.

Essas comunas agrícolas eram constituídas de casas espalhadas que não contavam mais de oito ou nove famílias no máximo; era a forma usual da aldeia agrícola.

A comuna da distribuição periódica da terra não chegou a ser característica mais saliente da comuna aplicada na maioria das partes russas do Império até o século XVIII; seu estímulo, a sua introdução pelo Estado e donos de servos, contribuíram para que se desenvolvesse no camponês a consciência de certo direito à terra. A redistribuição periódica foi reaparecendo pouco a pouco, devido à pressão da população sobre os recursos naturais, ao encadeamento dos camponeses pela servidão e ao aumento nos métodos de impostos diretos pelo Estado.

A prática da redistribuição surgiu sob a base do trabalho associado, da propriedade e do trabalho agrícola da família; mas as comunas do Norte, quase todas elas compostas, não por servos mas por camponeses do Estado, desenvolveram-se partindo do conjunto familiar até chegar às parcelas privadas individuais que, no século XVIII, conduziram à existência de grandes variações de riqueza dos camponeses e à luta prolongada dos camponeses mais pobres contra os camponeses ricos e burgueses proprietários de terra.

Assim pois a comuna agrícola, desde o século XVI, desenvolveu-se de três maneiras diferentes e com desigual rapidez nas distintas partes do imenso território russo.

A comuna, tanto no campo como na cidade, era coletivamente responsável pela cobrança de impostos (até depois de 1861) e o desenvolvimento desta e outras obrigações no transcurso dos séculos XVII e XVIII teve como resultado a fusão geral da Comuna como um grupo administrativo fiscal à Comuna como um grupo agrícola.

Pedro o Grande não aumentou o peso da servidão sobre o camponês.

O sistema de passaportes instituído por ele e o desenvolvimento pelos seus sucessores obravam no mesmo sentido, além das implacáveis levas da mão-de-obra forçada para construir sua nova capital, a nova frota, os novos canais e impor seu novo exército permanente.

Durante a época que vai da emancipação dos servos e da Primeira Guerra Mundial à Revolução Industrial, modificou-se profundamente a estrutura da vida russa, apesar de ter ela continuado país predominantemente camponês.

A emancipação dos servos (1861) e as demais reformas dessa década assinalaram uma linha divisória entre a antiga Rússia e a Rússia do século XIX.

Antes da década dos sessenta a indústria russa baseava-se nos ofícios manuais e domésticos. O desenvolvimento industrial que se inicia no século XVIII é organicamente ligado ao Estado, sobretudo ao exército e à marinha; daí a razão básica do desenvolvimento da metalurgia, da fabricação de munições utilizando a colaboração técnica alemã; Pedro o Grande fazia uma política ligada ao capitalismo comercial indígena, mas esta classe não tinha o dinheiro suficiente para criar novas fábricas sem ajuda do Estado.

O Estado explorava diretamente muitas minas e algumas fábricas; quando não as explorava tinha preferência na produção.

No século XVIII a Rússia bastava-se a si própria no referente às munições. Não sucedia o mesmo em relação à lã. Os contratos do exército russo para os produtos de lã de Yorkshire continuaram sendo, como no século XVIII, a partida mais importante das exportações inglesas à Rússia.

A Rússia suplantou a Suécia no terceiro quartel do século XVIII como principal exportadora de ferro à Inglaterra; em 1750 a Rússia produzia quase quatro vezes mais ferro que a Inglaterra.

O centro principal desta nova indústria pesada eram os Urais, onde havia abundantes jazidas de material de boa qualidade, carvão vegetal e energia hidráulica.

Em 1800 a supremacia dos Urais começa a declinar. Nessa época a produção inglesa ultrapassou muito a da Rússia, em ferro fundido, devido à substituição do carvão vegetal pelo carvão coque e sua longa série de invenções na manufatura de ferro e aço.

Estas inovações introduziram-se na Rússia muito lentamente.

Até o ano de 1836, por exemplo, isto é, cincoenta anos após a invenção do pudelado por Cort, não se fizeram na Rússia experiências sobre isso, enquanto a fusão do mineral com o carvão vegetal durou até os fins do século XIX.

Por outro lado, a primeira metade do século XIX presenciou a expansão da indústria têxtil algodoeira concentrada em sua maior parte em Moscou ou nas proximidades.

As elevadas tarifas protecionistas implantadas após 1822 e o ingresso da Rússia no Sistema de Defesa Continental na época de Napoleão facilitaram muito o seu desenvolvimento.

Entre 1820 e 1860 as importações de algodão bruto aumentaram mais de trinta vezes em peso, e os trabalhadores têxteis formavam o grupo mais numeroso dos operários fabris. Em algumas fábricas empregava-se maquinaria inglesa.

Em 1842 a Inglaterra anulou a proibição de exportar maquinaria; conseqüentemente a indústria algodoeira russa mecanizou-se rapidamente seguindo muito mais lentamente a indústria têxtil propriamente dita.

O desenvolvimento industrial caiu nas mãos de dinastias de comerciantes fabricantes russos, alguns servos libertos e outros comerciantes enobrecidos.

A indústria algodoeira trabalhava principalmente para o mercado interno russo, não estando ligada estreitamente ao Estado.

Existia alguma concentração de certos processos em fábricas. No entanto, a maior parte das tecelagens se encontrava nas aldeias entre Moscou e o Volga, sob forma de uma indústria doméstica organizada por capitalistas e intermediários.

A indústria de algodão nessa época recrutava sua mão-de-obra numa classe heterogênea de operários assalariados ou entre os servos que deviam dinheiro a seus amos, mas não serviços em trabalho.

As indústrias de pano e a metalurgia dependem pelo contrário de servos adstintos a elas, cuja produtividade era muito baixa.

Sob esta base de mão-de-obra servil, os proprietários de terra haviam combinado desde meados do século XVIII a agricultura com a manufatura, utilizando suas próprias matérias-primas em fábricas

concentradas, ou distribuindo-as para que seus servos trabalhassem nelas.

Existia uma concorrência muito grande para conseguir a mão-de-obra necessária, desfrutando a primazia nas minas, fundições do Estado e empresas dos comerciantes-fabricantes.

Isto conduziu a classe dos latifundiários a pedir a Catarina a Grande privilégios que limitassem ou proibissem a aquisição de camponeses que não fossem os seus.

Entre 1815 e 1860 diminuiu a participação dos proprietários territoriais na indústria manufatureira.

O trabalho dos servos era cada vez menos satisfatório. A legislação de Nicolau I (1825-1855) favoreceu a extensão das classes formadas pelos comerciantes-industriais, que unida agora a alguns setores dos latifundiários era partidária da emancipação dos servos.

Já há um século estavam os russos emprestando dinheiro no estrangeiro, através de Amsterdam.

Desde há um século que se vinham debatendo com o problema do papel-moeda, desenvolvendo um sistema bancário rudimentar.

Entre 1800 e 1850 o comércio exterior duplicava. As exportações de trigo e os preços mundiais eram já então problemas vitais. Os efeitos da Revolução Industrial fizeram-se sentir na Rússia, principalmente no terreno militar, no qual, na guerra da Criméia, ficou revelada a debilidade geral da Rússia de Nicolau I, na luta contra o Ocidente.

Fazia-se necessário modernizar a Rússia e proporcionar um campo de ação mais livre às forças econômicas latentes.

Isso tornou necessárias a emancipação dos servos e a reforma de Alexandre II.

Entre 1861 e 1917 surgiu uma nova Rússia, desempenhando o Estado nesta ocidentalização econômica um papel essencial, sobretudo no que se refere à Fazenda e sistema monetário, tarifas aduaneiras, ferrovias etc.

Sob Alexandre II desenvolveu-se a política de importar capital estrangeiro — que foi empregado, logo no início, em ferrovias e depois estendido a todo o sistema industrial.

Whitte desenvolveu (de 1892 a 1903) uma política de estimular a vinda do capital estrangeiro. Em 1911, 80% da dívida exterior oficial estavam nas mãos do capital francês.

A longa série de empréstimos franceses que se iniciou em 1891, perdurando até 1893, o que significou a exportação de capital francês à Rússia, foi fator primordial nas relações internacionais.

Em 1914 uma terça parte das ações das sociedades anônimas russas pertenciam a países estrangeiros.

O dinheiro francês era empregado nas minas e na metalurgia, o inglês nas empresas petrolíferas e nas empresas dedicadas à extração do ouro, e o capital francês e alemão figurava predominantemente no financiamento dos bancos russos.

As tarifas aduaneiras foram o terceiro meio de que se valeu a Rússia para facilitar a expansão moderna de sua indústria.

Antes da guerra da Criméia a Rússia viveu atrás de uma muralha protetora, salvo durante o reinado de Catarina a Grande.

Ainda antes da guerra da Criméia produziu-se uma reação contra o protecionismo elevado, mas foi a crise econômica que deu receptividade às idéias de Bastiat e Cobden. Surgiu então um período de vinte anos de tarifas baixas. A crise balcânica de 1876 originou uma importante elevação dos direitos alfandegários para aumentar a receita.

O retorno à proteção elevada em 1893-1894 e 1903-1904 contribuiu para piorar as relações entre a Rússia e a Alemanha: os interesses agrícolas prussianos podiam exigir medidas contrárias às importações de trigo.

As elevadas tarifas do reinado de Nicolau I foram acompanhadas por um desenvolvimento industrial muito rápido em 1891. Começou-se a construir a Transiberiana, devido à política econômica de Whitte ter dado grande impulso à expansão das ferrovias.

Em quinze anos, 1891-1905, abriram-se quase 20.000 milhas de novas linhas; até 1917 a longitude total das linhas ferroviárias aumentou para 52.000 milhas, com outras 7.000 em construção.

A ação recíproca desses quatro fatores (ferrovias, tarifas aduaneiras, inversões estrangeiras e estímulo oficial ao capitalismo oci-

dental) uniu-se aos resultados da emancipação dos servos, produzindo uma revolução na economia russa.

Começou a formar-se uma nova classe comercial, financeira e industrial, em parte pela transformação dos industriais e comerciantes, em parte pela aparição de uma nova burguesia ocidentalizada.

Em 1917 a cidade e o campo eram em grande parte mundos diferentes e era a cidade que marcava passo.

Em 1914 viviam no campo 4/5 da população, em 1938 quase 1/3 de cidadãos russos eram classificados como urbanos. Em 1914 a Rússia era um país atrasado em relação ao Ocidente, ainda que adiantada em relação à Rússia de 1861.

A indústria petrolífera havia se desenvolvido rapidamente com capital e técnicos estrangeiros. Com isso, a Rússia se converteu na maior produtora de petróleo do mundo até 1900.

A indústria têxtil concentrou-se entre Moscou, o Volga, S. Petersburgo e seus arredores e a Polônia.

Até a revolução de 1905 dava emprego a 700.000 pessoas. Em 1914 havia 3.000.000 de trabalhadores nas fábricas, quase 1.000.000 de mineiros e 800.000 operários. Este setor da produção era muito pequeno em relação ao dos camponeses.

Os sindicatos estiveram submetidos até 1906 à legislação criminal.

Ainda após 1905 as greves eram proibidas. *Diferentemente do Ocidente, os operários russos não tinham tradição de sindicalismo independente.*

Na geração anterior a 1917 a maioria das classes operárias e o campesinato não tinham organizações regulares através das quais pudessem expressar-se e educar-se.

O ano das liberdades começou com o Domingo Sangrento (22 de janeiro de 1905) em S. Petersburgo.

Surgiu uma explosão de greves por todo o país pelo fato de nesse dia os soldados do Tzar metralharem o povo que conduzia uma petição ao "Paizinho".

Um total de 3.000.000 de grevistas é a cifra durante o ano de 1905.

Em 1905 as reivindicações econômicas profissionais, jornadas de 8 horas, melhores condições de trabalho, ligaram-se às reivindicações políticas, constituição democrática, parlamento, direito de voto universal, liberdade de reunião e de organização.

Em dezembro de 1905 deu-se a sublevação armada de Moscou. O movimento carecia de coordenação, estava muito mal organizado, inclusive nos próprios Soviets que apareciam em parte como "Comitês de Greve", em parte como órgãos políticos. Este movimento foi secundado por motins na Marinha e insurreições camponesas. Esses careciam de toda a ligação com o proletariado citadino.

A combinação da classe média com a classe operária e o campesinato na greve geral de outubro obrigou Nicolau II a lançar o Manifesto de Outubro, que concedia em princípio uma Constituição e um Parlamento.

Na Duma, sob a direção de Miluikov, os democratas constitucionalistas (kadetes) queriam desenvolver o processo de democratização segundo a linha parlamentar ocidental. Os operários industriais ainda que respondessem em massa ao apelo de greve geral em dezembro estavam sem fundos de greve.

O governo suprimiu os Soviets de S. Petersburgo sem resistência, mas em Moscou foi necessária uma semana de lutas de rua para esmagar a insurreição armada.

Este foi o ponto decisivo da morte da revolução de 1905.

Os camponeses levantaram-se em motins dispersos no verão de 1906, mas foram repelidos pelas forças governamentais.

No entanto o governo estava disposto a utilizar a Duma, o "zematvo", a liberdade de associação para captar o grosso do setor liberal da burguesia e da "inteligentzia".

No verão de 1914 houve greves contínuas em S. Petersburgo, começando a aparecer barricadas.

As graves derrotas militares contra os alemães haviam determinado tal estado na Rússia que o conservador patriota presidente da Duma chegou a declarar:

"Na minha opinião a conseqüência disso será um estado de desorganização que ninguém poderá controlar."

A Revolução Russa

Esse estado de desorganização era o reflexo da incapacidade da autocracia, cuja estruturação interna era predominantemente agrícola, para arcar com uma guerra com os Estados ocidentais, mais desenvolvidos economicamente.

No início a revolução foi dirigida pelos "kadetes" democratas constitucionalistas.

Nessa época todos os partidos, inclusive os direitistas, formaram um bloco coeso para derrubar o absolutismo. A revolução russa em seu desenvolvimento equacionou estes dois problemas: o da terra e o da paz.

Estes problemas não se podiam resolver dentro dos limites burgueses de propriedade, pois o problema da terra implicava a socialização da mesma e na distribuição cooperativa ou coletiva para o campesinato. A solução do problema da paz implicava o rompimento com o imperialismo, a negativa de continuar uma guerra iniciada em proveito dos banqueiros ocidentais.

Diante desses problemas as classes burguesas começaram marchas de idas e vindas, procurando organizar a contra-revolução, o restabelecimento da dinastia numa base constitucional ou, na pior das hipóteses, o estabelecimento de uma ditadura militar.

Esta tática de despistamento do proletariado que as classes burguesas levaram a efeito encontrou sua mais nítida expressão na marcha dos cossacos de Kaledin sobre Petrogrado; uma ditadura militar e o retorno ao regime monárquico seriam os efeitos de sua vitória.

Enquanto isso se processava, o Partido Bolchevique lançara a palavra de ordem "Todo Poder aos Soviets", assegurando a marcha da revolução.

A substituição de Nicolau pelo Príncipe Lvov e a deste por Kerensky não conseguiram solucionar os problemas acima citados; diante disso, o Partido Bolchevique organizou e levou a efeito o golpe de Estado em novembro de 1917.

Com a vitória do Partido de Lênin iniciara-se a era do bolchevismo na Rússia.

Numa Rússia predominantemente agrícola, invadida pelas forças imperialistas ocidentais, dilacerada pela guerra civil interior, quando a revolução russa não tinha a possibilidade de ser apoiada por uma revolução européia, causada pela falência da social-democracia, era impossível a instauração do socialismo.

"Nós mesmos aos poucos estávamos nos convencendo do contrário: era uma tese aceita e geralmente admitida que Lênin repetia constantemente: 'que a Rússia agrícola e atrasada industrialmente não podia realizar com seus próprios meios um regime socialista durável; e que portanto nós seríamos vencidos mais cedo ou mais tarde se a revolução européia, isto é, ao menos a revolução socialista na Europa Central não assegurasse ao socialismo uma base muito sólida e viável'." (Sarge, Victor. *Mémoires d'un revolucionaire.* Paris, Ed. du Seuil. p. 122-3).

Impunha-se para o bolchevismo uma só alternativa: um regime de fortaleza sitiada, colocando em prática o "comunismo de guerra".

Este regime — produto do atraso da revolução internacional — pode-se definir da seguinte forma:

1.º) Racionamento implacável da população citadina dividida em categorias.

2.º) Nacionalização completa da produção e do trabalho.

3.º) Monopólio do poder com tendência ao partido único.

Tinha como base a aplicação dos métodos militares no campo do trabalho.

"A coerção é a condição indispensável para refrear a anarquia burguesa e para a socialização dos meios de produção. A militarização do trabalho não é pois, camaradas, no sentido que indiquei, uma invenção de alguns políticos, mas um método inevitável de organização e disciplina da mão-de-obra na época de transição do capitalismo ao socialismo." (Trotsky, Leon. *Terrorismo y comunismo.* Biblioteca Nuova. p. 202-6).

O "comunismo de guerra", como todos na época reconheciam, não era um regime inevitável de transição do capitalismo ao socia-

lismo, mas sim produto de necessidades impostas por uma guerra interna num país agrícola que tinha ensaiado a tomada do poder pelo proletariado.

Os teóricos do bolchevismo, porém, procuravam racionalizar sob forma de preceito ideológico esta situação acidental e particular.

É assim que para Trotsky o regime de fortaleza sitiada aparecia como "método inevitável de organização e disciplina de mão-de-obra na época de transição do capitalismo ao socialismo".

No "comunismo de guerra" deu-se uma total modificação nas relações do produtor com os meios de produção. A classe operária em 1917 vira-se obrigada a tomar conta das fábricas quando a burguesia aterrorizada fugia para o estrangeiro — e de lá financiava a contra-revolução, com os Denikin, Wrangel Koltchak etc. — ultrapassando dessa maneira o próprio programa bolchevique que consistia mui simplesmente no controle operário da produção.

No processo da revolução o proletariado torna-se o dono *de fato* das fábricas. Mas é sob o regime de "comunismo de guerra" que o controle das fábricas lhes é tirado, a direção coletiva da mesma é substituída pelo diretor nomeado pelo Estado.

"A direção uni-pessoal no domínio administrativo e técnico contribui para isso (aproveitamento das forças, talentos e aptidões dos operários). Por essa razão é superior e mais fecunda que a direção coletiva." (Trotsky. op. cit.).

Assim, uma das conquistas básicas da revolução, o domínio e controle das fábricas, era arrebatado à classe operária, aparecia o administrador nomeado pelo Estado.

Ao despojamento das fábricas seguiu-se o dos sindicatos. Os sindicatos operários — como o Vikjel — que tiveram um papel determinante na revolução, no "comunismo de guerra" apareciam ligados simbolicamente ao novo Estado que surgia.

"Após a conquista do poder pelo proletariado os sindicatos adquirem um caráter obrigatório. Devem agrupar todos os trabalhadores industriais. O Partido assimila os mais conscientes e abnegados. É muito circunspecto quando se trata de preencher suas fileiras. Daí a função diretora que representa nos Sindicatos a *minoria* (grifado por

mim) comunista, função que corresponde ao domínio exercido pelo Partido Comunista nos Soviets." (Trotsky. op. cit. p. 160).

Transformados em organismos estatais os Sindicatos confundem-se com sua burocracia. A maioria operária é agora dirigida pela "minoria comunista" (Trotsky. op. cit. p. 160), assim como nos Soviets a maioria da massa é dirigida pela minoria do Partido.

Vemos que isso no fundo "é um governo de grupo, uma ditadura, é verdade, mas de um punhado de figurões, isto é, no sentido burguês, no sentido da denominação jacobina." (Luxemburgo, Rosa. *A Revolução Russa.* Rio de Janeiro, Edições Socialistas. p. 3.).

A prática da ditadura jacobina é conseqüência direta da atualização de um aspecto particular e transitório da concepção de Marx a respeito, quando dominado pela influência jacobino-blanquista, em virtude dos fracassos das revoluções de 1848.

Os interesses das classes operárias são galvanizados pela minoria comunista nos Sindicatos, pela dominação do Partido nos Soviets; os sindicatos são diretamente controlados pelo "estado operário camponês com deformações burocráticas." (Lênin).

"No início manifestam-se às vezes nos Sindicatos tendências trade-unionistas, e situando-as a comerciar em suas relações com o Estado Soviético, e a exigir garantias. Quanto mais tempo passa, mais os mesmos se dão conta que são órgãos produtores do Estado Soviético, então não se opõem a ele, confundem-se com ele." (Trotsky. op. cit. p. 160).

O comunismo de guerra consegue vencer a intervenção exterior, a guerra civil estava em seu fim. Como resultado dessa, o nível de produção caíra enormemente em relação ao de antes da guerra, a população fugia para os campos a fim de não morrer de fome.

A subordinação dos Sindicatos ao Estado, dos Soviets ao Partido, a miséria como produto da guerra civil produziram intenso descontentamento nas fileiras revolucionárias, tendo tomado forma na rebelião conhecida como a insurreição de Cronstadt.

Nesse momento, desenvolvia-se na Ucrânia um verdadeiro movimento revolucionário, unindo camponeses e operários contra a burguesia ucraniana, contra as tropas austro-alemãs ocupantes da região pelo Tratado de Brest-Litovsk. Era uma revolução autogestionária,

fundando comunas livres e baseadas na autogestão econômica, social e política.

Essa revolução é objeto da obra de Makhno, em continuação à introdução. A rebelião dos marinheiros de Cronstadt, suas reivindicações, representam a continuidade da proposta revolucionária da 'makhnovstchina' ucraniana.

Os marinheiros de Cronstadt foram de fato a vanguarda da revolução. Com a "Aurora" tinham participado efetivamente na derrubada do regime tzarista, tinham fornecido os homens que montaram guarda ao Palácio Smolny, o quartel-general da revolução; eram, de fato, a "glória da revolução" segundo Trotsky.

"Esses 15.000 marinheiros exigiam basicamente: liberdade aos Soviets, sua independência diante do Partido Bolchevique, eleições secretas, liberdade para os prisioneiros anarquistas e socialistas, para os partidos operários e camponeses, igualdade de rações para todos os trabalhadores, abolição dos gendarmes comunistas nas fábricas.

Quando de sua deflagração, esta insurreição foi recebida como sendo de "guardas brancos". (Reytan, Juan. *Restauración capitalista en Russia.* Madrid, Pensamiento Critico. p. 36).

No entanto as proclamações e manifestos dos marinheiros assinalam o caráter popular e revolucionário da insurreição, conforme abaixo:

"Escuta, Trotsky.

"Em suas radiotransmissões os comunistas cobriram de baixas injúrias os animadores da terceira revolução, que defendem o verdadeiro poder dos Soviets contra a usurpação e arbítrio dos Comissários. Nós nada escondemos à população de Cronstadt; ao contrário, sempre fizemos publicidade destes ataques caluniosos na nossa Izvestia.

"Nada tínhamos a temer. Os cidadãos sabiam como a revolução tinha estourado e por quem ela foi feita. Os operários e soldados vermelhos sabem que não existem na guarnição nem generais nem guardas brancos. Por conta própria o Comitê Revolucionário Provisório enviou a Petrogrado um radiograma solicitando a libertação dos reféns detidos pelos comunistas operários, marinheiros e suas famílias e a libertação de todos os detidos políticos.

"Um nosso segundo radiograma propunha vir a Cronstadt delegados neutros que, após terem averiguado *in loco* o que acontecia, poderiam ter exposto a verdade aos trabalhadores de Petrogrado.

"Então o que fizeram os comunistas? Ocultaram essas solicitações aos operários e aos soldados vermelhos. Algumas unidades de tropas do Feld-Marechal Trotsky que passaram para o nosso lado nos enviaram jornais de Petrogrado.

"Em tais jornais, nem um aceno aos nossos radiogramas!

"Entretanto, num tempo não muito distante, esses ladrões acostumados a jogar com baralho assinalado gritavam que não era preciso ter segredos para o povo, nem mesmo segredos diplomáticos.

"Ouça, Trotsky: até o dia em que conseguir fugir ao julgamento do povo, poderá fuzilar a massa de inocentes, mas é impossível fuzilar a verdade. A verdade acabará por ser conhecida. Então você e seus cossacos hão de ser obrigados a prestar contas dessas infâmias." (Voline. *La Revoluzione Sconioscuta.* p. 321).

Para Lênin a insurreição não só era obra de guardas brancos, como tendia a restabelecer a liberdade de comércio, o que significava na prática a restauração do capitalismo liberal na Rússia.

Mas o fato é que essa insurreição tinha como bandeira a liberdade para os Soviets, o que definia a rebelião de Cronstadt como uma aliança de marinheiros e camponeses contra a burocracia. É o que se deduz do manifesto abaixo, lançado pelos marinheiros revolucionários, dirigido aos trabalhadores do mundo:

"Era possível esperar que Lênin no momento da luta dos camponeses reivindicando os seus direitos não fosse hipócrita e soubesse dizer a verdade.

"É que em suas idéias os operários e camponeses faziam uma perfeita distinção entre Lênin de um lado e Trotsky e Zinoviev de outro. Não se acreditava uma palavra só de Trotsky ou de Zinoviev. Porém a confiança em Lênin não estava ainda perdida.

"Mas no dia 8 de março iniciou-se o 10.º Congresso do Partido Comunista Russo. Lênin repetiu todas as mentiras sobre Cronstadt em revolta.

"Declarou que a palavra de ordem do movimento era 'liberdade de comércio'. Acrescentou, é verdade, que o movimento era para o Soviet, contra a ditadura dos bolcheviques. Mas não lhe esqueceu de misturar os generais tzaristas e elementos anarquistas da pequena burguesia.

"Assim, falando baixas mentiras, atrapalhou-se e caiu em contradição. Deixou escapar a confissão que a base do movimento era a luta para obter o poder dos Soviets, contra a ditadura do Partido. Mas conturbado acrescentou: 'É uma contra-revolução de outra espécie. E é extremamente perigosa porquanto à primeira vista as modificações que se querem trazer à nossa política podem parecer insignificantes. O golpe trazido de Cronstadt revolucionária é duro'. Os chefes do Partido sentem que o fim de sua autocracia se aproxima. O grande embaraço de Lênin se traduz através de seus discursos sobre Cronstadt. A palavra perigo aí é pronunciada repetidas vezes. Ele diz de fato textualmente: 'Precisamos acabar com esse perigo *pequena-burguesia,* muito perigoso para nós porque ao invés de unir o proletariado, o desagrega, e nós precisamos do máximo de unidade'. Sim, o chefe dos comunistas treme e é obrigado a apelar para o máximo de unidade. É que a ditadura dos comunistas e o próprio Partido revelam uma grande falha.

"Em linhas gerais, era possível a Lênin dizer a verdade?

"Recentemente, em uma reunião comunista sobre os Sindicatos, assim se expressou: 'Tudo isso cansa-me terrivelmente, estou até à raiz dos cabelos, cansado; independente de minha enfermidade, ficaria satisfeito em deixar tudo e fugir não sei para onde!'

"Mas os seus partidários não o deixarão fugir. É seu prisioneiro e deve caluniar como os outros. Por outro lado, toda a política do Partido é atrapalhada pela ação de Cronstadt. Porque Cronstadt exige, não a *liberdade de comércio* mas o verdadeiro poder dos Soviets." (Voline. op. cit. p. 327).

O Partido governante atribuía a direção do levante aos elementos tzaristas, antigos generais contra-revolucionários. O manifesto dos marinheiros a respeito nos informa:

"Os Nossos Generais"

"Os comunistas insinuam que generais, oficiais e guardas brancos e um cura se encontram nos membros do Comitê Revolucionário

Provisório. Para terminar com todas essas questões, levamos ao conhecimento de todos que o Comitê Provisório é composto dos quinze membros seguintes:

1. Peritchenko — 1.º escriturário a bordo do Petropavlosk.
2. Yakovenko — telefonista do distrito de Cronstadt.
3. Ossossof — mecânico de Sebastopol.
4. Archipoff — mestre mecânico.
5. Parepelkin — mestre mecânico.
6. Patruchew — mestre do Petropavlosk.
7. Kupuloff — primeiro ajudante médico.
8. Verchin — marinheiro de Sebastopol.
9. Tukim — operário eletricista.
10. Romanenkon — guarda dos estaleiros.
11. Orechin — empregado da Terceira Escola Técnica.
12. Valk — operário carpinteiro.
13. Pavloff — operário designado para a construção das minas marinhas.
14. Baikoff — carreteiro.
15. Kilgast — timoneiro.

"Tais são os nossos generais, os nossos Brusilov e Kamenev. (Estes eram antigos generais tzaristas a serviço dos bolcheviques.)

"Os policiais Trotsky e Zinoviev escondem a verdade." (Voline. op. cit. p. 202).

A intensificação da oposição dos marinheiros ao Poder Central determinou uma reação drástica deste: o bombardeamento de Cronstadt. É o que constatamos pelo manifesto abaixo:

"O Feld-Marechal Trotsky ameaça toda Cronstadt livre e revolucionária porque se revoltou contra o absolutismo dos comissários comunistas. Os trabalhadores que abateram o jugo da ditadura comunista estão ameaçados por esse Trepoff" — esse foi um dos mais ferozes generais tzaristas, célebre pela famosa ordem às tropas durante a revolução de 1905: nenhuma economia de balas — de uma derrota militar.

Ele promete bombardear a população pacífica de Cronstadt. Repete a ordem de Trepoff — nenhuma economia de balas. Convém ter em quantidade suficiente para marinheiros, operários e soldados revolucionários. Porque ele, ditador da Rússia Soviética, não se importa em absoluto com a sorte das massas trabalhadoras; o essencial para ele é que o poder fique em mãos de seu partido. Tem a sem-vergonhice de falar em nome da Rússia Soviética.

"Promete-nos a graça: Trotsky, o sanguinário chefe dos cossacos vermelhos que derrama sem piedade o sangue em prol do absolutismo do seu partido; Trotsky usa esta linguagem àqueles de Cronstadt que mantêm com audácia a bandeira da revolução.

"Os comunistas esperam restabelecer seu absolutismo à custa do sangue dos trabalhadores e do sofrimento das suas famílias encarceradas. Querem obrigar os marinheiros, os operários e os soldados vermelhos que se insurgem a estender novamente seu pescoço.

"Pretendem se instalar solidamente e continuar sua nefasta política que precipitou a Rússia trabalhadora no abismo da desordem, da carestia e da miséria.

"Estamos fartos disso! Os trabalhadores não se deixam mais enganar. Comunistas, vossas esperanças são vãs, vossas ameaças são vãs, não produzem efeito.

"A última onda da revolução dos trabalhadores está em marcha. E ela varrerá os ignóbeis, os impostores e os caluniadores da superfície do país dos Soviets, profanado pelos seus atos. E quanto à vossa graça, senhor Trotsky, declinamo-la." (Voline. op. cit. p. 315).

As ameaças do poder bolchevique sobre os marinheiros de Cronstadt, o envio de tropas do Exército Vermelho para atacá-los, sob a acusação de tratar-se de um levante de "guardas brancos", motivaram a adesão dos soldados vermelhos à rebelião ao verificarem seu caráter anticapitalista e antiburocrático, conforme os manifestos abaixo:

"Resolução dos Prisioneiros":

"Hoje, 14 de março, a Assembléia Geral de Kursanti, oficiais e soldados em número de duzentos e quarenta, feitos prisioneiros e internados em Meneggio, adota a seguinte resolução:

"No dia 8 de março passado, nós Kursanti, oficiais e soldados vermelhos recebemos ordem de partir para atacar a cidade de Cronstadt.

"Tinham-nos informado que os guardas brancos e seus cúmplices tinham motivado um motim.

"Entretanto, sem fazer uso de armas, aproximamo-nos da cidade de Cronstadt, onde entramos em contato com a vanguarda dos marinheiros e operários, tendo aí tomado conhecimento que nenhum motim de guardas brancos existiu em Cronstadt, mas ao contrário, marinheiros e operários tinham deposto o poder absolutista dos comissários.

"Imediatamente passamos voluntariamente ao lado dos de Cronstadt e agora apelamos ao Comitê Revolucionário que nos distribua como combatentes no destacamento de soldados vermelhos, porque queremos lutar juntamente com os verdadeiros defensores dos operários e camponeses de Cronstadt e de toda a Rússia.

"Sentimo-nos satisfeitos que o Comitê Revolucionário Provisório tenha encetado o bom caminho que leva à emancipação de todos os trabalhadores e que somente a idéia de "Todo Poder aos Soviets" e não dos Partidos poderá conduzir a obra encetada até à hora final." (Voline. op. cit. p. 309).

Esta resolução foi publicada no "Izvestia" n.º 14, de 15 de março. Idêntica resolução foi tomada pelos prisioneiros vermelhos em Cronstadt do Destacamento do Forte de Kranscarmeietz e publicado no "Izvestia" n.º 5 em 7 de março:

"Nós soldados do Exército Vermelho do Forte de Kranscarmeietz somos de corpo e alma do Comitê Revolucionário. Defenderemos até o último instante o Comitê, os operários e os camponeses. Que ninguém se iluda com as proclamações mentirosas dos comunistas, lançadas pelos aviões.

"Não temos aqui generais nem senhores. Cronstadt sempre foi a cidade dos operários e camponeses e como tal continuará a ser. Os comunistas dizem que somos guiados por espiões. É uma desavergonhada mentira. Temos sempre defendido a liberdade com resolução e sempre a defenderemos. Para se persuadirem nada há a fazer, senão

enviar uma delegação; quanto aos generais estão a serviço dos comunistas.

"No momento atual em que está em jogo o destino do país, nós que temos o poder nas mãos, enviando esta proclamação ao Comando Supremo do Comitê Revolucionário de Cronstadt, declaramos à guarnição inteira e a todos os trabalhadores que estamos prontos a morrer por sua liberdade.

"Libertados do jugo e do terror comunista destes últimos três anos preferimos morrer antes que retroceder um só passo."

O antagonismo entre Cronstadt e o Poder Central agravara-se. Prevendo um inútil massacre dos elementos revolucionários de Cronstadt, Perkus, Petrowsky, Barkman e Emma Goldman enviaram uma carta a Zinoviev nos seguintes termos:

"Ao Presidente Zinoviev:

"Calar neste momento é impossível e seria também delituoso. Os acontecimentos que se produziram nos obrigam, enquanto anarquistas, a falar francamente, e a precisar a nossa atitude diante da situação atual.

"O espírito de descontentamento e inquietude que turva os operários e os marinheiros é o resultado de fatos que exigem a mais séria das atenções. O frio e a fome foram os produtores do descontentamento; a ausência de qualquer possibilidade de discussão e crítica obriga os marinheiros e operários a expor formalmente as suas queixas. Os bandos de guardas brancos querem e podem desfrutar deste descontentamento no seu interesse de classe. Camuflando-se atrás dos marinheiros, reclamando a Assembléia Constituinte, o comércio livre e outras vantagens do gênero.

"Nós os anarquistas (socialistas-libertários) fizemos conhecer há muito tempo o fundo insidioso destas reivindicações e declaramos diante de todos que lutaremos em qualquer lugar com armas em punho com todos os amigos da revolução socialista, ao lado dos bolcheviques.

"Quanto ao conflito entre o governo soviético e os operários e marinheiros, nós achamos que devem ser solucionados, não recorrendo às armas mas por meio de um acordo revolucionário fraternal em espírito de camaradagem.

"Recorrer à efusão de sangue por parte do governo soviético na situação atual não intimidaria nem pacificaria os operários; isso só serviria para agravar a crise e reforçar as manobras da Entente e da contra-revolução.

"Companheiros bolcheviques, reflitam primeiro antes que seja muito tarde. Estão na véspera de dar um passo decisivo.

"Nós propomos o seguinte: eleger uma comissão de cinco membros composta de anarquistas. Essa comissão irá a Cronstadt para resolver pacificamente o conflito. Na situação atual este é o método mais radical; isso terá uma importância internacional.

Petrogrado, 5 de março de 1921.

Assinado: Alexandre Bekman, Emma Goldman, Perkus, Petrowsky." (Voline. op. cit. p. 343).

No entanto o Partido Bolchevique fez ouvidos de mercador à proposta conciliatória. Sua resposta foi o canhão. Tal procedimento motivou a saída de muitos membros do Partido Bolchevique, como vemos abaixo:

"Visto que em resposta à proposta dos companheiros de Cronstadt de enviar uma delegação vinda de Petrogrado, Trotsky e os chefes comunistas ensaiaram os primeiros obuzes e fizeram derramar sangue proletário, peço que não me considerem membro do Partido Comunista.

"Os discursos dos oradores comunistas tinham-me feito virar a cabeça, mas o gesto dos comunistas burocráticos a fizeram voltar ao seu lugar. Agradeço aos falsos comunistas de me haverem mostrado o seu verdadeiro rosto e de me haverem assim permitido compreender meu erro. Não era mais que um cego instrumento em suas mãos.

Ass. ANDRÉ BRATACHEFF, ex-membro do Partido Comunista, n.º 537.575." Publicado no Izvestia em 9 de março de 1921. (Voline. op. cit. p. 305.)

Os apelos dos revolucionários anarquistas e sindicalistas não demoveram a burocracia de esmagar pela força o levante de Cronstadt. Quando do ataque à fortaleza, os marinheiros dirigiram um último manifesto ao proletariado mundial, dizendo:

"O Comitê Revolucionário Provisório enviou hoje o seguinte radiograma:

"A todos... A todos... A todos...

"O primeiro tiro de canhão foi dado. O Feld-Marechal Trotsky, manchado de sangue dos operários, foi o primeiro a atirar sobre Cronstadt revolucionária, que se revoltou contra a audácia dos comunistas, lutando para restabelecer o verdadeiro Poder dos Soviets.

"Sem ter derramado uma só gota de sangue nós marinheiros e operários de Cronstadt nos libertamos do jugo comunista. Conservamos a vida dos bolchevistas que estavam conosco. Agora os comunistas querem impor novamente seu poder e nos ameaçam com o canhão.

"Não queremos nenhuma efusão de sangue, nós pedimos que nos fossem enviados delegados apartidários do proletariado de Petrogrado que poderiam assegurar-se por que Cronstadt combatia o bolchevismo. Mas os comunistas esconderam o nosso pedido ao proletariado de Petrogrado, e abriram fogo; resposta habitual daquele pretenso governo operário e camponês ao pedido dos trabalhadores.

"Que os operários do mundo inteiro saibam que nós, verdadeiros defensores do verdadeiro Poder dos Soviets, velaremos pelas conquistas da revolução socialista.

"Nós venceremos ou pereceremos sob as minas de Cronstadt, lutando pela causa justa das massas operárias. Os trabalhadores do mundo inteiro serão nossos juízes. O sangue dos inocentes recairá sobre a cabeça dos comunistas, furiosos inebriados pelo poder. Viva o Poder do Soviet!" (Voline. op. cit. p. 346).

A rebelião dos marinheiros foi esmagada. *O esmagamento da insurreição de Cronstadt foi o toque de finados na intenção socialista que animava a Revolução Russa.*

A burocracia dominante vencera. Os marinheiros foram esmagados e Lênin tirava do bolso a fórmula da Nova Política Econômica (NEP) que, segundo o economista marxista Bogdanov, não era uma nova política econômica, mas, sim, *uma volta às relações de produção capitalistas.* Estava findo o "comunismo de guerra"; surgia agora o Capitalismo de Estado e o Imposto em Espécie em substituição à requisição forçada dos produtos agrícolas.

O esmagamento de Cronstadt cimentou a aliança da burocracia com a camada superior do campesinato; a conseqüência foi o surgimento da NEP.

Lênin definia a economia pós-revolucionária nos seguintes termos:

Na Rússia encontravam-se cinco formações econômicas simultâneas: 1. Socialismo; 2. Capitalismo de Estado; 3. capitalismo privado; 4. pequena produção mercantil e 5. economia camponesa natural.

Com a NEP o imposto em espécie facultava ao agricultor a venda no mercado de parte de seus produtos e, conseqüentemente, permitia uma pequena margem de acumulação de capital.

Os Sindicatos voltaram a ser os defensores da força de trabalho operário no mercado de trabalho.

O governo no sistema de Capitalismo de Estado oferecia comissões aos que vendiam seus produtos, arrendando diversos ramos da produção fabril a empresas particulares.

Os rumos que iria tomar a Rússia com esta política já eram previstos pela oposição dirigida por Bukharin, nos seguintes termos:

"Uma vez que renunciamos à atual política proletária, as conquistas da revolução operário-camponesa serão petrificadas, congeladas no sistema de Capitalismo de Estado com as relações pequeno-burguesas de produção. A defesa da pátria socialista chegará a ser de fato a defesa da pátria burguesa sujeita à influência do capitalismo internacional. Em vez da transformação da parcial nacionalização à socialização completa da grande indústria, está se formando principalmente um imenso truste dirigido pelos capitais industriais, que tomará uma envoltura de empresa estatal. Assim organizada, a produção criará a base social para a evolução ao Capitalismo de Estado e na realidade já representa uma etapa transitória para isso. Com as fábricas administradas sobre os princípios da ampla participação capitalista e a centralização semiburocrática, a política operária ligada a esses princípios conduzirá a disciplina de trabalho, trabalho por tarefa, jornada mais longa de trabalho etc." (Fischer, Ruth. *Stalin and German Comunism.* Ed. Ano).

Com o desaparecimento da democracia nos Sovietes, no Partido, nos Sindicatos, a eleição de diretores administrativos imbuídos de todo o poder transformou a economia em economia capitalista de Estado, baseada na propriedade estatal dominada pela burocracia.

"Na NEP os camponeses obtiveram livre comércio de cereais e ao se introduzir a troca privada entre os produtores agrícolas, o Partido e a burocracia respectivamente haviam com custo mantido o equilíbrio entre o campesinato e o proletariado da indústria estatal, que pouco a pouco se recupera. Não se podia permitir que este equilíbrio se efetuasse automaticamente pelo livre jogo das forças econômicas, o que conduziria inevitavelmente à vitória dos camponeses sobre os operários e à derrocada de todo o sistema. Mas por outro lado os interesses dos camponeses deveriam ser salvaguardados para evitar rebeliões. A única maneira de manter este equilíbrio difícil *era esmagar todo o movimento político independente de ambas as classes e deixar toda decisão exclusivamente nas mãos da burocracia.*" (Borkenau, Franz. *Pareto.* Fondo de Cultura Economica. p. 154).

O problema da burocracia que surgia como conseqüência da desmobilização dos cinco milhões de soldados do Exército Vermelho e do cerco capitalista mundial já havia sido colocado em discussão por Lênin.

"No VIII Congresso do Partido Comunista adotamos o novo programa e falamos francamente sem receio de reconhecer o mal, mas ao contrário tratando de descrevê-lo, desmascará-lo, expô-lo à crítica, e incitando os espíritos, as vontades, as energias para combatê-lo, falamos do 'renascimento parcial da burocracia no interior do regime soviético'. Passaram-se mais dois anos. Na primavera de 1921, após o VIII Congresso dos Soviets, que em dezembro de 1920 tratara da questão da burocracia e após o X Congresso do Partido Comunista, que em março de 1921 tirou uma conclusão dos debates estreitamente ligados a essa questão da burocracia, vemos apresentar-se esse mal diante de nós. Ainda mais claramente, mais ameaçador e mais nítido: a burocracia em nosso país não está no exército, mas nos serviços." (Lênin. *O Capitalismo de Estado e o imposto em espécie.* Guaira. p. 45-6).

Mas a luta de Lênin contra a burocracia era levada a efeito por métodos burocráticos, é o que transparece de uma conversa entre Ciliga e o operário "detsista" Prokopeni, quando este lhe diz:

"Por que você fica tão exaltado quando fala da luta de Lênin contra o burocratismo? De que modo lutou ele contra a burocracia? Você fala do seu artigo sobre a Inspeção Operária e Camponesa escrito pouco antes de sua morte. Mas onde nesse artigo faz ele um apelo à organização das massas contra o burocratismo?

"Em parte alguma; propõe a organização de uma junta especial de funcionários muito bem pagos. Seria uma instituição burocrática de vértice à qual se entregaria a luta contra os métodos burocráticos.

"Não — camarada estrangeiro — prosseguiu Prokopeni, no fim de sua vida Lênin estava imbuído da falta de confiança nas massas trabalhadoras. Naquele tempo ele colocava suas esperanças no aparelho burocrático; mas como temia que o aparelho se excedesse, queria evitar o mal por meio do controle de uma parte do aparelho burocrático por outra." (Ciliga, Anton. Diálogo com Lênin numa prisão de Stalin. *Vanguarda Socialista,* Edição de novembro de 1946).

"Dentro de pouco Lênin deveria mudar de opinião a esse respeito (da capacidade da luta da comissão contra a burocracia) e alarmar-se ainda mais que Trotsky acerca da corrupção e da burocratização desse comissariado especialmente designado para combater a burocracia." (Trotsky, Leon. *Minha vida.* José Olympio. p. 453).

Após a NEP efetua-se a aliança entre os elementos burocráticos, o nepman e o pequeno-burguês contra o proletariado. A burocracia converte-se em árbitro na luta entre o proletariado e a burguesia que renascia da pequena acumulação comercial. Quando a burocracia derrotou o setor privado na economia russa e eliminou as frações rivais no Partido Bolchevique (a Oposição de Esquerda, liderada por Trotsky, e a Oposição de Direita, liderada por Bukharin e Rikov), conseguiu estabelecer seu próprio monopólio econômico e político transformando-se em classe não só dirigente como possuidora.

A burocracia despojou o proletariado de suas conquistas no sistema de "comunismo de guerra" e no esmagamento da rebelião de Cronstadt cimentou seu poder político com a ascensão de Stalin ao poder.

Com o esmagamento de Cronstadt a Revolução Russa perdeu a segunda nota básica: *o apoio social da classe operária.* Com a implantação da NEP voltaram-se às relações capitalistas no sentido do Capitalismo de Estado.

É na época do Primeiro Plano Qüinqüenal que o Capitalismo de Estado toma sua confirmação última, com a vitória total da burocracia e a ditadura pessoal de Stalin.

O Caráter da Economia Atual na Rússia

"Não é o modo particular da estatização nem a criação de 'condições técnicas' que formam os elementos de solução do conflito entre o trabalho e o capital que pode assegurar a derrogação da lei do valor quando a Revolução da Rússia se isolou." (Reytan, Juan. *Restauración capitalista en Russia.* p. 91).

É pela dependência do mercado mundial que essa lei rege a economia russa. Assim a acumulação alcança em 1940, 32,5%.

A lei do valor, segundo a qual o trabalho é uma mercadoria cujo valor se mede pelos meios necessários à manutenção da força de trabalho. No entanto esta produz mais que o necessário à sua manutenção; o excedente é a plus-valia.

Os economistas stalinistas que a negavam, agora a confirmam. Assim, num estudo da edição "Editora Nueva Fuente Cultural" do *El Capital* de K. Marx um economista stalinista escreve: "A noção de que a lei do valor não atua sobre o socialismo contradiz essencialmente a economia marxista." (No capítulo "Las leyes economicas en la sociedad socialista").

Assim, a acumulação em 1940 alcança 32,5% da inversão do capital quando no auge da economia americana ele alcança 9%!

Quando no XXII Congresso do Partido Comunista se aprovou a contabilidade comercial, voltava a economia russa às regras do capitalismo clássico. Esta taxa é regulada no capitalismo clássico pela livre concorrência e no Capitalismo de Estado russo pela burocracia. Segundo Leon Trotsky, os 15 ou 20% da população possuem tanto como o que cabe ao resto, ou seja, 80 ou 85%. Em 1937 a indústria transferiu ao Estado mais de 48% de seus lucros. Os impostos federais pagos pela indústria chegaram em 1937 a 6%, em 1940 a 12%. Estes lucros foram monopolizados pela burocracia. Outra fonte de entradas são os impostos indiretos sobre os artigos de consumo, transformando-os num fator básico para a formação do preço.

Segundo Reytan, "70% das entradas para o Estado são cobertos por estes impostos ou lucros da indústria. Em 1940 54,4% das entradas provinham dos impostos sobre o movimento dos produtos industriais e agrícolas — 8 bilhões de rublos — sendo a entrada dos lucros industriais e outras de 12,3% — 21 bilhões de rublos." (Reytan, Juan. op. cit. p. 88).

Desde 1935 o salário básico perde sua importância sendo substituído pelo trabalho por tarefa, que é, segundo Marx, sistema típico que corresponde à natureza do capitalismo (conforme o capítulo "Trabajo por piezas") (Marx, Karl. *El Capital.* Tomo I, vol. II, México. Fondo de Cultura Economica. p. 621-29). E é neste sentido que os preços e o stakhanovismo aumentam a grande exploração do trabalho ao substituir o salário pela tarefa.

Sob o regime stalinista o proletariado foi diferenciado numa aristocracia stakhanovista, proletariado ordinário e o proletariado escravizado dos campos de "reeducação" de que trataremos mais adiante. A burocracia stalinista cumpre melhor seu papel de acelerar a acumulação primitiva e edificar uma indústria poderosa, que a burocracia da burguesia ocidental.

A exploração do trabalho humano chegou ao grau máximo na Rússia atual.

Isto deve-se ao fato de existir um vácuo entre a técnica inferior que a Rússia atualmente possui em relação ao capitalismo ocidental e a forma burocrática superior de organização que ela emprega; desta combinação de forma de exploração mais moderna (burocrática-estatal) por métodos técnicos antiquados é que a alienação do homem é feita de maneira mais direta, como nos campos de "reeducação".

A Burocracia Partidária

"O Partido compensa com vantagens materiais os sacrifícios de tempo e independência que exige de seus membros. O Partido é o pedestal de todas as ascensões. É mesmo o único para os que não possuem qualquer qualificação técnica." (Labin, Suzane. *A Rússia de Stalin.* p. 24).

O Comitê Central é composto de 71 membros, 68 suplentes designados pelo Congresso do Partido. Este deveria reunir-se, segundo os

estatutos, anualmente, mas só o faz a cada quatro anos. De 1939 a 1947 não se reuniu uma só vez.

A burocracia partidária recruta-se no elemento estatal, embora, às vezes, se dê o contrário. Os números abaixo revelam o extraordinário paralelo que se verifica entre o desenvolvimento quantitativo do Partido e o aumento do número de funcionários do Estado:

1920	+ ou – 2.000.000	612.000
1929	+ ou – 4.600.000	1.532.000
1932	+ ou – 8.000.000 antes do expurgo	3.170.000
1939	+ ou – 9.600.000	3.200.000
1941	+ ou – 10.000.000 a 11.000.000	3.900.000

O aumento percentual foi o seguinte:

IDEM	IDEM	IDEM
1920	100%	100%
1929	230%	250%
1932	400%	518%
1939	480%	523%
1941	500 a 550%	637%

Um dos critérios para avaliação da extensão dos "subvers" (burgueses russos) é o número de empregados domésticos que têm. Após 1920 ninguém podia dar-se ao luxo de ter um empregado, razão pela qual seu número decaiu de 1.500.000 antes da revolução para 150.000 entre 1923-24. Mais tarde, começou a aumentar rapidamente: em 1927 já havia 339.000 empregados domésticos e os planos do governo previam ainda maior aumento; 398.000 em 1929 e 406.000 em 1932. Alguns anos antes de 1940, com o aumento considerável da nova aristocracia e oligarquia "socialista" aumentou bastante o número de empregados domésticos, razão pela qual todas as fontes oficiais silenciaram a respeito.

No país da "ditadura do proletariado", a distribuição de delegações às eleições na legenda do Partido Comunista aparece assim:

Comissariado do Interior e GPU	42
Funcionários do Partido	167
Exército	64
Funcionários do Governo	122
Funcionários Sindicais	12
Funcionários Superiores da Indústria	46

Presidente dos Kolkhozes	30
Profissões Liberais	39
Burocratas: percentagem 83%	462
Operários stakhanovistas	41
Condutores de Tratores	26
Membros dos Kolkhozes	23
	90

Restam 17% para as classes médias e o proletariado urbano e rural.

É historicamente sabido que os opressores sempre se julgam a vanguarda dos oprimidos. Os senhores feudais julgavam-se os paizinhos da sociedade, a burguesia aparecia como vanguarda do povo; por que a burocracia não pode aparecer como vanguarda do proletariado?

E os privilégios dessa burocracia aparecem em todos os campos da atividade humana: "Uma usina que comporta dezenas de milhares de operários recebe algumas dezenas de entradas de teatro que são distribuídas primeiro entre os chefes, nada restando aos operários. Entre nós são os magistrados, os diretores de usinas, os funcionários que gozam das vantagens de nossos sanatórios e isso graças a uma autorização (*potevka*) que legalmente não deveria ser conferida senão aos operários." (*Pravda.* n.º 95 de 1937).

Schwernik amplia o quadro de privilégios burocráticos com essa declaração no XVIII Congresso do Partido reunido em março de 1939:

"Nossos sanatórios e casas de saúde abrigam todos os anos perto de dois milhões de homens (sobre 27.000.000 de assalariados urbanos). Acima de tudo são considerações de hierarquia social que decidem sobre a escolha das pessoas admitidas."

Esses privilégios dessa burguesia-burocrática tornam-se, em relação à miséria do povo, uma provocação, motivando uma exortação ascética de Kalinine (que "morreu" repentinamente) em março de 1939, ao dirigir-se aos membros do Partido Comunista que trabalham no Comissariado de Agricultura:

"Abandonai vossos hábitos e vossas idéias inveteradas de uma casta de privilegiados... é uma verdadeira desgraça que as perspectivas de futuro de quase 80% de honrados trabalhadores soviéticos tenham que ser frustradas." (*Boletim Quotidiano*, 20-10-1939).

Como já expusemos anteriormente, no "comunismo de guerra" deu-se a militarização dos sindicatos a partir da substituição dos Conselhos de Fábrica Coletivos por uma administração pessoal, a cargo de um diretor nomeado pelo Estado.

É na época atual, quando a burocracia constitui sua dominação numa "peculiar forma de propriedade de Estado" (Rakovsky) que por sua vez "possui como propriedade privada" (Marx), que a dominação burocrática atinge o extremo, conforme vemos pela declaração de Andreiev:

"A fixação da escala de salários deve ser deixada inteiramente a cargo dos dirigentes da indústria. Eles é que devem estabelecer as normas." (*Právda*, 29 de dezembro de 1935).

Isso é corroborado por Weinberg, quando escreve:

"A correta determinação dos salários e regulamentação do trabalho exigem que os dirigentes industriais e os diretores técnicos sejam imediatamente incumbidos da responsabilidade a esse respeito, o que também é ditado pela necessidade de estabelecer uma única autoridade a qual assegure a autonomia na direção das organizações. Os trabalhadores não devem defender-se contra seu Governo. Isto é absolutamente errado. Isso é suplantar os órgãos administrativos. Isto é perversão oportunista de esquerda, aniquilação da autoridade individual e interferência no Departamento Administrativo." (*Trud*, 8 de julho de 1939).

Se Lênin estivesse vivo ele seria fuzilado por Stalin como um "oportunista de esquerda", pois como estão lembrados os que têm boa memória a tese de militarização dos sindicatos, apresentada por Trotsky, foi combatida por Lênin na base de que, tratando-se de um "estado operário e camponês com degenerescência burocrática", como Lênin definia o Estado russo na sua época, os operários precisam defender-se contra seu próprio governo. Mas, como vemos, em honra da acumulação primitiva do capital em mãos do capitalismo burocrático o marxismo somente tem valor quando se trata de utilizá-lo como meio de encobrir os privilégios dos "subvers"; assim é que "o socialismo num só país" de Stalin e a luta "contra a igualdade de salários" (*Trud*, 21 de junho de 1933) aparecem como lídimo marxismo ortodoxo; no que for contrário, aparece como obra de reacionários, espiões etc.

Kolkhozes

Em nossos dias os kolkhozes formam o setor majoritário na economia nacional russa. Sua organização baseia-se no rendimento do trabalho; é um método ultracapitalista. As tarefas diárias nos kolkhozes calculam-se diferentemente, segundo a classe a que pertence, isto é, se é burocrata, tratorista, agrônomo ou simplesmente camponês. A terra pertence ao Estado, ou seja, à burocracia dominante, que recebe uma renda do solo na forma de altos impostos pagos pelos kolkhozes.

Além da burocracia estatal está a enorme burocracia kolkhoziana que abrange milhares de diretores, membros das juntas diretivas, agrônomos, tratoristas, técnicos dos diferentes ramos, "atingindo um total de 11.500.000 funcionários". (*Boletim Quotidiano*, 2 de maio de 1939).

Formalmente dirigem as cooperativas kolkhozianas as Assembléias Gerais que aprovam os balanços, elegem as juntas diretoras e o pessoal técnico. Na realidade os kolkhozes estão dirigidos pelo Presidente do Kolkhoz, pelo Secretário local do Partido e pelo encarregado do Comissariado da Agricultura.

"Na maioria dos kolkhozes, os funcionários são nomeados e não eleitos; em certas regiões não se realiza uma eleição há longos anos." (*Pravda*, 10 de setembro de 1946).

Ao estado burocrático pertencem as terras e as máquinas, o inventário dos grãos; depois de abonar altos impostos ao Estado, correspondem nominalmente ao kolkhoz, pois na realidade seus membros só possuem uma pequena horta, ou um porco ou uma vaca. Possuindo suas hortas como concessão da burocracia, estão em situação mais vantajosa que o proletariado citadino. O kolkhoz representa um setor cooperativo da economia russa integrado no sistema de Capitalismo de Estado.

Na Rússia o Estado combina as formas mais evoluídas de controle e dominação burocrática com o que de mais baixo e atrasado existe no que se refere ao desenvolvimento econômico.

Daí a consideração da personalidade humana como mero índice de produção, podendo a burocracia dirigente dispor como bem quiser do homem, transferindo-o do Kirkiz à Sibéria ou de Vladivostock a Moscou. É nessa combinação de formas que o Estado russo simboliza

o protótipo do Estado totalitário; com seus trustes o modelo de Capitalismo de Estado.

A ressurreição da burocracia como classe possuidora é precisamente uma das conseqüências de caráter peculiar da Revolução Russa. Seu caráter não é socialista, mas primordialmente camponês e democrático.

A especificidade do Capitalismo de Estado russo radica na especificidade do feudalismo de Estado do qual é conseqüência direta, no campo interno, sendo no campo externo uma conseqüência da Revolução Russa, Revolução Industrial realizada na época da decadência do capitalismo liberal.

Com o esmagamento da insurreição de Cronstadt, esmagou-se a *intenção socialista* que animava a revolução; com a transferência das fábricas para o domínio burocrático realizada no "comunismo de guerra" *neutralizou-se o apoio social da classe operária à revolução*; com a inauguração da NEP e conseqüentemente do Capitalismo de Estado, *atualizou-se o aspecto burguês da revolução*, no referente à mecânica econômica, que tomou sua configuração última com o domínio stalinista onde a burocracia de árbitro entre as classes aparece como classe dominante.

É da perspectiva de trinta anos que concluímos que a tomada do poder pelo bolchevismo foi apenas uma evolução no processo da própria revolução burguesa, impulsionando-a para diante.

"A injustiça no estado de propriedade tal como é condicionada pela moderna divisão de trabalho, pela forma moderna de troca da concorrência, da concentração etc., não tem sua origem na supremacia política da burguesia, pelo contrário, a supremacia política da burguesia tem suas origens nestas condições modernas da produção que os economistas burgueses proclamam leis necessárias e eternas. Se o proletariado destrói portanto a supremacia política da burguesia, *a sua vitória será só passageira, um simples fator a serviço da mesma revolução burguesa*, como foi em 1794, enquanto no curso da história não se encontram criadas as condições materiais que façam necessárias a derrocada do modo de produção burguês, e, por conseqüência, a queda definitiva da supremacia política burguesa." (Marx, Karl. *La sagrada familia*. Buenos Aires, Edição s/capa. p. 89).

O confinamento da Revolução Russa às suas fronteiras nacionais determinou a atualização do elemento — dentro da mecânica econô-

mico-burguesa; se a revolução tivesse sido apoiada por um movimento europeu, o elemento subjetivo desta — *a intenção socialista* — se teria atualizado o apelo dos marinheiros de Cronstadt em prol da intenção socialista que na revolução teria encontrado eco, mas o atraso desta revolução internacional fez a Rússia regredir à sua mecânica econômica e enveredar pelo Capitalismo de Estado.

Pelo fato da restauração capitalista na Rússia dar-se na decadência do capitalismo liberal é que tomou a forma de Capitalismo de Estado totalitário, que, por sua dependência do mercado mundial, não escapa à crise.

A Liderança Carismática no Bolchevismo

Lênin herdou o plano de organização dos "Narodnaya Volia", um grupo fortemente disciplinado e reduzido de conspiradores.

Eram o produto da desenganada década anterior, quando "ir de encontro ao povo" constituía o dever da "inteligência revolucionária". Confiavam por isso apenas nas bombas. Estavam certos de que até se alcançar a vitória não se podia confiar na organização do povo segundo sua vontade.

Dos socialistas revolucionários, Lênin herdou o princípio de uma organização fortemente centralizada de revolucionários profissionais que obedecessem a um só centro dirigente, dedicando-se inteiramente à revolução.

Era uma organização de revolucionários profissionais que estavam alheios à vida econômica quotidiana e portanto revelavam um dos traços de uma organização carismática.

Sua finalidade na vida era a de serem os portadores de uma idéia que, segundo eles, decorria das próprias necessidades históricas — é o espírito dos portadores de uma idéia de salvação que se constituem em grupos fechados, atuando atrás ou na frente das massas, mas nunca *dentro* das massas.

Na Rússia feudal, sem tradição de movimento proletário organizado e sem tradição de vida democrática como no Ocidente, encontravam-se as condições básicas que favoreciam a organização de um restrito núcleo de revolucionários profissionais, cuja tarefa imediata ou histórica era tomada do poder em nome do proletariado.

Era a revivência do espírito blanquista em condições russas, o que levava Lênin a definir, na sua obra "Um passo adiante, dois passos atrás", o social-democrata como "um jacobino ligado às massas operárias".

Esse núcleo carismático forma uma organização conspirativa baseada no centralismo democrático, que na sua juventude Trotsky assim definia:

"No esquema de Lênin o Partido toma o lugar da classe operária, a organização do Partido desaloja a classe, o Comitê Central desaloja a organização do Partido e finalmente o ditador desaloja o Comitê Central." (Zadashi, Nashi Policheskaya. p. 54).

A concepção jacobino-blanquista de vanguarda não impedia Lênin de reconhecer que "a modificação das condições objetivas de luta e por conseguinte a necessidade de passar da greve à insurreição, o proletariado sentiu-a *antes* que seus dirigentes". (Lênin. *Las enseñanzas de la insurreción de Moscu.* Buenos Aires, Obras escogidas, vol. II. p. 153).

E Trotsky, que tinha aderido à concepção leninista de Partido, é levado a conhecer que "as massas no momento eram mais revolucionárias que o Partido, mais revolucionárias que sua máquina". (Trotsky, Leon. *Stalin.* IPE. p. 275).

No desenvolvimento da liderança carismática no bolchevismo há um fato a acentuar: Lênin já aparecia como carisma institucionalizado nas fileiras do Partido antes da tomada do poder pelo mesmo, conforme se comprova abaixo:

"Os velhos, não eram só eles que se enganavam; aquele homem era alguma coisa mais que um magnífico colaborador, *era um chefe* (grifado por mim); seu olhar estava sempre fixo no triunfo." (Trotsky. op. cit. p. 175).

"Zinoviev e Kamenev que viveram muitos anos ao lado de Lênin assimilando não só suas idéias mas mesmo os seus giros de locução, mesmo os seus cortes de letra." (Trotsky. op. cit. p. 276).

Por exemplo, a tese da Revolução Permanente que assegurou a vitória dos bolcheviques na Revolução Russa só conseguiu vencer dentro do Partido quando Lênin tinha retirado sua concepção que defendia há dez anos da "ditadura democrática de operários e camponeses".

A burocratização do séquito carismático constitui um dos motivos de crescente apreensão de Trotsky, como vemos abaixo:

"Como muitas vezes acontece, uma forte diferenciação se desenvolvia entre as classes em movimento e os interesses das máquinas partidárias. Mesmo os quadros do Partido Bolchevique que gozavam os benefícios de um traquejo revolucionário excepcional *se inclinavam a desatender as massas e identificar os interesses particulares desta com os interesses de seu aparelho, logo no dia seguinte à derrocada da monarquia.* Que se poderia pois esperar de tais quadros quando se convertessem numa potente burocracia estatal?" (Trotsky. op. cit. p. 274).

Aqui vemos a previsão de Trotsky de que quando o séquito carismático (revolucionários profissionais) se burocratizasse, identificar-se-ia com os interesses da massa a quem havia representado enquanto alheio às atividades lucrativas ou de cargo.

Com a tomada do poder o séquito carismático bolchevique burocratizou-se; o carisma Lênin institucionalizou-se; depois de estar encerrado nos estreitos limites de uma organização conspirativa, adquiria agora uma conformação nacional.

Essa rotinização do carisma dá-se com a apropriação dos poderes de mando (estado) e a conversão dos revolucionários em funcionários.

Na sociedade russa mágico-patrimonialista desenvolviam-se em seus interstícios movimentos carismáticos como os de Stenka Razin, Pugatchev etc.

A dominação do carisma Lênin tinha sua legitimidade nas tradições revolucionárias, tanto assim que durante sua vida só se cantava a "internacional" e erigiam-se monumentos a Marat e Bakunin.

Mas o regime bolchevista entra em crise com a doença e morte de Lênin, até a ascensão de Stalin.

"Por outro lado, o problema fundamental que se coloca à dominação carismática quando se quer transformá-la em instituição permanente é evidentemente o *problema do sucessor* do profeta, do herói, do mestre ou *Chefe de Partido.* Com isso começa justamente a penetração no caminho do estudo e da tradição." (Weber, Max. *Economia y sociedad.* Vol. IV. p. 28).

O problema da sucessão carismática e a crise que ele envolve, é tratado na carta de Lênin, conhecida como "o testamento de Lênin":

"Pela estabilidade da Comissão Central de que falei antes tenho em vista medidas para prevenir uma cisão até onde possam ser tomadas. Pois, sem dúvida, o guarda branco em Ruskaya Misl (penso que era S. E. Oldeburg) tinha razão quando em primeiro lugar na sua peça contra a Rússia Soviética fundava as esperanças numa cisão em nosso Partido, e quando em segundo lugar contava que essa cisão trouxesse sérios desacordos dentro de nosso Partido.

"Nosso Partido se apóia em duas classes e, por tal motivo, sua instabilidade é coisa possível; e se não puder haver um acordo entre essas duas classes sua queda é inevitável. Nesse caso seria inútil tomar quaisquer medidas ou, de um modo geral, discutir a estabilidade de nossa Comissão Central. Nesse caso não haverá medidas capazes de prevenir uma cisão. Mas confio que se trate de um futuro demasiado remoto e muito pouco provável para ser discutido. Tenho em vista a estabilidade como garantia contra uma cisão no futuro próximo, e pretendo examinar aqui uma série de considerações de caráter puramente pessoal.

"Penso que o ponto fundamental na questão de estabilidade, considerada desse ponto de vista, são os membros da Comissão Central, como Stalin e Trotsky. As relações entre eles constituem na minha opinião boa metade do perigo de cisão; este pode ser evitado na minha opinião elevando-se a cincoenta ou cem o número de membros da Comissão Central.

"O camarada Stalin, tornado Secretário-geral, concentra em suas mãos um poder enorme e não estou seguro de que ele saiba sempre usar desse poder com cautela. Por outro lado, o camarada Trotsky, como ficou provado, pela sua luta contra a Comissão Central no caso do Comissariado das Vias e Comunicações, distingue-se não só pelos seus talentos excepcionais — pessoalmente é hoje o homem mais capaz da Comissão Central — mas também por uma excessiva confiança em si e uma disposição para se preocupar demais com o lado administrativo dos negócios.

"Essas duas qualidades dos dois chefes mais hábeis da atual Comissão Central podem, muito inocentemente, conduzir a uma cisão; se o nosso Partido não tomar medidas para o impedir pode surgir inesperadamente uma cisão.

"Não caracterizo os outros membros da Comissão Central quanto às suas qualidades pessoais. Lembrarei apenas que o episódio de outubro de Zinoviev e Kamenev não foi sem dúvida acidental, mas deve ser tão pouco invocado pessoalmente contra eles quanto o não-bolchevismo de Trotsky.

"Dos membros mais moços da Comissão Central, desejo dizer algumas palavras acerca de Bukharin e Pitakov.

"São eles na minha opinião as forças mais hábeis (entre os mais jovens); em relação a eles convém ter em mente o seguinte: Bukharin não só é o maior e mais valioso teórico do Partido, mas também pode ser legitimamente considerado o favorito de todo o Partido; mas as suas especulações teóricas não podem ser tomadas como inteiramente marxistas, senão com a maior cautela, pois existe nele alguma coisa de escolástico (ele nunca aprendeu e acho que nunca compreendeu inteiramente a dialética).

"Quanto a Pitakov é um homem indubitavelmente notável, quer como vontade, quer como inteligência, mas demasiado entregue à administração e ao lado administrativo das coisas para que mereça confiança numa questão política séria.

"Sem dúvida, estas observações são feitas levando em consideração apenas a situação atual, ou supondo que esses dois trabalhadores leais e capazes não encontrem oportunidade de completar os seus conhecimentos e de corrigir sua unilateralidade.

25 de dezembro de 1922.

"P.S. — Stalin é demasiado rude e esse defeito, muito suportável entre nós comunistas, torna-se insuportável nas funções de Secretário-Geral. Por isso proponho aos camaradas procurarem um jeito de remover Stalin desse cargo e nomear para ele outro homem que a todos os respeitos seja superior a Stalin — a saber, mais paciente, mais leal, mais polido e mais atencioso com os camaradas, menos caprichoso etc. Esta circunstância pode parecer uma bagatela insignificante mas acho que do ponto de vista de impedir uma cisão, e do ponto de vista das relações entre Stalin e Trotsky, que discuti acima, não é uma bagatela. Ou é uma bagatela que pode assumir importância decisiva.

Lênin.

4/janeiro/1923." (Schuster, M. Lincoln. *As grandes cartas da história*. p. 515-17).

"Bazhanov, outro antigo secretário de Stalin, descreveu a sessão do Comitê Central em que Kamenev pela primeira vez leu o testamento. Embaraço terrível paralisou todos os presentes. Stalin, sentado nos degraus da tribuna do 'praesidium', se sentiu pequeno e miserável. Estudei-o atentamente! Apesar do seu autodomínio e aparência de calma, era mais do que evidente que o seu destino estava em jogo. ... Radek que se sentava ao meu lado nessa sessão memorável assoprou-me as seguintes palavras. 'Agora não terão coragem de agir contra você'. Aludia às duas passagens na carta, em que me caracterizava como 'o homem mais qualificado no presente no Comitê Central' e a outra em que pedia o afastamento de Stalin em virtude de sua rudeza, de sua deslealdade e de sua tendência ao abuso de poder. Disse a Radek: 'Ao contrário, tentá-lo-ão agora até o fim, e o mais depressa possível'. De fato, o testamento não apenas falhou nos objetivos de impedir a luta interna, o que era desejo de Lênin, mas ao contrário intensificou-a até o delírio. Stalin já não podia ter dúvidas de que o retorno de Lênin à atividade significaria a morte política do Secretário-geral. E inversamente apenas a morte de Lênin poderia franquear a estrada a Stalin." (Trotsky, Leon. *Stalin.* p. 489).

A crise da sucessão carismática é vencida, coincidindo com as novas forças sociais que atuam, o antigo séquito carismático convertido numa burocracia encontra em Stalin seu expoente máximo, que ocupa com sua fração os postos de direção do Partido e logicamente do Estado.

"Pois de então em diante — apoderaram-se do carisma os interesses de todos os que desfrutam o poder social, econômico e pretendem a legitimação de sua posição — por meio da derivação de uma autoridade e uma ordem carismática sagrada. Assim, de acordo com seu autêntico sentido, em vez de atuar revolucionariamente — como em seu *status nascendi* — contra tudo que se baseia numa aquisição 'legítima de direitos' o carisma influi justamente como fundamento dos 'direitos adquiridos'. E precisamente nesta função tão alheia ao seu próprio caráter converte-se num elemento integrante do quotidiano." (Weber, Max. op. cit. p. 267).

A legitimação da posição da burocracia dominante colocava a legitimação do carisma; no início esta legitimação é revolucionária, conforme abaixo. É sobre o esquife de Lênin que Stalin leu seu juramento de fidelidade ao mestre:

"Deixando-nos, o camarada Lênin nos ordenou que conservássemos puro o grande título de Membro do Partido. Nós vos juramos, camarada Lênin, honrar vossa ordem.

"Deixando-nos, o camarada Lênin ordenou-nos que conservássemos a unidade de nosso Partido, como a menina de nossos olhos. Nós vos juramos, camarada Lênin, cumprir a vossa ordem.

"Deixando-nos, o camarada Lênin nos ordenou que mantivéssemos e consolidássemos a ditadura do proletariado. Nós vos juramos, camarada Lênin, aplicar o máximo de nosso esforço para conseguir a vossa ordem.

"Deixando-nos, o camarada Lênin nos ordenou que fortalecêssemos e ampliássemos a União das Repúblicas. Nós vos juramos, camarada Lênin, cumprir vossa ordem.

"Deixando-nos, o camarada Lênin nos prescreveu a fidelidade ao comunismo internacional.

"Nós vos juramos, camarada Lênin, que haveremos de dedicar toda a nossa vida ao alargamento e fortalecimento da união dos operários de todo o mundo, a Internacional Comunista." (Trotsky, Leon. *Stalin*. p. 497-9).

Em tom de homilia o ex-seminarista de Tiflis fundamenta a legitimidade do seu poder carismático, em *tradições revolucionárias bolcheviques*.

Mas "todos os que desfrutam o poder sócio-econômico e pretendem sua legitimação pressionam sobre o carisma". (Weber, Max. op. cit. p. 267).

Na medida em que ele tende a satisfazer o interesse do séquito partidário convertido em burocracia, em lugar das tarefas revolucionárias internacionais apartadas do sossego burocrático, coloca-se em ordem do dia o usufruto tranqüilo dos bens conseguidos; este usufruto dos bens pela burocracia encontrou sua expressão ideológica na teoria do "socialismo num só país" defendida pelo carisma Stalin — esta tese foi produto do descenso do movimento operário europeu após a queda da comuna e foi desenvolvida por um social-democrata da direita, Georg Wolmar, num artigo intitulado *O Estado socialista isolado* — oposta à tese da "revolução permanente" defendida por ele-

mentos portadores de missão extra-quotidiana, oposta ao usufruto dos bens e à atividade lucrativa, os integrantes da "Oposição Internacional de Esquerda".

"A idéia da revolução permanente, isto é, a do laço dissolúvel e real que une o destino da República Soviética à marcha da revolução proletária no mundo inteiro, teve o dom de irritar acima de tudo as novas camadas sociais conservadoras, intimamente convencidas de que a revolução tendo-as elevado à primeira linha tinha assim cumprido a sua missão." (Trotsky, Leon. *A revolução desfigurada.* Ed. Renascença. p. 18).

A burocracia, à medida que evolui para a direita, abandona as tradições revolucionárias anteriores, pelas tradicionais.

"A confluência de dois fatores — o carisma e a tradição — constitui um fenômeno regular." (Weber, Max. op. cit. p. 267).

O Capitalismo de Estado estratificado sob a ditadura stalinista estrutura a legitimidade carismática de Stalin na base do *tradicionalismo conservador russo*, de acordo com as modificações introduzidas, conforme abaixo:

A abolição da Internacional em 15 de março de 1944 e criação de um hino nacional exaltando a "Rússia, a Grande". Abolição da "Ordem de Lênin" e da "Bandeira Vermelha" e substituição pelas ordens de Suvorov, Kutuzov e Alexandre Nevsky, em 29 de julho de 1942. Esse processo de volta às tradições nacionais na legitimação do poder carismático encontrou sua acabada expressão no discurso de Stalin pronunciado no 20.º Aniversário da Revolução Russa em 7 de novembro de 1941:

"Sede inspirados nesta guerra pelas másculas figuras de nossos antepassados, Alexandre Nevsky, Dimitri Donskoi, Dimitri Poznarski, Alexandre Suvorov e Mikhail Kutuzov."

Todos eles heróis nacionais, de procedência feudal conservadora.

Suvorov lutou contra a Revolução Francesa e esmagou a rebelião camponesa de Pugatchev. Dimitri Donskoi é santo da Igreja Ortodoxa.

É nessa legitimidade tradicional que o carisma Stalin estrutura, de agora em diante, as bases de sua existência política.

Neste carisma opera-se a influência de duas tendências. Pelo fato de estar situado numa sociedade racionalizada o carisma Stalin apresenta-se como símbolo de uma idéia e portador de um programa político. Isso não quer dizer que o elemento pessoal e intransferível não opere no carisma. Vemos as terríveis dores de cabeça que têm os membros do Politburo quando pensam em algum elemento que substitua Stalin, alvitrando o triunvirato.

Esse triunvirato — Beria, Molotov e Malenkov — representaria para o regime burocrático-carismático novas fontes de crise interior e possibilidades de ruptura em sua unidade.

O triunvirato não manterá a unidade estruturada sob o carisma Stalin, como o demonstra a "liquidação" política de Malenkov e Bulgarin.

Após os vários triunviratos sob Khruchtchev, a URSS conheceu uma 'desestalinização' moderada, as revoluções húngara e polonesa reprimidas pelo Exército Vermelho. A contestação do *Solidarnosc* na Polônia reprimida por um golpe de Estado do general Jaruselski e, atualmente, conhece a *glasnost* de Gorbatchev. É uma tentativa de auto-reforma burocrática da burocracia dominante, na linha das 'mudanças vindas pelo alto' de Ivan o Grande, Pedro o Grande, Catarina a Grande.

Maurício Tragtenberg

PARA SERVIR DE PREFÁCIO

No momento da publicação deste primeiro volume de *A Revolução Russa na Ucrânia*, creio serem úteis algumas palavras de introdução:

Em primeiro lugar, faço questão de prevenir o leitor sobre a ausência de um certo número de documentos importantes que deveriam figurar neste texto: resoluções e proclamações da União dos Camponeses de Goulaï-Polé, do Soviete dos Deputados camponeses e operários, e de seu inspirador direto, o grupo anarquista-comunista camponês de Goulaï-Polé.

Este grupo se consagrou, com admirável constância, a reunir sob sua bandeira os camponeses e os operários dessa região. Sempre na vanguarda, ele os guiou, explicando-lhes o sentido e o alcance dos acontecimentos que estavam se desenrolando e expondo-lhes as finalidades de tais acontecimentos em geral e as dos anarquistas-comunistas, mais próximos da mentalidade camponesa em particular.

Lastimo, além do mais, o fato de não possuir as fotografias do grupo anarquista-comunista camponês de Goulaï-Polé que gostaria que ocupasse, com breves notícias biográficas, o primeiro lugar entre os documentos relativos à Revolução Russa na Ucrânia, ao movimento makhnovista nascido desta Revolução, aos princípios que a guiaram, aos atos, enfim, que foram sua conseqüência.

Teria sinceramente desejado inserir nestas páginas os retratos desses revolucionários desconhecidos, surgidos do mais profundo do povo ucraniano, e que, sob meu impulso, e guiados por mim, conseguiram criar entre os trabalhadores esse movimento revolucionário, amplo e poderoso, à testa do qual flutuavam as negras bandeiras makhnovistas.

Não pude, infelizmente, obter até agora esses documentos, que

publicarei, desde que tenha possibilidade, para submetê-los aos trabalhadores do mundo inteiro, a fim de que eles possam julgá-los.

Minha narrativa é inteiramente conforme à verdade histórica, quer se trate da Revolução russa em geral, ou de nosso papel em particular. Somente poderão contestá-la os que, dentre os "historiadores", não tomaram parte efetiva nos acontecimentos de que tratam estas memórias, e que, mesmo que se tenham posto à margem da Revolução, nem por isto deixaram, pela palavra e pela pena, de se fazerem passar, junto dos revolucionários estrangeiros, por pessoas que conheciam a fundo e em todos os detalhes, a grande Revolução russa.

Sempre saberemos refutar essas críticas, pois elas não têm fundamento, e esses "conhecedores" não sabem de que estão falando, nem contra quem estão gritando.

Meu único pesar é que estas memórias não sejam publicadas na Ucrânia, e não sejam editadas nem em russo nem em ucraniano. A culpa é devida às circunstâncias, e nada posso fazer contra isto.

O Autor

P.S.: É de meu agrado exprimir também meu sincero e profundo reconhecimento ao camarada francês E. W. cujo fraterno e inestimável auxílio me permitiu tirar de minhas anotações as páginas que se seguem, e publicá-las.

N. M.

INTRODUÇÃO

A revolução de fevereiro de 1917 abriu plenamente as portas das prisões políticas russas.

Os operários e os camponeses, tendo saído armados pelas ruas, uns de blusão azul, outros bizarramente trajados com um capote cinzento de soldado, certamente contribuíram de maneira importante para esse resultado. Desde o início, estes trabalhadores tiveram que resistir aos socialistas-estatistas que já tinha, de acordo com a burguesia liberal, formado um Governo "revolucionário" Provisório e tentavam manter o movimento revolucionário provisório no caminho que para tal fora traçado.

Os trabalhadores exigiram então a anistia imediata, esta primeira conquista de toda revolução. E o socialista-revolucionário A. Kerensky, ministro da Justiça, se inclinou diante de sua vontade.

Em alguns dias, todos os presos políticos foram libertados e retomaram, entre as massas das cidades e dos campos, a propaganda ativa que tinham empreendido clandestinamente no passado, na intolerável atmosfera do regime tzarista.

Simultaneamente aos outros presos políticos — que o governo do tzar e dos *pomechtchiki* [1] tinha enclausurado em úmidas masmorras, esperando assim privar a massa dos trabalhadores do seu mais avançado elemento e aniquilar, por esse meio, toda veleidade de denúncia da iniqüidade do regime — a mim também foi concedida a liberdade.

Condenado à prisão perpétua, acorrentado, muitas vezes enfermo, oito anos e meio de reclusão não tinham, todavia, abalado minha

---

1. Proprietários de terras. (N. T.)

fé na causa anarquista. Sempre convencido da vitória futura do trabalho livre, da igualdade e da solidariedade sobre a escravidão criada pelo Estado e pelo Capital, eu saía dos Boutyrki[2] em 2 de março de 1917 e voltava ao trabalho dois dias mais tarde, em Moscou mesmo, no grupo anarquista de Lefortovo. Não tinha, por outro lado, esquecido de nosso grupo anarquista-comunista de Goulaï-Polé, criado dez ou doze anos antes, e que, no dizer de meus camaradas, continuava ativo, apesar de ter perdido numerosos militantes de vanguarda.

Estava profundamente preocupado pela insuficiência de minha instrução teórica e por minha ignorância dos dados positivos que me teriam permitido resolver os problemas sociais e políticos de um ponto de vista anarquista. Com certeza, sabia o que acontecia em nove sobre dez casos, nos meios que eram os nossos; as escolas que teriam sido suscetíveis de fornecer este tipo de formação nos faziam uma falta terrível. Eu me ressentia não menos profundamente desta lacuna e não cessava de sofrer por causa dela.

Unicamente a esperança de que esse estado de coisas não duraria conseguia dar-me algum consolo e coragem novamente; estava, com efeito, firmemente persuadido de que o trabalho em plena luz do dia, no seio de um movimento revolucionário intenso, demonstraria com evidência, aos anarquistas, a necessidade de criar uma organização poderosa, apta a reconduzir ao combate todas as forças anarquistas e de constituir um movimento de conjunto coerente e consciente do alvo a ser alcançado. Tal era o futuro que os imensos progressos da Revolução Russa me faziam entrever. De fato, a meu ver, a ação anarquista, em tais períodos, estava indissoluvelmente ligada àquela parte da massa dos trabalhadores, os trabalhadores que estavam mais intimamente interessados no triunfo da verdade e da liberdade, na vitória de um outro regime social, e na nova organização da sociedade humana.

Podia entrever o desenvolvimento poderoso de nosso movimento e sua influência sobre o resultado final da Revolução. Essa idéia erame particularmente cara.

Fortalecido por esta convicção, mal tinham passado três semanas de minha libertação, dirigi-me para Goulaï-Polé, onde tinha nascido, onde tinha vivido, onde tinha deixado tantos entes queridos, tantas

2. Prisão central de Moscou. (N. T.)

coisas amadas, e onde, bem o sentia, poderia agir utilmente no meio da grande família dos camponeses, em cujo seio se tinha formado nosso grupo. Apesar de ter perdido os dois terços de seus membros no cadafalso, nas planícies geladas da Sibéria ou pelo exílio no exterior, este grupo não deixou de ser por isso menos vivo.

Seu núcleo primitivo tinha desaparecido quase que completamente, mas tinha, todavia, feito penetrar profundamente suas idéias entre os camponeses, para além dos limites de Goulaï-Polé.

Uma grande força de vontade e um conhecimento aprofundado daquilo que os anarquistas desejam alcançar, são fatores necessários para decidir o que os anarquistas desejam obter de uma revolução, mesmo política.

É daqui, de Goulaï-Polé, que irá sair, do seio da massa dos trabalhadores, esta força revolucionária formidável sobre a qual, segundo Bakunin, Kropotkin e outros, deve se apoiar o anarquismo revolucionário; é ela que indicará o meio de livrar-se do velho regime de servidão e de criar um novo regime, no qual a servidão não irá existir e onde a autoridade não terá lugar. A liberdade, a igualdade e a solidariedade serão então os princípios que guiarão os homens e as sociedades humanas em sua vida e em sua luta para uma maior felicidade e uma maior prosperidade.

Esta idéia não me deixou durante todo o período de minha estadia nos trabalhos forçados e com esta mesma idéia é que estava voltando agora para Goulaï-Polé.

As origens revolucionárias de Goulaï-Polé

Dentre as massas trabalhadoras do distrito de Alexandrovsk, departamento de Ekaterinoslav, uma das aldeias maiores e mais populosas é certamente Goulaï-Polé.

Em 1905, a população trabalhadora dessa aldeia opôs-se aos emissários da "Sotnia Negra" (organização pogromista), especialmente enviados pelos famosos organizadores e animadores de pogroms: Maidatchevski, juiz de instrução do 1.º quartel de Alexandrovsk, e também Minaév e Chikhotikhine, jovens representantes dos negociantes, para incitar pogroms em Goulaï-Polé.

Dessa mesma aldeia partiu, nos anos 1906-1907, graças à atividade já antiga de um grupo de camponeses anarquistas-comunistas, o sinal para a luta contra a reforma de Stolypine (primeiro-ministro que, após a revolução de 1905, tentou criar uma camada de camponeses proprietários). Inicialmente, sob a forma de propaganda, essa luta se transformou e deu lugar a incêndios de propriedades senhoriais e de fazendas de *koulakis*.

É, também, dessa mesma aldeia de Goulaï-Polé que foi lançado, em 1917, em direção aos camponeses das vastas regiões de Alexandrovsk, Melitopal, Berdiansk, Marioupol e Pavlogrado, o sinal para a luta contra o governo provisório que demorava a dar uma solução para a questão agrária antes da convocação da Assembléia Constituinte.

Nem esse governo e nenhum outro seria tolerado. Cessaríamos de pagar os arrendamentos aos proprietários de terras. Ocuparíamos as terras dos "fidalgos" e das comunidades religiosas assim como as fábricas e usinas.

Nessa mesma Goulaï-Polé foi elaborado, em 1917, e confirmado por um congresso de camponeses, um ato de alcance histórico: foi decidido, com efeito, que o campesinato trabalhador, não explorador do trabalho alheio, enviaria delegados aos operários das cidades para concluir com eles uma união que proclamaria propriedade pública a terra, as fábricas e as usinas, o primeiro passo em direção a uma sociedade nova baseada em uma autogestão verdadeira das massas trabalhadoras, sem nenhuma tutela do Estado e de seus órgãos autoritários.

Foi em Goulaï-Polé, numa família de camponeses, que nasceu e cresceu este que escreve estas linhas. Tive a felicidade de, muito jovem ainda, ter sido influenciado pelo anarquista-comunista, Wladimir Antoni (conhecido entre os revolucionários sob o nome de "Zaratustra"). Por causa da influência que sobre mim exerceu esse revolucio-

nário e também do terror que o governo espalhava sobre a terra russa nos anos de 1906-1907 contra o povo que se rebelava, tomei rapidamente uma posição, que estava longe de ser a última, no grupo de combate de Goulaï-Polé, ao lado dos anarquistas-comunistas do departamento de Ekaterinoslav. Lutei obstinadamente contra o regime do tzar e dos nobres. Acabei sendo preso e "julgado" pelos sátrapas desse regime, mas, sendo menor, pude, apesar de tudo, escapar à pena de morte, que foi o destino dos meus melhores companheiros de luta. A pena de morte foi, para mim, comutada em trabalhos forçados perpétuos. A Revolução de 1917, na noite de 1.º para 2 de março, abriu-me as portas da prisão Boutyki de Moscou (a prisão central panrussa).

Rapidamente a causa da Revolução fez-me partir de Moscou para minha Goulaï-Polé natal, onde dediquei-me de novo à organização dos trabalhadores, indispensável para a luta em favor de uma vida nova e livre à qual me consagrei com a mesma paixão de nove anos atrás, antes de meu encarceramento.

Foi ainda nessa mesma aldeia de Goulaï-Polé que foi organizado, por minha iniciativa, um congresso de grandes e pequenos proprietários rurais, no curso do qual lhes foram arrebatadas e queimadas todas as escrituras de propriedade.

Quando o general Kornilov empreendeu sua campanha contra o governo provisório e a Revolução em Petrogrado, foi ainda Goulaï-Polé que tomou a iniciativa de desarmar a burguesia dos distritos que haviam simpatizado com a *kornilovchtchina*.

Foram também os camponeses de Goulaï-Polé que tomaram a iniciativa (e esta iniciativa realizou-se plenamente) de formar destacamentos de combate para desarmar todas as tropas cossacas que, abandonando o *front* exterior anti-alemão, dirigiam-se ao Don, a fim de prestar socorro ao capitão Kaledin que combatia a revolução tendo em vista restaurar o regime tzarista.

Goulaï-Polé foi, por assim dizer, a primeira aldeia da Ucrânia onde se efetuou desde esta época o confisco das usinas, colocadas assim ao serviço de todos, onde aqueles que aí trabalhavam passaram a controlar seu funcionamento bem como o escoamento dos produtos.

Goulaï-Polé foi ainda a primeira a dar o exemplo da organização de batalhões livres para a defesa da Revolução, enquanto o governo

de Lênin, de uma parte, e a Rada Central da Ucrânia, de outra, concluíam com os governos alemão e austro-húngaro um pacto em virtude do qual o governo de Lênin deveria retirar da Ucrânia as forças armadas da Revolução, formadas de trabalhadores russos, enquanto que a Rada Central por aí deixaria entrar as hordas germano-austro-húngaras encarregadas de liqüidar a Revolução.

Sob a iniciativa de Goulaï-Polé batalhões deste tipo foram criados em toda uma série de locais. O núcleo de base dos habitantes da região permaneceu até o fim fiel aos postos revolucionários, apesar dos chauvinistas que, aproveitando-se da minha ausência (eu tive de me ausentar alguns dias por razões militares), chegaram a semear a discórdia e incitar alguns companheiros a trair a Revolução. Centenas de nossos combatentes tombaram nesta luta desigual contra os assassinos que vieram ocupar esta região revolucionária.

Tal foi, isento de todo espírito politiqueiro, o papel de Goulaï-Polé e de sua população trabalhadora antes e durante a revolução, até o mês de abril de 1918.

PARTE I

I | *Contatos com os camaradas e primeiros ensaios de organização de uma ação revolucionária*

Desde meu regresso, encontrei antigos camaradas do grupo. Fiquei sabendo por eles que um grande número já não mais atendia ao chamado. Os que vieram me ver foram: André Semenota (irmão de Sacha e de Procope Semenota), Moïse Kalinitchenko, Philippe Krate, Sawa Makhno, os irmãos Procope e Grégoire Charovski, Paul Korostélev, Léon Schneider, Paul Socrouta, Isidore Lotty, Aléxis Martchenko e Paul Houndaï (Korostélev). Alguns jovens, que não faziam parte do grupo senão há dois ou três anos, tinham se unido aos velhos; eu não os conhecia. Eles liam as obras anarquistas e imprimiam clandestinamente, por meio de uma copiadora, proclamações que distribuíam à sua volta.

E quantos camponeses e operários, simpatizantes com o ideal anarquista vieram me visitar em sua companhia! Eu não podia, é verdade, considerá-los dentro dos planos que eu fazia para o futuro. Não importa, eu tinha diante de mim meus amigos-camponeses, esses anarquistas ignorados, lutadores intrépidos, não sabendo nem mentir, nem enganar. Eram verdadeiras naturezas camponesas, era difícil convencê-los; mas, uma vez convencidos, desde que captassem a idéia e a comprovassem por seu próprio raciocínio, exaltavam esse novo ideal por toda parte e em todas as ocasiões.

Na verdade, vendo-os diante de mim, estremecia de contentamento, experimentava uma emoção tão viva que concebi o projeto, desde a manhã do dia seguinte, de conduzir uma propaganda ativa em toda a região de Goulaï-Polé, expulsando o Comitê comunal (unidade administrativa do governo de coalizão), dispersando a milícia, impedindo a formação de todo Comitê novo. Resolvi passar à ação sem perda de tempo.

Contudo, mais ou menos na manhã do dia 25 de março, quando todos os camponeses e camponesas, chegados desde a noite anterior para ver o "ressuscitado de entre os mortos", como eles diziam, já tinham se retirado, nós todos, membros do grupo, improvisamos uma reunião, no decorrer da qual não me mostrei na realidade tão enérgico: o projeto de conduzir uma propaganda ativa entre os camponeses e os operários, de expulsar o Comitê comunal, não tinha, em minha exposição, um lugar suficiente.

Os camaradas ficaram surpreendidos, por me ouvirem insistir sobre a necessidade de nosso grupo estudar mais de perto o estado atual do movimento anarquista na Rússia. O desmembramento dos grupos que existiam antes da Revolução não me satisfazia. "Uma tática que não se estabelece na coordenação é condenada a permanecer estéril, digo. Ela não é capaz de tirar proveito da força dos trabalhadores e do entusiasmo das grandes massas no momento da fase destruidora da Revolução.

"Nestas condições, os anarquistas partidários de tal modo de ação devem, ou apartar-se dos acontecimentos e imobilizar-se na propaganda sectária dos grupos, ou então ficar a reboque, não assumindo senão tarefas secundárias e trabalhando, assim, em proveito de seus adversários políticos.

"De maneira que, para poder suprimir as instituições governamentais, para anular, em nossa região, todo direito de propriedade privada sobre as terras, as fábricas, as usinas e outras empresas, devemos, tendo em consideração o movimento anarquista nas cidades, aproximarmo-nos das massas camponesas para nos garantir a constância de seu entusiasmo revolucionário, de um lado, e para fazer-lhes sentir, por outro lado, que estamos com eles, inabalavelmente ligados às idéias que lhes expomos nos *skhods* [1] e nas assembléias.

"Aí está, meus camaradas, uma dessas questões de tática que seremos chamados a estudar num futuro próximo. Teremos que aprofundá-la em todos os detalhes, pois de sua solução irá depender a escolha da tática a ser adotada para nossa atividade.

"Este fato é para nós tanto mais importante quanto nosso grupo é o único que permaneceu, durante onze anos, em contato com a

---

1. Reunião de todos os membros de uma comuna. (N. T.)

massa camponesa. Não existe mais, que eu saiba, nenhum outro grupo nas vizinhanças. Aqueles das cidades, Alexandrovsk e Ekaterinoslav, não contam senão com poucos sobreviventes e, por outro lado, ignora-se exatamente onde estes se encontram atualmente; uns estariam em Moscou, sem que saibamos quando irão voltar, outros ainda teriam emigrado para a Suíça, para a França ou para a América e não se ouve mais falar deles. Somente podemos, então, contar conosco.

"Por pouco extenso que seja o nosso conhecimento da doutrina anarquista, nem por isso devemos deixar de elaborar um plano da ação a ser empreendida nos meios camponeses de Goulaï-Polé e da região. Devemos, sem tardança, começar a organizar uma União dos Camponeses e colocar à testa desta União um dos camponeses de nosso grupo. Este fato apresenta um duplo interesse: impediremos, por aí, que o elemento hostil a nosso ideal político se estabeleça; poderemos, além do mais, manter a União constantemente informada acerca dos acontecimentos e conseguir deste modo realizar um acordo completo entre ela e nosso grupo.

"Os camponeses poderão, desse modo, opor-se ao problema da reforma agrária e declarar a terra propriedade coletiva; e isto, sem esperar que essa questão, capital para eles, tenha sido resolvida pelo Governo 'revolucionário'."

Os camaradas se mostraram contentes por aquilo que tinham ouvido. Todavia, não aprovaram meu modo de abordar o assunto.

O camarada Kalinitchenko condenou severamente meu ponto de vista, pretendendo que nosso papel de anarquistas, no decorrer da Revolução atual, deveria limitar-se a divulgar nossas idéias, tanto mais que, estando atualmente nosso campo de ação amplamente aberto, deveríamos nos aproveitar disso para fazer compreender aos trabalhadores nosso ideal, sem procurar entrar em suas organizações.

"Os camponeses verão assim, dizia ele, que não procuramos submetê-los à nossa influência, mas que, simplesmente, queremos fazê-los compreender nossas idéias para que, inspirando-se em nossos métodos e em nossos meios de ação, possam construir, com plena independência, uma vida nova."

Foi nesse ponto que nossa discussão terminou, pois eram sete horas da manhã e pretendia me dirigir, por volta de dez horas, à reunião-*skhod* dos operários e camponeses durante a qual devia ser

lida, pelo presidente do Comitê comunal, Proussinski, a proclamação do comissário de distrito, explicando como se devia interpretar a mudança de regime ocorrida depois da Revolução.

Decidimos simplesmente que aí haveria espaço para submeter meu relatório a uma análise e a uma discussão mais detalhadas — e nos separamos; alguns dos camaradas voltaram para suas casas, outros ficaram, para irem comigo à reunião-*skhod*.

Às dez da manhã, encontrava-me, com alguns deles, na praça do Mercado; olhei a praça, as casas, as escolas.

Entrei numa destas últimas, e fui de encontro ao diretor. Falamos longamente sobre os programas de ensino, questão essa que eu ignorava por completo, confesso. Vim a saber que o catecismo fazia parte do programa e era energicamente defendido pelos popes e alguns dos pais. Fiquei indignado com isso, o que não impediu que me inscrevesse, tempos depois, como membro da Sociedade dos Amigos do Ensino, sociedade que subvencionava as escolas. Dizia para mim mesmo que, com efeito, tomando parte ativa em seus trabalhos, conseguiria abalar as bases religiosas do ensino.

Somente cheguei por volta do meio-dia à reunião-*skhod*, pouco após o discurso do sublugar-tenente Proussinski, presidente do Comitê comunal. (Havia então em Goulaï-Polé o 8.º regimento sérvio, com um destacamento de metralhadores russos: 12 metralhadoras, 144 homens e 4 oficiais. Por ocasião da organização do Comitê, alguns desses oficiais foram convidados a tomar parte nele. Um desses oficiais, Proussinski, foi eleito Presidente, outro, o lugar-tenente Koudinov, chefe da milícia. Destes dois oficiais dependia, pois, a ordem pública em Goulaï-Polé).

Ao terminar seu discurso, o presidente do Comitê me convidou a tomar, por minha vez, a palavra, para apoiar suas conclusões. Declinei a proposta e tomei a palavra sobre outro assunto.

Em meu discurso, demonstrei aos camponeses que era inconcebível que existisse, em Goulaï-Polé revolucionário, um Comitê comunal presidido por pessoas estranhas à comuna e às quais, por conseguinte, não se podia pedir conta alguma por suas ações. E propus designar imediatamente quatro representantes por *sotnia* (Goulaï-Polé compreendia sete setores chamados de *sotnia*) para estudar esta questão e muitas outras.

Os instrutores da escola primária aderiram imediatamente a minha proposição. O diretor da escola colocou seu estabelecimento a nossa disposição. Decidiu-se que cada *sotnia* iria eleger seus representantes e foi fixado o dia da reunião.

Foi assim que, por ocasião de meu regresso dos trabalhos forçados, retomei contato com a vida ativa.

Pouco tempo depois, fui convidado pelos instrutores a assistir sua reunião privada. Travamos, antes de mais nada, um conhecimento mais amplo. Um deles era socialista-revolucionário, os outros, cerca de quinze ao todo, não pertenciam, em sua maioria, a partido nenhum. Depois, abordamos uma série de questões, tendo arrancado da inação instrutores que estavam, todavia, ardendo por tomar parte ativa na vida pública e procurando o caminho a ser seguido. Resolvemos agir em concordância e de constituir, no interesse dos camponeses e dos operários, um Comitê que substituísse aquele que era composto por oficiais e *koulaki*[2], eleitos não por todos os camponeses, mas unicamente pelos mais ricos dentre eles.

Dirigi-me logo em seguida para a reunião de nosso grupo, onde se discutiram meu relatório e sua impugnação por parte do camarada Kalinitchenko. Depois deste debate, foi resolvido empreender, a partir do dia seguinte, uma propaganda metódica entre os camponeses e os operários das usinas e das oficinas.

Não estando ainda organizados, estes não podiam constituir uma "Unidade territorial", de caráter anarquista, capaz de lutar utilmente contra o Comitê comunal e, querendo ou não, eram obrigados a se agrupar ao redor deste último. Era pois urgente proceder a novas eleições nesse Comitê. Era preciso, além disso, fazer uma propaganda intensa a favor da constituição da qual faríamos parte para nela exercer uma influência e levá-la assim a desconfiar do Comitê comunal, inspirado pelo governo de coalizão, e a estabelecer sobre ele seu próprio controle.

"Vejo aí, dizia eu aos camaradas, o meio de negar os direitos do governo de coalizão e o próprio princípio destes Comitês comunais. De mais a mais, se nossa ação nesse caminho for coroada de êxito, levaremos os camponeses e os operários a compreender esta verdade:

2. Camponeses ricos que exploravam os outros camponeses. (N. T.)

somente eles, conscientes de seu papel revolucionário, podem encarnar fielmente a idéia da autonomia, sem tutela dos partidos políticos ou do governo.

"É o momento mais propício para nós, anarquistas, de procurar praticamente, mesmo que a preço de muitas dificuldades e, quem sabe não poucos trâmites, a solução de toda uma série de questões de atualidade, da qual depende, de um modo ou de outro, a realização de nosso ideal.

"Deixar passar esse instante seria um erro imperdoável para nosso grupo que assim se afastaria da massa dos trabalhadores. Ora, aí está o que mais devemos recear; pois isto, num momento semelhante, equivaleria a desaparecer da luta revolucionária e talvez mesmo, em alguns casos — o que seria pior ainda — a obrigar os trabalhadores a abandonar nossas idéias a que cada vez mais acorrem e acorrerão se ficarmos entre eles, se marcharmos com eles para a luta e para a morte, ou para a vitória e para a felicidade".

Os camaradas disseram em tom de escárnio:

"Amigo, você se desvia da tática anarquista. Teríamos gostado de ouvir a voz de nosso movimento, assim como você nos convidava, você mesmo, quando de nosso primeiro encontro".

"É exato; devemos escutar esta voz e a escutaremos, se chegar a haver movimento. Mas ainda não o vejo. E todavia, sei que é preciso se por ao trabalho sem tardança. Eu lhes propus um plano de ação. Vocês o adotaram. O que nos resta então a fazer, senão nos pormos a trabalhar?"

Assim, semanas inteiras corriam em discussões estéreis. Todavia, cada um de nós, seguindo a decisão tomada, já tinha começado a trabalhar por sua parte, de conformidade com o plano adotado em comum.

2 | *Organização da União dos Camponeses*

Mais ou menos no meio da semana, os delegados eleitos pelos camponeses se reuniram na escola para discutir a eleição de um novo Comitê comunal.

Tínhamos preparado, para esta assembléia, com alguns dos instrutores, um relatório que um dentre eles, Korpoussenko, deveria ler. Esse relatório tinha sido brilhantemente concebido e bem redigido.

Os delegados dos camponeses, após acordo feito com os delegados dos operários das usinas, apresentaram uma moção requerendo novas eleições.

Respondendo ao desejo dos instrutores Lebedev e Korpoussenko, acrescentei a essa moção algumas palavras de introdução.

Os delegados voltaram para seus eleitores e estudaram com eles a citada moção e, quando ela foi aceita por eles, foi fixada a data das eleições.

Os membros de nosso grupo tinham, durante esse tempo, preparado os camponeses para a organização da União dos Camponeses.

Nesse momento chegou o camarada Krylov-Martynov, delegado do Comitê Regional da União dos Camponeses do partido socialista-revolucionário, com a intenção de organizar em Goulaï-Polé um Comitê da União dos Camponeses.

Também um antigo forçado, Krylov-Martynov se interessou por minha vida, veio a minha casa e, enquanto tomávamos chá, conversamos longamente. Acabou passando a noite sob meu teto.

Nesse meio tempo, pedi aos membros de nosso grupo que convo-

cassem uma reunião-*skhod* durante a qual seriam estabelecidas as bases da organização da União dos Camponeses.

Krylov-Martynov era bom orador. Apresentou aos camponeses um quadro atraente da luta futura dos socialistas-revolucionários para que as terras lhes fossem entregues sem indenização — luta essa que deveria ser efetuada na Assembléia Constituinte, cuja convocação era esperada dentro em breve. O apoio dos camponeses era indispensável para isto. Convidou-os pois a se agruparem numa União de Camponeses e a sustentar o partido socialista-revolucionário.

Esse discurso nos serviu de pretexto, a mim e a vários outros membros de nosso grupo, para expor nosso ponto de vista.

Eis o que eu lhes disse:

"Nós, anarquistas, estamos de acordo com os socialistas-revolucionários quanto à necessidade de vocês estarem organizados numa União dos Camponeses, mas não com vistas a servir de apoio ao partido socialista-revolucionário em sua futura luta oratória contra os S.D.[3] e os Cadetes[4], no seio da futura Constituinte, se algum dia ela for convocada!

"A organização de uma União dos Camponeses é, a nosso ver, necessária para permitir que estes espalhem o máximo de suas forças vivas na corrente revolucionária. Eles contribuirão, assim, para ampliar suas margens, escavar-lhe um leito mais profundo para que, desenvolvendo-se em plena liberdade, ela alcance toda sua amplitude e possa dar todos seus resultados!

"Esses resultados, para os camponeses, são, logicamente, sempre os mesmos: a possibilidade de os trabalhadores dos campos e das cidades — cujo trabalho de escravos e a inteligência artificialmente refreada servem de pedestal para o Capital e para essa ladroeira organizada que é o Estado — poderem passar sem qualquer tutela dos partidos políticos em sua vida e em sua luta pela liberdade, assim como de suas discussões no seio da Constituição futura.

"Os camponeses e os operários não devem mais se ocupar da Assembléia Constituinte. Ela é o inimigo dos trabalhadores dos cam-

3. Socialistas-Democratas.

4. Constitucionalistas-Democratas. (N. T.)

pos e das cidades. Seria na verdade criminoso de sua parte esperar disso sua liberdade e sua felicidade.

"Ela não é senão um jogo de azar para todos os partidos políticos. Perguntem pois a algum daqueles que freqüentam esse gênero de antros se, alguma vez, alguém saiu daí sem ter sido enganado? — Nunca! Ninguém!

"Os trabalhadores, camponeses e operários que para lá enviassem seus representantes seriam, também eles, enganados.

"Eles não devem, presentemente, nem pensar na Assembléia Constituinte, nem se organizar para sustentar partidos políticos, inclusive o partido socialista-revolucionário. Não! Os camponeses, assim como os operários, têm, para se ocupar, questões muito mais importantes. Devem preparar-se para o retorno de todas as terras, fábricas e usinas para a comunidade, e nessa base nova, construir uma vida nova.

"A União dos Camponeses de Goulaï-Polé, da qual estamos colocando aqui os alicerces, terá que trabalhar nesse sentido".

Nossa atitude não desencorajou de modo algum o delegado S.-R.[5] do Comitê regional da União dos Camponeses. Ele compreendeu estar de acordo conosco. E neste dia, 29 de março de 1917, a União dos Camponeses de Goulaï-Polé foi fundada.

Seu Comitê se compunha de 28 membros, todos eles camponeses; eu estava incluído neste número, apesar de meus reiterados pedidos. Eu estava com efeito bastante ocupado, então, em constituir o escritório de nosso grupo e na redação de sua Declaração. Em resposta à minha pergunta, os camponeses não acharam nada melhor do que propor minha candidatura em quatro setores, e em cada um deles fui eleito por unanimidade.

Assim foi formado o Comitê da União dos Camponeses, do qual fui eleito Presidente.

Procedeu-se, então, à inscrição dos membros. No espaço de quatro ou cinco dias, todos os camponeses, sem exceção, se inscreveram, salvo — naturalmente — os que eram proprietários.

---

5. Socialista-Revolucionário. (N. T.)

Estes últimos, defensores da propriedade privada de terras, separaram-se da massa dos trabalhadores, esperando formar um grupo distinto. Eles não conseguiram atrair para si senão os mais ignorantes de seus peões. Eles contavam agüentar até à Constituinte e obter a vitória com a ajuda dos S.D. (a essa altura, o partido social-democrata russo defendia ainda o direito de propriedade sobre as terras).

Na verdade, os trabalhadores camponeses não tinham necessidade alguma da adesão dos camponeses-proprietários. Viam nestes últimos inimigos hereditários e compreendiam que se tornariam inofensivos somente quando, por meio de uma expropriação forçada, suas terras fossem declaradas de propriedade da comunidade.

Ao exprimir esta última idéia em seu próprio meio, com uma convicção inabalável, os camponeses condenavam de antemão a Assembléia Constituinte.

Desse modo, a União dos Camponeses estava formada; mas, ela não abarcava todos os camponeses de sua comuna, pois certo número de propriedades rurais e de vilarejos não faziam parte dela. Essa circunstância a impedia de se pôr ao trabalho com suficiente entusiasmo para conduzir em seu rastro as outras comunas e, por meio de uma ação revolucionária organizada, retomar as terras aos *pomechtchiki* e ao Estado, antes de entregá-las à comunidade dos trabalhadores.

Aí está porque deixei Goulaï-Polé e empreendi, com o secretário do Comitê da União, uma viagem às aldeias e aos vilarejos, para neles criar Uniões de Camponeses.

Por ocasião de minha volta, prestei contas, ao grupo, do trabalho executado e insisti sobre o estado de espírito revolucionário que tinha encontrado por toda parte, o qual devíamos, a meu ver, sustentar com todas as nossas forças e dirigir com prudência e firmeza no caminho anarquista.

Todo mundo, em nosso grupo, ficou satisfeito com os resultados obtidos, cada um me informou daquilo que tinha feito dentro dessa ordem de idéias, da impressão que nossa propaganda intensiva fazia sobre os camponeses etc.

O camarada Krate, que era nosso secretário e tinha me substituído durante minha viagem, contou-nos da visita a Goulaï-Polé, em nossa ausência, de novos instrutores vindos de Alexandrovsk. Eles

tinham pronunciado discursos em favor da guerra e da Assembléia Constituinte, e tinham tentado fazer votar suas resoluções. Mas, os operários e os camponeses tinham-se recusado, com o pretexto de que se encontravam, no momento, num período de organização e que, por conseguinte, não podiam adotar nenhuma moção vinda de fora.

Todas estas manifestações de uma vida ativa e consciente nos inspiravam contentamento e confiança e sustentavam nosso ardor e nosso desejo de continuar incansavelmente nossa obra revolucionária.

3 | *Exame dos arquivos da polícia*

Nesse meio tempo, os prepostos à repartição da milícia de Goulaï-Polé, o alferes Koudinov e seu secretário, o antigo Cadete inabalável A. Rambievski, me convidaram a ajudá-los no exame dos arquivos da polícia.

Esses arquivos apresentavam um interesse todo particular e pedi a nosso grupo que me concedesse a ajuda de um camarada. Dava tamanha importância a esse trabalho, a ponto de estar disposto a abandonar momentaneamente toda e qualquer outra atividade. Alguns de meus camaradas, Kalinitchenko e Krate em particular, começaram a caçoar-me por eu desejar, conforme diziam, vir em auxílio dos chefes da milícia. Não foi senão depois de uma longa discussão que Kalinitchenko concordou que eu tinha razão, e ele próprio veio comigo. Nesses arquivos, encontramos documentos que revelavam que, entre os habitantes de Goulaï-Polé, tinham se infiltrado os irmãos Semenota e outros membros de nosso grupo, e o quanto esses cães tinham recebido por seus serviços.

Descobrimos, entre outros detalhes, que Pierre Charovski, antigo membro do grupo, era agente da polícia secreta, à qual tinha prestado numerosos serviços.

Comuniquei sobre todos estes documentos a nosso grupo. Infelizmente, todas as pessoas que estavam indicadas em tais documentos tinham sido mortas durante a guerra. Somente ficavam Sopliak e Charovski e os policiais Onichtchenko e Bougaev que, fora de suas horas de serviço, vestiam roupas civis e se insinuavam nos pátios e nos jardins para espiar todos aqueles que lhes pareciam ser suspeitos.

Anotamos os nomes daqueles que ainda estavam vivos, considerando que o momento de executá-los ainda não tinha chegado; por outro lado, três dentre eles, Sopliak, Charovski e Bougaev não se encontravam em Goulaï-Polé: tinham desaparecido pouco após a minha chegada.

Tornei público o documento que provava a culpabilidade de P. Charovski, que tinha entregue à polícia Alexandre Semenota e Marthe Pivel. Os documentos que diziam respeito aos três culpados ausentes foram mantidos secretos. Esperávamos que voltassem um dia e que poderíamos então prendê-los sem muita dificuldade. Quanto ao quarto deles, Nazar Onichtchenko, o governo de coalizão o tinha enviado para a frente de batalha, mas ele tinha conseguido, depois de pouco tempo, sair de lá, indo viver depois em Goulaï-Polé, sem se mostrar nas reuniões comunais nem nas assembléias.

Pouco após a publicação do documento que dizia respeito a Pierre Charovski, Nazar Onichtchenko me abordou no centro mesmo de Goulaï-Polé. Tratava-se deste mesmo policial que, por ocasião de uma investigação em minha casa, tinha permitido que minha mãe fosse revistada e que, quando ela protestara, a tinha esbofeteado.

Agora este cão, vendido de corpo e alma à polícia, precipitou-se a meu encontro e, tirando o boné de sua cabeça, exclamou, ao me estender a mão: "Nestor Ivanovitch! Salve!".

A voz, os gestos, a mímica desse Judas, provocaram em mim uma repugnância indizível. Comecei a tremer de ódio e gritei para ele, cheio de raiva: "Para trás, miserável, para trás, ou te mato!". Ele deu um salto para o lado e ficou branco como a neve. Inconscientemente, pus a mão no bolso, e empunhei febrilmente meu revólver, perguntando-me se devia matar aquele cão ali mesmo, ou se era melhor esperar.

A razão levou vantagem sobre a raiva e a sede de vingança.

Exausto, deixei-me cair numa cadeira, na entrada de uma loja que havia ali perto. O negociante se aproximou, cumprimentou-me e fez-me algumas perguntas que fui incapaz de compreender.

Pedi desculpas por ter ocupado sua cadeira e pedi que me deixasse tranqüilo. Dez minutos depois, pedi a um camponês que me ajudasse a voltar para o Comitê da União de Camponeses.

Tendo sabido de meu encontro com Onichtchenko, os membros de nosso grupo e os do Comitê da União exigiram a publicação do documento que provava que, além de ser policial (coisa que os camponeses sabiam muito bem, pois ele tinha prendido e batido em vários deles), era também agente da polícia secreta.

Todos os camaradas pediram, por sua vez, insistentemente, a comunicação desse documento para poder em seguida matar o culpado.

Opus-me a isso energicamente e pedi que eles o deixassem em paz no momento, fazendo-lhes notar que havia traidores mais perigosos, particularmente Sopliak que, segundo as provas que tínhamos em mão, era um especialista da espionagem. Ele tinha por muito tempo trabalhado em Goulaï-Polé e em Pologui entre os operários do Depósito e tinha contribuído para espionar o camarada Semenota.

Outro, Bougaev, era também um espião consumado. Ele ia e vinha por entre os camponeses e os operários, transportando, numa bandeja de madeira, biscoitos duros e água de *seltz* que vendia para eles. Foi visto especialmente no momento em que o governo do tzar tinha prometido um prêmio de 2.000 rublos a quem entregasse Alexandre Semenota. Mais de uma vez, Bougaev, sob disfarce, tinha desaparecido por semanas inteiras em companhia do comissário de polícia Karatchentz e de Nazar Onichtchenko. Abandonando seus postos oficiais, eles percorriam as vizinhanças de Goulaï-Polé ou os bairros de Alexandrovsk e de Ekaterinoslav. O comissário de polícia Karatchentz foi morto pelo camarada Al. Semenota no teatro de Goulaï-Polé, Bougaev, Sopliak e Charovski estavam vivos e estavam se escondendo em alguma parte nos arredores.

Eis porque ainda não se devia tocar em Nazar Onichtchenko. Era preciso armar-se de paciência e procurar pôr as mãos nos outros que, no dizer dos camponeses, se mostravam muitas vezes em Goulaï-Polé.

Mesmo pedindo aos camaradas para não hostilizar por enquanto Nazar Onichtchenko, disse-lhes que era importante apanhar todos esses cães para matá-los a seguir, que tais personagens eram prejudiciais a toda a comunidade humana. "Nada se pode esperar deles, sendo seu crime o mais horrível dos crimes, a traição. Uma verdadeira Revolução deve exterminá-los todos. Uma sociedade livre e solidária não precisa absolutamente de traidores. Todos eles devem perecer por suas próprias mãos ou ser mortos pela vanguarda revolucionária."

Todos os meus camaradas e amigos renunciaram, desde então, a desmascarar Nazar Onichtchenko sem demora, deixando para mais tarde sua execução.

4 | *Novas eleições do Comitê comunal — Idéia de controle*

Enquanto nosso grupo estava ocupado a preencher certas formalidades e a repartir o trabalho entre seus membros, numerosos (já éramos mais de 80) mas pouco enérgicos, e preparava a lista das publicações anarquistas russas e ucranianas das quais se devia ter assinatura, as novas eleições para o Comitê comunal de Goulaï-Polé tiveram início. Minha candidatura e a de certo número de meus camaradas foram novamente apresentadas pelos camponeses, e fomos eleitos.

Alguns dentre eles se abstiveram do voto, os outros tomaram parte das eleições, mas não votaram, na maioria dos casos, senão para os membros de nosso grupo ou para nossos partidários.

Apesar dos pedidos dos camponeses para ir representá-los no Comitê comunal, tive que renunciar a isso, não por princípio, mas porque ignorava a atitude dos anarquistas das cidades nessas eleições. Tinha procurado me informar, através do secretário de nossa Federação, junto aos de Moscou, mas ainda não tinha recebido resposta alguma.

Recusei, por outro lado, por uma razão muito mais importante: minha eleição legal no Comitê comunal teria criado embaraço para meus planos, sendo minha intenção a de orientar a atividade do grupo e dos camponeses em direção a uma diminuição do poder desses comitês.

Nosso grupo tinha aprovado meus planos e justamente para realizá-los é que tinha aceito a presidência do Comitê da União dos Camponeses.

Esses planos consistiam em unir o mais intimamente possível, numa compreensão prática da obra revolucionária, os trabalhadores camponeses ao nosso grupo e a não deixar penetrar os partidos políticos em suas fileiras. Era preciso, para isso, fazer-lhes compreender que os partidos, por muito revolucionários que fossem, no momento presente, iriam inevitavelmente matar toda iniciativa criadora no movimento revolucionário, se viessem dominar a vontade do povo. De mais a mais, era preciso chegar a mostrar-lhes a necessidade de tomar, sob seu próprio controle, sem perder um dia sequer, o Comitê comunal, organismo não revolucionário, e que atuava sob a égide do governo; isso, a fim de estar sempre instruídos em tempo sobre os procedimentos do Governo Provisório e não encontrar-se, no momento decisivo, isolados e sem informações precisas sobre o movimento revolucionário das cidades.

Enfim, devíamos fazer-lhes compreender que não tinham ninguém com quem contar em sua tarefa mais urgente: a conquista da terra e do direito à liberdade e à autonomia; e que eles deviam aproveitar do momento presente e da confusão em que se encontrava o governo, por causa da luta dos partidos políticos entre si, para realizar, em toda sua extensão, suas aspirações anarquistas e revolucionárias.

Eis aí, em grandes linhas, o plano de trabalho que propus ao grupo de Goulaï-Polé, desde minha volta de Moscou. Falei desse plano a todos os meus camaradas, suplicando-lhes para adotá-lo como base de ação para nosso grupo nos meios camponeses.

Foi, pois, em nome desses princípios que me decidi a abandonar diferentes exigências táticas adotadas pelos anarquistas nos anos de 1906-1907; durante esse período, com efeito, os princípios de organização foram sacrificados ao princípio de exclusividade; os anarquistas se aquartelavam em seus círculos que, à parte das massas, se desenvol-

viam anormalmente, se entorpeciam na inação e perdiam assim a possibilidade de intervir eficazmente quando dos levantes populares e das revoluções.

Todas as minhas sugestões foram aceitas por nosso grupo que, por meio de uma ação organizada, as desenvolveram mais ainda e as fizeram adotar, se não por todos os camponeses de Goulaï-Polé, pelo menos por considerável maioria. É bem verdade que isso exigiu do grupo vários meses. Iremos expor mais adiante, em todos os detalhes, sua atividade constante e fecunda, no decorrer das fases sucessivas da Revolução.

5 | *Papel dos instrutores — Nossa atividade no Comitê comunal*

Disse anteriormente que os instrutores do primário de Goulaï-Polé tinham-se reunido a nós desde meu primeiro discurso na reunião-*skhod* dos camponeses e dos operários; mas omiti de mencionar que o que os havia feito decidir a tal passo, era o fato de ter me ouvido dizer que era desonroso para os trabalhadores intelectuais permanecer inativos num momento de tamanha intensidade revolucionária, quando, se estávamos tendo tanto trabalho em lutar, era unicamente por causa da parte por demais fraca que eles tomavam na ação.

Desde então, puseram-se energicamente à obra. Participaram das eleições do Comitê comunal, foram designados como candidatos e finalmente foram eleitos. De catorze deles, seis o foram pelos camponeses.

Estes últimos tinham examinado, com os membros de nosso grupo anarquista-comunista, os favores prestados pelos intelectuais aos trabalhadores das cidades e dos campos, e perceberam que o papel dos instrutores do primário, na história do movimento revolucionário, compreendia três etapas distintas.

Assim, em 1900, os instrutores se puseram com ardor a instruir os iletrados, os miseráveis. Mas a reação de fins de 1905 interrompeu por cinco ou seis anos esse belo impulso de solidariedade. Seu trabalho nas aldeias periclitou. E não foi senão pouco antes da guerra mundial que voltaram a levantar a cabeça para, com nova fé e o coração cheio de esperança, retomar sua obra nas aldeias obscuras.

Mas a guerra mundial, atentado sangrento contra a civilização, fez com que abandonassem esse caminho. O patriotismo ganhou a maioria dentre eles mais do que teria sido preciso e o trabalho educativo foi sacrificado em proveito da guerra.

É bem verdade que, dos instrutores de Goulaï-Polé, somente três ou quatro passaram por essas três etapas; os outros eram jovens e não tinham tido o tempo de experimentar estas vicissitudes inevitáveis. Ora, todos aspiravam agora a trabalhar em comum com os camponeses e os operários. Alguns deles, A. Korpoussenko, T. Beloouss, Lébédev, T. Kouzmenko e M. A., apesar de não terem tido ainda nenhuma experiência revolucionária, nem por isso deixaram de procurar tornar-se úteis em toda parte que os camponeses e os operários, essa vanguarda da Revolução, achassem desejável sua ajuda. O fato de que os instrutores do primário não pretendiam, nos primeiros meses da Revolução, dirigi-los, permitiu-lhes aproximarem-se destes heróis obscuros da libertação e de trabalhar com eles. No início, os camponeses os trataram com certa desconfiança; mas quando os acontecimentos se precipitaram, todos eles foram tomados pelo entusiasmo, e se uniram para o triunfo da Revolução. Os camponeses e os operários os acolheram então em suas fileiras.

Aconteceu mesmo de os camponeses elegê-los em seus Comitês comunais. Nesse momento, a União dos Camponeses tinha estabelecido um controle sobre o Comitê de Goulaï-Polé. Esse controle era exercido por membros da União constantemente presentes no Comitê comunal. Lembro-me que, ao nos dirigirmos para lá, cinco de meus camaradas e eu mesmo temíamos que nossa aparição pudesse provocar um escândalo, e que, enquanto inspetores delegados pela União dos Camponeses, nos fosse fechada a porta na cara. Os políticos mais ardilosos entre os membros do Comitê, tais como os representantes dos mercadores, dos lojistas, e aqueles da comunidade judaica, que sabiam muito bem porque tinham entrado no Comitê comunal, acolheram-nos de braços abertos, declarando que, desde os primeiros dias

da Revolução, não pensavam senão em proceder em comum no domínio social com os camponeses; mas declaravam que não tinham encontrado até agora o meio prático de lhes mostrar tal coisa e de se fazer compreender por eles.

"E eis que, felizmente, os camponeses indicam, eles mesmos, o caminho a ser seguido", exclamou um desses falsos personagens; e, em nossa pessoa, aclamaram os camponeses!

Assim, seis membros da União entraram no Comitê comunal. Era preciso resistir nesse posto tão importante para a obra dos camponeses e não se deixar influenciar pelas idéias hostis às finalidades revolucionárias destes últimos. Os membros da União, mergulhados numa assembléia que, sem uma ordem do centro ou de um de seus agentes, S.-R., S.-D., ou Cadete, não davam um passo, deviam permanecer inabaláveis em suas convicções e manter uma atitude firme face aos problemas que eram colocados aos trabalhadores por seu papel ativo na Revolução, cujo único caráter político ainda se delineava neste momento. Todavia, a ação dos trabalhadores imprimia, de mês a mês, um caráter novo à Revolução, e podia-se esperar que ela não tardaria a se libertar dos quadros políticos do início.

Esse ponto reteve particularmente a atenção da União dos Camponeses, a julgar pelos relatórios do grupo anarquista-comunista, e por isso é que, ao enviar seus seis membros para o Comitê, a União lhes deu as seguintes instruções:

"A União dos Camponeses de Goulaï-Polé, delegando seis de seus membros para fazerem constantemente parte das reuniões do Comitê comunal e controlar sua política, julga que seria importante que os membros da União pudessem se pôr à testa da Seção agrária do Comitê comunal". (Resumos da União dos Camponeses, abril de 1917.)

Essa questão se colocava aos camponeses com grande acuidade; pois, as Seções agrárias dos Comitês comunais insistiam de maneira bastante peculiar junto aos camponeses, segundo as diretrizes, recebidas do centro, para que, enquanto esperavam que este problema fosse resolvido pela futura Assembléia Constituinte, eles continuassem a pagar o arrendamento aos *pomechtchiki.*

Os camponeses, ao contrário, consideravam que com o início da Revolução, que os tinha meio libertado politicamente, viesse a terminar sua escravidão e a exploração de seu trabalho pelos *pomechtchiki*

preguiçosos. Eis por que, mal organizados ainda e pouco preparados para a compreensão aprofundada dos problemas da retomada das terras aos *pomechtchiki,* aos conventos e ao Estado, e de sua volta para a comunidade, insistiram junto aos representantes da União para que viessem a ser investidos de funções na Seção agrária do Comitê. Pediram de modo insistente que as questões da Seção agrária fossem submetidas aos membros do grupo anarquista-comunista. Mas nós, membros deste grupo, conseguimos que não formulassem, no momento, tais desejos, por medo de provocar uma luta armada com as autoridades de Alexandrovsk. Decidimos, ao mesmo tempo, levar uma propaganda intensiva até Goulaï-Polé e região, para conduzir os camponeses a exigir do Comitê comunal a supressão da Seção agrária e o direito de organizar Comitês agrários autônomos.

Essa idéia foi aceita por eles com entusiasmo. Todavia, chegou do centro uma ordem, declarando que as Seções agrárias faziam parte dos Comitês comunais e que era expressamente proibido suprimi-las, mas que se deveria, daí por diante, designá-las pelo nome de Departamentos agrários [6]. Agindo no Comitê comunal de conformidade com as diretrizes da União dos Camponeses, conseguimos colocar o Departamento agrário sob minha direção. Na mesma época, com o apoio dos camponeses da União e do próprio Comitê comunal, e de acordo com o grupo anarquista-comunista, tornei-me por algum tempo o diretor efetivo deste Comitê.

Foi unicamente por causa de minha influência que nosso grupo se empenhou neste caminho perigoso. Tomei esta decisão depois de ter constatado, pela leitura dos jornais e das revistas anarquistas, durante os dois primeiros meses da Revolução, que não existia preocupação alguma entre eles, em criar uma formação poderosa, capaz, depois de ter conquistado as massas, de mostrar seus dons de organização no desenvolvimento e na defesa de uma Revolução em seus inícios. Via o movimento que me era caro, dividido, como no passado, e me propus a tarefa de reunir os grupos distintos numa ação comum, sob o impulso do grupo anarquista-comunista de nossa aldeia escravizada, tanto mais que, nesse momento, eu já estava notando, entre os propagandistas das cidades, certo desprezo pelos ambientes camponeses.

---

6. Veremos mais adiante que os Departamentos agrários foram, dois meses mais tarde, denominados, pelas próprias autoridades, Comitês agrários.

6 | 1º de maio — A questão agrária vista pelos camponeses

1.º de maio de 1917. Há dez anos que não podia tomar parte nessa festa operária; foi por isso que quis dar uma animação especial — na sua organização — à propaganda entre os camponeses, os operários, e os soldados do destacamento de metralhadores.

Reuni os documentos que diziam respeito a tudo aquilo que tinha sido feito pelos operários das cidades nos últimos dias de abril e os coloquei à disposição dos camaradas que poderiam ter que se servir deles para instruir os camponeses, os operários e os soldados.

O comandante do 8.º regimento sérvio enviou-nos uma delegação para nos informar do desejo de seu regimento de participar dessa festa operária, lado a lado dos trabalhadores de Goulaï-Polé.

Não é preciso dizer que não nos opusemos a este desejo. Permitimos, mesmo, que o regimento se apresentasse em uniforme de campanha, pois contávamos com nossas forças, suficientes, pensávamos, para desarmá-lo, se fosse o caso.

A manifestação teve início nas ruas de Goulaï-Polé, a partir das 9 horas da manhã. O ponto de reunião dos participantes era a praça do Mercado, atualmente Praça das Vítimas da Revolução.

Pouco tempo depois, os anarquistas trouxeram novas sobre o movimento dos dias 18 a 22 de abril, do proletariado de Petrogrado, que exigia do governo a demissão de dez ministros capitalistas e a entrega do poder aos Sovietes dos Deputados camponeses, operários e soldados, e que tinha sido esmagado pela força armada. Essa notícia transformou o caráter da manifestação, que se tornou hostil ao "Governo Provisório" e aos socialistas que dele participavam.

O comandante do 8.º regimento sérvio fez precipitadamente reconduzir seus homens a seus acantonamentos. Uma parte do destacamento de metralhadores declarou-se solidária aos anarquistas e entrou nas fileiras entre os manifestantes. Estes eram tão numerosos que, quando foi votada a resolução: "Abaixo o governo, abaixo todos os partidos prontos a nos infligir esta humilhação", resolveram sair pelas ruas entoando "a marcha dos Anarquistas". O desfile, em fileiras cerradas de 6 a 8 pessoas, durou mais de cinco horas. A hostilidade contra o governo e seus agentes era tão generalizada que os políticos do Comitê comunal e os oficiais do destacamento de metralhadores — exceção feita, todavia, de dois oficiais particularmente amados pelos soldados, o anarquizante Pevtchenko e Bogdanovitch, o artista — procuraram refúgio no Estado-Maior, e a milícia que, desde sua criação, ainda não tinha efetuado nenhuma prisão, desapareceu de Goulaï-Polé.

Os anarquistas expuseram o caso dos *Mártires anarquistas de Chicago,* diante da massa dos manifestantes, que homenagearam sua memória ajoelhando-se, e depois pediram aos anarquistas para levá-los imediatamente ao combate contra o governo, seus funcionários e toda a burguesia.

O dia transcorreu, todavia, sem violências. As autoridades municipais de Alexandrovsk e de Ekaterinoslav já tinham, neste momento, sua atenção atraída para Goulaï-Polé e não desejavam senão nos provocar prematuramente para o combate.

Todo o mês de maio foi consagrado a um trabalho intenso nos Congressos de camponeses de Alexandrovsk e de Goulaï-Polé. No Congresso de Alexandrovsk, anunciei que os camponeses da comuna de Goulaï-Polé não desejavam confiar a obra revolucionária aos Comitês comunais e tinham o de sua aldeia sob seu controle. E deixei clara qual deveria ser a maneira pela qual isso deveria ser feito.

Os delegados dos camponeses, nesse Congresso, aclamaram os de Goulaï-Polé e prometeram seguir seu exemplo. Os S.-R. que também assistiram a tal Congresso, ficaram satisfeitos; mas, os S.-D. e os Cadetes fizeram notar que o ato dos camponeses de Goulaï-Polé para com os Comitês comunais estava em contradição com a nova política geral do país, que aí estava um perigo, de algum modo, para a Revolução, sendo tal controle sobre as organizações locais estabelecidas uma diminuição do prestígio dos poderes locais.

Um dos camponeses exclamou: "Isto é exato. É precisamente o que desejamos! Faremos tudo que está em nosso poder para enfraquecer, cada um em seu meio, os Comitês comunais em suas pretensões governamentais, até que os tenhamos adaptado a nosso ideal de justiça e levado a admitir nosso direito à liberdade e à independência na retomada das terras aos *pomechtchiki*".

Esta declaração, vinda das fileiras dos delegados camponeses, foi suficiente para acalmar os S.-D. e os Cadetes; pois, eles sentiam que, se se arriscassem a combatê-la, os delegados camponeses teriam abandonado o Congresso, e eles não desejavam absolutamente permanecer sozinhos na cidade vazia. Esperavam ainda, com efeito, neste momento da Revolução, poder conter a vaga revolucionária dos trabalhadores.

O Congresso de Alexandrovsk terminou por uma ordem do dia que restabelecia as terras para os camponeses, sem indenização, e um comitê local foi eleito. Os S.-R. se regozijaram por esta decisão, os S.-D. e os Cadetes ficaram furiosos por causa dela.

Os delegados dos camponeses, ao voltarem para suas casas, combinaram organizar, eles mesmos, sem a ajuda desses "ladradores" políticos, uma aliança entre as aldeias para empreender uma luta armada contra os *pomechtchiki*. "Sem o que, diziam eles, a Revolução soçobrará e ficaremos outra vez sem terras".

Quando Chramko e eu voltamos do Congresso, e expusemos seus resultados para a União dos Camponeses, estes manifestaram muito pesar por nos ter enviado para lá, dizendo: "Melhor teria sido não tomar parte neste Congresso, mas realizar um aqui entre nós, em lugar do que foi realizado, aqui em Goulaï-Polé, para ele convocando os delegados das comunas do distrito de Alexandrovsk. Estamos persuadidos de que aqui teríamos mais rapidamente obtido satisfação na questão da terra e de sua atribuição para a comunidade. Mas, é muito tarde. Esperemos que o Comitê da União dos Camponeses torne conhecido nosso ponto de vista sobre este problema, não somente aos camponeses do distrito de Alexandrovsk, mas igualmente aos dos distritos próximos, de Pavlograd, Marioupol, Berdiansk e Melitopol, a fim de que se saiba que nós não nos contentamos com ordens do dia: é de atos que precisamos!"

Essa declaração provocou o voto de uma resolução pela União dos Camponeses, na qual se dizia que: "Os camponeses da região de

Goulaï-Polé consideravam como de seu direito mais absoluto proclamar as terras dos *pomechtchiki,* dos conventos e do governo, como de propriedade da comunidade e decidiam passar para a ação num futuro próximo". Todos eram convidados a preparar esse ato de justiça, e a realizá-lo.

Esta voz foi ouvida muito além dos limites do departamento de Ekaterinoslav. As delegações de outros departamentos começaram a chegar em Goulaï-Polé. Isto durou várias semanas. Enquanto Presidente da União dos Camponeses, elas não me deixaram descanso algum. Alguns camaradas, pertencentes a outros grupos, me substituíram nos assuntos de rotina, ao passo que eu me ocupava dos delegados, aconselhando uns, instruindo outros, explicando como deveriam agir para fundar Uniões de Camponeses, para a retomada das terras e para organizar, segundo o desejo dos camponeses, comunas agrárias ou a partilha destas terras entre os necessitados. Quase todos eles me disseram: "Seria bom que vocês, em Goulaï-Polé, começassem primeiro".

Perguntei-lhes por quê. A resposta foi sempre a mesma: "Nós não temos organizadores. Lemos pouco, quase nada chega até nós. Nós ainda não recebemos a visita de propagandistas e nem teríamos jamais lido as proclamações de vossa "União" e do grupo comunista-anarquista, se nossos filhos não as tivessem enviado para nós das minas de Uzowo".

Ao ouvir esta queixa das aldeias escravizadas, sofria e me enraivecia, pensando nos camaradas que tinham permanecido nas cidades, esquecidos das aldeias. É no entanto delas que dependia em grande parte, na Rússia e na Ucrânia, o futuro da Revolução, da qual o Governo Provisório já tinha começado a afrouxar o ardor apossando-se e substituindo sua evolução criadora entre os trabalhadores dotados de consciência política, por programas escritos, absolutamente vazios e inutilizáveis.

E quanto mais esse pensamento me torturava, mais eu punha ardor em ir para adiante, penetrando, juntamente com outros camaradas do grupo, nos cantos mais afastados, abandonando momentaneamente todo e qualquer trabalho em Goulaï-Polé, para ensinar aos camponeses a verdade sobre sua situação e sobre a situação da Revolução que, se não lhe trouxessem novas forças ativas, estaria gravemente arriscada a soçobrar. Passei assim muitos dias longe de Goulaï-Polé.

Eu me sustentava pela esperança de ver voltar para a Rússia P. A. Kropotkin[7]; ele, sim, teria sabido atrair a atenção de todos os camaradas sobre as aldeias escravizadas. E depois, quem sabe, o tio Vania (Rogdaev) voltaria também, talvez; ele que, no tempo do czarismo, tinha sido tão ativo na Ucrânia; enfim, se Rochtchin e outros, menos conhecidos, mas também empreendedores, voltassem, nossa obra poderia, enfim, desenvolver-se em toda a extensão.

As massas dos trabalhadores receberiam resposta às questões que as preocupavam. A voz anarquista ressoaria nas aldeias escravizadas que se agrupariam, todas elas, em volta de nossa bandeira, na luta contra o poder dos *pomechtchiki* e dos donos de usinas, para um mundo novo de liberdade, de igualdade e de solidariedade entre os homens.

Eu acreditava nesta idéia até ao fanatismo, e, em seu nome, absorvia-me cada vez mais na vida das massas, procurando ardorosamente levar o grupo anarquista-comunista de Goulaï-Polé a fazer o mesmo.

7 | *A greve operária*

Nos primeiros dias do mês de junho, os anarquistas de Alexandrovsk me convidaram para uma conferência que tinha por finalidade a reunião de todos os anarquistas de Alexandrovsk numa Federação. Dirigi-me para lá no mesmo dia. Todos eles eram trabalhadores manuais ou intelectuais. Dividiam-se em anarquistas-comunistas e anarquistas-individualistas; mas essa divisão era puramente formal; na realidade, todos eram anarquistas-comunistas-revolucionários e, a esse título, me eram caros como irmãos bem-amados e os ajudei o melhor que pude a unirem-se numa Federação. A Federação criada, eles ini-

7. Pierre [Piotr] Alexievitch Kropotkin (1842-1921). (N. T.)

ciaram imediatamente a organizar os operários e exerceram, durante certo tempo, grande influência sobre os ditos operários.

À minha volta para casa, os operários da União profissional dos metalúrgicos e dos trabalhadores de madeira de Goulaï-Polé pediram-me para ajudá-los a formar uma União e de, eu mesmo, inscrever-me nela. Quando isto foi feito, eles pediram para que eu tomasse o comando da greve que estavam prevendo.

Estava eu assim completamente monopolizado, de um lado pelos camponeses, de outro pelos operários, uns e outros reclamando minha ajuda. Entre os operários, alguns contudo estavam mais informados do que eu sobre as questões industriais, o que me deixava bastante feliz. Aceitei dirigir a greve esperando, durante esse tempo, atrair para nosso grupo esses simpáticos camaradas. Um deles, V. Antonov, era S.-R., os outros não pertenciam a partido algum; entre estes últimos, os dois mais enérgicos eram Séreguin e Mironov.

Antes de declarar a greve, os operários das duas fundições, os dos moinhos e os das oficinas dos *koustari* [8] organizaram uma reunião e me pediram para elaborar, redigir e apresentar seus cadernos de reivindicações junto aos patrões, por intermédio do Soviete da União profissional. No decorrer dessa Assembléia e durante a elaboração das reivindicações, pude me aperceber que os camaradas Antonov, Séreguin e Mironov já estavam trabalhando há longo tempo, enquanto anarquistas, nos Comitês das Usinas. O primeiro, isto é, Antonov, era presidente do Soviete dos Deputados operários. E se estes camaradas não tinham entrado em nosso grupo, era unicamente porque eles estavam sobrecarregados de trabalho nas usinas. Protestei: desde minha volta dos trabalhos forçados, com efeito, tinha pedido que o grupo fosse sempre mantido informado do trabalho de todos os seus membros. Convidava pois com insistência esses camaradas a entrar para nosso grupo e a trabalhar daí por diante, em seus Comitês de usinas, e, de um modo geral, entre os operários, de acordo com as diretrizes. Eles se renderam a minhas razões e aliaram-se a nós.

Juntos, convocamos todos os patrões e lhes apresentamos as reivindicações dos operários: um aumento de salários de 80 a 100%.

Tal exigência provocou um verdadeiro furor de sua parte, e os

8. Pequenos industriais que trabalhavam a domicílio. (N. T.)

patrões recusaram categoricamente aumentar os salários em tal proporção. Demos-lhes um dia para refletirem. Durante esse dia, os operários continuaram seus trabalhos nas oficinas e nas usinas. No dia seguinte, os patrões vieram ao Soviete da União profissional com contra-propostas consentindo em um aumento de 35 a 40%.

Consideramos esta oferta como uma ofensa direta aos operários e, depois de longas discussões e de injúrias recíprocas, convidamos os patrões a refletirem por mais um dia.

Os patrões e alguns de seus representantes, que conheciam de cor os estatutos das Uniões profissionais e que eram socialistas em suas almas, mas que tinham atrás de si os dirigentes das usinas, retiraram-se depois de nos terem garantido que no dia seguinte eles não voltariam com percentagens mais elevadas das que haviam proposto desta vez.

Convocamos imediatamente os membros dos Comitês de usinas e os representantes das oficinas, a fim de estudar o meio de fazer cessar o trabalho em toda a parte, no momento exato em que, depois de terem chegado, no dia seguinte, no Soviete da União profissional sem novas proposições, os patrões voltaram para suas casas. Foi decidido que o Soviete deveria colocar um homem de confiança na estação telefônica central, para interligar instantaneamente todos os postos telefônicos ao meu, a fim de que os patrões, ao voltarem do Soviete para as usinas e para as oficinas, fossem recebidos pelos operários tendo eles cessado todo trabalho.

Propus aos membros do Soviete e dos Comitês de usinas um plano de expropriação de todos os capitais existentes nas empresas particulares e no Banco do Goulaï-Polé. Eu tinha certeza de que não poderíamos conservar essas empresas em nossas mãos; que, imediatamente, os Comitês comunais e os comissários do governo enviariam regimentos que, para não serem enviados para a frente alemã, fariam com que o governo os visse claramente fuzilar os melhores militantes operários, a começar por mim.

Mas era importante, a meu ver, tentar desde esse momento pôr em prática a idéia da expropriação das instituições capitalistas, enquanto o Governo Provisório ainda não tinha tido tempo de refrear completamente os trabalhadores e de dirigi-los dentro do caminho contra-revolucionário.

Entretanto, a maioria dos membros da União profissional e dos Comitês de usinas pediram-me repentinamente para não submeter esse projeto à massa operária, argüindo que nós mesmos ainda estávamos mal preparados para essa ação e estaríamos em desvantagem, não fazendo, assim, senão prejudicar sua realização ulterior no momento em que, finalmente, os operários estivessem preparados para tanto, por nós.

Após longas discussões, os membros do grupo chegaram às mesmas conclusões, dizendo que, aplicando imediatamente minhas proposições, quando os camponeses não podiam praticamente sustentar, de sua parte, os operários pela expropriação das terras dos *pomechtchiki,* nós nos arriscaríamos a fazer um erro irreparável. Esses argumentos me abalaram, e não insisti mais, mas mantive com firmeza a idéia de tomar minha proposição como base de trabalho para os Comitês de usinas no preparo dos operários para a realização da expropriação num futuro próximo, garantindo-lhes que os camponeses estavam do mesmo modo refletindo sobre esta questão. Disse-lhes que devíamos consagrar todos nossos esforços para coordenar as tendências dos camponeses e as dos operários.

Minha sugestão, dessa vez, foi aceita e fui eleito presidente da União profissional e da Caixa de Socorro aos doentes. Antonov foi especialmente escolhido para me secundar e me substituir, caso eu estivesse sobrecarregado de tarefas nas outras organizações.

Do mesmo modo, os camponeses associaram a mim um camarada que pudesse me substituir. Uns e outros, porém, fizeram questão que as iniciativas sempre viessem de mim e que os fios condutores dessas diversas instituições sempre estivessem em minhas mãos.

Os patrões das usinas, dos moinhos e das oficinas voltaram para o Soviete da União profissional com as mesmas opiniões e desejos da véspera. Após duas horas de discussão, eles estenderam sua magnanimidade até conceder um aumento de salários de 45 a 60%.

Declarei, então, enquanto Presidente da reunião, que todo tipo de conferência entre nós estava rompido. "O Soviete da União profissional me deu plenos poderes para tomar a direção de todas as empresas públicas dirigidas por vós, cidadãos, mas não vos pertencendo de direito; nós nos explicaremos convosco nas ruas, diante de cada uma das empresas. Encerro a sessão!"

Reuni todos os meus papéis e me dirigi para o telefone. Neste

momento, o patrão da usina mais importante de Goulaï-Polé, Michaïl Borissovitch Kerner, levantou-se e exclamou: "Nestor Ivanovitch, você teve pressa demais em interromper a sessão. Considero que as reivindicações dos operários são plenamente justificadas. Eles têm direito a que as satisfaçamos e, de minha parte, vou aderir imediatamente".

Os outros patrões, e especialmente seus representantes, exclamaram indignados: "Michaïl Borissovitch, o que está fazendo o senhor?".

"Não, não, senhores! Os senhores, os senhores farão como quiser, mas eu, eu me comprometo a satisfazer as reivindicações de meus operários", respondeu M.-B. Kerner.

Pedi que fosse restabelecida a calma e perguntei: "Cidadãos, vocês sempre foram partidários da ordem e da legalidade. É por acaso legal reabrir a sessão sobre a questão que motivou seu fechamento?" "Certamente! Certamente!", responderam os patrões e seus representantes.

"Declaro então aberta a sessão, e convido-vos a assinar, todos, um aumento de salários de 80 a 100%". E estendi-lhes os textos já prontos. Depois, esgotado de fadiga e pela tensão nervosa, pedi ao camarada Mironov para me substituir por um momento e fui descansar numa outra sala.

Meia hora depois, voltei e encontrei os patrões ocupados a assinar os textos propostos por mim.

Quando tudo terminou e eles deixaram a sala, comuniquei pelo telefone nossa vitória aos camaradas operários de todas as empresas, anunciando que os patrões tinham assinado e aconselhando-os a permanecer no trabalho até à noite, prometendo-lhes que na mesma noite alguns membros do Soviete da União profissional viriam contar-lhes detalhadamente sobre esse sucesso comum.

Desde então, os operários de Goulaï-Polé e dos arredores tomaram todas as empresas, nas quais eles trabalhavam, sob seu controle, estudando o lado econômico e administrativo da questão e preparando-se para tomar sua direção efetiva.

A partir deste dia, Goulaï-Polé atraiu particularmente a atenção do Comitê comunal de Ekaterinoslav, da "Selianskaïa Spilka" chauvinista da Ucrania, do Soviete dos Deputados operários, camponeses e

soldados, e do Comitê local industrial, sem falar das organizações de Alexandrovsk, nas quais os agentes do "governo de coalizão" eram senhores. As visitas a Goulaï-Polé dos instrutores, organizadores e propagandistas destas localidades se tornaram mais freqüentes. Mas todos eles se foram daí sem ter obtido resultados, vencidos pela ação dos camponeses e operários anarquistas.

8 | *Alguns resultados*

Voltemos ao Comitê comunal e vejamos aquilo que nós, delegados da União dos Camponeses, pudemos realizar na região, sob sua autoridade.

Em primeiro lugar, depois de ter assumido as funções do Departamento agrário, esforçamo-nos para tornar o Departamento dos víveres igualmente uma unidade independente, e quando, a um certo momento, conquistei todo o Comitê comunal, alguns de meus camaradas deste Comitê e eu mesmo, pedimos a supressão da milícia, o que pudemos obter por conseqüência de uma intervenção do centro. Retiramos-lhe então o direito de arresto e de busca sem ordens, e limitamos assim seu papel ao de correio do Comitê comunal.

Reuni em seguida todos os *pomechtchiki* e os *koulaki,* e retomei todos os arranjos escritos que diziam respeito às terras adquiridas por eles. A partir desses documentos, o Departamento agrário fez o recenseamento exato de todas as propriedades das quais dispunham os *pomechtchiki* e os *koulaki* em suas vidas ociosas.

Organizamos, nos Soviete dos Deputados operários e camponeses, um Comitê dos *batraki*[9] e criamos um movimento *batrak* contra os *pomechtchiki* e os *koulaki,* seus exploradores.

---

9. Criados de propriedades arrendadas. (N. T.)

Estabelecemos um controle eficaz dos *batraki* sobre suas propriedades, preparando-os assim a se unirem aos camponeses com vistas a uma ação comum no dia em que a minoria dos proprietários fosse expropriada em proveito da massa dos trabalhadores.

Depois disso, cessei de considerar o Comitê comunal como uma instituição por meio da qual se pudesse, dentro dos quadros das leis existentes, obter legalmente o que quer que fosse de utilidade para o desenvolvimento da Revolução entre os camponeses das aldeias escravizadas.

Depois de ter me posto de acordo com alguns camaradas, propus a todo o grupo para estabelecer o princípio da obrigação, por parte de todos os membros, de efetuar, entre os camponeses e os operários, uma propaganda para convencê-los a procurar modificar, por todos os meios, a fisionomia de todos os Comitês comunais, que menos estavam se conformando à vontade e ao direito dos camponeses e dos operários, que a uma ordem qualquer de um comissário do governo. "Com efeito, dizia eu, esses Comitês, enquanto unidades territoriais dependentes do governo, não podem ser unidades revolucionárias que agrupam à sua volta as forças vivas da Revolução. Com seu desenvolvimento, eles devem desaparecer; as massas proletárias irão dissolvê-los. A Revolução social o exige."

"Já que nossos olhares estão voltados para ela, devemos, desde já, agir em nome de seus princípios e ajudar os camponeses e os operários a trabalhar nesse sentido. Os Comitês comunais não podem nem devem ignorar a vontade de seus eleitores. Todas as suas decisões, a mesmo título que as ordens do governo, devem ser submetidas a todos os cidadãos, nas reuniões-*skhod,* para serem, nessas ocasiões, aprovadas ou rejeitadas.

"Estamos atualmente, dizia eu ao grupo, então, no fim de junho, isto é, a um terço do ano da Revolução. Não é senão desde esta época que nós, camponeses e operários anarquistas, trabalhamos legalmente entre os trabalhadores oprimidos. Parece-me que nesse pouco tempo já obtivemos alguns resultados. Trata-se agora de tirar, de tais resultados, alguns ensinamentos e, depois disso, pormo-nos novamente em ação, indicando claramente a finalidade de nosso movimento. Isto deve ser feito fora do Comitê comunal.

"Estamos atualmente em relação com toda uma série de regiões

sobre as quais exercemos nossa influência; naquela de Kamychévat, em particular, a iniciativa pertence inteiramente a nossos camaradas. Essa região já respondeu a nosso pedido de sustentar nossa luta contra o Comitê local de Alexandrovsk. Seu representante, o camarada Doudnik, está nos visitando pela terceira vez, a fim de coordenar a atividade dos camponeses de sua região e da dos camponeses de Goulaï-Polé.

"Dia após dia, os trabalhadores das outras regiões escutam com mais atenção e interesse a voz de Goulaï-Polé e se organizam segundo seus princípios, apesar da oposição dos S.-R., S.-D. e dos Cadetes. (Ainda não havia, nesse momento, bolchevistas nas aldeias.)

"Um estudo aprofundado da Revolução nesses quatro meses nos mostra que já é tempo de dirigir nossa atividade num sentido determinado e de opô-la diretamente à dos políticos — a direita já no poder, a esquerda com tendência a isto; pois, os socialistas da direita e a burguesia, monopolizando a Revolução, levam-na para um impasse. Mas por outro lado, desde os primeiros dias, é evidente para nós, que trabalhamos nos campos escravizados, que a aldeia ucraniana ainda não tinha tido o tempo de se libertar por completo da escravidão e de compreender o sentido real da Revolução. Mal começa a sentir que o pesado jugo secular está abalado, e já começa a procurar os caminhos para sua alforria completa, econômica e política e, por aí mesmo, chama a anarquia em seu socorro. Seria fácil deixar de ver as necessidades da aldeia escravizada, e não se apressar para vir em sua ajuda: seria suficiente adotar o ponto de vista da maioria de nossos camaradas das cidades, e de dizer, com eles, que a aldeia é sectária para a volta do regime burguês, capitalista etc. Mas eu creio firmemente que não chegaremos até lá. Vimos nossa aldeia em ação e afirmamos que, nas fileiras dos camponeses, houve, e há, elementos revolucionários; é suficiente ajudá-los a se libertar do garrote do Estado que lhes foi traiçoeiramente imposto pelos políticos.

"Uma ajuda eficaz não lhes pode ser dada senão pelos anarquistas-revolucionários. Nosso movimento nas cidades, no qual nossos pioneiros colocavam uma esperança exagerada, é evidentemente por demais fraco para um problema de tão grande envergadura e que poderia trazer conseqüências igualmente graves. Estou certo que há, entre nós, pessoas que podem fazer grandes coisas. Mas são pouco numerosas aquelas que são capazes de tomar sobre si a responsabilidade dessas grandes coisas. Podem ser contadas. Muitos dos camaradas

já fugiram, e fogem ainda diante do trabalho responsável ou que demanda um esforço elevado. É o fenômeno que provoca e mantém a desorganização em nossas fileiras. Oh! Como é perigosa para nós esta desorganização! Nada lhe pode ser comparado. Com efeito, por causa dela, nossas melhores forças estão malbaratadas e isso mesmo atualmente, durante a Revolução, gastando-se muitas vezes em pura perda e sem proveito algum para nosso movimento. Esse fenômeno sempre nos importunou, a nós anarquistas, mas hoje em dia sofremos por causa disso mais do que nunca; ele nos impede de ter uma organização poderosa, indispensável para representar um papel positivo. Somente ela, portanto, poderia permitir-nos responder ao grito de sofrimento da Revolução; ora, o apelo que hoje lança a aldeia escravizada traduz justamente esse grito de sofrimento; e se nós, anarquistas, estivéssemos organizados, teríamos ouvido este grito, e teríamos respondido a tempo.

"É penoso e doloroso abordar este assunto, mas é indispensável. Aqueles dentre nós, camaradas, que não se esquecem da finalidade essencial da Revolução para se perderem em teorias nebulosas e estéreis, mas que procuram com sinceridade os meios de ação mais eficazes para elevar o mais possível nosso ideal revolucionário e fazê-lo passar, desde já, na vida das massas, [illegible] nunca cessarão de protestar contra a desorganização, pois eles compreendem seu imenso perigo. Mas protestar não basta. É preciso agir, e agir incansavelmente, sem todavia negligenciar-se na constante elevação de nosso ideal e, especialmente, sem impedir seu desenvolvimento junto aos outros. Tal espírito secundará o ideal anarquista e permitirá criar uma organização que colocará nosso movimento no bom caminho".

9 | *A luta contra o arrendamento*

Estávamos no mês de julho. Os camponeses da região de Goulaï-Polé se recusaram a pagar, aos *pomechtchiki* e aos *koulaki*, a segunda

parte do arrendamento, esperando, depois da colheita, retomar-lhes as terras sem entrar em discussão nem com eles, nem com as autoridades que os protegiam, repartindo-a em seguida entre todos aqueles, camponeses e operários, que quisessem cultivá-la.

Várias comunas seguiram o exemplo de Goulaï-Polé.

As autoridades de Alexandrovsk e seus agentes socialistas, constitucionalistas e democratas inquietaram-se seriamente com isso. Com a cooperação técnica e financeira dos Comitês comunais e do comissário do governo, as comunas revolucionárias foram infestadas de propagandistas-agitadores, que convidavam os camponeses a não abalar o prestígio do Governo Provisório que, diziam eles, tomava a peito, profundamente, sua sorte e tinha a intenção de convocar, num futuro muito próximo, uma Assembléia Constituinte. Esperando que essa Assembléia "competente" fosse convocada, e que ela tivesse emitido sua opinião sobre a reforma agrária, ninguém podia legalmente atentar contra o direito de propriedade dos *pomechtchiki* e dos outros detentores das terras. E prematuramente, por ordem vinda do alto, os Departamentos agrários foram batizados de Comitês agrários e se separaram dos Comitês comunais, constituindo, assim, unidades independentes. Receberam o direito de tomar antecipadamente dos camponeses o preço do arrendamento pelas terras alugadas por eles aos *pomechtchiki* e aos *koulaki*. Eles deviam conduzir o dinheiro recebido para o Comitê agrário do distrito que devia, por sua vez, remetê-lo aos proprietários das terras.

Os propagandistas-agitadores dos diferentes partidos levaram seu cinismo ao ponto de garantir aos camponeses que os *pomechtchiki* e os *koulaki* ainda tinham fortes impostos a pagar: "Nosso governo revolucionário, disseram eles, exige o pagamento, e os pobres *pomechtchiki* não podem tomar o dinheiro senão dos camponeses aos quais eles alugam suas terras".

A luta entre o grupo anarquista-comunista e a União dos Camponeses de um lado, e os agentes agitadores, sustentados pelos funcionários do governo e pela burguesia agrária, industrial e comercial, de outro lado, tomou um caráter encarniçado.

Nas reuniões-*skhods*, convocadas por ordem dos comissários do governo, os camponeses faziam cair abaixo das tribunas os propagandistas inspirados pelo Governo Provisório e os matavam a pancadas

por seus discursos odiosos, enfeitados hipocritamente de frases revolucionárias, que tinham como finalidade única desviar os camponeses de seu verdadeiro alvo: a retomada das terras, seu bem secular.

Em algumas localidades, os camponeses, induzidos em erro, reuniram seus últimos copeques para pagar seus arrendamentos aos proprietários ferozes que a Igreja, o Estado e o governo mantinham a seu soldo. Mas, mesmo aqueles que tinham sido enganados não perdiam as esperanças de vencer seus inimigos. Escutavam com tanto mais atenção o chamado do grupo dos camponeses anarquistas-comunistas e de sua União que os exortavam a "não ceder e a se prepararem com vigor para uma luta mais rude".

Eis o que disse a vários milhares de trabalhadores, reunidos num encontro-*skhod,* por aqueles dias, em Goulaï-Polé, inspirando-me na idéia diretriz de um apelo lançado pelo grupo anarquista-comunista e pela União dos Camponeses, organizações em nome das quais eu falava:

"Trabalhadores! Camponeses, operários, e você, trabalhador intelectual que permanece isolado de nós! Viram vocês todos como, no decorrer de quatro meses, a burguesia soube se organizar e atrair os socialistas para suas fileiras, tornando-se estes seus servidores fiéis?

"Se a propaganda feita em favor do pagamento do arrendamento aos *pomechtchiki,* mesmo nestes dias da Revolução, não lhes parece ser prova suficiente, citar-lhes-ei outros fatos, camaradas, que poderão convencê-los mais ainda: em 3 de julho, o proletariado de Petrogrado se revoltou contra o Governo Provisório que, em nome dos direitos da burguesia, queria abafar a Revolução. Com essa finalidade, o governo tinha suprimido vários Comitês agrários da região dos Urais, cujos atos eram hostis à burguesia, e aprisionado seus membros. Com essa mesma intenção, agentes desse mesmo governo, socialistas, tinham compelido, sob nossos olhos, os camponeses a pagar seu arrendamento aos *pomechtchiki.* De 3 a 5 de julho, o sangue de nossos irmãos operários correu pelas ruas de Petrogrado. Os socialistas tomaram parte ativa neste massacre de nossos irmãos.

"O socialista Kerensky, com efeito, ministro da Guerra, chamou, para esmagar este levante, várias dezenas de milhares de cossacos, esses tradicionais carrascos dos trabalhadores.

"Assim, os socialistas que faziam parte do governo perderam a

cabeça a serviço da burguesia e, de comum acordo com os cossacos, mataram milhares de defensores de nossos irmãos, os trabalhadores. Por aí, incitaram estes últimos a agir do mesmo modo para com eles e para com a burguesia que os compeliu a cometer este crime odioso, inescusável.

"A que leva, pois, esse crime cometido pelos inimigos de nossa libertação e da vida pacífica e feliz à qual aspiramos? A uma exterminação recíproca, e a mais nada.

"Isso, camaradas, não pode prejudicar senão a nós todos e será antes de mais nada, nefasto para a Revolução, tão longamente esperada, chegada por fim, mas não tendo ainda realizado nada. As massas ainda não acordaram de todo do torpor que a escravidão secular lhes tinha imprimido. É ainda às cegas que elas se aproximam da Revolução, que aceitam como fato consumado, e não reclamam senão com extrema prudência, de seus novos carrascos, o direito à liberdade e a uma vida independente. Mas esses direitos, camaradas, são, parece, enquadrados dentro dos canhões e das metralhadoras do mais forte. Portanto, sejamos fortes, irmãos trabalhadores, tão fortes que os inimigos de nossa verdadeira libertação sintam em nós essa força. Avante, pois! De passo seguro, para a organização e a autonomia revolucionária! O futuro, um futuro muito próximo, é nosso. Estejamos todos prontos!".

Depois de mim, tomou o palavra um S.-R. ucraniano; ele convidou os trabalhadores de Goulaï-Polé a se lembrarem que para "contrabalançar o vil Governo Provisório de Petrogrado, tinha sido organizado em Kiew 'nosso' governo ucraniano, sob forma de uma Rada Central, governo realmente revolucionário, único a ser legal e único a ser apto a trazer de volta em nosso solo a liberdade e a felicidade para o povo ucraniano". Para terminar, exclamou:

"Abaixo os *katzapi*[10], morte a esses bandidos! Que viva em nosso solo somente nosso governo, a Rada Central, e seu Secretariado!."

Mas os trabalhadores de Goulaï-Polé fizeram-se surdos ao apelo do socialista-revolucionário ucraniano. Não somente, mas também, eles

10. Termo pejorativo pelo qual os ucranianos designam os Grandes Russos. (N. T.)

todos, gritaram para ele: "Desça da tribuna! Não sabemos que fazer de teu governo!", mas ainda votaram a seguinte resolução:

"Saudamos o valor dos trabalhadores perecidos nos dias 3 e 5 de julho na luta contra o Governo Provisório. Nós, camponeses e operários de Goulaï-Polé, não nos esquecemos das atrocidades deste governo. Morte e danação ao Governo Provisório e ao governo de Kiew, à Rada Central e seu Secretariado, esses piores inimigos da liberdade e da humanidade."

Ainda muito tempo depois desse discurso e da moção votada pelos camponeses e pelos operários, os chauvinistas russos e ucranianos e os socialistas de Estado me maldisseram e, comigo, todo o grupo anarquista-comunista; pois, era-lhes daí por diante impossível cantar em Golaï-Polé os louvores dos diferentes governos. Eles foram, com efeito, considerados pelos trabalhadores como agentes a soldo e eram constantemente interrompidos quando tocavam neste assunto.

Assim, os dias se sucediam um atrás do outro, acabando por se tornar semanas e meses; nós continuávamos entretanto, meus camaradas e eu, de aldeia para aldeia, a fazer nossa propaganda.

O segundo Congresso de distrito da União dos Camponeses chegou, e nossa União não deixou de enviar dois delegados para representá-la, o camarada Krate e eu. O Congresso foi morno. Não se fez senão repetir o que já tinha sido dito inúmeras vezes. Os S.-R. russos e ucranianos representados, os primeiros por S. S. Popoff, os segundos pelo instrutor Radomski, concluíram com ostentação, diante dos delegados camponeses, uma aliança para a conquista da terra e da liberdade, isto é, após cada um ter lido seu programa, eles se colocaram diante da escrivaninha e apertaram suas mãos.

Os delegados camponeses das comunas de Goulaï-Polé, Kamyachévat, Rojdestvensk e Konsko-Rasdorskoïé declararam: "Está muito bem, vocês se prepararem para lutar juntos pela terra e pela liberdade, mas onde e contra quem é que vocês vão lutar?".

"Em toda a parte e contra todos aqueles que não querem devolver, sem indenização, a terra aos camponeses", foi a resposta dos S.-R. "Mas nós concluiremos nossa luta na Assembléia Constituinte", disse o S.-R. Popoff. "E no Seime Pan-ucraniano", acrescentou o instrutor Radomski.

Neste momento, um pequeno mal-entendido foi provocado entre os dois aliados S.-R. Eles trocaram algumas palavras a meia voz, enquanto no banco dos delegados camponeses, uns riam, outros estavam indignados.

Para terminar, o Congresso elegeu, entre seus membros, os delegados ao Congresso Departamental da União dos Camponeses e do Soviete dos Deputados operários, camponeses e soldados. Nós, representantes de Goulaï-Polé, não tomamos parte nesta eleição, protestando desse modo contra essa maneira de nomear os delegados ao Congresso Departamental, que deveriam ser escolhidos, segundo nosso ponto de vista, diretamente pelos camponeses.

Essa abstenção nos valeu o tratamento de perturbadores da ordem e das leis eleitorais e, como tais, sermos violentamente criticados pelos dirigentes do Congresso, os S.-R., os S-D. e os Cadetes, que disseram que éramos os únicos delegados a não querer aquilo que os camponeses queriam. Risadas se estenderam pelo banco dos representantes camponeses, risadas que logo se transformaram em assobios endereçados aos Chefes do Congresso. Nós, delegados da União dos Camponeses de Goulaï-Polé, protestamos uma vez mais contra o modo da eleição, insistindo sobre a necessidade, para um Congresso Departamental, de ser formado por enviados eleitos diretamente. Isso nos mostraria, dizíamos nós, a fisionomia verdadeira e a força revolucionária dos camponeses dos diferentes departamentos. Mas uma vez mais, passamos por pessoas que não compreendiam os interesses destes últimos. Os chefes do Congresso nos propuseram formular nosso ponto de vista ao Congresso Departamental. Mas, como nos tínhamos recusado a escolher nossos delegados entre os membros presentes, nossa candidatura não foi apresentada, e vimo-nos assim excluídos.

Tínhamos, entretanto, numerosas razões para crer que o Escritório de Organização do dito Congresso convidaria diretamente os delegados de Goulaï-Polé; pois, pontos de vista tinham sido trocados nesse sentido entre a União dos Camponeses de nossa aldeia e o Comitê departamental da União dos Camponeses.

Todavia, não vindo a iniciativa de Goulaï-Polé mas de Ekaterinoslav que, além disso, não a tinha senão indiretamente, não tínhamos certeza, apesar de tudo, de participar do Congresso Departamental, e

voltamos para Goulaï-Polé com a penosa impressão de termos sido vencidos desta vez.

Contudo, nossa linha de conduta no Congresso tendo sido justa, a nosso ver, não tínhamos absolutamente apreensões quanto ao futuro revolucionário de nossa União dos Camponeses.

Quando de nossa volta, apresentamos a ela um resumo, assim como à União dos operários metalúrgicos, e dos trabalhadores de madeira que tinham se interessado pelos Congressos dos Camponeses e tinham pedido para serem informados sobre o andamento de nossos trabalhos: fizemos mesmo um relatório para a Assembléia geral comunal dos operários e dos camponeses de Goulaï-Polé e da região. Preparamos, ao mesmo tempo, os trabalhadores para irem como delegados ao Congresso Departamental, sem convite por parte deste último, a fim de se manifestarem contra a atitude dos chefes do Congresso de distrito que acabava de se concluir. Queríamos, ao mesmo tempo, fazer saber aos delegados do Congresso Departamental como os S.-R. da direita, os S.-D. e os Cadetes procuravam destruir nos camponeses toda iniciativa revolucionária e toda ação autônoma e como seus propagandistas-agitadores, auxiliados pelos comissários do governo, visitavam as cidades e as aldeias, organizando reuniões e enganando os camponeses para manhosamente obter deles, em proveito dos *pomechtchiki*, o dinheiro do arrendamento, tornando assim mais penosa ainda sua situação pois que, não tendo participado, como os *pomechtchiki* e os *koulaki*, das pilhagens nem das depredações, eles não tinham podido ajuntar a soma necessária para pagar as terras de que esses ladrões se tinham apropriado.

Enquanto estávamos nos preparando para o Congresso Departamental, auxiliando igualmente com nossos conselhos os camponeses de algumas comunas e distritos que pertenciam a outros departamentos, o Comitê da União dos Camponeses recebeu de parte do Soviete departamental dos Deputados operários, camponeses, soldados e cossacos, o convite para enviar dois representantes ao Congresso Departamental dos Sovietes e União dos Deputados operários, camponeses, soldados e cossacos, do dia 5 de agosto.

Uma assembléia da União dos Camponeses de Goulaï-Polé foi decidida. Esperando por isso, o Comitê da União elaborou um relatório que devia ser apresentado no Congresso Departamental.

10 | *Chegada de P. A. Kropotkin à Rússia — Encontro com os anarquistas de Ekaterinoslav*

Foi neste momento que recebemos a notícia da chegada de P. A. Kropotkin em Petrogrado. Os jornais já tinham falado do acontecimento, mas nós, camponeses anarquistas, não tínhamos dado crédito à notícia, não recebendo as indicações precisas que teriam permitido aos anarquistas começar a reunir suas forças esparsas e a ocupar de modo organizado suas posições de combate na Revolução.

Mas agora os jornais e as cartas recebidos de Petrogrado nos informavam que P. A. Kropotkin que, durante sua viagem de Londres para Petrogrado, tinha sofrido uma grave doença, chegara afinal ao próprio coração da Revolução, em Petrogrado. Diziam-nos da acolhida que lhe tinha sido feita pelos socialistas então no poder, Kerenski à testa. Um contentamento indescritível apoderou-se de nosso grupo. Foi organizada uma reunião geral, inteiramente consagrada a debater a questão: "O que nos dirá nosso venerável ancião Petr Alexievitch?".

Todos foram da mesma opinião: P. A. indicará os meios práticos de organizar nosso movimento nos campos. Com sua sensibilidade e sua viva compreensão, não poderá deixar de ver a necessidade imperiosa para as aldeias de ter o apoio de nossa força revolucionária. Como verdadeiro apóstolo do anarquismo, não deixará passar este momento único na história da Rússia e, aproveitando de seu ascendente moral sobre os nossos, esforçar-se-á por formular com precisão as diretrizes que deverão inspirar os anarquistas nesta Revolução.

Redigi uma carta de boas-vindas em nome de nosso grupo de Goulaï-Polé e a enviei para P. A. Kropotkin por intermédio, creio eu, da redação do jornal *Bourevestnik*.

Nessa carta, saudávamos P. A. Kropotkin e o felicitávamos em sua feliz volta para a pátria, exprimindo-lhe a certeza de que esta, na

pessoa de seus melhores representantes, estava esperando com impaciência aquele que tinha lutado sua vida inteira pelas idéias da mais alta justiça, idéias estas que não podiam deixar de exercer influência sobre a elaboração e a realização da Revolução russa.

Tínhamos assinado: grupo anarquista-comunista ucraniano da aldeia de Goulaï-Polé, departamento de Ekaterinoslav.

Não esperávamos receber resposta a nossa modesta carta de boas-vindas, mas esperávamos, com imensa impaciência e grande ansiedade, a resposta a nossas perguntas, compreendendo que, sem essa resposta, desperdiçaríamos nossas forças, e talvez em pura perda; pois poderia acontecer que o que estávamos procurando, os outros grupos não estariam procurando, ou então estariam procurando, mas em direção totalmente diferente da nossa. Estava nos parecendo que os campos escravizados colocavam esta pergunta direta: "Qual é o caminho, e quais são os meios para apoderar-se das terras e para, sem ter que se submeter a nenhuma autoridade, expulsar os parasitas ociosos, que vivem a nossas custas no bem-estar e no luxo?".

A resposta tinha sido dada por P. A. em sua obra *A conquista do pão*. Mas os trabalhadores não tinham lido esta obra, somente algumas unidades a conheciam, e, agora, as massas não tinham mais tempo para ler. Era preciso que uma voz enérgica lhes expusesse numa linguagem acessível e clara os pontos essenciais de *A conquista do pão*, para impedir-lhes de soçobrar numa inércia especulativa e mostrar-lhes de improviso o caminho no qual empenhar-se e o fio condutor a ser seguido. Mas quem lhes iria dizer esta palavra viva, simples e forte? Somente podia fazer isto um anarquista-propagandista, um organizador.

"Mas, dizia eu, com a mão na consciência, houve na Rússia ou na Ucrânia escolas anarquistas de propaganda? Nunca tive conhecimento que houvesse. E, se por acaso houve, onde estão então, pergunto-lhes eu, os lutadores de vanguarda que elas formaram?

"Eis que são duas vezes que percorro regiões que pertenciam a distritos e departamentos diferentes, e nunca encontrei um camponês que, à minha pergunta: 'Estiveram por aqui oradores anarquistas?' tenha-me respondido: 'Sim, já tivemos'. Em toda a parte, a resposta foi: 'Nunca tivemos. Estamos muito felizes e reconhecidos por ver que o senhor não nos está esquecendo'. Onde estão, pois, as forças reais de

nosso movimento? Segundo penso, estão vegetando nas cidades, onde muitas vezes fazem qualquer outra coisa ao invés daquilo que deveriam fazer".

Se a idade avançada de P. A. lhe impedisse de tomar parte ativa na Revolução e de dar um impulso novo a nossos camaradas das cidades, o campo escravizado cairia definitivamente sob o domínio dos partidos políticos e do Governo Provisório. Isto significaria o fim da Revolução.

Eu era apoiado nessa idéia por aqueles de meus camaradas que, trabalhando nas usinas, não tinham percorrido os campos e ignoravam o estado de espírito real dos camponeses. Aqueles que, ao contrário, conheciam o campo, me criticavam severamente, dizendo que eu tinha falta de confiança nos sentimentos revolucionários dos camponeses. "O campo, diziam eles, soube tão bem compreender as intenções dos agentes dos diferentes partidos socialistas e burgueses vindos a ele de parte do Governo Provisório que nunca, em caso algum, irá se deixar enganar".

Com efeito, os indícios de tal estado de espírito existiam nos campos, mas eram relativamente fracos. Os camponeses tinham necessidade de se sentir melhor apoiados, nesses momentos críticos, pelo impulso revolucionário das cidades, para executar obra fecunda, acabar com as classes privilegiadas existentes e não deixar chegar outras em seu lugar.

Quinze dias se passaram assim. Nenhuma notícia nos chegava de Petrogrado; nós continuávamos a não saber como P. A. iria considerar o papel de nosso movimento dentro da Revolução. Estaríamos nós com a verdade? Teríamos tido razão em agrupar nossas forças nas cidades, não dando senão pouca ou nenhuma atenção aos campos escravizados?

Chegamos assim ao momento em que deveria se iniciar o Congresso Departamental dos Sovietes dos Deputados operários, camponeses, soldados e cossacos, e da União dos Camponeses.

Uma assembléia da União dos Camponeses foi convocada em Goulaï-Polé, durante a qual foi estudada a questão da participação no Congresso. A transformação das Uniões dos Camponeses num Soviete de Camponeses prendeu por longo tempo nossa atenção. Decidiu-se,

por fim, enviar um delegado ao Congresso. Fui eleito representante dos camponeses, e o camarada Séreguin representante dos operários.

Estava particularmente feliz por ter que ir a Ekaterinoslav onde esperava entrar em contato com a Federação anarquista e conversar pessoalmente sobre todas as questões de interesse do nosso grupo. (A questão que mais tinha interesse para o grupo era a seguinte: por que a cidade não envia propagandistas-anarquistas para as aldeias?)

Viajei de propósito um dia antes do combinado, e dirigi-me diretamente para a sede da Federação. Encontrei ali o secretário, o camarada Moltchanski, de Odessa, velho companheiro que eu tinha conhecido nos trabalhos forçados. Foi uma grande felicidade: abraçamo-nos.

Imediatamente, caí sobre ele: que se fazia nas cidades? Por que não se enviava organizadores aos centros rurais?

O camarada Moltchanski, segundo seu hábito, gesticulou, agitou-se e disse: "Não temos forças, irmão. Somos fracos. Acabamos apenas de nos organizar aqui, e apenas conseguimos responder às necessidades dos operários de nossas usinas e dos soldados de nossa guarnição. Esperamos que, com o tempo, nossas forças irão aumentar e então, apertaremos nossos laços com os campos e estabeleceremos uma propaganda enérgica nas aldeias".

Ficamos a seguir por longo tempo silenciosos, absortos, cada um de nós com seus pensamentos, refletindo no futuro de nosso movimento na Revolução. Então o camarada Moltchanski começou a me confortar, garantindo-me que, num futuro muito próximo, os camaradas Rogdaev, Rochtchine, Archinov e muitos outros ainda, chegariam em Ekaterinoslav e que então a ação seria intensificada e se estenderia até às aldeias. Levou-me a seguir para o clube da Federação, anteriormente "Clube inglês".

Ali encontrei inúmeros camaradas, uns conversando sobre a Revolução, outros lendo, outros, enfim, tomando sua refeição. Numa palavra, encontrei ali a sociedade "anarquista" que não admite em seu seio, por princípio, nenhuma ordem, nenhuma autoridade, e que não consagra nenhum momento à propaganda entre a massa dos trabalhadores dos campos, que contudo tem tão grande necessidade disso.

Perguntei-me então: por que, entretanto, tomaram da burguesia um edifício tão luxuoso e tão grande? Para que lhes pode ele servir, se,

no meio desta multidão gritante, não há ordem alguma, nem mesmo no meio dos gritos com os quais eles resolvem os problemas mais graves da Revolução, se sua sala não está varrida, as cadeiras estão derrubadas e a grande mesa, recoberta por luxuoso veludo, está cheia de crostas de pão, cabeças de arenques e ossos roídos?

Meu coração ficou tristemente apertado a essa visão. Nesse momento, entrou o camarada I. Tarassiouk, apelidado de Kabas, adjunto do secretário, o camarada Moltchanski. Ele exclamou com indignação e tristeza: "Que aqueles que comeram a essa mesa a limpem!", e começou a erguer as cadeiras derrubadas.

A mesa foi imediatamente desembaraçada e limpa, e começou-se a varrer o chão.

Saindo do clube, voltei para a sede da Federação, onde escolhi algumas brochuras para levar para Goulaï-Polé e me preparei para ir aos escritórios do Congresso para obter um quarto gratuito para minha estadia, quando entrou uma moça. Era uma camarada. Ele vinha pedir que alguém a acompanhasse ao teatro municipal para secundá-la em sua luta contra o S.-D. "Nil", que arrastava atrás de si um bom número de operários. Os camaradas presentes disseram que estavam todos ocupados e, sem uma palavra, a moça foi-se embora.

Moltchanski me perguntou: "Você não a conhece? É uma camarada gentil e enérgica". Saí imediatamente e alcancei-a. Propus-lhe acompanhá-la à reunião, mas ela me respondeu: "Se o senhor não falar, não será de utilidade alguma". Prometi-lhe que falaria.

Tomou-me então pelo braço e dirigimo-nos rapidamente em direção ao teatro. No caminho, essa jovem e encantadora camarada me confiou que havia apenas três anos que se tinha tornado anarquista. Isso não tinha acontecido por acaso. Durante dois anos, tinha lido as obras de Kropotkin e de Bakunin; em seguida, tinha sentido se consolidar suas convicções. Agora estava completamente conquistada para essas idéias e fazia uma propaganda ativa. Até o mês de julho havia falado diante dos operários, mas não tinha ousado tomar a palavra contra os inimigos dos anarquistas, os S.-D. Em julho, ela se atreveu a tal, fez um discurso durante uma reunião contra o S.-D. "Nil" e foi derrotada.

"Agora, disse ela, estou decidida a reiniciar a luta contra este 'Nil', um dos agitadores mais brilhantes do partido social-democrata."

Nossa conversação parou aí.

Na reunião, tomei a palavra contra o famoso "Nil", sob o pseudônimo de "Skromny"[11] (meu pseudônimo do tempo dos trabalhos forçados). Falei mal, apesar de meus camaradas terem afirmado depois que meu discurso tinha sido muito bom, que apenas eu estivera um pouco nervoso.

Quanto à minha jovem e enérgica camarada, ela conquistou a sala toda com sua voz, doce, mas de uma bela força oratória. O auditório ficou subjulgado por essa voz, e o silêncio absoluto que reinou enquanto ela falava mudou-se em aplausos furiosos e em gritos de aprovação: "Muito bem, muito bem, camarada!".

Ela não falou por muito tempo, quarenta e três minutos ao todo, mas soube tão bem agitar a massa dos ouvintes contra as teses sustentadas por "Nil" que, quando este último se adiantou para responder àqueles que tinham falado contra ele, a sala inteira exclamou: "Não é verdade! Não nos empaturre a cabeça — Os anarquistas dizem a verdade — Você, você só fala mentiras!".

Ao regressar da reunião, vários camaradas se juntaram a nós. A moça que tinha falado, me disse: "Sabe, camarada Skromny, esse 'Nil', por sua influência sobre os operários, me deixava louca, e tinha-me proposto como finalidade dar um fim a isso, custasse o que custasse. Só uma coisa me constrangia: minha mocidade. Os operários mostram ter maior confiança nos camaradas de mais idade. Tenho medo, acrescentou ela, que isso possa me impedir de realizar meu dever para com eles".

Não pude senão desejar-lhe novos *êxitos* em sua obra anarquista, e nos separamos, depois de nos termos prometido nos reencontrar no dia seguinte para falar de Goulaï-Polé, de que ela tinha ouvido dizer muitas coisas boas.

Essa reunião me fez chegar atrasado ao Escritório do Congresso e não pude obter quarto no hotel. Passei então a noite em casa do camarada Séreguin.

Consagrei todo o dia seguinte ao Congresso e não pude encontrar um momento para encontrar a jovem camarada, como lhe tinha prome-

---

11. Skromny significa modesto. (N. T.)

tido, todo o dia seguinte, fiquei ocupadíssimo devido às sessões da Comissão agrária. Encontrei, nessa ocasião, o S.-R. de Esquerda, Schneider, enviado ao Congresso Departamental pelo Comitê Executivo Central Pan-Russo dos Sovietes dos Deputados operários, camponeses, soldados e cossacos, e eleito, também ele, para a Comissão agrária.

A Comissão votou por unanimidade, e com perfeito acordo, a socialização das terras, e transmitiu esse voto ao Escritório do Congresso. A Comissão pediu a seguir ao camarada Schneider que lhe expusesse a situação existente em Petrogrado.

Ele não fez senão um simples resumo, faltando-lhe tempo, e nos pediu para sustentar no Congresso a resolução de reorganização das Uniões dos Camponeses em Sovietes. Esta proposição foi em seguida votada pelo Congresso.

Foi essa a única questão levada para a ordem do dia, nos dias 5 e 7 de agosto de 1917, que ainda não tinha sido considerada em Goulaï-Polé.

Quando de nossa volta, e após uma série de relatórios, a União dos Camponeses de Goulaï-Polé foi transformada em Soviete; seus princípios não ficaram modificados por isso, nem seus métodos de ação em vista da luta para a qual ela preparava, de maneira intensiva, os camponeses; ela propunha expulsar os patrões das usinas e anular os direitos de propriedade destes últimos sobre as empresas públicas.

Enquanto estávamos ocupados com essas transformações puramente de forma, abria-se em Moscou, no dia 14 de agosto, a Conferência Democrática Pan-Russa, em cuja tribuna via-se aparecer nosso querido e honrado camarada P. A. Kropotkin.

Nosso grupo anarquista-comunista de Goulaï-Polé ficou consternado com essa notícia, apesar de compreender muito bem que nosso velho amigo, depois de tantos anos de labor, constantemente exilado e exclusivamente preocupado em seus dias de velhice de idéias humanitárias, pudesse dificilmente, agora que tinha voltado para a Rússia, recusar seu auxílio a essa Conferência. Mas todas estas considerações passaram para o segundo plano, diante do trágico momento que se seguiu.

Condenamos dentro de nós nosso velho amigo por sua participação nessa Conferência, imaginando ingenuamente que o antigo apóstolo do anarquismo revolucionário se transformava num velho sentimental, aspirando à tranqüilidade e procurando forças para aplicar uma última vez seu saber à vida. Mas essa censura permaneceu tácita, e nunca ficou conhecida de nossos inimigos; pois, no mais profundo de nossa alma, Kropotkin continuava sendo para nós o maior e o mais forte teórico, o apóstolo do movimento anarquista. Sabíamos que, não fosse sua idade, ele se teria colocado à frente da Revolução russa e teria sido o chefe incontestado da Anarquia.

Tínhamos razão ou não? A verdade é que nunca discutimos com nossos inimigos políticos sobre o problema da participação de Kropotkin na Conferência Democrática Pan-Russa de Moscou.

Assim, dávamos ouvido àquilo que Kropotkin dizia e nosso entusiasmo diminuía. Sentíamos que ele sempre nos seria caro e que permaneceria próximo a nós, mas a Revolução nos chamava para outro lado: por razões de caráter puramente artificial, a Revolução estava atravessando uma fase decisiva, pois estava constrangida por todos os partidos que entravam na composição do "Governo Provisório". Ora, estes se tornavam cada dia mais sólidos e mais firmes, formando uma permanente ameaça contra-revolucionária.

II | *A marcha de Korniloff sobre Petrogrado*

Por volta de 20 de agosto de 1917, nosso grupo estudou a divisão e a utilização de suas forças. A reunião foi das mais sérias. Já o disse: nenhum de nós conhecia suficientemente a teoria anarquista. Todos nós não passávamos de camponeses e operários, sem verdadeira instrução. Por outro lado, a escola anarquista não existia. O pouco que sabíamos, nós o tínhamos conseguido no decorrer dos anos, da leitura das obras de Kropotkin, e de Bakunin, ou durante as intermináveis discussões

com os camponeses, aos quais informávamos de tudo que tínhamos lido e compreendido. Devíamos acima de tudo nosso saber ao camarada Wladimir Antoni, apelidado de Zaratustra.

No decorrer dessa importantíssima reunião, passamos em revista uma série de questões de atualidade e vimos claramente que a Revolução estava constrangida pelo estatismo que ameaçava sufocá-la. Ela empalidecia, enfraquecia, mas vivia e ainda podia sair vitoriosa da luta suprema. O auxílio viria para ela principalmente das massas revolucionárias camponesas, que arrancariam o garrote, que a libertariam desta praga: o Governo Provisório e todos os partidos satélites.

Em breve, chegamos às seguintes conclusões:

A Revolução tinha, desde os primeiros dias, colocado diante dos grupos anarquistas russos e ucranianos uma alternativa categórica, que hoje exigia imperiosamente uma decisão de nossa parte: ir para as massas, organizá-las e criar a Revolução com elas, ou então abster-se e renunciar à Revolução social. Não mais podia ser questão de se ater a uma ação de grupos, de se contentar em fazer aparecer brochuras e jornais ou de organizar reuniões. No momento dos acontecimentos decisivos, os anarquistas arriscavam, assim, encontrar-se, se não completamente isolados das massas, em todo o caso a reboque do movimento.

O anarquismo, por sua própria essência, não podia aceitar semelhante papel. Somente a falta de compreensão e de entusiasmo revolucionário de seus adeptos — grupos e federações — corria o risco de arrastá-lo por este caminho.

Todo partido de luta — o partido anarquista-revolucionário mais que qualquer outro — deve tender a levar as massas a segui-lo nas horas de insurreição. Quando estas começam a lhe testemunhar sua confiança, deve, sem se deixar exaltar, seguir o curso acidentado dos acontecimentos e saber agarrar o momento em que é [illegible] preciso deixar as sinuosidades do caminho seguido até aí e dele desviar os trabalhadores. Era este um método antigo, mas ainda não experimentado por nosso grupo, e que não poderia ser posto em prática senão quando nosso movimento estivesse fortemente organizado; pois todo movimento de grande envergadura deve se desenvolver segundo um plano estratégico estabelecido de antemão, de outro modo os diversos grupos iriam se ignorar uns aos outros e faltaria coesão na ação. Se-

melhante movimento poderia ser criado, certamente, no próprio momento da Revolução, mas seria impossível infundir-lhe uma vida durável, dar-lhe um credo que pudesse dirigir as massas revoltadas para a libertação definitiva dos estorvos econômicos, políticos e morais. Isso seria uma perda inútil de vidas humanas, sacrificadas numa luta necessária e justa quanto a suas finalidades, mas desigual.

Depois de ter seguido, durante sete meses, o movimento anarquista nas cidades, nosso grupo não mais podia ignorar que numerosos militantes desconheciam absolutamente seu papel e, desse modo, sufocavam o movimento, impedindo-o de se libertar de sua tradicional desorganização e de substituir os grupos dispersos por um movimento de massa organizado.

Aí está por que se dedicou, com nova energia, ao estudo de problemas não ainda resolvidos pelo movimento anarquista, tal como, por exemplo, o da coordenação da atividade entre os diferentes grupos na luta revolucionária em curso. Nenhuma das federações da Revolução russa de Fevereiro a tinha formulado, e contudo, cada uma delas publicava suas resoluções e indicava o novo caminho a ser seguido.

Eis como, depois de ter procurado febrilmente a idéia diretriz nos escritos anarquistas de Bakunin, de Kropotkin e de Malatesta, chegamos à conclusão de que nosso grupo de Goulaï-Polé não podia nem imitar o movimento anarquista das cidades, nem obedecer a sua voz. Não devíamos pois contar com ninguém no decorrer desse período crítico da Revolução, para auxiliar os campos escravizados a se dirigir: nenhum partido político devia abalar nos camponeses a convicção de que eles — e somente eles — tinham o poder de modificar o caráter da Revolução e que nem os partidos políticos, nem o governo, nunca tinham criado nada no movimento revolucionário das aldeias.

Os membros do grupo se espalharam entre os trabalhadores dos campos, deixando funcionar somente o Centro de iniciativa e de informação. Pelas palavras e pela ação, eles ajudaram os trabalhadores dos campos a se orientar no momento presente da Revolução e a imprimir maior intensidade à luta.

Pouco depois de ter tomado essa decisão, como já começávamos a notar os resultados de nossa atividade na região, ficamos convencidos de que tínhamos estado certos quanto às causas da pausa na marcha

da Revolução e quanto ao aspecto crítico do momento. Com efeito, a Revolução se encontrava como presa num nó, que teria bastado apertar somente mais um pouco para sufocá-la completamente.

A introdução da pena capital na frente de combate mostrava com evidência que os soldados revolucionários deviam morrer na frente externa, ao passo que os contra-revolucionários podiam continuar sua obra no âmago mesmo da Revolução.

Eis por que as formações militares, — ganhas pelo espírito revolucionário, fraternizavam com os operários nas cidades e com os camponeses nas aldeias, e, começando a se sentir escravas do militarismo, se esforçavam por utilizar os canhões e as metralhadoras que estavam em suas mãos contra seus inimigos — estavam sendo rechaçadas das linhas posteriores onde eram julgadas perigosas pela força crescente da reação.

Vendo qual era o caminho traçado para reforçar o poder da burguesia, já refeita de sua derrota e pronta a revidar, estávamos cada vez mais convencidos de que o método por nós escolhido, para auxiliar os trabalhadores a ficar bem orientados na marcha dos acontecimentos revolucionários, era o bom caminho. Era, entretanto, indispensável completá-lo e acrescentar para esse caminho diretrizes exatas e precisas.

O que foi que obtivemos neste sentido? Isto: desde o fim do mês de agosto, os camponeses tinham-nos compreendido inteiramente e não mais deixavam suas forças se desperdiçar nos diversos agrupamentos políticos, incapazes de realizar o que quer que fosse de forte e durável na Revolução.

Cada vez mais os camponeses nos compreendiam, e mais firmemente eles acreditavam em si mesmos e em seu papel direto: abolir, por um ato revolucionário, o direito à propriedade privada sobre as terras, declarando-as propriedade nacional, de um lado, e, por outro lado, depois de um acordo com os proletários das cidades, abolir toda possibilidade de privilégios novos e de poder de uns sobre os outros.

Chegamos assim, insensivelmente, ao momento crítico da Revolução. A angústia e a dor que sentíamos na espera desse dia foram plenamente justificadas. O próprio Governo Provisório e o Soviete dos Deputados camponeses, operários, soldados e cossacos informaram de Petrogrado que o comandante-chefe da frente externa, o general

Korniloff, à testa de suas melhores tropas, dirigia-se para Petrogrado a fim de acabar com a Revolução e anular todas as suas conquistas.

Era o dia 29 de agosto de 1917. Uma anarquista de Alexandrovsk, a camarada Nikiphorova, veio a Goulaï-Polé e organizou uma reunião de camponeses sob minha presidência, e enquanto ela estava falando, o comissário me entregou alguns despachos anunciando-me a marcha do general Korlinoff sobre Petrogrado. Mandei parar imediatamente o orador e, num breve discurso, comuniquei à Assembléia a sangrenta repressão que estava ameaçando a Revolução. Li em seguida os despachos: o do Governo Provisório e o do Comitê Executivo do Soviete dos Deputados, operários, camponeses, soldados e cossacos.

Essa notícia impressionou penosamente os camponeses e os operários presentes à reunião. Eles procuraram conter sua emoção, mas alguns gritaram do meio da multidão: "O sangue de nossos irmãos já está correndo lá, ao passo que aqui os contra-revolucionários circulam livremente entre nós e são felizes!" e foi apontado o antigo comissário de polícia, de Goulaï-Polé, Ivanoff, que se encontrava entre os presentes. A camarada anarquista Nikiphorova desceu prontamente da tribuna e segurou este homem contra quem a multidão investia com suas injúrias.

Precipitei-me para a camarada Nikiphorova e Ivanoff, que alguns membros do grupo e da União dos Camponeses já estavam cercando, e exigi que libertassem imediatamente o antigo comissário, dizendo a ela para que se acalmasse, pois ninguém iria tocar nele. Em seguida, voltei a subir à tribuna e declarei aos camponeses e aos operários que nossa luta para a defesa da Revolução não devia estrear com o assassinato de um antigo comissário de polícia, que, como Ivanoff, tinha-se rendido sem resistência, desde os primeiros dias, e não se escondia. Quando muito, podíamos vigiá-lo. "Nossa luta deve se traduzir por atos mais importantes, não lhes direi agora quais, porque é urgente que eu vá para a reunião do Soviete dos Camponeses organizada com os operários e o grupo anarquista-comunista. Mas prometo voltar logo depois para cá, nesse jardim, para explicar-lhes minha idéia."

O Soviete estava completo quando lá cheguei. Declaramos aberta a sessão. Li os despachos e apresentei logo em seguida minha relação sobre aquilo que tínhamos que fazer antes de mais nada, e por quais meios. O despacho do Comitê Central Executivo sugeria formar Comitês locais de Salvação da Revolução.

A Assembléia elegeu imediatamente entre seus membros um comitê que exprimiu o desejo de ser chamado de Comitê de Defesa da Revolução e que me confiou a direção de seus trabalhos.

Enquanto membros de uma organização oficial constituída de urgência, reunimo-nos imediatamente e decidimos proceder, na região, ao desarmamento de toda a burguesia e à abolição de seus direitos sobre os bens do povo: terras, fábricas, usinas, tipografias, teatros, circos, cinemas e outras empresas públicas.

Julgávamos ser este o único meio prático para acabar com a marcha do general Korniloff e com a dominação e os privilégios da burguesia.

Enquanto assistia à reunião do Soviete, e depois àquela do Comitê que tinha se separado (o que me tomou cerca de cinco horas) a massa dos trabalhadores estava ainda esperando minha volta e minha exposição sobre os meios para defender a Revolução.

Quando por fim voltei, encontrei todos os membros do Soviete, do grupo anarquista-comunista, e alguns operários da União profissional passeando pela rua, com as carabinas ou os fuzis a tiracolo. Goulaï-Polé estava se transformando num campo revolucionário.

Penetrei no jardim e, por uma aléia lateral, cheguei à tribuna. Os trabalhadores e os camponeses tinham se dispersado pelo jardim e estavam conversando animadamente, comentando a inquietante novidade. Reuniram-se rapidamente à minha volta, dizendo: "E então? Já está livre? Pensa terminar o que tinha começado a dizer? Essas más notícias impediram-lhe de falar". (Em ucraniano no texto).

Subi na tribuna extenuado, no fim de minhas forças, pois, nos dias anteriores, tinha estado radiante nos arredores de Goulaï-Polé, pensando que no domingo iria ocupar-me com uma reunião somente, e poderia então descansar. Mas os despachos inquietantes, que os camponeses tinham chamado de "maus", não me deixaram tempo para tal.

Ao terminar a exposição de minhas idéias sobre a defesa da Revolução, disse-lhes que ninguém a não ser eles mesmos poderiam defendê-la e desenvolvê-la. A Revolução era obra deles, eles deviam ser seus ousados propagadores e reais defensores.

Disse-lhes, em seguida, o que já tinha sido decidido na Assembléia, e que um Comitê de Defesa da Revolução tinha sido formado,

destinado a combater, não somente o movimento do general Korniloff, mas igualmente o Governo Provisório e todos os partidos socialistas que partilhavam suas idéias. Acrescentei que esse Comitê não se tornaria tal senão quando todos, desde o menor até o maior, disséssemos que aí estava nossa própria obra e que, agrupando-nos todos em torno dele, iríamos sustentá-lo não mais com palavras, mas com atos.

Expus em poucas palavras, a meus numerosos ouvintes, seu programa de ação.

Difundiram-se os gritos: "Viva a Revolução!". E não estavam aí, em absoluto, manifestações de parada, habituais nas reuniões organizadas pelos políticos, mas gritos verdadeiramente espontâneos, saídos das próprias profundezas da alma do povo.

"Então, camarada Nestor, exclamaram várias vozes, é preciso nos prepararmos para combater ao lado dos trabalhadores das cidades?"

Porém, expliquei-lhes o ponto do programa de ação do Comitê em que se dizia que os camponeses, por *sotnia,* e os operários, por usinas e por oficinas, deviam examinar nossa iniciativa e nos fazer chegar às mãos no dia seguinte (30 de agosto), por meio de seus delegados, sua resposta decisiva.

Assim terminou o dia de 29 de agosto, dia penoso pelas notícias recebidas sobre o movimento do general Korniloff, mas, também, decisivo; pois este dia despertou as massas para a iniciativa e a ação revolucionária autônoma. E lá onde, entre os trabalhadores, se encontravam revolucionários que sabiam qual a tarefa que lhes cabia em tais momentos, é que então foram discutidos e formulados a tempo os problemas teóricos levantados pelos acontecimentos e destinados a dirigir as massas em sua luta direta.

Na manhã seguinte, passei cedo na praça da Catedral de Goulaï-Polé. Operários, agrupados por usinas, e camponeses, agrupados por *sotnia,* com bandeiras negras ou vermelhas desfraldadas, avançavam cantando, ao se dirigirem em direção do edifício do Soviete dos Deputados camponeses e operários, onde tinha assento o Comitê de Defesa.

Atravessei correndo o recreio da escola, penetrei precipitadamente no pátio do Soviete, e fui ao encontro dos manifestantes.

Quando apareci, um grito imenso retumbou: "Viva a Revolução! Viva seu fiel defensor, nosso amigo o camarada Makhno!".

Esses gritos eram lisonjeiros para mim, mas eu sentia que não eram merecidos; fiz portanto parar estas aclamações entusiastas e pedi aos trabalhadores que me escutassem.

Mas a multidão me levou em triunfo, continuando a gritar: "Viva a Revolução! Viva o camarada Makhno!".

Consegui por fim que os manifestantes me ouvissem e, uma vez estabelecido o silêncio, perguntei-lhes em honra de que eles tinham cessado o trabalho, e tinham vindo para o Comitê de Defesa da Revolução.

"Viemos nos pôr a sua disposição", foi a resposta, "e não somos os únicos".

"Há então ainda pólvora nos paióis?"

"Sim, ainda há, e em grande quantidade", gritaram os manifestantes.

A emoção começava a apoderar-se de mim, e estive a ponto de chorar de felicidade vendo a generosidade da alma camponesa e operária ucraniana. A idéia de liberdade e de independência não poderia ser concebida de maneira tão profunda e manifestada tão rápida e intensamente senão por uma alma ucraniana.

Minhas primeiras palavras dirigidas para eles foram as seguintes: "Escutem então, camaradas, vocês que vieram pôr-se à disposição do Comitê de Defesa da Revolução — vão se repartir em grupos de dez a quinze, cinco por carro, e, sem perder um minuto sequer, visitar todas as propriedades dos *pomechtchiki*, dos *koulaki* e dos ricos colonos alemães da região; tirem destes burgueses todas as armas: carabinas, fuzis a bala ou a chumbo, espadas. Mas não vão ofender de modo algum, nem pelos gestos, nem pelas palavras, os próprios burgueses. Realizemos este ato com toda nossa honra de revolucionários; mas realizemo-lo, isto sim, no próprio interesse da Revolução, contra a qual os chefes da burguesia, aproveitando de nossa negligência, organizaram suas forças, sob a asa do governo, e já começaram até mesmo a usar suas armas.

"Enquanto delegado do Soviete dos Deputados operários e cam-

poneses, enquanto membro do grupo anarquista-comunista e do Soviete da União profissional, para tomar a direção momentânea da organização de nosso movimento revolucionário, continuando sempre como Comissário principal do Comitê de Defesa, considero indispensável lembrar aos camaradas designados para o desarmamento da burguesia, que eles não devem se deixar levar a cometer atos de pilhagem. A pilhagem não é um ato revolucionário e, enquanto estiver à testa de nosso movimento, todos aqueles que se tornarem culpados disso, serão chamados a comparecer perante o Tribunal da Assembléia geral revolucionária dos camponeses e dos operários de Goulaï-Polé.

"Devemos, em dois ou três dias no máximo, desarmar a burguesia e entregar todas as armas tomadas ao Comitê de Defesa, que as distribuirá aos defensores reais da Revolução. Não percam tempo, pois, dividam-se em grupos, munam-se de um certificado do Comitê provando seu papel oficial na tomada das armas da burguesia, que nos são necessárias, e partam!".

Os camponeses, quando reconhecem sua importância, fazem as coisas muito rapidamente. Enquanto eu dizia aos manifestantes para se agrupar em quinze, eles já tinham mandado procurar os carros, cerca de trinta dos quais já se encontravam na praça da Catedral, à espera dos manifestantes.

Quanto aos certificados, estes já tinham sido preparados desde a véspera pelo Comitê de Defesa da Revolução. Não restava senão escrever os nomes dos portadores e colocar a assinatura do Comissário-chefe. E este último sempre assinaria tal certificado, mesmo no meio da rua. Foi, com efeito, o que aconteceu: assinei os certificados perto dos carros de camponeses e de operários prestes a partir para desarmar a burguesia.

Quando tudo ficou pronto, e todos tomaram lugar sobre os carros, lembrei em algumas palavras as dificuldades encontradas pela Revolução naquele momento, e a importância, para seu futuro, da ação local dos trabalhadores.

Depois, os camponeses e os operários, estes pioneiros da Revolução na comuna de Goulaï-Polé — comuna esta que era o alvo de muitas outras, e mesmo de muitos distritos, por causa da ação armada que estava organizando contra a burguesia — se espalharam pela região.

Uma outra parte dos camponeses e dos operários procedeu ao desarmamento da burguesia e dos oficiais que estavam chegando da frente de combate, em Goulaï-Polé mesmo.

O Comitê de Defesa improvisou, com o Soviete dos Deputados camponeses e operários, uma reunião durante a qual foi decidido convocar, no mais breve prazo possível, um Congresso dos Sovietes da região, do qual participariam os grupos anarquistas-comunistas e o Soviete da União profissional dos operários metalúrgicos e dos trabalhadores da madeira.

Foi também decidido, durante essa assembléia improvisada, estreitar os laços com o grupo anarquista-comunista, para organizar, num esforço comum, desde então, antes da reunião do Congresso dos Sovietes, uma ação no intuito de retirar dos Comitês comunais da região, o direito de tomar qualquer decisão que fosse de interesse público.

Esta colaboração de três unidades revolucionárias permitiu a nosso grupo desenvolver ainda mais sua atividade entre os trabalhadores das aldeias escravizadas e de habituá-los à idéia de uma sociedade livre e independente.

Estes, sem se deter no pensamento das possíveis repressões por parte das autoridades do Centro, limitaram o poder de todos os Comitês comunais do governo de coalizão formado pelos socialistas e pela burguesia. Estes Comitês, cuja função principal consistia em emitir as ordens e os "oukas" [12] que indicavam ao povo o que se podia fazer ou não sem autorização do governo, o que se devia pensar e não pensar, sem uma autorização prévia da futura Assembléia Constituinte, foram limitados em suas prerrogativas a ponto que, de unidades legislativas de tipo governamental, se transformaram em unidades de caráter consultivo. Foram privados do direito de decidir de maneira definitiva sobre não importa qual questão e interesse público, sem tê-la feito aprovar de antemão por uma reunião-*skhod* pública.

Tal atitude, nos trabalhadores, para com os "direitos" e a autoridade dos inimigos da Revolução — inimigos de tudo aquilo que ela tem de saudável, de forte e de criador — determinou uma desordem formidável nas fileiras dos detentores do poder. Os partidários zelosos

12. Decreto. (N. T.)

de uma coalizão com a burguesia contra a Revolução deram o sinal de alarma. Entretanto, apesar do furor e da raiva de que eles deram prova nas reuniões dos Comitês comunais e nas assembléias locais, apesar de todos os meios postos em ação por eles próprios, e com o apoio dos centros, para conseguir tirar os proletários de Goulaï-Polé da posição que eles tinham conquistado contra aqueles, e contra o poder de seu governo, apesar, enfim, de todas as abominações contadas por toda parte, de viva voz e por escrito, sobre os trabalhadores de Goulaï-Polé em geral, mas especialmente sobre o grupo anarquista-comunista, não concluíram coisa alguma. Os atos concretos das autoridades em geral e daquelas que se intitulavam revolucionárias, em particular, iam de encontro às exigências da Revolução. Eles determinaram uma pausa na marcha da Revolução, favorecendo assim a contra-revolução cujo aspecto detestável, sob a forma do movimento do general Korniloff, surgia nitidamente diante da massa dos trabalhadores.

Os trabalhadores da região de Goulaï-Polé tinham observado esses fatos, durante longos meses, com grande interesse, e reconheciam agora que somente a concepção anarquista era capaz de salvar a Revolução em curso e de conduzi-la ao êxito completo. Por isso é que, todas as vezes que o Comitê comunal de distrito e o Comissário regional do governo lhes pediam relatórios sobre o desenvolvimento, em sua região, do movimento revolucionário, ao mesmo tempo que as somas levantadas antecipadamente das aldeias em proveito da caixa de propaganda a favor do Governo Provisório, eles respondiam que o Comitê de Defesa da Revolução tinha feito desarmar todos os burgueses e anular todo direito à propriedade privada sobre as terras, fábricas, usinas e outras empresas públicas. "Tudo isso deve pertencer a todos, e não a alguns ociosos, preguiçosos" (Extrato do Resumo n.º 3, livro 2 do Comitê de Defesa da Revolução de Goulaï-Polé, 1917).

12 | *A resistência à contra-revolução ganha as aldeias*

Desse modo a burguesia foi desarmada, e suas armas distribuídas entre os camponeses revolucionários. Isso foi feito sem derramamento de sangue.

Um Congresso dos Sovietes, convocado a fim de estudar as causas e as finalidades do movimento do general Korniloff, foi aberto. Este Congresso aprovou, não somente a formação, pelo Soviete de Goulaï-Polé e por algumas outras organizações, de um Comitê de Defesa da Revolução, mas ainda todas as medidas tomadas pelo Soviete antes mesmo que este viesse a ser convocado e afirmou que o momento de agir tinha chegado.

Passou-se a seguir ao assunto do avanço de Korniloff sobre Petrogrado, avanço este já detido, e frisou-se uma vez mais o caráter criminoso da destruição da frente externa. Decidiu-se manter esta frente, necessária para a defesa da Revolução contra o inimigo de fora, e convidou-se os trabalhadores a aniquilar definitivamente o movimento dos partidários de Korniloff.

O Congresso examinou ainda outros problemas, aprovou a declaração da abolição da propriedade privada em nossa região, e ocupou-se da questão agrária.

O grupo anarquista-comunista propôs a leitura de seu relatório a esse respeito. O relatório foi lido pelos camaradas Krate e André Sémenota. Tratava-se particularmente, no dito relatório, dos meios práticos para acabar com os direitos dos *pomechtchiki* e dos *koulaki* sobre as grandes e belas propriedades de terras que eles não podiam chegar a cultivar pelas próprias mãos. O grupo anarquista propôs expropriá-las sem mais tardar e organizar, sobre essas terras, comunas agrárias livres com a participação, na medida do possível, destes

mesmos *pomechtchiki* e *koulaki*; e se estes últimos recusassem a se integrar na família dos trabalhadores e exprimissem o desejo de trabalhar individualmente, cada um por si, atribuir-lhes sua parte dos bens nacionais que eles tinham detido e dar-lhes os meios de viver sem fazer parte das comunidades agrárias.

O Congresso pediu ao Comitê agrário de Goulaï-Polé para expor a situação sobre a questão agrária.

O camarada Krate era membro deste Comitê. Com a aprovação dos outros membros do Comitê, expôs aquilo que tinha sido empreendido por eles neste campo, frisando o acordo que existia entre suas conclusões e as do grupo anarquista-comunista, e fez notar que este assunto tinha sido inscrito por Goulaï-Polé na ordem do dia do Congresso Regional dos Comitês agrários e que esse Congresso tinha tomado suas teses como base para o estudo dessa questão.

O Congresso dos Sovietes, em total acordo — como já o disse — com o Soviete da União profissional dos operários, com o Comitê agrário e com o grupo anarquista-comunista, examinou os dois relatórios com uma consciência perfeita de seu dever revolucionário para com o trabalho oprimido que somente agora tinha-se decidido libertar.

Eis aqui a resolução que o Congresso dos Sovietes votou a esse respeito:

"O Congresso regional dos trabalhadores de Goulaï-Polé condena energicamente as pretensões do Governo Provisório de Petrogrado e da Rada Central Ucraniana de Kiev em querer dirigir a vida dos trabalhadores e convida os Sovietes locais e toda a população proletária organizada a ignorar todas as ordens governamentais.

"O povo deve ser soberano em sua casa. Chegou afinal a hora de realizar seu sonho secular. Daqui por diante, a terra, as fábricas e as usinas devem pertencer aos trabalhadores.

"Os camponeses devem ser donos das terras, os operários das fábricas e das usinas.

"Compete aos camponeses expulsar de suas terras todos os *pomechtchiki* e *koulaki* que se recusarem a trabalhar com as próprias mãos, e organizar em suas propriedades rurais comunas agrárias livres, compostas de voluntários, camponeses e operários. O Congresso

reconhece que a iniciativa dessa decisão pertence ao grupo anarquista-comunista e a ele confia sua realização.

"O Congresso espera que os Sovietes e os Comitês agrários locais irão pôr todos os meios técnicos que possuem à inteira disposição desse grupo em vista da obra comum a ser realizada".

Em seguida, o Congresso exprimiu a certeza de que a consolidação pelos trabalhadores, apesar da oposição de seus inimigos, das conquistas da Revolução, seria seguida, não somente em nossa região, mas em toda a Ucrânia e a Rússia, de uma expropriação total, em proveito dos trabalhadores, de todas as empresas coletivas das quais desfrutam a burguesia e o Estado.

Mais ou menos no fim da sessão do Congresso, um certo número de comunas, até aí fiéis ao governo, informaram por uma mensagem telefônica enviada de Alexandrovsk que agentes do Comitê comunal de Alexandrovsk, do Soviete dos Deputados camponeses, operários, soldados e cossacos e do comissário do governo percorriam as aldeias, organizando encontros, convidando os camponeses a boicotar o Congresso dos Sovietes de Goulaï-Polé, culpado por abordar questões que somente a Assembléia Constituinte era chamada a resolver, declarando enfim que, apesar de ser formado por camponeses, ele achava para os problemas soluções que eram contrárias ao interesse destes últimos, e que os membros de seu Escritório, inimigos provados dos trabalhadores, ingoravam totalmente as leis da Revolução, e se insurgiam por esta razão contra o Governo revolucionário Provisório, dirigido por Kerensky, e contra a Assembléia Constituinte, tribunal revolucionário supremo.

Juntei a essas mensagens um envelope recebido pelo Comitê comunal de Goulaï-Polé e que continha a ordem do comissário governamental do distrito para interditar a N. Makhno toda atividade social em Goulaï-Polé: ele era, dizia o documento, perseguido pela justiça do Estado por ter desarmado os *pomechtchiki* e os *koulaki.*

Depois de ter tomado conhecimento de tudo isso, o Congresso convocou a Secretaria do Comitê comunal de Goulaï-Polé e a convidou a participar da discussão das mensagens e, acima de tudo, da carta que me dizia respeito.

Depois de uma tempestade de injúrias contra os agentes gover-

namentais que estavam percorrendo as aldeias e contra o comissário do governo, a assembléia votou a seguinte resolução:

"O Congresso dos Sovietes da região de Goulaï-Polé e o Soviete de Goulaï-Polé não reconhecem, nem por si mesmos e nem pelos trabalhadores que os investiram de plenos poderes, nenhuma autoridade e não admitem nenhuma sanção pronunciada pelo comissário do governo ou pelo Comitê comunal de Alexandrovsk e cumprimentam em N. Makhno o amigo e o iniciador em matéria de questões revolucionárias e sociais.

"O anarquista N. Makhno tem sido delegado pela antiga União dos Camponeses com seis outros membros no Comitê de Goulaï-Polé para aí exercer um controle permanente sobre seus trabalhos. O Sovite dos Camponeses, depois da reorganização da União, confirmou esta decisão.

"O Congresso aprova a nomeação e protesta contra a inadmissível ingerência do Comitê de distrito e do Comissário nos trabalhos das Assembléias locais". (Resumos do Congresso, livro n.º 2, 1917.)

Enviei essa resolução ao comissário do governo, o cidadão I. K. Mikhno.

Mas a questão não se limitou a isto.

O grupo anarquista-comunista pediu ao Congresso uma suspenpensão de duas horas da sessão, propondo-se fazer, à retomada dos trabalhos, uma comunicação importante sobre a situação atual.

Foi decidida uma interrupção de três horas. Esse período de tempo foi usado pelos delegados para uma troca de pontos de vista pessoais. Quanto ao nosso grupo, ele aproveitou para organizar uma reunião e para encarregar-me de apresentar, com o camarada Antonov, um relatório sobre "a contra-revolução na cidade e no distrito de Alexandrovsk".

Apresentamos esse relatório logo depois da retomada dos trabalhos.

Acho inútil relembrar aqui as idéias que tal relatório continha; mas, desejo de todo coração que aqueles que abordam os camponeses sem conhecê-los, mas com uma alta opinião sobre si mesmos, leiam tais relatórios, se alguma vez estes forem apresentados em nome de

nossos grupos anarquistas. Esses relatórios irão ensinar-lhes muitas coisas, e os ecos que provocam nas massas populares, far-lhes-ão perceber a psicologia dos camponeses. Saberão assim, de uma vez por todas, que nunca estes últimos lhes virão pedir nem conselhos nem sanções pelo que diz respeito a sua própria ação revolucionária, independente e fecunda.

Cabe a nós ir ao encontro deles e procurar compreendê-los.

Depois de ter ouvido esse relatório, o Congresso votou a seguinte resolução:

"O Congresso dos trabalhadores da região de Goulaï-Polé encarrega o Soviete dos Deputados camponeses e operários de Goulaï-Polé de outorgar regularmente um mandato aos relatantes N. Makhno e V. Antonov, membros do grupo camponês anarquista, e de delegá-los por parte do Soviete e do Congresso junto aos operários das usinas e do porto de Alexandrovsk, a fim de conhecer seus sentimentos verdadeiros relativamente à política anti-revolucionária do Comitê Executivo do Soviete dos Deputados operários e camponeses por eles eleitos.

"Não é senão assim — dizia o Congresso em sua resolução — que nós, camponeses revolucionários, poderemos nos dar conta da importância relativa das forças de nossos inimigos e das nossas". (Extratos dos Resumos do Congresso dos trabalhadores realizado em Goulaï-Polé, setembro de 1917.)

O Congresso estudou a seguir algumas outras questões na ordem do dia. Depois, após ter decidido a publicação dos Resumos e seu envio aos Sovietes locais, dissolveu-se.

A atitude dos camponeses revolucionários com respeito a seus amos e senhores durante os seis primeiros meses da Revolução, atitude esta reforçada pelo Congresso de Setembro, contribuiu para fortalecer a posição de nosso grupo no país.

Atraiu daí por diante, cada vez mais, a atenção dos Comitês comunais.

Mas esse resultado não foi alcançado sem sofrimento. Dispendemos muitos esforços para chegar a vencer, no interior do grupo, a resistência ao princípio de uma organização regular e nossa situação nas aldeias escravizadas não foi estabelecida de maneira firme senão quan-

do pudemos adotar uma forte organização e quando todos os membros ativos da Repartição agiram de acordo com o conjunto do grupo:

— V. Antonov, Sokrouta e Kalinitchenko — no Soviete dos Deputados operários e camponeses.

Pétrovski, Séreguin, Mironov, P. Charovski, L. Schneider — nos Comitês das usinas.

N. Makhno, Séreguin, Antonov — no Soviete da União profissional dos metalúrgicos e de sua Caixa de Auxílio em caso de doença.

A. Martchenko, A. Sémenota, Procope Charovski, F. Krate, Isidore Lotyi, Paul Korostelev, os irmãos Makhno, Stéphane Chepel, Grégoire Séreda — no Soviete dos camponeses e no Comitê agrário.

Isto contribuiu para fazer convergir todos os nossos esforços em direção a um mesmo ideal. Cada um de nós compreendia perfeitamente a finalidade a ser alcançada e reivindicava sua parte de responsabilidade.

Isto valeu, por outro lado, a nosso grupo, achar-se ligado mais intimamente à massa dos trabalhadores e lhe permitiu melhor fazer compreender a estes últimos a idéia anarquista, no sentido social da palavra, e a necessidade de vigiar a atitude do Governo Provisório, da Rada Central Ucraniana e de seu Secretariado, no momento em que estes estavam sendo mais nocivos à realização prática dos princípios revolucionários.

Os trabalhadores da região declaravam abertamente em seus Congressos que estavam observando atentamente os procedimentos de seus opressores e se preparavam para pegar em armas contra eles.

Desde o fim do mês de agosto de 1917, todos os Comitês comunais da região começaram a protestar contra certas ordens do governo. Formulados anteriormente em reuniões locais, esses protestos nos estavam sendo comunicados pelos delegados e redigidos a seguir definitivamente.

Todavia, apesar da consciência evidente dos trabalhadores — consciência que lhes abria o caminho para a independência moral e material e para a liberdade completa, pela qual estavam prontos a verter seu sangue, e que desejavam sentir dentro de si e em torno de si, realizando assim uma sociedade sem autoridade —, apesar dessa

tendência tão fortemente sentida entre eles, o princípio de abolição da propriedade privada sobre as terras, as fábricas e as usinas, proclamado pelo Comitê de Defesa da Revolução em Goulaï-Polé e confirmado pelo Congresso regional dos trabalhadores, não pôde ser realizado totalmente.

O Governo Provisório secundado pelo partido de Kerensky (socialistas-revolucionários de direita e mencheviques), tendo por conseguinte em suas mãos as autoridades locais e as tropas que, na região, mantinham-se à parte das massas e ignoravam suas aspirações, acabou por ter vantagem. Entravou o impulso revolucionário dos trabalhadores que tinham levado a dianteira dos programas destes partidos reclamando a liberdade completa, e não deixou que a iniciativa popular se realizasse, sadia e fecundamente.

Foi assim que, pelo menos temporariamente, os privilegiados da burguesia triunfaram com insolência.

Aqueles que, mesmo se valendo do socialismo, não viam nele senão um jogo, contribuíram incontestavelmente para este resultado. Os trabalhadores de Goulaï-Polé que, audaciosamente, tinham tentado tornar-se os senhores incontestados da liberdade e da felicidade, contentaram-se desta vez em não pagar aos *pomechtchiki* o arrendamento, e em colocar até à primavera, sob o controle dos Comitês agrários, as terras, as ferramentas e o gado, para impedir *pomechtchiki* de vendê-los.

Impotentes, desamparados, os trabalhadores davam pena de se ver. Sua inferioridade manifesta os incitou a procurar reforços.

Mas onde encontrá-los?

Acabaram por compreender que não podiam contar senão consigo próprios. Estreitaram as fileiras, procurando criar forças suficentes para se libertar, todos, da tirania nefasta do Estado.

13 | *Visita aos operários das usinas de Alexandrovsk*

Apesar da hostilidade que reinava em todas as instituições governamentais e no Soviete operário de Alexandrovsk para com os trabalhadores da região de Goulaï-Polé, os Delegados do Soviete de Goulaï-Polé e do Congresso, isto é, o camarada Antonov e eu mesmo, partimos para apresentar aos operários dessas usinas um relatório sobre "a contra-revolução na cidade e no distrito de Alexandrovsk", pois estávamos persuadidos de que o Goulaï-Polé revolucionário exercia ali certa influência.

As autoridades nos receberam com desconfiança, mas não ousaram nos impedir de visitar todas as usinas e todas as oficinas, de fazer conhecer aos operários o que pensavam os camponeses, quais as medidas que eles tencionavam tomar em sua obra revolucionária, e de nos informar ao mesmo tempo sobre aquilo que pensavam sobre os planos que faziam para o futuro, apesar da contra-revolução que os cercava por toda parte, e que tinha estendido, em seu nome, sua atividade pelos campos.

Partimos, pois, sem inquietações.

O Soviete de Goulaï-Polé e a União profissional tinham prometido, caso as autoridades tentassem nos deter, organizar um assalto contra Alexandrovsk.

Para começar, pois, dirigimo-nos para o Soviete e pedimos à Secretaria para nos indicar por onde nos seria mais cômodo começar nosso giro pelas usinas para não deixar nenhuma delas sem ser visitada e não perder inutilmente nosso tempo.

A Secretaria do Soviete tendo-nos pedido com qual finalidade estávamos agindo, mostramos-lhe nosso mandato. Depois de curta reflexão, foram-nos dadas as indicações pedidas e nossos mandatos foram vistados. Mas não seguimos as instruções dadas pelo Soviete.

Dirigimo-nos para a Federação anarquista e convidamos a camarada Nikiphorova a nos servir de guia e de auxílio em nossa missão, e, os três, nos dirigimos para as usinas.

Lá, apresentamos nossos mandatos aos Comitês das Usinas. Esses reuniram imediatamente todos os operários para que ouvissem o que tínhamos a lhes dizer da parte dos camponeses.

Durante vários dias, visitamos assim as fábricas e as oficinas, expondo aos trabalhadores a ação contra-revolucionária feita em seu nome nas aldeias e a resistência dos camponeses.

Eles nos ouviam com uma atenção toda particular, votavam resoluções censurando a atitude de seu Soviete e exprimindo seu reconhecimento a nós e a todos aqueles da região de Goulaï-Polé por lhes ter revelado as maquinações odiosas que, de acordo com as organizações governamentais, se faziam em nome de seu Soviete em todo o distrito.

Mais de uma vez, tivemos como ouvintes membros do Soviete dos Deputados componentes e operários, do Comitê comunal, agentes do comissário governamental e mesmo o comissário da guerra em pessoa — o socialista-revolucionário S. Popoff. Todos combatiam nossos relatórios com uma animosidade que somente podiam se permitir os senhores incontestados da situação.

Eles não tiveram, por outro lado, nenhum êxito. Os operários lhes declararam: "Não acreditamos mais em vocês, pois deixando-se dirigir pela burguesia, vocês nos impediram de ver todo um lado fecundo da Revolução. Vocês querem que a sustentemos, mas sem nenhum direito de nossa parte a desenvolvê-la e a ampliá-la".

Na noite do terceiro dia, restava-nos ainda um relatório a ser feito nas usinas de munições, antigas usinas de Badovsky.

Fomos para lá e pedimos à sentinela para que nos deixasse entrar no Comitê das oficinas militares; mas, sem dizer palavra, ela nos fechou a porta na cara. Gritamos-lhe através da grade que vínhamos da parte dos camponeses para fazer uma comunicação aos operários-soldados. A sentinela chamou um membro do Comitê dos Soldados,

que nos declarou, através da grade, que estava informado, mas que não podia nos deixar entrar, tendo o comissário da guerra, o socialista-revolucionário Popoff, dado ordem para não nos deixar entrar sob pretexto algum, para chegar perto dos soldados. Nesse momento, grupos de soldados começaram a se formar por trás da grade, e dirigi-me diretamente para eles: "Camaradas soldados! Quem comanda aqui? O comissário que vocês mesmos elegeram no Comité comunal? Ou são vocês? Vocês não têm vergonha, camaradas, de se terem colocado numa situação tal que não é permitido que cheguem até vocês os representantes dos camponeses, seus pais e suas mães, seus irmãos e suas irmãs?"

Gritos se levantaram do grupo de soldados: "Onde está o Comitê? Tragam até aqui o Comitê! Que ele abra as portas e deixe entrar os representantes dos camponeses. Senão, nós mesmos os faremos entrar".

Alguns soldados, de cabeça descoberta, dirigiram-se com ímpeto a nos abrir o portão, fizeram-nos entrar em seu refeitório, e nos investiram com perguntas sobre Goulaï-Polé e suas atividades.

Uma dezena deles se agrupou à minha volta, dizendo-me: "Somos todos socialistas-revolucionários de esquerda; há também alguns bolcheviques e alguns anarquistas entre nós, mas nada podemos fazer aqui. Ao mínimo ato revolucionário, somos enviados para a frente de combate e outros são enviados em nosso lugar. Ajude-nos como puder, camarada Makhno. Propomo-nos chamar de volta do Soviete do Comitê comunal todos os representantes-soldados e nomear outros que reflitam nossas idéias".

Disse-lhes que os camponeses nos tinham encarregado de uma missão determinada e que na medida em que ela correspondesse a seu ponto de vista revolucionário, eles deviam se regozijar de seu êxito e esforçar-se para com ela contribuir.

Demos início a nosso relatório. Os soldados das oficinas nos escutavam avidamente, procurando compreender da melhor maneira possível, faziam perguntas e manifestavam seu contentamento.

Quando os convidamos a organizar-se e entrar em contato, por intermédio da região de Goulaï-Polé, com os camponeses do distrito, e a formar assim uma frente única para combater a contra-revolução, elevaram-se gritos: "Qual contra-revolução? Todo o poder está nas mãos dos revolucionários! De onde pode vir a contra-revolução?"

Assim gritava o comissário da guerra, o socialista-revolucionário Popoff, cercado por seus partidários.

Quando o camarada Antonov lhe respondeu que era exatamente esse "poder revolucionário" que criava a contra-revolução, o comissário Popoff, o socialista-revolucionário Martynoff e outros socialistas puseram-se a discutir violentamente.

Resultou daí que as oficinas estavam sob a influência dos socialistas-revolucionários e dos socialistas-democratas. Não se tratava, aí, de uma influência propriamente dita, mas de uma pressão da parte daqueles que detinham o poder.

A massa dos soldados estava dividida entre várias opiniões políticas, das quais os socialistas-revolucionários de direita e os socialistas-democráticos mencheviques não formavam a maioria. Mas, sendo dado que para toda opinião revolucionária manifesta — os soldados me disseram, outra vez ainda abertamente — eles corriam o risco de serem enviados, na primeira oportunidade, para a frente externa de combate, eles se abstinham em falar, e sofriam, enquanto isso, a tirania do poder estatista dos socialistas-revolucionários de direita e dos socialistas-democratas mencheviques.

A pressão assim exercida sobre eles me fez insurgir a tal ponto, que lhes pedi imediatamente que chamassem de volta esses socialistas de todos os postos que lhes tinham confiado, e que fizessem sair das oficinas aqueles que ali se encontravam. Prometi aos soldados que interviria no Comissariado Departamental da Guerra para que seus interesses não fossem lesados em nada; eu conhecia, de fato, o Comissário, que era o camarada anarquista-sindicalista Grunbaum, administrador bastante bom e que dava prova de energia revolucionária. Se preciso fosse, eles deveriam, para defender seus direitos, descer armados nas ruas. Goulaï-Polé sempre os sustentaria.

Meu apelo entusiasmou os soldados. Quiseram enxotar imediatamente os socialistas-revolucionários e os socialistas-democratas das oficinas. E se, movidos pela consciência revolucionária, não tivéssemos nos oposto a tal coisa, eles os teriam linchado.

Não foi senão com muito custo que conseguimos impedir-lhes de cometer este ato indigno de revolucionários contra outros revolucionários. (Todavia os agentes do governo e desses "revolucionários" tinham morto, nos dias 3 e 5 de julho, na vila de Dournovo, nosso

camarada Assine em Petrogrado, além de numerosos outros anarquistas.)

Os soldados-operários das oficinas votaram, em resposta a nosso relatório, uma resolução que decidia a revogação definitiva, de seus representantes, do Soviete e do Comitê comunal de Alexandrovsk, se essas duas instituições não viessem a ser reorganizadas por todos os operários, e também uma outra resolução destinada a sustentar os trabalhadores revolucionários de Goulaï-Polé.

Deixamos em seguida as oficinas: os soldados nos pediram para dizer aos camponeses que eles estariam sempre com eles na luta pela liberdade e pediram que fossemos vê-los mais amiúde com semelhantes relatórios.

Estava ficando tarde.

Estafados, fizemos uma refeição rápida em casa de alguns camaradas operários, e voltamos para nossos quartos.

Naquela noite, o comissário para a guerra, o socialista-revolucionário Popoff e o comissário governamental K. B. Mikhno decidiram fazer deter secretamente a anarquista Nikiphorova, por nos ter acompanhado junto dos operários sem ter sido oficialmente mandada pelos camponeses, e trancá-la traiçoeiramente na prisão. Seus agentes descobriram facilmente seu alojamento, agarraram-na e conduziram-na, de carro, para a prisão.

Mas, infelizmente para os Comissários, os operários souberam, desde a manhã seguinte, da detenção da anarquista Nikiphorova e enviaram imediatamente para os comissários uma delegação encarregada de exigir sua libertação instantânea.

Os comissários não se fizeram encontrar.

Então, os operários das fábricas e das oficinas abandonaram o trabalho e, acompanhados pelas sereias de alarma das usinas, dirigiram-se, com os estandartes ao vento, e cantando canções revolucionárias, para o Soviete dos Deputados operários e camponeses.

Enquanto estavam desfilando, assim manifestando sua solidariedade revolucionária, encontraram o presidente do Soviete dos Deputados camponeses e operários, o socialista-democrata Motchalyi, e se apoderaram de sua pessoa. Uma comissão, eleita de imediato, o fez

subir numa carruagem, indo com ele até a prisão e libertou a anarquista Nikiphorova.

Quando a delegação operária, o presidente do Soviete e a anarquista Nikiphorova chegaram perto dos manifestantes que desfilavam na rua da Catedral, os operários se apoderaram da anarquista e, fazendo-a passar de grupo em grupo, levaram-na em triunfo até o Soviete, aclamando sua libertação, felicitando-a e mandando maldições em direção ao Governo Provisório e a todos os seus agentes.

Nenhum dos comissários ousou mostrar-se para os operários na tribuna do Soviete. Sozinha, a anarquista Nikiphorova ocupou esta tribuna e chamou, com sua voz possante, os operários para a luta contra o Governo, pela Revolução e por uma Sociedade livre de toda autoridade.

Terminamos nosso relatório com um apelo endereçado aos operários, convidando-os a acabar de uma vez com o Soviete de Alexandrovsk cuja atividade anti-revolucionária ia longe demais. Nós conhecíamos sua fisionomia política pelos agentes encontrados nas aldeias e no Congresso, e nossos relatórios decidiram de antemão quanto a sua sorte. O ato insolente dos comissários para com a camarada anarquista, ato que, de parte de políticos sérios não podia ser escusado nem do ponto de vista político, nem, acima de tudo, do ponto de vista tático, não fez senão acelerar esta queda do Soviete e dos S.-R. da direita, S.-D. mencheviques e Cadetes que os compunham.

Imediatamente, os operários tomaram a decisão de proceder, o mais depressa possível, a novas eleições. Em poucos dias, os antigos representantes foram chamados de volta e outros foram eleitos em seu lugar na maioria dos casos. Assim se achou constituído um novo Comitê Executivo dos Sovietes dos Deputados operários e camponeses do distrito de Alexandrovsk.

Este novo Comitê foi, esta vez ainda, composto não de operários interessados diretamente na obra de sua classe, mas de pessoas que, mesmo sendo operários, estavam muito próximos, por suas convicções, dos partidos e das organizações dos S.-R. de esquerda, dos bolcheviques e também, alguns dentre eles, dos anarquistas. Os novos eleitos se subdividiram em funções e, desde sua entrada para o Comitê Executivo, alteraram e, não fosse pelos anarquistas, teriam desfigurado completamente, nos meios operários, a noção mesma da Revolução.

Todavia, esse novo Soviete não sustentava abertamente nem o Comitê comunal anti-revolucionário de Alexandrovsk, nem o comissário do governo, os quais exigiam — todos — que o Comitê comunal de Goulaï-Polé me proibisse toda atividade social por ter desarmado a burguesia. Por outro lado, o novo Soviete não pedia absolutamente que devolvêssemos à burguesia as armas que lhe tínhamos tomado.

A exemplo das altas instituições políticas e administrativas, sentiu a necessidade de dar a cada um de seus membros uma pasta ministerial sob o braço, como se eles tivessem que decidir da sorte da Revolução.

E eles se reuniram dia após dia, elaborando regras para sua conduta. O momento, aliás, para tal trabalho, era dos mais propícios: os bolcheviques e os S.-R. de esquerda entendiam-se sobre numerosos pontos e tinham levantado a questão do bloqueio, questão que os dirigentes dos dois partidos ainda não tinham colocado oficialmente, mas que se podia prever que teria sido respondida por eles afirmativamente.

O camarada Antonov e eu mesmo deixamos a cidade de Alexandrovsk com pesar. Ambos tínhamos vontade de aí trabalhar por algum tempo entre os operários, um certo número dos quais estava sinceramente ligado à causa revolucionária. Eles se distinguiam nitidamente da massa, mas não pertenciam a nenhum partido político. Suas simpatias iam, todavia, para os anarquistas. Mas nós tínhamos começado um trabalho de organização entre os camponeses, e, vendo-o prosperar, devíamos a ele voltar. E partimos para Goulaï-Polé.

Quando de nossa chegada, reunimos todas as organizações revolucionárias, profissionais e comunais, e fizemo-lhes um relatório detalhado de nossos sucessos em Alexandrovsk. Uma assembléia-*skhod* de todos os trabalhadores, foi convocada a seguir; lá, ainda, fizemos um relatório detalhado sobre a acolhida que nos tinham reservado os operários e a atenção com a qual eles tinham ouvido o que lhes tínhamos dito sobre a contra-revolução na cidade de Alexandrovsk e em seu distrito. Depois, transmitimos o que os operários e os soldados das oficinas da retaguarda mandavam dizer aos camponeses e operários de nossa região revolucionária de Goulaï-Polé. Nosso sucesso junto aos operários de Alexandrovsk suscitou o contentamento de todos.

Mas, os trabalhadores revolucionários tinham sede de ação.

Propus aos camponeses designar algumas pessoas capazes de se-

cundar o Comitê agrário, e de proceder, sem tardança, à partilha das terras pertencentes às igrejas, aos monastérios e aos *pomechtchiki*; pois era necessário semear essas terras antes do inverno ou lavrá-las para a primavera.

Puseram-se resolutamente à obra, mas quando chegaram nos campos e começaram a realizar a partilha, constataram que era preciso que cada um supervisionasse, aquele ano ainda, as terras que tinha lavrado e semeado com os cereais de inverno, e foi decidido que cada um dentre eles deveria depositar uma certa soma em proveito da comunidade a fim de sustentar os fundos públicos que proviam às necessidades da comuna; aqueles entre os camponeses que não tivessem lavrado não teriam que depositar nada naquele ano.

Todavia, de modo geral, eles se apoderaram das terras que deviam ser lavradas antes do inverno e partilharam-nas entre si sem prestar a mínima atenção às ameaças dos agentes do governo. Grande número de distritos, comunas e regiões seguiu o exemplo dado pelos camponeses de Goulaï-Polé.

Nosso grupo anarquista-comunista e os membros do Soviete dos Deputados camponeses e operários enviaram por toda parte camaradas seguros e de confiança e apelos escritos convidando os camponeses a agir no mesmo sentido com a maior energia possível. Esperávamos que os sucessos locais da ação revolucionária direta resolveria a questão agrária de modo definitivo, justamente antes da convocação da Assembléia Constituinte, e decidiria assim, igualmente, o destino da propriedade privada sobre as usinas, fábricas e outras empresas públicas. Tendo com efeito sob os olhos o exemplo dos camponeses, os operários não iriam mais querer permanecer escravos dos patrões dessas empresas, que iriam proclamar a propriedade da comunidade, e colocar sob a direção imediata de seus "Comitês de usinas" e "Uniões".

Isso seria o começo da luta contra o poder político do governo (sob a condição de que os grupos anarquistas das cidades estivessem prontos), e assim a morte dos próprios princípios do governo se tornariam um fato cumprido. Não restaria senão enterrar esses princípios o mais profundamente possível para que, não encontrando mais lugar na vida, eles não pudessem jamais ressuscitar.

Em Goulaï-Polé e seus arredores a vida pública tomou uma marcha febril, com grande contentamento dos camponeses e dos operários anarquistas-revolucionários.

14 | *Os avanços do Soviete Departamental contra Goulaï-Polé*

Enquanto o camarada Antonov e eu mesmo estávamos em Alexandrovsk e estávamos apresentando aos operários das usinas, em nome da União dos Camponeses e do Soviete de Goulaï-Polé, o nosso relatório sobre a contra-revolução, nossa atividade atraiu de modo particular a atenção do Comitê Executivo Departamental do Soviete dos Deputados operários, camponeses e soldados de Ekaterinoslav. Com grande senso político, esse Comitê não usou o recurso das represálias, como teriam feito políticos irracionais e inconsiderados. Ele soube usar de "sabedoria política"; indo além da solicitação do Distrito, propôs ao Soviete de Goulaï-Polé para delegar um representante permanente no Comitê Executivo Departamental dos Sovietes.

No decorrer dos debates sobre esta proposta, o Soviete de Goulaï-Polé ficou surpreso pelo seguinte fato: já existia um delegado de Goulaï-Polé no Comitê Executivo Departamental, delegado eleito pelo Congresso Departamental; e o Comitê Executivo propunha enviar para lá um segundo delegado, escolhido diretamente pelo Soviete de Goulaï-Polé.

Esta circunstância obrigou nosso Soviete a voltar-se para suas antigas concepções, segundo as quais tinha, desde os primeiros dias, traçado claramente seu papel na obra revolucionária, a saber, rejeitar toda direção de uma instância superior, uma vez que, sobre o próprio fundo da Revolução, possuía idéias absolutamente diferentes das suas. Parecia pois que a resposta a ser dada ao Comitê Executivo Departamental dos Sovietes estava, em princípio, decidida há longo tempo, e que não restava senão formulá-la numa reunião oficial, e redigi-la.

Contudo, depois de nos termos reportado a nossos princípios re-

volucionários iniciais, chocamo-nos com problemas que, no caminho das realizações práticas, tinham resultado dessa situação. Eles exigiam com efeito, de nossa parte, uma completa fusão com os operários, para que, juntos, proclamássemos nossos direitos seculares sobre as terras, as usinas etc., e que sempre juntos os realizássemos na vida.

Guiados por esta idéia, achamos indispensável estudar a fundo a proposta do Comitê Executivo e encarar, vez por vez, a importância que poderia ter, para a obra revolucionária de Goulaï-Polé, sua aceitação ou sua rejeição.

Essa proposta foi, pois, submetida a uma discussão cerrada. Mas foi necessário, anteriormente, estabelecer exatamente quais os laços que uniam, no caminho da intensificação do movimento revolucionário, os trabalhadores da região de Goulaï-Polé e os das outras regiões, e ver se nossa representação direta no Comitê Executivo não iria suscitar conflitos de idéias em nossas fileiras.

Em definitivo, ficou claro que a influência de Goulaï-Polé era bastante ampla, que a enérgica região de Kamychevat trabalhava conosco, que numerosas outras regiões que dependiam dos distritos de Berdiansk, Marienpol, Pavlograd e Backmout nos enviavam delegados para conhecer nossa atitude para com os inimigos da Revolução (isto é, o Governo Provisório e a Rada Central Ucraniana), e saber quais eram os meios que usávamos na luta para a retomada das terras, fábricas e usinas e sua passagem integral para as organizações camponesas e operárias.

Além disso, numerosos trabalhadores dos citados distritos tinham afirmado, em seus territórios, por meio de atos revolucionários, sua solidariedade com nossas idéias sobre a questão agrária e sobre o direito dos Comitês comunais de resolverem por si sós os problemas de interesse público e de exigir a aplicação de suas leis.

O Soviete dos Deputados camponeses e operários de Goulaï-Polé e o grupo anarquista-comunista viram em todos esses fatos o fruto de seus esforços comuns.

Cuidadosos antes de mais nada com a união, os membros do Soviete resolveram a questão afirmativamente, e decidiram o envio para o Comitê Executivo Departamental de um camarada seguro e capaz, do grupo anarquista-comunista.

Os motivos que ditaram esta resposta foram apresentados por membros do Soviete que não pertenciam a nosso grupo. Eles se consideravam como revolucionários e simpatizantes com os anarquistas, mas permaneciam no seio das massas camponesas e operárias como trabalhadores e bons defensores dos direitos do trabalho.

A resolução podia resumir-se da seguinte maneira: "Os trabalhadores da região de Goulaï-Polé se encontram entre os partidários mais decididos da expropriação dos instrumentos de produção e dos produtos de consumo em proveito da totalidade dos trabalhadores. Mas essa idéia não lhes fez perder a razão. Reconhecem que essa questão, das mais importantes, não pode ser resolvida com sucesso se a idéia da expropriação não for expressa e aplicada em várias regiões simultaneamente, ou, pelo menos, a intervalos bastante curtos.

"Eis aí por que é importante, e é preciso, que o Soviete, o grupo anarquista-comunista e o Soviete da União profissional, sendo favoráveis à nossa idéia, empreguem suas forças para fazê-la penetrar o mais profundamente possível nas massas das regiões solidárias de Goulaï-Polé, sendo o apoio dessas regiões, no momento desejado, neste campo, de uma importância capital, se quisermos ver por conseqüência que nossas teses se estendam para todo o país.

"Sendo o iniciador deste grande movimento, Goulaï-Polé deverá tomar sua direção, mas não poderá fazê-lo senão quando tiver visto a realização, em seu solo, dessa idéia.

"Desse ponto de vista, é importante para o Soviete dos Deputados camponeses e operários de Goulaï-Polé ter um representante direto no Comitê Executivo Departamental dos Sovietes.

"O grupo anarquista-comunista e o Soviete da União profissional dos metalúrgicos e dos trabalhadores de madeira não devem pois se opor a isto, mas, ao contrário, apoiar-nos."

São por estas razões que o grupo anarquista-comunista e o Soviete da União profissional se declararam favoráveis ao envio de um representante para o Comitê Executivo Departamental; e como o Soviete dos Deputados camponeses e operários insistia para que este membro fosse um componente de nosso grupo, designamos para tal o camarada Léon Schneider, organizador experimentado.

A situação era particularmente angustiante. Kerensky ameaçava a

esquerda com a reação. Os anarquistas-revolucionários deviam estar prontos, naquele momento, ou a começar a luta armada contra o Governo Provisório, ou a desaparecer nos subsolos.

Eu sabia perfeitamente que, por falta de organização sólida, nosso movimento anarquista era fraco nas cidades e quase inexistente nas aldeias. Nosso grupo devia pois, assim como tinha sido decidido anteriormente, não contar senão consigo mesmo e estar preparado para toda e qualquer eventualidade. O Comitê confiou ao camarada Léon Schneider documentos que certificavam que ele estava encarregado de representá-lo no Comitê Executivo Departamental. O grupo anarquista-comunista lhe recomendou trabalhar de acordo com a Federação anarquista de Ekaterinoslav. O Soviete da União profissional dos metalúrgicos e dos trabalhadores de madeira lhe deram plenos poderes para se entender com o Comitê industrial local de Ekaterinoslav, a fim de que as fundições de Goulaï-Polé recebessem a tempo, e em quantidade suficiente, as matérias-primas para evitar que os trabalhos parassem nas usinas, ou — se tivesse que parar, para que isso não acontecesse senão em suas sucursais menos necessárias à população da região.

E o camarada Schneider, delegado do Soviete dos Operários e dos Camponeses, partiu para Ekaterinoslav, a fim de representar no Comitê Executivo Departamental o Goulaï-Polé revolucionário. Foi recebido de braços abertos. Mas no fim de duas sessões do Comitê Executivo, no decorrer das quais ele tomou a palavra, a atitude dos Chefes do Comitê mudou bruscamente e sua situação se tornou difícil. Alguns dos membros do Comitê pediram que ele fosse privado do direito de tomar parte das decisões e que não lhe fosse concedido senão o direito de discussão.

Ele fez observar que nunca tinha tido o direito de tomar parte nas decisões do Comitê Executivo, uma vez que o Soviete de Goulaï-Polé não lhe havia dado esse direito. Não tinha sido eleito delegado senão para se manter a par de todas as novas medidas tomadas por esse Comitê no campo revolucionário, e para mantê-lo informado daquilo que tinha sido feito nesse mesmo campo pelos trabalhadores de Goulaï-Polé; assim, o Congresso estaria em condição de preencher todas as lacunas que pudessem vir a existir na obra revolucionária autônoma realizada pelos trabalhadores das diferentes comunas ou regiões.

Depois de uma declaração tão franca, numerosos membros deste Comitê pediram para colocar na ordem do dia a questão da exclusão completa do representante de Goulaï-Polé. Mas nesse momento, tal exclusão teria levado ao boicote deste Comitê por parte de Goulaï-Polé e de toda uma série de regiões revolucionárias solidárias; isto teria servido para mostrar às massas dos trabalhadores em todo o departamento, e mesmo muito além de seus limites, que o Comitê Executivo Departamental de Ekaterinoslav estava atrasado na obra da Revolução das massas revolucionárias locais. Ora, o boicote não é agradável para ninguém em período revolucionário agudo, mas era particularmente temido pelos políticos.

O Comitê Executivo Departamental dos Sovietes compreendeu isso muito bem e manteve contra a vontade o representante de Goulaï-Polé em suas fileiras, escolhendo para ele um lugar numa seção qualquer, a seção industrial, se não me engano.

Cada semana, nosso delegado vinha a Goulaï-Polé fazer relatórios ao Soviete dos Deputados operários e camponeses, à União profissional dos operários, e a seu grupo anarquista-comunista, e os submetia à discussão. Depois disso, voltava por toda a semana para Ekaterinoslav.

Por seu intermédio, o Soviete da União profissional se entendia com o Comitê industrial local e recebia em tempo as matérias-primas necessárias para a usina.

O Congresso regional dos Comitês agrários designou certo número de *pomechtchiki* para deles fazer, com o auxílio de voluntários, comunidades agrárias.

Os camponeses e os operários se agruparam por famílias, ou por pequenos grupos simpatizantes, ou também por grupos de 150 a 200 pessoas que formavam verdadeiras comunas agrárias livres. O contentamento estava em todos os rostos, quando eles discutiam livremente entre si sobre aquilo que deveriam fazer enquanto esperavam a primavera, quais os tipos de trigo que deveriam semear, quais deles dariam a colheita abundante que se esperava e que seria uma grande ajuda para a Revolução, sob a condição de que o tempo se mantivesse bom, não muito seco, com as chuvas necessárias às "tchernoziom" [13] na época desejada.

---

13. Terra negra particularmente fértil. (N. T.)

"Somente uma semeadura de todas as terras com um bom trigo, e uma colheita abundante nos permitirão restabelecer nossas forças das devastações da guerra e sustentarão as forças da Revolução", diziam os camponeses.

Quando se lhes perguntava: "E o Governo Provisório de Petrogrado, e a Rada Central com seu Secretariado de Kiev? São eles, contudo, os inimigos diretos da grande obra revolucionária que vocês querem sustentar?" A resposta era sempre a mesma: "Mas nós estamos justamente nos organizando para expulsar o Governo Provisório e não deixar chegar ao poder a Rada Central e seu Secretariado de Kiev. Esperamos ter acabado, daqui até à primavera, com todos estes governos". "Quem, vocês?", era-lhes perguntado às vezes. "Nós, os camponeses e operários. Vocês foram para Alexandrovsk e puderam ver que, como nós, os operários desejam viver livres e independentes de todo poder, de todo governo e de todos esses outros flagelos vindos não se sabe de onde."

Em setembro, durante nossos trabalhos de organização entre os camponeses e os operários, o *pomechtchiki* Mikhno, comissário do governo, mandou para Goulaï-Polé um enviado especial encarregado de estabelecer um relatório sobre minha pessoa e sobre todos aqueles que estavam desarmando a burguesia da região.

Ele se instalou nos escritórios da milícia e pediu que fossem convocados todos os camponeses e operários, e eu também, a fim de que fôssemos interrogados um por um.

Mas, infelizmente para o comissário e para seu enviado, a milícia de Goulaï-Polé não tinha senão um papel de comissionada e não de gendarmeria. Ela me preveniu e fui eu mesmo ver esse enviado, intimando-o a reunir imediatamente todos os seus papéis e seguir-me até o Comitê de Defesa da Revolução.

Lá, o fiz sentar numa cadeira e pedi-lhe para explicar sem emoção, simplesmente, a finalidade de sua vinda a Goulaï-Polé. Ele fez o possível para me dar essas explicações com toda a calma que lhe recomendei, mas, não sei por que, não conseguiu de modo algum: seus lábios tremiam, seus dentes batiam e ele corava e empalidecia continuamente, os olhos abaixados.

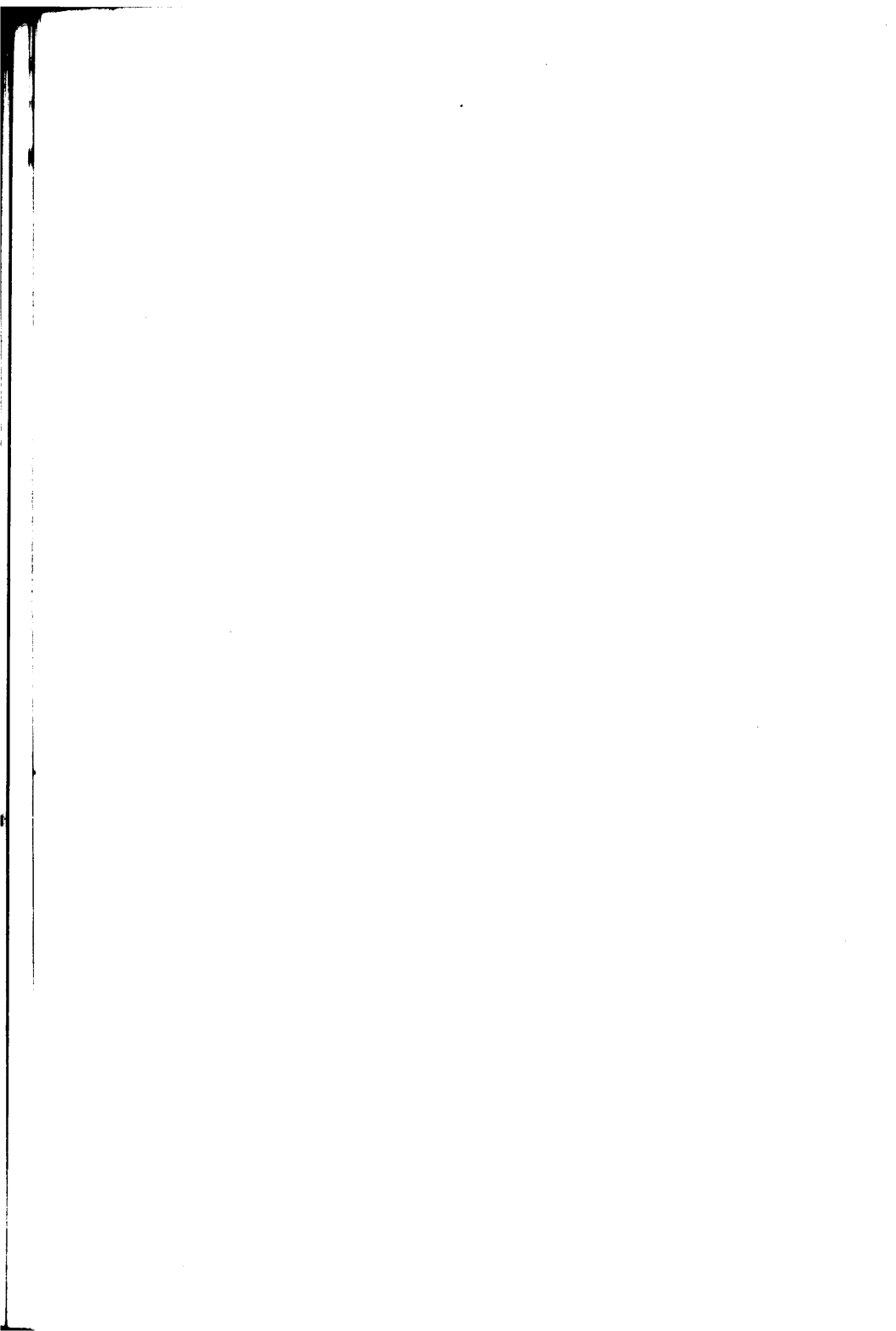
Convidei-o então a registrar por escrito pausadamente o que eu ia lhe dizer. E quando, mantendo a mão sobre o papel, ele escreveu o

que eu lhe tinha ditado, pedi-lhe para que deixasse Goulaï-Polé nos próximos vinte minutos e a região nas próximas duas horas.

E o enviado especial do comissário do governo do distrito de Alexandrovsk partiu bem depressa, muito mais depressa do que o Comitê de Defesa da Revolução e eu mesmo pudéssemos esperar, para reunir-se a seu patrão em Alexandrovsk.

Depois desse dia, Goulaï-Polé não recebeu mais nenhuma ordem dos centros, nem enviado algum da parte de Alexandrovsk.

Estávamos chegando ao fim do mês de setembro. O grande mês de outubro se aproximava, devendo dar seu nome à segunda ou grande Revolução russa.

PARTE II

I | *O golpe de Estado de outubro, na Rússia*

A notícia do golpe de Estado de outubro em Petrogrado e em Moscou, e depois na Rússia inteira, não chegou para nós, na Ucrânia, senão em fins do mês de novembro, começo de dezembro de 1917.

Até o mês de dezembro de 1917, os trabalhadores das cidades e das aldeias da Ucrânia não ouviram falar do golpe de Estado de outubro senão através dos manifestos do Comitê Executivo Central Pan-Russo dos Sovietes dos Deputados operários, camponeses, soldados e cossacos, e por aqueles do Soviete dos comissários do povo, dos partidos e grupos revolucionários, e, particularmente, dois destes partidos: o partido bolchevique e o partido socialista-revolucionário de esquerda; pois foram esses dois partidos os que melhor souberam tirar proveito desse período da Revolução russa para a realização de suas finalidades. O terreno para esse grandioso movimento, obra dos operários e dos soldados nas cidades, dos camponeses nos campos, dirigido contra o Governo Provisório e suas vergonhosas tentativas, mas — felizmente — ineficazes para sufocar a Revolução, foi preparado por todos os agrupamentos que tinham podido encontrar um lugar na ampla corrente revolucionária russa.

Mas esses dois partidos, o primeiro bem organizado, o segundo marchando obedientemente sob as ordens do astucioso Lênin, souberam ganhar no momento preciso as massas revolucionárias; e arrastando-as com a fórmula "O Poder aos Sovietes locais dos Deputados operários, camponeses e soldados", e felicitando-as por seu *slogan* "A terra aos camponeses, as usinas e as fábricas aos operários", eles puseram um dique para a Revolução; depois, tendo a sua disposição grandes quantidades de papel e de máquinas impressoras, inundaram as cidades e os campos com seus manifestos, declarações e programas.

Os anarquistas tiveram, nesse golpe de Estado em Petrogrado,

Moscou e outras cidades industriais, um papel particularmente destacado, na vanguarda dos marinheiros, dos soldados e dos operários. Mas, por falta de estrutura, eles não puderam ter sobre o país uma influência revolucionária comparável à desses dois partidos que tinham formado um bloco político sob a direção deste mesmo astucioso Lênin e sabiam exatamente aquilo que deviam empreender antes de mais nada neste momento e de que força e energia podiam dispor.

Sua voz se fez ouvir no momento certo no país inteiro, clamando com força o desejo secular das massas dos trabalhadores: a conquista da terra, do pão e da liberdade.

Durante esse tempo, os anarquistas, desorganizados, não encontravam nem mesmo o meio de fazer ver às massas a mentira e a pobreza ideológicas desses dois partidos que, para se apoderarem da Revolução, serviam-se de fórmulas essencialmente antigovernamentais, em total desacordo com seus princípios profundos.

As massas dos trabalhadores, durante o período dos procedimentos contra-revolucionários do Governo Provisório e de seus agentes diretos, os socialistas da direita e os Cadetes, viam nos bolcheviques e nos socialistas-revolucionários de esquerda os defensores de suas aspirações. Elas não notavam toda a malícia e a falsidade desses partidos políticos. Sozinhos, os anarquistas-revolucionários, anarco-comunistas e anarco-sindicalistas, teriam podido levá-los a ter um maior discernimento. Mas, antes da Revolução, os anarquistas, fiéis nisto a uma antiga tradição, não estavam se preocupando em reunir seus diferentes grupos numa formação poderosa, e, no momento da Revolução, o trabalho urgente de alguns por entre os operários, de outros nos jornais, os impediu de pensar seriamente em sua fraqueza e de pôr um fim a tudo isso, criando uma organização que lhes tivesse permitido influir sobre a marcha dos acontecimentos revolucionários no país.

Verdade é que, pouco tempo após o início da Revolução, formaram-se Federações e Confederações anarquistas, mas os acontecimentos de outubro mostraram que elas não tinham alcançado suas finalidades. Parecia que os anarquistas-comunistas e sindicalistas teriam tido que trabalhar rapidamente para a modificação da forma de sua organização, para torná-la mais estável e mais em conformidade com o impulso social da Revolução. Mas, ai! Assim não foi!

E, em parte por esta razão, em parte por outras de menor importância, o movimento anarquista, tão vivo e tão cheio de entusiasmo revolucionário, encontrou-se a reboque dos acontecimentos e mesmo, às vezes, totalmente fora deles, incapaz de seguir um caminho autônomo e de fazer aproveitar a Revolução de suas idéias e de sua tática.

Assim, os acontecimentos políticos de outubro, acontecimentos que deveriam pôr em movimento a segunda e grande Revolução russa, não começaram a se fazer sentir na Ucrânia senão em dezembro de 1917.

De outubro a dezembro houve, nas cidades e nas aldeias da Ucrânia, transformação dos Comitês comunais, essas unidades territoriais, em Comissões do *zemstvo*[14]. O papel dos trabalhadores nessa transformação foi, é verdade, mínima, e puramente formal. Em numerosas regiões, os representantes dos camponeses nos Comitês comunais não passaram para as Comissões do *zemstvo*. Numerosos Comitês comunais foram simplesmente rebatizados de Comissões do *zemstvo* sem que se modificasse o que quer que seja em sua estrutura. Mas, oficialmente, a unidade territorial de cada região era o *zemstvo*.

Pouco a pouco, uma parte dos operários das cidades adotou uma posição de expectativa.

Os camponeses consideraram esse momento como o mais propício para derrubar o poder e tomar seu destino em suas próprias mãos. Para esse fim, os camponeses do Zaporojié[15] e da beira-mar de Azow seguiram pois com atenção o golpe de Estado que se propagou por toda a Rússia Central sob forma de ataques armados contra os partidários de Kerensky, vendo nisso a realização daquilo que eles próprios já tinham tentado fazer em suas aldeias em agosto de 1917. Esse golpe de Estado foi pois acolhido com júbilo, e eles se esforçaram por favorecer sua extensão em suas terras. Todavia, o fato de que esse golpe de Estado tinha levado ao poder os bolcheviques e os S.-R. de esquerda não agradava absolutamente aos trabalhadores revolucionários ucranianos. Os camponeses e os operários conscientes viam nisto uma nova etapa na intervenção dos poderes na obra revolucionária local e, por conseguinte, um novo ataque do Poder contra o Povo.

---

14. Administração local eleita, análoga aos conselhos gerais. (N. T.)

15. Aldeia a jusante das correntezas do Dnièpr. (N. T.)

Quanto à massa dos trabalhadores ucranianos, os camponeses das aldeias escravizadas, em particular, eles não viam nesse novo governo senão um governo como todos os outros; e não lhe davam atenção senão quando esse governo os despojava por meio de impostos variados, recrutava soldados ou intervinha com outros atos de violência em suas vidas já tão penosas. Podia-se muitas vezes ouvi-los exprimir sua opinião verdadeira sobre os poderes pré-revolucionários e revolucionários. Parecia que eles estavam gracejando, mas na realidade, diziam do modo mais sério e sempre com um tom de sofrimento e de ódio, que depois que eles tinham expulsado o *durak*[16], Nikolka Romanoff, outro *durak*, Kerensky, tinha tentado tomar seu lugar, mas que ele também tinha sido expulso. "Quem pois irá fazer, agora, o *durak* às nossas custas? O Senhor Lênin?", perguntavam eles. Outros diziam: "Não podemos renunciar a ter um *durak* (e por esta palavra *durak* eles sempre se referiam ao governo). "A cidade não existe senão para isto; seus princípios de base são ruins: eles favorecem a existência do *durak*."

O astucioso Lênin, tendo compreendido bem a cidade, colocou no lugar de *durak*, sob a bandeira da Ditadura do Proletariado, um grupo de pessoas que conheciam esse papel e, na realidade, o ignoravam por completo, mas estavam prontos a tudo, contanto que estivessem no poder e pudessem fazer submeter às suas vontades os outros homens e todo o gênero humano.

Lênin soube elevar o rol de *durak* a uma altura até aí desconhecida e atrair para si, deste modo, não somente os adeptos do partido político mais próximo do dele por sua atividade revolucionária e sua combatividade histórica — os S.-R. de esquerda, que se tinham tornado seus discípulos convencidos pela metade —, mas também alguns anarquistas. É verdade que este jovem grupo do antigo partido socialista-revolucionário, o partido S.-R. de esquerda, empolgou-se novamente depois de sete a oito meses de escravidão e pôs-se a combater Lênin por todos os meios, e até mesmo pela luta armada. Mas isto não modifica em nada os fatos por nós citados.

---

16. Imbecil. (N. T.)

2 | *Eleições para a Assembléia Constituinte — Nossa atitude para com os partidos em luta*

Sendo hostil à própria idéia da Assembléia Constituinte, nosso grupo promoveu campanha contra estas eleições.

Sob a influência de nossa propaganda, a maioria da população da região repelia do mesmo modo o princípio da Assembléia Constituinte; mas uma importante fração da população tomou parte nas eleições. Isto se explica pelo fato de que os partidos socialistas, S.-R. de esquerda e da direita, S.-D. bolcheviques e mencheviques, e o poderoso partido dos Cadetes, conduziram no país inteiro uma encarniçada campanha para suas listas de candidatos. Também a população do país se dividiu em numerosos grupos, rompendo assim, completamente, sua unidade, e achou-se dividida até mesmo sobre a questão da socialização das terras. Isto foi exatamente o que os Cadetes e os S.-D. mencheviques queriam, estando os mesmos, naquele momento, a favor do resgate das terras pelos camponeses.

Nosso grupo, ao estudar as atividades de todos esses partidos — atividades que tinham tido como resultado a destruição da unidade dos trabalhadores — preferiu, aos Cadetes e aos S.-D., os S.-R. e os bolcheviques e se absteve, a favor desses últimos, de uma propaganda ativa para o boicote das eleições. Ele recomendou àqueles de seus membros que desejassem participar das reuniões organizadas pelos partidos aconselhar os trabalhadores que tivessem confiança na Assembléia Constituinte e que estivessem desejosos de tomar parte nas eleições, a votar para os socialistas-revolucionários (os S.-R. de esquerda e de direita apresentavàm uma só lista, a n.º 3) ou para os bolcheviques (lista n.º 9).

Apesar de haver na Ucrânia numerosas listas de candidatos, somente três delas atraíram os trabalhadores: a lista n.º 3, a dos socia-

listas-revolucionários, a lista n.º 5, a "ucraniana", montão inextricável de socialistas-chauvinistas e de nacionalistas, e a lista n.º 9, a dos bolcheviques. As listas dos S.-R. e dos bolcheviques (n.º 3 e n.º 9) tiveram enorme sucesso onde os trabalhadores se tinham agregado ativamente à campanha eleitoral. A lista n.º 5, a "ucraniana" reuniu, na margem esquerda do rio Dniepr, menos sufrágios que as outras duas precedentes.

O sucesso dos partidos socialistas de esquerda se explica pelas seguintes razões: os trabalhadores ucranianos, não deformados pela política dos chauvinistas, tinham conservado seu espírito revolucionário que lhes era próprio, e votaram para os partidos revolucionários; além do mais, o "movimento de libertação ucraniana" permanecia completamente fechado nos quadros nacionalistas.

Os chefes desse "movimento", exceção feita de dois ou três que todavia acabaram também por aliarem-se, no final das contas, ao militarismo alemão e marcharam contra a Revolução, eram indivíduos os mais disparatados, o que veio trazer às fileiras do "movimento de libertação ucraniana", mesmo nos mais importantes postos, pessoas que falavam ucraniano, mas que não teriam encontrado lugar num movimento de libertação realmente ucraniano.

Este espírito burguês e chauvinista, a culpabilidade política dos chefes deste "movimento" para com os trabalhadores e seu ideal de conquista da liberdade e do direito à independência pela ação revolucionária direta, provocaram nestes últimos um sentimento de ódio quanto ao próprio princípio de "movimento de libertação ucraniana".

Os trabalhadores revolucionários ucranianos notaram a tempo todos esses fatos e marcharam em massa contra esse "movimento", sem nenhuma piedade por tudo aquilo que o tocava.

Dois ou três meses depois do começo de sua luta ativa contra esse partido chauvinista, que tinha desfigurado na Ucrânia os magníficos inícios da grande Revolução russa, eles constataram ter tido razão em empreender esse combate com tamanha presteza e tamanha intensidade.

Não temos, é bem verdade, que estudar aqui a fisionomia do movimento chauvinista ucraniano que tanto mal fez à Revolução. Temos simplesmente que mostrar exatamente as repercussões que teve o golpe de Estado de outubro, desde o segundo dia de seu sucesso em

forças cossacas, divididas em 18 escalões, e estas foram conduzidas para Alexandrovsk, onde foram abastecidas e onde organizou-se, em sua intenção, uma série contínua de reuniões. Nestas reuniões, o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda se esforçava por ganhá-las às suas idéias e pedia a seus melhores oradores para falar. Estes oradores, muito revolucionários em palavras, se diziam "inalteravelmente ligados à obra da Revolução e a suas finalidades: a libertação efetiva do trabalho, a abolição do jugo do Capital e do Estado policial". Estes enganadores lhes prometiam a liberdade plena e completa, uma ampla autonomia para a região do Don e para outras províncias que, sob o reino dos Romanoff, estavam escravizadas por todos os meios e que formavam a Rússia "una e indivisível", a "Santa" Rússia dos ladrões e dos trapaceiros.

Alguns declamavam grandes frases sobre o renascimento nacional de cada uma das províncias escravizadas, e isto sem pudor algum e apesar da presença nessas reuniões de adversários que sabiam perfeitamente que todas essas belas palavras estavam em contradição com os atos de seus dirigentes e que, ao pronunciá-las, mentiam desavergonhadamente.

Contudo, os cossacos permaneciam impassíveis em geral, fazendo pouco dos discursos, e rindo vez por outra.

Depois, os anarquistas tomaram a palavra, de modo particular Maria Nikiphorova que lhes declarou que os anarquistas nada prometem a ninguém, que eles desejam somente que os homens aprendam a conhecer a si mesmos, a compreender sua situação sob o atual regime de escravidão, que eles desejam, enfim, vê-los conquistar, eles mesmos, sua liberdade.

"Mas, antes de lhes falar de tudo isso mais detalhadamente, sou obrigada a dizer-lhes, cossacos, que vocês foram até agora os carrascos dos trabalhadores da Rússia. Permanecerão o mesmo no futuro, ou então tomarão por fim consciência do seu papel odioso e tornarão a entrar na família dos trabalhadores, que até agora vocês não quiseram reconhecer e que, por um rublo do tzar ou por um copo de vinho, estão sempre prontos a crucificá-la viva?".

Neste momento, os cossacos, que lá estavam presentes em número de vários milhares, tiraram seus *papakhi*[20] e baixaram a cabeça.

---

20. Altos gorros de astrakan. (N. T.)

Maria Nikiphorova continuava a falar. Muitos dentre os cossacos soluçavam como crianças. E numerosos intelectuais, vindos de Alexandrovsk, permaneciam perto da tribuna e, falando entre si, diziam:

"Meu Deus, como parecem pálidos e lastimáveis os discursos dos representantes do Comitê Revolucionário e dos partidos políticos, perto dos discursos dos anarquistas, e acima de tudo deste de Maria Nikiphorova!"

Foi para nós agradável ouvir estas palavras da boca daqueles que se tinham, há anos, mantido longe de nós.

Mas não era por essa razão que estávamos dizendo a verdade aos cossacos. Queríamos unicamente que eles a compreendessem para, nelas se inspirando, se libertarem daqueles que os tinham subjugado e ao serviço dos quais eles tinham se tornado carrascos de todas as iniciativas livres dos trabalhadores desde os tempos recuados em que tinham se fixado no Don e no Doretz, no Kouban e no Térek. Sim, os cossacos foram sempre os carrascos dos trabalhadores. Muitos dentre eles já o tinham compreendido, mas outros ainda continuavam, covardemente, a se servirem de seus sabres e de seus *nagaïki* contra as massas escravizadas.

Durante todo o período de sua estadia em Alexandrovsk (eles aí passaram ainda cinco dias depois da reunião) vieram cotidianamente em massa para os escritórios da Federação pedir aos anarquistas determinações e respondendo às questões que estes últimos lhes faziam. Foram estabelecidas relações. Alguns deixaram seus endereços para o envio de publicações anarquistas e para troca de correspondência sobre as questões concernentes à Revolução social.

Os cossacos de Kouban, aqueles da seção de Labinsky especialmente, foram os que mais manifestaram seu interesse, e sei que muitos deles mantiveram por longo tempo correspondência ativa com nossos anarquistas, solicitando deles explicações sobre tal ou tal questão de organização social, pedindo-lhes para lhes enviar as novas publicações e enviando dinheiro, na medida de suas possibilidades.

Os cossacos do Don nos fizeram igualmente tais perguntas, mas nunca em tão grande número e com o mesmo interesse. E isto, de um lado, porque eles eram menos avançados e também porque, por outro lado, em seu território, a reação tinha erguido uma fogueira onde tencionava imolar a Revolução.

Enquanto os cossacos desarmados estavam em Alexandrovsk, o comando revolucionário lhes propôs tomarem o partido da Revolução contra o general Kaledin.

Muitos deles aceitaram e se declararam prontos a tomar as armas e partir para a frente de combate. Foram organizados em *sotnia* e enviados para Kharkow onde foram colocados à disposião do general Antonoff-Ovséenko, que comandava os exércitos do sul da Rússia.

Outros, ao contrário, declararam que desejavam rever seus filhos e seus parentes, que não viam há quatro anos, e pediram para voltar para suas casas. O comandante revolucionário os autorizou a isso. Mas, na realidade, ele os dirigiu para Kharkow, onde fez com que seus cavalos lhes fossem tomados.

Não quero absolutamente julgar este ato do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, pois, deixar passar, naquele momento, cavalos selados na zona de onde partiam os ataques militares contra a Revolução teria sido equivalente a uma traição. De acordo com meus amigos, não censurei aos bolcheviques e aos S.-R. de esquerda senão uma coisa: de ter agido, desde o início das conferências com os cossacos, não como revolucionários, mas como jesuítas, fazendo promessas e não as mantendo. Eles poderiam, assim, ter feito bastante mal à Revolução. E por outro lado, este mal, eles o tinham feito: o envio de carros blindados diante do local das reuniões anarquistas; a fiscalização das organizações revolucionárias nas cidades e nas aldeias já estavam anunciando as más ações desses dois partidos que dominavam o país, e não tinham de revolucionário senão o nome.

8 | *O bloco bolchevique-S.-R. de esquerda em Alexandrovsk — Minhas observações e suas conseqüências*

A frente de combate estabelecida para deter o avanço dos cossacos que se dirigiam para o Zaporjié foi suprimida. Não mais se ouviu

falar deles deste lado. Todas as formações revolucionárias foram transferidas da margem direita para a margem esquerda do Dnépr, em Alexandrovsk e nas aldeias vizinhas.

Sendo a finalidade do estado-maior de Bogdanoff prosseguir sua marcha em direção à Criméia, e permanecendo, deste modo, sem defesa a cidade de Alexandrovsk, os habitantes foram obrigados a se organizar, e os operários começaram a fazê-lo.

O Comitê Revolucionário, sob o impulso dos partidos que nele estavam representados, começou também a dar prova de atividade revolucionária. Foi antes de mais nada por meio de uma intervenção arbitrária na vida local dos trabalhadores, por meio de ordens severas e autoritárias, dadas verbalmente ou formuladas por escrito.

Ele se animou também com respeito à cidade: carregou a burguesia de Alexandrovsk com um tributo de 18 milhões de rublos. Houve novamente detenções, como no tempo do Governo de Coalizão e da Rada, e os primeiros a sofrer com isso foram naturalmente os socialistas de direita. (Ainda não se ousava tocar nos anarquistas por causa de sua influência nas regiões de Goulaï-Polé e de Kamychevat.) No próprio Comitê, começou a se ouvir mais amiúde a expressão "comissário da prisão"; a prisão, com efeito, já oucupava um dos mais importantes lugares na organização "socialista" da vida.

Tive mais de uma vez o desejo de fazê-la voar pelos ares, mas não tinha conseguido encontrar uma quantidade suficiente de dinamite ou de piroxilina. Tinha falado disso com o S.-R. de esquerda Mirgorodsky e com Maria Nikiphorova, mas ambos, amedrontados, esforçavam-se por me sobrecarregar de trabalho a fim de me impedir de entrar em contato com as guardas vermelhas cujas reservas de explosivos eram consideráveis.

Aceitei o trabalho com o qual me sobrecarregava o Comitê Revolucionário e o levei a bom termo.

Mas, deixar-me levar, sabendo que, por detrás de minhas costas, acontece Deus sabe o quê, não é de meu feitio, tanto mais que não era novato na ação revolucionária. Não podia pois trabalhar com a única finalidade de ser aprovado pelos "oniscientes" e pelos "todo-poderosos" do momento atual.

Vi nítida e seguramente que a colaboração com os bolchevi-

ques-S.-R. de esquerda se tornava impossível para um anarquista, mesmo na luta em defesa da Revolução.

O espírito revolucionário dos bolcheviques-S.-R. de esquerda começava por outro lado a se modificar visivelmente: eles só tratavam de conseguir pôr as mãos sobre a Revolução, e reinar, no sentido grosseiro da palavra.

Tendo por longo tempo observado sua atividade em Alexandrovsk, e, anteriormente, nos Congressos departamentais e de distritos dos camponenses e operários, onde eles representavam a maioria no momento, eu pressentia que a coesão desses dois partidos era uma ficção e que, cedo ou tarde, um dos dois deveria absorver ou devorar brutalmente o outro, pois que ambos sustentavam o princípio do Estado e de sua autoridade sobre a comunidade livre dos trabalhadores.

Verdade é que os trabalhadores, elementos ativos da Revolução, não o compreenderam a tempo. Eles tinham tamanha confiança nos revolucionários que não se preocupavam absolutamente de passar suas idéias pelo crivo nem de fiscalizar sua ação. Era preciso a cada vez atrair a sua atenção e explicar-lhes como estavam as coisas. E quem o teria feito, senão os anarquistas? Mas quais vínculos tinham eles, a este ponto da Revolução russa, com a massa dos trabalhadores?

A grande maioria dos que pretendiam dirigir esse movimento se encontrava então, senão dócil aos poderes centrais do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, em todo o caso por fora da ação direta, permanecendo assim à margem da Revolução.

Tais eram os anarquistas-sindicalistas e os anarquistas-comunistas mais evidentes (não falo absolutamente dos anarquistas-individualistas que não existiam na Rússia e nem, acima de tudo, na Ucrânia).

Alguns grupos anarquistas de camponeses e de operários tomavam decisões muitas vezes tardias, é bem verdade, assumindo a inteira responsabilidade, e se lançavam em todas as frentes na tempestade revolucionária na qual se consumiam com a maior honestidade e com um amor ardente pela Revolução e por seu ideal. Mas, ai! eles pereciam prematuramente e sem muito proveito para nossa causa.

Como pode ser isso? Pessoalmente, não tenho senão uma resposta a dar: "Não sendo organizados, os anarquistas careciam de unidade de ação". Os bolcheviques e os S.-R. de esquerda, em compensação,

aproveitaram, nestes dias da confiança dos trabalhadores na Revolução, opondo metodicamente aos interesses destes últimos seus interesses de partidos.

Noutro momento, em condições e circunstâncias diferentes, eles não teriam ousado substituir a obra comum revolucionária pela cozinha política de seus Comitês centrais. Mas eles compreenderam que, nos acontecimentos atuais, não havia ninguém a ser desmascarado: os socialistas de direita eram puxados pela burguesia e os anarquistas permaneciam sozinhos para dirigir as forças dos trabalhadores contra estas maquinações.

Mas, uma vez mais, nós, anarquistas, não dispúnhamos de forças organizadas, conscientes das questões e dos problemas do dia-a-dia.

Os bolcheviques e os S.-R. de esquerda, sob a direção do astucioso Lênin, notara a impotência de nosso movimento e se alegraram com isso; pois ver que éramos incapazes de opor a seus interesses de partidos a obra de todo o povo trabalhador, dava coragem aos estatistas. Eles abordaram mais resolutamente as massas e, aliciando-as com a máxima "O poder para os Sovietes locais", estabeleceram, às suas custas, seu próprio poder político de partido estatista, subordinando-lhe tudo na obra revolucionária, a começar pelos trabalhadores que acabavam de romper suas cadeias, mas que ainda não tinham conseguido alforriar-se delas por completo.

Por sua colaboração com a burguesia, no momento em que todos os trabalhadores lutavam contra ela, os S.-R. de direita e os S.-D. mencheviques contribuíram para o sucesso dos bolcheviques e dos S.-R. de esquerda. Nessa época, os trabalhadores ainda não renegavam os S.-R. de direita. Eles se contentavam em ampliar os programas destes últimos que, por não serem os únicos a levar o peso da camaradagem com a burguesia, e o reconhecimento do poder legal da Assembléia Constituinte etc., procuravam arrastá-los consigo nesta cabala.

Todas essas idéias defendidas pelos socialistas de direita eram por si mesmas inaceitáveis para as massas. De mais a mais, nesta época, eles já estavam claramente trabalhando contra a Revolução. Resultou disso tudo que os trabalhadores acabaram por dar preferência aos bolcheviques e aos S.-R. de esquerda.

Este fenômeno, trágico para a Revolução, era conhecido por todo anarquista-revolucionário que, em sua obra direta, tinha trabalhado em

colaboração íntima com os camponeses e os operários e tinha repartido com eles os sucessos e os erros de sua ação comum.

Assim, perturbado por ver que o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda não era o bloco de união que teria sido necessário ter no momento em que o Trabalho se defrontava com o Capital e o Poder governamental num encontro decisivo para todos aqueles que, generosamente, tinham gasto suas forças e suas vidas para prepará-lo e provocá-lo, assim pois me persuadia cada vez mais profundamente que os bolcheviques e os S.-R. de esquerda se retirariam diante de uma reação conduzida pelos socialistas de direita, aliados durante esse tempo à burguesia, ou então iriam se massacrar entre eles para conseguir o primeiro lugar no poder, mas que em caso algum eles iriam trazer para a Revolução a ajuda de que ela necessitava para se desenvolver livremente em seu caminho criador.

Convencido disso, reuni alguns camaradas da Federação anarquista de Alexandrovsk (que trouxeram consigo alguns operários e soldados simpatizantes) e meus camaradas do destacamento de Goulaï-Polé e com a morte na alma, participei-lhe meus receios acerca da Revolução que estava, a meu ver, ameaçada de aniquilamento por toda parte e por parte do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda de modo especial.

Disse-lhes que mais teria valido, para ela, que os bolcheviques e os S.-R. de esquerda não tivessem formado bloco de espécie alguma, pois nenhum de seus princípios poderia detê-los em sua sede de poder, o que deveria sem dúvida e infalivelmente levá-los ao desacordo, e, por suas lutas intestinas, causar um dano enorme à Revolução.

"Já está se vendo, disse eu aos meus amigos, que não é o povo que se regozija com a liberdade, mas sim os partidos políticos. Não está longe o dia em que ele (o povo) estará por completo esmagado sob seu tacão. Não são os partidos políticos que servirão o povo, mas o povo que servirá os partidos políticos. Observamos desde já que muitas vezes, nas questões que lhe dizem respeito diretamente, o nome do povo é apenas citado e que todas as decisões são diretamente tomadas pelos partidos. O povo só é bom para escutar o que os governos lhe dizem!"

Então, tendo informado de minhas impressões e de minha profunda convicção e de que era tempo de nos preparar para a luta, expus, não mais a todos os camaradas, mas somente a um pequeno grupo

íntimo de anarquistas, os planos que eu estava elaborando desde julho-agosto de 1917 e que já tinha, em parte, executado dentro da obra de organização dos camponeses. Tais planos podiam se resumir da seguinte maneira: os camponeses aspiram a ser seus próprios donos, assim nós devemos nos aproximar de suas instituições autônomas locais, explicar-lhes todos os passos feitos pelos socialistas em direção ao poder, e dizer-lhes que a Revolução que eles tinham realizado anunciava outra coisa bem diferente: ela anunciava o direito das massas à liberdade e ao trabalho livre e destruía toda possibilidade de tutela do poder sobre elas.

Quando assim se desejar, poder-se-á sempre aproximar-se dos camponeses: basta instalar-se por entre eles e trabalhar a seu lado honestamente e sem trégua. Quando, por ignorância, eles tentam criar seja o que for que possa vir a se transformar num organismo nocivo para o desenvolvimento de uma sociedade livre, é preciso explicar-lhes e convencê-los de que o que eles desejam fazer será uma pesada carga para eles próprios e propor-lhes outra coisa que, mesmo que venha a responder a suas necessidades, não contradiga os ideais anarquistas.

"Nosso ideal é muito rico e numerosos pontos podem assim ser, desde já, postos em prática pelos camponeses para seu maior bem-estar."

Meus outros planos eram de ordem muito diferente, e diziam respeito à conspiração. Não falei disso naquele dia aos camaradas, mas para tal preparei ininterruptamente os membros do grupo anarquista-comunista de Goulaï-Polé na esperança de que onde, graças a seu trabalho intensivo, ele criasse laços com a população, poderíamos bem depressa realizá-los.

No decorrer dessa conversação íntima com os camaradas de Alexandrovsk, decidi deixar o Comitê Revolucionário e voltar para Goulaï-Polé com todo meu destacamento.

Encontrei naquele mesmo dia o camarada Mirgorodsk (S.-R. de esquerda) e o convidei para jantar comigo no restaurante da Federação. Quando ele chegou, não pude deixar de dizer-lhe que, no dia seguinte, eu iria anunciar no Comitê Revolucionário que meu destacamento ia se retirar desse Comitê e iria se abster de para lá enviar outra pessoa em meu lugar.

A camarada Maria Nikiphorova e vários outros camaradas da Fe-

deração me pediram para não fazer isso tão rapidamente. Mirgorodsky procurou do mesmo modo argumentar comigo; mas eu não podia voltar atrás na minha decisão, tomada de acordo com o meu destacamento, e que só tinha que ser formulada oficialmente a fim de que o Comitê não a interpretasse de maneira errônea.

Na Federação, não estando todos informados de minha resolução senão quando os informei disso, me pediram para explicar-lhes a causa e a finalidade de minha saída. Achavam-se naquele momento, também, na Federação, alguns operários simpatizantes com os S.-R. de esquerda. Eles também insistiram, particularmente, nas explicações.

Tive de lhes repetir o que já havia exposto a alguns dos camaradas.

Disse-lhes que achava que o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda já havia comprometido sua unidade no mesmo momento em que acabava de se formar. Este fato aconteceu, segundo eu, de uma parte, por causa da divergência histórico-filosófica entre a teoria socialista-revolucionária e o marxismo e, de outra parte, por causa da vaidade que tomava conta dos partidos que queriam se entredevorar, levados pelo desejo desmedido de dirigir a Revolução:

"Parece-me perfeitamente evidente que não está longe o dia em que esses dois partidos, que reinam atualmente sobre o país, disputarão e se debaterão até se exterminarem, levando com eles, para a ruína, a Revolução e tudo o que ela tem de melhor.

"Por que, com os diabos, esgotarei aqui minhas forças, enquanto que nos campos vejo nascer a verdadeira Revolução? Os camponeses começam a tomar consciência de si mesmos, manifestam sua vontade de lutar por um ideal de justiça, é preciso ajudá-los! — gritei furioso, enquanto que os camaradas iam ficando cada vez mais espantados.

"Não quero dizer, camaradas, que todos vocês devem voltar-se para os camponeses. Conheço bem vocês. Vocês estão habituados à cidade, e ligados aos operários. Trabalhem aqui, mas lembrem-se que, aqui, a Revolução começa a abandonar a ação direta para as ordens e ordenanças dos Comitês revolucionários, enquanto que, no interior, isso não acontecerá tão facilmente assim. Lá vive a alma da Revolução, aqui a da contra-revolução. Somente uma organização intensa das forças revolucionárias nas aldeias poderá impedir que a Revolução seja imolada".

Meus camaradas anarquistas e seus amigos partidários dos S.-R. de esquerda me responderam que o futuro nos mostraria o que estava acontecendo e que, no momento, o bloco bolchevique-S. -R. de esquerda não estava se afastando da via da Revolução operária e camponesa: "Ele permanece sólido. A maioria dos trabalhadores o vê e o sustém com sua ação. Fazer propaganda contra ele ou fomentar um levante significaria abrir caminho a um poder semiburguês, no estilo de Kerensky, ou, o que é pior ainda, consolidar a Rada Central, ela que escamoteou quase completamente a luta pela emancipação social dos trabalhadores — isto significaria cometer um crime contra a idéia mesma de Revolução.

"Deploramos, prosseguiam meus camaradas, sua atitude em relação ao bloco bolchevique S.-R. de esquerda, e ficaríamos felizes se você abordasse esta questão de outro ponto de vista. Você mesmo diz constantemente que os revolucionários devem estar sempre onde está o povo, para expandir, aprofundar e desenvolver a Revolução.

"Até o presente, você e nós agimos assim. O que nos impede de continuar? Cada um de nós sabe que se o bloco cair para a direita, ou tentar barrar os trabalhadores antes que eles atinjam seus objetivos — a liberdade, a igualdade e o trabalho independente — nós faríamos imediatamente uma campanha contra ele. E assim, cada trabalhador veria e compreenderia que nós tínhamos razão em nos levantar contra os bolcheviques e os S.-R. de esquerda".

Lembro-me que Maria Nikiphorova e todos os amigos que trabalhavam com ela nesta cidade defenderam especialmente essa posição. Ela mesma citou diversas vezes o nome do camarada A. Kareline, dizendo que antes de deixar Petrogrado, ela tinha examinado longamente essa questão com ele e que ele lhe havia dito ser esta a melhor atitude que poderíamos tomar em relação ao poder bolchevique S.-R. de esquerda.

Entretanto, os argumentos relativamente justos de meus camaradas não me confundiram. Eu estava profundamente convencido de que o bloco não se sustentaria por muito tempo. Havia, além do que eu já assinalei, outros sinais prenunciadores. Lênin agia sem nenhum controle, não somente do partido S.-R. de esquerda, aliado do partido bolchevique, mas também deste último, do qual ele era o chefe e o criador.

Indo, eu mesmo, organizar os camponeses de Goulaï-Polé e sua região, fora de toda influência bolchevique ou S.-R. de esquerda, tirei, desse fato, conclusões importantes.

Adivinhei, com efeito, a intenção de Lênin: fazer da ala esquerda dos S.-R. (entre os quais não havia um só membro do núcleo inicial dos S.-R.) um joguete em suas próprias mãos.

Foi por isso que me abstive de toda resposta aos camaradas e só lhes disse, de uma vez por todas, que eu voltaria mesmo para Goulaï-Polé.

Enquanto falávamos do bloco e do futuro da Revolução, a qual eles queriam dominar, o comissário dos correios me fez chegar uma mensagem telefônica de Goulaï-Polé que avisava que os agentes da Rada Central ucraniana lá chegaram, e que, declarando-se partidários dos Sovietes, faziam uma propaganda enérgica para levarem os soldados, chegados da frente de combate exterior, a constituírem, em Goulaï-Polé e região, *koureni haïdamaki* e que os chauvinistas já haviam começado a organizá-los.

Essa mensagem, assinada por Chramko, ajudou-me a deixar o Comitê Revolucionário de Alexandrovsk e a precipitar minha partida para Goulaï-Polé.

Após redigir meu aviso oficial, fui ao Comitê remeter este documento a quem de direito e despedir-me.

O Comitê acolheu-o desfavoravelmente e o Bureau o deplorou, mas em termos moderados. Logo que lhes expliquei as razões de minha partida precipitada com todos os detalhes, o camarada Mikhailevitch, presidente do Comitê, pediu-me que passasse com ele para uma sala vizinha e manifestou toda sua alegria em ver-me voltar para Goulaï-Polé.

"Sua presença, camarada Makhno, é, aqui, neste momento, mais que indispensável. Por outro lado, você já sabe, eu creio, que, segundo um projeto da direção do partido, nós pensamos dividir o distrito de Alexandovsk em duas unidades administrativas, e foi proposto que uma delas seja colocada sob sua direção em Goulaï-Polé, camarada Makhno!"

Respondi a meu "benfeitor" que essa idéia não me seduzia,

que não se enquadrava naquilo que eu pensava sobre o futuro e o desenvolvimento da Revolução.

"Aliás, acrescentei, isto supõe primeiramente seu sucesso definitivo, não é?"

"Mas ele está assegurado. Todos os operários e camponeses estão conosco, e eles dominam tudo, por toda parte!", gritou meu colega da véspera.

"A propósito! você tem a mensagem telefônica que acabo de receber de Goulaï-Polé? Você compreendeu o que está lá?", retruquei.

"Mas claro!"

"Então é melhor deixarmos nossa conversa para mais tarde, e dar ordem, desde agora, ao comandante da estação de Ekaterinoslav para que ele prepare um trem para as quatro horas, a fim de embarcar o destacamento de Goulaï-Polé."

Assim foi feito, rapidamente.

Fiquei alguns instantes ainda com o "camarada" Mikhailevitch, a anarquista Maria Nikiphorova e outros membros do Comitê. Falei a eles do ardor revolucionário da população que, desde já, estava pronta para combater; depois, pedindo permissão a eles, dirigi-me à estação, onde, alguns minutos depois de mim, chegaram os membros do Comitê e, a cavalo, a anarquista Maria Nikiphorova. Eles vinham despedir-se de mim e assistir nossa partida.

Troquei algumas palavras com os dirigentes do Comitê Revolucionário. Depois o destacamento entoou o hino revolucionário e o trem partiu.

9 *Supressão da "unidade territorial" do "zemstvo" — Formação de um Comitê Revolucionário pelos membros do Soviete — Campanha de fundos para as necessidades da Revolução*

Durante nossa ausência, em que faltavam os mais enérgicos camponeses revolucionários e operários anarquistas ou simpatizantes, Goulaï-Polé recebeu a visita de agentes da Rada Central: eram os proprietários de bens de raiz da aldeia, que, por causa da guerra, haviam recebido o grau de subtenente, e que agora estavam sendo enviados aos campos, para pregar sobre o tema de uma Ucrânia independentemente e apoiada sobre os *haïdamaki* e os cossacos.

Chegamos à noite, e logo no decurso dela, soldados vindos do *front* me informaram que tinham tido uma reunião geral, na qual os agentes da Rada tinham tomado a palavra para anunciar que suas tropas estavam concentradas em Podolie e ao redor de Kiev e que elas estavam prontas para entrar em combate. Convidaram em seguida, os soldados a se organizarem e se prepararem para se apoderarem do poder nesta região livre.

Para impressionar a assistência, um certo Voulfovitch, dizendo-se "maximalista" e soldado do *front*, apresentou à assembléia diversas cartas anônimas que afirmavam existir em Goulaï-Polé e arredores uma certa sociedade que podia, se a ocasião se apresentar, prover os fundos de uma organização de soldados etc...

Não hesitei um só momento em detê-lo. A uma hora da madrugada, fui procurar o camarada Kalachnikoff, secretário do grupo anarquista-comunista, e, tendo reunido com ele alguns camaradas, discutimos juntos tudo o que me foi informado pelos soldados do *front*. Em seguida, fomos à casa do "maximalista" Voulfovitch e o detivemos.

Ele protestou e declarou que tinha se referido ao grupo anarquista-comunista (ele sabia que, de meu posto revolucionário, eu dirigia, de tempos em tempos, relatórios a esse grupo, e que discutíamos juntos

para saber se meus atos não estavam em contradição com os objetivos em comum).

Ele estava convencido de que sua prisão me valeria uma repreensão.

Eu lhe disse que a liberdade lhe seria restituída desde que soubéssemos quem lhe tinha enviado essas cartas anônimas em que se afirmava a existência, em Goulaï-Polé e arredores, de uma Sociedade com fundos à disposição das tropas da Rada Central Ucraniana. Então, o "maximalista" Voulfovitch não protestou mais e deixou-se levar. Ele parou de fanfarronar e disse-me que as cartas lhe foram dadas, uma hora antes da reunião, pelo cidadão Althausen, hoteleiro em Goulaï-Polé e tio do agente provocador Naoum Althausen, que se fez conhecer à época do processo de nosso grupo.

O cidadão Althausen foi, também, imediatamente preso. Eu lhe expliquei a razão e disse-lhe que, com Voulfovitch, ele seria citado, pelo Soviete, diante do tribunal da assembléia-*skhod* dos camponeses e operários de Goulaï-Polé.

Ele se deu conta de que o incidente tomava uma direção séria. A assembléia-*skhod* lhe exegiria detalhes sobre a existência na região de uma agência financeira secreta da Rada. E ele preferiu falar sem demora toda a verdade.

A comunidade judia de Goulaï-Polé, disse ele, receando os chauvinistas, decidiu aproximar-se deles oferecendo-lhes uma ajuda financeira, de maneira que, caso eles triunfem, saibam que os judeus sustentam a Ucrânia e aqueles que lutam por ela.

Ele acrescentou também:

"Entenda-me, cidadão Makhno, não há aqui nada que possa prejudicar a Revolução. Isto não poderia fazer mal a nossa comunidade, pois ela deverá pagar esse dinheiro de seu próprio bolso". E ele mostrou seu bolso esquerdo.

Os camaradas membros do Soviete dos Deputados camponeses e operários, sabendo que Goulaï-Polé estava em efervescência, apressaram-se a juntar-se a nós. Ficaram indignados em saber das ações da coletividade judia e exigiram que detivéssemos e interrogássemos todos os seus líderes, a fim de conhecer a verdade sobre sua conduta infame.

Percebendo o ódio que provocaria a revelação disto entre a população não-judia de Goulaï-Polé, pus-me a abafar esse caso. Aconselhei então que nos contentássemos em interrogar Althausen e fazer em seguida um relatório detalhado na reunião-*skhod* dos camponeses e operários aos quais solicitaríamos que não responsabilizassem toda a comunidade judia por um ato imputável somente a um pequeno número dentro dela.

Os camaradas do Soviete, que tinham confiança em mim e sabiam que eu seria incapaz de fazer chantagem, aprovaram minha proposta.

Os "cidadãos" Voulfovitch e Althausen fora, então, liberados.

Teria sido preciso que assistisse a essa reunião-*skhod* aquele que quisesse escrever a história sincera e autêntica de Goulaï-Polé e seu levante formidável, único nos anais da Revolução — levante que, tendo nascido entre os camponeses-servos, sustentado por todos os trabalhadores da região, expandiu-se, em resposta à tentativa de repressão, em movimento revolucionário colossal, não ainda tranqüilo!

Teria sido preciso que tal pessoa assistisse para se convencer da seriedade e também da extrema prudência com que os trabalhadores abordaram uma questão que, em outras localidades da Ucrânia, teria infalivelmente originado *pogroms*[21] e o assassinato de judeus pobres, inocentes e perseguidos sem trégua, há séculos, na Rússia.

É verdade que a atitude do relator valeu qualquer coisa, embora ele não tenha procurado atenuar em nada as dimensões do problema e tenha tocado em todos os pontos sensíveis.

Foi decidido abandonar a comunidade judia a sua própria consciência e contentar-se, por esta vez, em dirigir uma repreensão aos líderes, ressalvando que se agirá de outra maneira, caso reincidam, colocando-os frente a um tribunal revolucionário.

Assim foi liqüidada essa questão. Não foi em nada diminuído o direito dos judeus de tomar parte em todos os congressos dos Sovietes, em todos os debates, em todas as decisões. Reconheceu-se a cada um, sem distinção, o direito de exprimir livremente sua opinião, garantindo-se a aceitação e o respeito por todos do direito de se destruir

---

21. *Pogroms*: nome dado na Rússia aos movimentos populares dirigidos contra os judeus acompanhados de pilhagem e de massacre. (N. T.)

tudo aquilo que fosse negativo ao desenvolvimento da Revolução social; pois, a sociedade nascente exigia de cada um grandes esforços e sacrifícios.

Em Goulaï-Polé existia uma unidade territorial chamada unidade de *zemstvo*, mas este termo não era mais usado, ele foi suprimido definitivamente pelo Soviete que, se apropriando de todas as funções sociais, tinha, de acordo com o *skhod* dos camponeses, constituído um Comitê Revolucionário encarregado da instrução e da distribuição das forças revolucionárias de combate.

O grupo anarquista-comunista, os raros S.-R. de esquerda da região, os S.-R. ucranianos agrupados em torno do *Prosvit*, liderados pelo agrônomo Dmitrenko, foram convidados a fazer parte deste Comitê. Quanto aos bolcheviques, estes não existiam nem em Goulaï-Polé, nem na região.

A formação desse Comitê era resultado das sugestões do grupo anarquista. Enquanto unidade revolucionária independente, ao mesmo tempo que permitia a existência do bloco bolchevique-S.R. de esquerda, ele nos dava o meio de aperfeiçoar melhor a organização dos camponeses. Nossas forças, nesse momento, não eram suficientes para nos permitir voltarmo-nos mais resolutamente para os operários e outros grupos; a fé em nossos camaradas anarquistas das aldeias estava ainda viva em nós. Esses, portanto, agiam no vazio, sem prestar a mínima conta dos acontecimentos, das discussões estéreis, negativas a nosso objetivo. Para remediar esse estado de coisas, colocou-se, ao Soviete, a questão de saber a qual de seus membros seria confiada a direção do Comitê. E o Soviete, que fazia questão de ver um anarquista neste posto, indicou-me.

Eu sabia o que tinha sucedido: com efeito, o Comitê seguiu a linha de conduta indicada pelo grupo anarquista-comunista, estudada e aceita pelo Soviete e aprovada pela população. Contudo, após longas discussões, acabei por aceitar.

Depois de minha saída do Soviete, quiseram dar a direção ao camarada Maxismo Chramko, que não estava inscrito em nenhum partido e que tinha sido presidente do Conselho dos *zemstvo* (posto que eu tinha categoricamente recusado e cuja oferta reiterada, na época das eleições, me fez fugir de Goulaï-Polé). Chramko reuniu, então, um bando de gatunos e seguiu para a propriedade de Kossovtzé-Tikhomi-

rovo (a duas *verstas*[22] de Goulaï-Polé) que, sob minha iniciativa, tinha sido atribuída aos trabalhadores, para ali fundar um orfanato. Ele pilhou a biblioteca que tinha muito valor, da qual só se pôde recuperar metade, e levou até os crucifixos. Essa atitude o desacreditou aos olhos dos camponeses, que o estimavam muito, até então. Encarregaram-no de fazer o inventário das propriedades dos *pomechtchiki* para estabelecer as listas das divisões a serem feitas na primavera.

Quanto à direção do Soviete, esta foi confiada a Luc Korostélev, antigo membro ativo de nosso grupo, por quem ele tinha simpatias desde a Revolução.

Nosso grupo pediu que as funções do Comitê Revolucionário fossem claramente definidas. Este o declarou perante toda a população: ele se consagraria principalmente à organização dos trabalhadores, a fim de uni-los na luta pela manutenção, desenvolvimento e triunfo da Revolução, atacada de todas as partes por seus inimigos que tentavam fazer dela um joguete nas mãos dos partidos políticos que se entregavam à luta pelo poder.

Nosso grupo exigiu, então, que se desarmasse o batalhão do 48º Regimento de Berdiansk, acantonado em Orekhovo (a 35 *verstas* de Goulaï-Polé) e composto de partidários do General Kaledin e também da Rada Central Ucraniana.

O Comitê era ainda muito fraco para tal tarefa (o grupo anarquista-comunista o sabia) mas sustentou deliberadamente essa exigência. Nesse caso, nosso grupo entendeu-se com a Federação anarquista de Alexandrovsk. Eles se renderam, cada um de seu lado, em Orekhovo, e desarmaram o batalhão.

Nesse momento, os poderes revolucionários do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda admiravam ainda os atos dos anarquistas.

O general Bogdanoff, que comandava os exércitos do bloco, jubilava-se, dizia-se, e esperava, impacientemente, que levássemos todas as armas apreendidas do batalhão, se não a ele mesmo, pelo menos ao Comitê Revolucionário de Alexandrovsk, principalmente pelo fato de que Maria Nikiphorova, anarquista, que tinha tomado parte no desarmamento, continuava a pertencer a ele.

---

22. 1 *Versta*: 1.067 metros.

Mas as coisas não se passaram assim.

O grupo anarquista-comunista de Goulaï-Polé, desde o mês de julho de 1917 perseguia firmemente seu objetivo de ganhar a confiança dos camponeses, manter e desenvolver neles este espírito de liberdade e independência que seus melhores membros — na maior parte mortos — alimentaram durante doze anos.

Agora que era possível falar abertamente, o grupo podia pregar seu ideal com a convicção e a obstinação do profeta, numa linguagem simples e clara, acessível aos camponeses, sem recorrer aos termos velados e nebulosos de antigamente. Ele esperava atingir seu objetivo e realizar todas as suas aspirações. Decidiu que o momento era dos mais propícios para a criação de quadros armados, sem os quais não seria possível derrubar seus inimigos numerosos. A Federação anarquista de Alexandrovsk o apoiou: fuzis, lança-bombas, metralhadoras, foram transportadas a Goulaï-Polé e colocadas, oficialmente, à disposição do Comitê Revolucionário.

Os trabalhadores de Goulaï-Polé e também dos campos e aldeias dos arredores estavam cada vez mais decididos. Nos enviavam representantes, declarando que todos, jovens e velhos, estavam prontos a pegar em armas e a defender sua liberdade e independência contra todo poder, mesmo contra aquele do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, se ele ousasse intrometer-se nas novas formas de vida que os camponeses elaboravam livremente entre eles.

Em minha qualidade de dirigente do Comitê Revolucionário, eu devia, me parecia, ocupar-me exclusivamente de seus assuntos. Ora, todos os dias e duas ou três vezes ao dia, o grupo anarquista-comunista me encarregava de entrevistar-me com camponeses de alguma aldeia ou mesmo de uma região inteira para tratar de questões diversas. Pois, se eles vinham a Goulaï-Polé para seus assuntos pessoais, não deixavam, entretanto, de se apresentar à sede do grupo para aí informar-se daquilo que não tinham podido assimilar dos propagandistas que visitavam toda a região.

Nós elaborávamos planos em comum, procurando resolver por onde seria bom começar tal ou tal trabalho, e como se poderia fazê-lo ter sucesso, malgrado as autoridades.

"Que maravilha! — gritavam, por exemplo, os camponeses, entrando no escritório do grupo, no Comitê Revolucionário ou no So-

viete dos Deputados camponeses e operários. — Nós começamos realmente a sentir em nós e em nosso redor a liberdade."

O trabalho tomava proporções gigantescas. Mas os meios financeiros começavam a faltar completamente.

Essa situação nos preocupava muito, a alguns de meus camaradas e a mim mesmo, pois a organização das forças de combate supunha, no começo, muitas despesas. Eu sabia que bastaria dirigirmo-nos ao Comitê Revolucionário de Alexandrovsk, para que nossos gastos fossem cobertos, mas eu não podia me resolver a isso, nem em nome do grupo, nem em meu próprio, pois tinha como objetivo criar a unidade revolucionária dos camponeses, de maneria inteiramente independente de todo partido político e, sobretudo, de toda instituição governamental.

Somente após uma longa hesitação, foi que me decidi a propor o que se segue. Havia em Goulaï-Polé um banco comercial cujos fundos tinham sido transferidos ao Banco do Estado de Alexandrovsk, mas que continuava, entretanto, suas operações de contabilidade, esperando prosseguir suas atividades, mesmo após a Revolução de outubro. Poderíamos solicitar que ele transferisse certa quantia para as necessidades do Comitê Revolucionário.

Esse projeto foi estudado durante aproximadamente oito horas. O grupo, a princípio, se opôs. Sofri todas as penas do mundo para conseguir que não me impedissem de fazer essa proposta ao Comitê. Prometi tomar sobre mim toda a responsabilidade no caso de os comerciantes se recusarem a executar de boa vontade.

O grupo acabou por me dar seu "concordo", mas me lembrando que, segundo os estatutos, ele poderia me pedir que abandonasse minhas funções no Comitê Revolucionário e no Soviete para me limitar ao trabalho que se fazia em seu seio.

Eu sempre concordei com isso. Esse foi mesmo o ponto sobre o qual mais tinha insistido quando discutimos os parágrafos relativos à unidade do grupo e aos deveres de seus membros para com ele.

Após ter obtido a promessa formal de que aqueles membros que faziam parte do Comitê Revolucionário não me largariam quando eu pedisse aos comerciantes que dessem 250.000 rublos — e, por causa

disso, eu tinha necessidade da aprovação desse Comitê e do Soviete — convoquei estas duas instituições, em conjunto.

Abri a seção comunicando que corriam rumores segundo os quais a Rada Central Ucraniana estava em conversações de paz com os alemães e que os bolcheviques, em desacordo nesta questão com seus colegas no poder, os S.-R. de esquerda, estavam pressionados a concluir um tratado prejudicial à Rada e a eles mesmos.

"É verdade, disse eu então à assembléia, que essa versão carece de verificação, e isso será feito nos próximos dias. Mas pessoalmente posso já afirmar com toda a certeza, que a Rada assinou efetivamente esta aliança desonrosa com os imperadores alemães e austríacos, Carlos e Guilherme." [23]

(Eu possuía, com efeito, cartas de Odessa e de Khotin, trazidas por um camarada, que confirmavam essa notícia.)

"Eis o momento decisivo da Revolução. A vitória será daquele que estiver preparado. Devemos armar-nos da cabeça aos pés e armar também toda a população, senão a Rada Central e os bolcheviques, graças às suas alianças, matarão a Revolução. Devemos nos preparar para sustar o assalto, quebrá-lo e salvar assim nossa conquista.

"Devemos descartar de nosso caminho todo compromisso, todo ato que nos coloque sob a dependência do bloco bolchevique-R.-S. de esquerda, como fizemos com a Rada Central e com a coalizão de Kerensky com a burguesia. Para aí chegar, devemos agir independentemente em todos os fronts da Revolução.

"Expliquei, em seguida, que tínhamos necessidade de dinheiro e que agradaríamos muito ao Comitê Revolucionário de Alexandrovsk se o pedíssemos a eles, mas isto nos seria fatal, pois as autoridades do distrito somente nos atenderiam para atentar contra nossa liberdade e independência.

"Mas nós temos necessidade de dinheiro, e este dinheiro se acha aqui, ou, em todo caso podemos atraí-lo por intermédio de Goulaï-Polé, sem dar às atuoridades a impressão que as veneremos, que temos nenecessidade delas e que, portanto, nós nos postamos a seus pés. En-

23. Carlos I, da Áustria-Hungria, que reinou de 1916 a 1918, e Guilherme II da Alemanha. (N. T.)

quanto formos donos de nossa cabeça, disse eu a meu auditório, não o faremos".

Algumas vozes perguntaram:

"Diga-nos, então, camarada Makhno, onde está esse dinheiro e como podemos obtê-lo para a obra comum".

"Logo lhes explicarei. Para o momento, vou me deter naquilo que vejo em nossas fileiras e nas fileiras de nossos inimigos que, não é preciso dizer, são de todo tipo, e que, em todos as frentes, lutam com palavras contra a reação, pela liberdade, mas, na realidade, lutam é contra a liberdade e pela reação.

"Camaradas, algum de vocês, aqui presente, não negará o fato de que a idéia de liberdade e independência econômica e política germinou e se desenvolve entre os camponeses. Quem os ajudou a entrar nesse caminho? Eu digo que foi a Revolução e o trabalho obstinado, muitas vezes desgastante do grupo anarquista-comunista local, do qual sou membro.

"Quais serão os resultados, é difícil dizer no momento: nós só vemos inimigos ao redor de nós, e poucos, muito poucos amigos, que por sinal não estão aqui. Estão entrincheirados nas aldeias e se mostram entre nós, somente de tempos em tempos. Estes amigos são os anarquistas. Eles não querem que o campo permaneça sempre sob a autoridade das cidades. Mas eles dão pouco ao campo escravizado em relação àquilo que poderiam dar atualmente.

"Há, evidentemente, razões para tanto, mas é difícil percebê-las e exprimi-las aqui, onde o problema é outro. Contudo, os anarquistas estão sempre, em pensamento pelo menos, conosco! (explodiram aplausos e gritos: 'Viva o anarquismo! Viva nossos amigos!').

"Não se entusiasmem, camaradas. Passo ao ponto essencial. O essencial é armarmo-nos, armar toda a população para dar à Revolução uma força tal que nos permita começar a construir nós mesmos a sociedade nova, por nossos próprios meios, com nossa razão, nosso trabalho, nossa vontade.

"Os trabalhadores desta região, desde o outono de 1917, tentam preparar-se para isso; mas, neste momento, as forças negras da reação representam para eles uma ameaça de morte; a autoridade, de uma parte, dos bolcheviqeus e dos S.-R. de esquerda, e de outra parte, da

Rada que conclui, sei de fonte segura, uma aliança com os imperadores da Áustria e da Alemanha — eis aí o perigo para a Ucrânia e para tudo aquilo que as massas conseguiram conquistar de melhor graças à Revolução.

"O armamento de toda a população não será possível, se ela não reconhecer sua necessidade. Ora, durante a semana passada, recebemos — eu, no Escritório do Comitê, e o secretário do grupo — inúmeros representantes dos camponeses da região que, unanimemente, nos solicitaram armamento.

"Mas isso não é suficiente: devemos ouvir a expressão dessa mesma necessidade diretamente das assembléias de camponeses e discuti-la com eles para podermos realizá-la com um rendimento máximo. E para tanto, devemos enviar, por todo lado, propagandistas. Afastaremos, com efeito, os camponeses dos preparativos do plantio de primavera, tomando seus carros e cavalos, ou melhor, para não fazê-lo, deveremos alugá-los. Mas será necessário pagá-los. Falta-nos, pois, o dinheiro.

"Ora, nós não o temos, mas nossos inimigos sim, aqui mesmo, em Goulaï-Polé; há dinheiro com os *pometchtchiki*, com os comerciantes. Seu banco está ali, a dois passos do nosso Comitê.

"Devo dizer-lhes, camaradas, que a caixa está vazia. Todo o dinheiro está no Banco do Estado de Alexandrovsk. Mas nós podemos consegui-lo. Só é preciso que aceitemos uma proposta.

"Durante toda a Revolução, o banco de Goulaï-Polé especulou sobre o trabalho. Na realidade, ele deveria desde há muito ter sido expropriado e o dinheiro remetido ao fundo dos trabalhadores. Nem o governo de coalizão de Kerensky, nem o governo bolchevique S.-R. de esquerda o fizeram até o momento e continuam a impedir o povo revolucionário de fazê-lo.

"Proponho, então, não levar em consideração o governo dos bolcheviques e os S.-R. de esquerda, e exigir da direção do Banco, em nome da Revolução, a remessa de 250 mil rublos, e isto nas próximas 24 horas".

Essa resolução foi votada, sem discução, e aprovada por unanimidade.

Na manhã seguinte, fui ao Banco e expus essa decisão aos dire-

tores. Eles solicitaram ao Comitê que lhes concedessem um prazo de três dias, depois convocaram uma assembléia geral dos acionistas e assinaram, sob o impulso enérgico do S.-D. Sbar, os cheques que tinham dividido proporcionalmente entre eles. Aqueles que não estavam no momento receberam a visita de um representante do Banco e de um membro do Comitê Revolucionário que lhes apresentaram um cheque para assinar.

Em quatro dias, todos os cheques foram reunidos. No quinto dia, um membro do Comitê, em companhia de um procurador do Banco, foi a Alexandrovsk e recebeu a soma. Os trabalhadores de Goulaï-Polé asseguraram assim o sucesso dos primeiros passos da Revolução, reunindo o dinheiro necessário à propaganda e à organização do trabalho livre, independente do capital e do Estado.

Uma parte daquela soma foi colocada à disposição do Soviete dos Deputados camponeses e operários. Uma outra foi empregada, na mesma proporção, na fundação e manutenção de um orfanato para as crianças que perderam seus pais na guerra. Este foi instalado numa residência cercada de um belo jardim que tinha pertencido ao comissário de Polícia. A terceira parte, a mais importante, foi para o Comitê Revolucionário. Colocamos, temporariamente, metade à disposição da Seção de revitalização do Soviete, criada por ele e dirigida sob seu controle e com a aprovação do *skhod* dos camponeses e operários, pelo camarada Séreguin, membro do grupo anarquista-comunista. Esta seção conseguiu assegurar à população todo o necessário a seu consumo, apesar de os poderes centrais a colocarem sob suspeita e atrapalharem seu funcionamento.

10 | *Como se organizaram as trocas entre a cidade e o campo*

O grupo anarquista-comunista insistiu, desde o princípio, na necessidade de conservar, em seu trabalho, o caráter anarquista. Era

preciso, pois, que sua tática se inspirasse nas exigências do momento e soubesse, em tempo, rejeitar certas atitudes e opor-se a elas, apresentando outras.

No início, isto gerou protestos daqueles membros que, inteiramente devotados à causa, não eram mais partidários das tendências anteriores do grupo, a saber: a negação da organização, da unidade de ação, da possibilidade, para um anarquista, de passar da teoria à prática, sob um regime não anarquista nem verdadeiramente socialista. Eles me diziam: "Camarada Nestor, você deve ter trazido da prisão visões estatistas sobre o trabalho e acreditamos que você não as aceite inteiramente e não sejamos obrigados a nos separar".

Essa apreensão foi, entre outras, freqüentemente formulada por meu velho amigo, Moïse Kalinitchenko, membro de nosso grupo desde 1907, um operário instruído, que tinha lido muito.

Entretanto, tudo o que eu propus foi aceito e realizado entre os camponeses durante o ano de 1917 com grande êxito; eles não ouviam, com efeito, nenhum outro grupo social ou político, com tanta atenção e confiança quanto o nosso. Seguiam nossas indicações em todos os domínios: questão agrária, negação da autoridade, luta contra toda e qualquer tutela.

Esse fato indicava claramente toda a direção a seguir: não se separar da massa, nela fundir-se, sem cessar de ser ela mesma, fiel a seu ideal. Ir sempre à frente, com os trabalhadores, malgrado as dificuldades que enchiam o caminho e ralentavam o movimento.

Assim, os membros do grupo se amalgamavam com a idéia de unidade coletiva na ação e, particularmente, na ação racional e fecunda. Eles se habituavam a ter confiança naturalmente uns nos outros, a se compreender, a se apreciar sinceramente em seus domínios respectivos.

Essas características, capitais na vida e na luta de toda organização — e, sobretudo, de uma organização anarquista — nos permitiram resistir às vicissitudes da vida dos trabalhadores ucranianos durante os anos em que os "governos" se multiplicavam.

Essa confiança recíproca fazia nascer espontaneamente o entusiasmo que permitia manifestar-se a energia e a iniciativa de cada um

— o grupo as canalizava para os objetivos estabelecidos de comum acordo.

O camarada que dirigia a seção de revitalização mostrou, nesse sentido, o máximo de iniciativa.

O grupo soube apreciá-lo e encarregou-o de estabelecer relações, em nome dos trabalhadores da região de Goulaï-Polé, com os operários dos centros têxteis de Moscou e de outras cidades, e de instituir trocas diretas entre eles. Estes deveriam fornecer, à população da região, tecidos de qualidade e cores desejadas e em quantidades determinadas, enquanto que Goulaï-Polé lhes enviaria trigo e, eventualmente, outros gêneros alimentícios, se eles assim o desejassem.

O camarada Séreguin enviou agentes às cidades, foi ele mesmo a diferentes regiões encontrar-se com delegações operárias que, sob o controle de funcionários governamentais e membros da "Tcheka", percorriam a região, em busca de trigo para comprar.

Em quinze dias ele estabeleceu relações com os operários das usinas têxteis de Prokhorov e Morozov e combinou fraternalmente com eles que as trocas se fariam na base da estimativa recíproca das necessidades comuns: os camponeses enviariam trigo aos operários e os operários lhes forneceriam os tecidos que lhes fossem necessários.

Lembro-me da alegria com que, em seu regresso a Goulaï-Polé, sem perder tempo em passar em sua casa, ele correu a meu encontro no Comitê Revolucionário, e abraçou-me, dizendo: "Você tem razão, Nestor, de insistir na necessidade de se fundir na massa de trabalhadores e de trabalhar com eles, aconselhá-los, explicar a eles como devem agir em tal momento. Todos os trabalhadores o percebem".

Ele pediu em seguida que convocássemos o camarada Kalachnikov, secretário do grupo, e o camarada Antonov, presidente da seção do trabalho. Ele lhes contou com que calor e franqueza a delegação das usinas têxteis acolheu nossa idéia de troca direta. Disse também com que alegria percebeu que a idéia de uma sociedade livre não morria nos campos, malgrado os sacrifícios que envolvia; mas, acrescentou, os operários sentiam o horizonte fechar-se e nascer, frente a seus mais caros desejos — a liberdade e a independência de toda tutela governamental — uma sombra ameaçadora.

"Sem dúvida, diziam os operários, não nos desencorajamos, mas não podemos nos impedir de pensar nisso com tristeza."

Contou-nos também que a delegação acolheu tudo com alegria — o encontro com os camponeses, o acordo de auxílio-mútuo — mas que ela se perguntava com inquietude se os funcionários e os agentes do governo não interceptariam tudo o que se enviasse das cidades.

A delegação indicara os caminhos pelos quais se encaminhariam os produtos. Dois ou três dias mais tarde, dois homens, designados por ela vieram a Goulaï-Polé para ouvir, no próprio local, a voz dos camponeses desta região insurgida.

Eles encontraram aí uma acolhida fraternal e receberam a promessa de que todos, até o último, defenderiam os princípios grandiosos da Revolução: a liberdade e a independência de trabalho em relação à autoridade, ao Capital e ao Estado.

Ao cabo de alguns dias, retornaram a Moscou.

O camarada Séreguin apresentou um relatório na reunião-*skhod* dos camponeses; a seu pedido, apoiado pelo grupo, acrescentei alguns comentários; eu via nisso o mais belo exemplo, único na história, de uma compreensão recíproca entre duas camadas sociais, os proletários das cidades e os do campo.

O *skhod* aprovou essa proposta com entusiasmo e, sem se deixar levar pela idéia de ver confiscada sua encomenda pelos agentes do governo, os camponeses ajudaram durante dias a Seção de revitalização a carregar os vagões de trigo e a despachá-los em direção aos centros têxteis.

O grupo anarquista-comunista formou, a fim de acompanhar a carga até o destino, um destacamento comandado pelo camarada Skomski. E o trigo, apesar de todos os empecilhos colocados pelos comandantes das estações, chegou são e salvo.

Uns dez dias depois, os operários das fábricas têxteis de Moscou expediram a Goulaï-Polé diversos vagões de tecidos. Mas na rota, os funcionários os interceptaram e os conduziram ao centro de abastecimento de Alexandrovsk. "Porque, disseram eles, sem a permissão da autoridade central soviética, não é permitida a troca de mercadorias entre camponeses e operários. Isso só é permitido pelas autoridades operária e camponesa e, mais precisamente, pela dos Sovietes; ora, esta última não tinha ainda dado o exemplo de transações diretas

entre camponeses e operários." Tudo isso acompanhado de injúrias dirigidas aos trabalhadores de Goulaï-Polé e seu grupo anarquista.

Colocado a par do incidente, o camarada Séreguin correu ao Comitê Revolucionário e solicitou minha opinião sobre que providências tomar para impedir que a Seção de abastecimento governamental se apropriasse dos tecidos destinados aos camponeses. Porque, se ela o fizesse, sofreríamos duplamente: materialmente, porque já enviamos o trigo, e moralmente, pelo fracasso de nossa bela iniciativa de inspiração verdadeiramente social.

"Ajude-nos", gritava, chorando, com a cabeça entre as mãos.

Conservando nossa calma, ao menos em aparência, reunimos com urgência o Comitê Revolucionário e o Soviete dos Deputados camponeses e operários, e decidimos endereçar à Seção de abastecimento de Alexandrovsk, em nome destas duas organizações, um protesto, nos afirmando prontos a denunciar, como negativa ao governo soviético mesmo, aquela atitude.

Convocamos ao mesmo tempo uma reunião-*skhod* de camponeses. Resolvi despachar, em nome do grupo, alguns camaradas, Moise Kalinitchenko, A. Martchenko e N. Sokrouta, que pertenciam também ao Comitê Revolucionário, para informar aos trabalhadores da região que a seção governamental tinha interceptado os tecidos que lhes foram enviados pelos operários têxteis de Moscou.

O secretário do grupo, que coloquei a par, depois de colher as opiniões de diversos camaradas vindos à reunião-*skhod*, informou-me que minha iniciativa tinha sido aprovada.

Coloquei no papel, então, os pontos principais do que deveriam dizer. Eu conhecia todos eles, e sabia o que cada um poderia explicar.

Quando eles partiram, eu fui com os camaradas Antonov (presidente da União Profissional), Séreguin, Korostelev (presidente do Soviete) e alguns membros de nosso grupo à assembléia-*skhod* geral dos camponeses e operários.

Era uma verdadeira reunião da antiga "Zaporojska Siercha" (Grupo Educativo ucraniano) como nos descrevia a história. Os camponeses não eram mais ignorantes como naquele tempo, nem estavam reunidos para discutir questões da Igreja e de Credo. Não, eles tinham vindo para discutir seus interesses lesados por um punhado de

indivíduos a soldo do governo. Vieram plenamente conscientes de seus direitos.

O camarada Séreguin tomou a palavra. Seu discurso foi acolhido com aclamações sem fim, gritos de reconhecimento por sua iniciativa, e gritos de indignação pelo ato de Alexandrovsk contra Goulaï-Polé.

Outros falaram, em seguida, em nome do Soviete, do Comitê Revolucionário, da União Profissional e do grupo anarquista-comunista.

A população exigia uma marcha imediata sobre a cidade para caçar as autoridades que aí se encontravam, inúteis e nocivas à obra dos operários. E não eram palavras meramente. Eles dispunham, no momento, de quadros da juventude revolucionária, em número suficiente para ocupar militarmente a cidade de Alexandrovsk e para expulsar, se não fuzilar, todos os funcionários governamentais.

"A Revolução proclamou os princípios de liberdade, igualdade e trabalho livre — gritavam os trabalhadores dos campos dominados — e os queremos ver aplicados na vida, mataremos todos aqueles que a eles se oponham. O governo do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, malgrado seu caráter revolucionário, é nocivo ao desenvolvimento das forças criativas da Revolução. Nós o condenamos à morte ou morreremos nós, nesta luta. Mas não toleraremos que o governo coloque obstáculos ao livre desenvolvimento de nossas forças e à melhoria de nossa condição social. Não aceitaremos a humilhação e a opressão que seus agentes querem nos impor para triunfar sobre tudo aquilo que há de belo na revolução."

Sim, a população de Goulaï-Polé estava verdadeiramente pronta naquele dia a se bater contra Alexandrovsk, e quem de nós poderia se opor a ela?

Todos tínhamos estado nas primeiras fileiras da Batalha Revolucionária: não tinha cabimento retirarmo-nos agora! Éramos revolucionários por ligações com o ideal de justiça que a Revolução tinha escolhido como arma. E esta arma, nós não queríamos sujar por causa de compromissos com a autoridade. Nós nos esforçaríamos para limpá-la da lama com que a haviam coberto os dois partidos no poder: os bolcheviques e os S.-R. de esquerda, muito ignorantes. Apren-

demos a afirmar e a desenvolver a Revolução na vida e na luta dos trabalhadores.

Mesmo não tendo forças suficientes para esta obra grandiosa e plena de responsabilidade, não queríamos ao menos deixar de tentá-la com aquilo de que dispúnhamos, sabendo bem, entretanto, quais seriam os resultados reais de nossos esforços.

Eis aí porque não se achava ninguém entre nossos camaradas que se colocasse contra a marcha a Alexandrovsk; ao contrário, todos para ela se preparavam.

Pessoalmente, eu estava convencido de que era necessário, a mim e a diversos de meus camaradas — tais como: Kalinitchenko, Martchenko, Isidore-Pierre Louty, S. Karetnik, Savva Makhno, Stephane Chepel — que nos mostrássemos os primeiros entre nossos iguais para levar as forças revolucionárias ao combate. E parecia, com efeito, que deveria ser assim.

Gritos partiam da multidão:

"Nestor Ivanovitch, diga-nos a sua opinião! Não podemos deixar de responder a esta provocação dirigida contra nós pelos agentes dos poderes de Alexandrovsk!".

Em minha qualidade de chefe das tropas revolucionárias da região, sabendo a quem e a que elas deviam servir, disse aquilo que deveria dizer: que a decisão dos trabalhadores refletia suas idéias, que suas idéias eram as minhas e que eu os obedeceria.

Nesse momento, passaram ao camarada Séreguin um despacho do Escritório de abastecimento de Alexandrovsk. Dizia que, após ter tomado conhecimento dos telegramas do Comitê Revolucionário e do Soviete dos Deputados camponeses e operários, o Escritório tinha reconhecido que os tecidos dirigidos à Seção de abastecimento do Soviete de Goulaï-Polé já tinham sido pagos e que o Escritório de Alexandrovsk, de acordo com os outros organismos soviéticos da cidade, tinha decidido deixá-los passar. Não restava mais nada a não ser enviar delegados para receber os tecidos e encaminhá-los a Goulaï-Polé.

Assim que o conteúdo do despacho foi dado a conhecer, a alegria tomou conta da assistência, mas a idéia da resistência armada não foi abandonada. A assembléia exprimiu o desejo de que o camarada Nestor Makhno organizasse as forças armadas de maneira que pudessem

ser mobilizadas em 24 horas e ocupar Alexandrovsk, se o camarada Séreguin não conseguisse desembaraçar os tecidos dentro de dois dias.

"Não há necessidade de mobilizar neste momento — disseram os camponeses — e seria penoso e pouco correto disparar artificialmente a luta contra a autoridade, mas ela é necessária; nós assim pensamos e sempre pensaremos."

Vinte e quatro horas mais tarde, o camarada Sereguine informou-me, no Comitê Revolucionário, que tinha sido avisadc pelo delegado enviado a Alexandrovsk que os tecidos, confiscados pelas autoridades, tinham sido remetidos a quem de direito e tinham chegado à estação de Goulaï-Polé. Ele iria convocar uma reunião-*skhod* na qual pediria aos camponeses, como tinha sido autorizado, que o ajudassem a efetuar o transporte dos tecidos ao Depósito Geral de abastecimento e onde fixaria, com eles, o dia e o modo de distribuição dos tecidos.

Ele me pediu, como também a outros camaradas do Comitê Revolucionário e do grupo anarquista-comunista, que viesse a essa reunião e o secundasse ao explicar à população as vantagens de tais trocas entre a cidade e as aldeias, desde que se façam em grande quantidade e sejam, sobretudo, de artigos de consumo.

A sessão se desenrolou sobre esse tema: efetuar as trocas entre a cidade e as aldeias sem passar pela autoridade política do Estado.

O exemplo estava aí: sem intermediário, as aldeias poderiam melhor conhecer a cidade e a cidade, as aldeias. Duas classes de trabalhadores se entendiam, assim, nesse objetivo comum: arrancar do Estado todo o poder nas funções públicas, abolir sua autoridade social, ou melhor, suprimi-la.

À medida que essa idéia grandiosa se desenvolvia entre os trabalhadores da região de Goulaï-Polé, à medida que estes últimos a adotavam, eles tomavam posição na luta contra todos os princípios autoritários que a entravavam. Eles buscaram precisar o valor teórico destas trocas diretas entre trabalhadores e procuraram o meio de estabelecer concretamente seu direito a praticá-los.

Viam aí, ao mesmo tempo, a possibilidade de solapar de maneira eficaz as bases capitalistas da Revolução, vestígios de tempos tzaristas. De maneira que, enquanto todos os tecidos recebidos estavam sendo repartidos, a população de Goulaï-Polé já pensava em estender o sis-

tema de trocas a todos os artigos de primeira necessidade e em quantidade suficiente para toda a região. Isto provaria que a Revolução tinha como objetivo não somente destruir as bases do regime burguês e capitalista, mas que também indicava concretamente os fundamentos para uma sociedade nova e igualitária onde poderia crescer e se desenvolver o eu consciente dos trabalhadores. A sua luta seria consagrada ao triunfo de uma "justiça mais alta" destinada a substituir a justiça injusta de hoje.

Os trabalhadores de Goulaï-Polé apressaram-se então a se entender com aqueles outros das aldeias de outras regiões para colocar em prática a idéia de trocas entre aldeias e cidade e relacioná-la com a necessidade de defender a Revolução.

Ora, a defesa da Revolução não poderia estar assegurada e ser durável a menos que todos aqueles que não exploravam os outros compreendessem seu caráter essencialmente criador. E isso não poderia ser realizado caso a população não tivesse compreendido que, após ter conhecido o jugo do senhor — o usineiro e o proprietário fundiário — e do senhor supremo — o Estado —, ela deveria organizar-se a si própria e por sua conta a nova vida política e social, e defendê-la. Era preciso, conseqüentemente, que os trabalhadores das aldeias se aproximassem dos das cidades; eles sentirão melhor assim seu papel no ato criador da Revolução.

O período de destruição estará definitivamente terminado quando a fase criativa começar — período no qual tomará parte não somente a vanguarda revolucionária, mas toda a população, envolvida pelos acontecimentos e desejando ajudar, em atos e palavras, a superar os obstáculos que se acharem em seu caminho.

Durante os dez ou onze meses de sua participação ativa na Revolução, os trabalhadores da região de Goulaï-Polé tiveram muitas ocasiões de verificar a exatidão desta teoria e de aplicá-la na vida sã e livre, forjada por eles mesmos cotidianamente.

O Soviete local se entendeu com as organizações de abastecimento e decidiu que aí mesmo se deveria sustentar e desenvolver a idéia de troca entre as aldeias e cidade, sem intermediários, funcionários do governo. Delegados foram enviados às diferentes cidades para colocar diversas questões e trazer tecidos.

Entrementes, os camponeses começaram a acumular o trigo, a fa-

rinha e outros produtos alimentares, nos armazéns gerais, que deveriam ter, doravante, reservas tendo em vista trocas futuras.

Desta vez, no entanto, os delegados dos camponeses voltaram com as mãos vazias. As autoridades do bloco bolchevique S.-R. de esquerda tinham, em todas as usinas, interditado categoricamente as organizações operárias de entrar em relações freqüentes de qualquer natureza com as aldeias. Para isso existia, no dizer das autoridades, instituições proletárias e estatais que deveriam se ocupar da organização industrial e agrícola das cidades e aldeias, consolidando assim o socialismo no país.

Foi somente em Moscou que os operários revolucionários das fábricas têxteis, obtiveram, de seus senhores socialistas, o direito de trocar uma vez mais suas mercadorias com os produtos da região de Goulaï-Polé.

Mas o envio de tecidos foi, desta vez, extremamente difícil. Eles foram sucessivas vezes retidos no trajeto e nunca chegaram ao destino. Os funcionários governamentais apoderaram-se deles e durante mais de 15 dias jogaram-nos de uma linha para outra, até que os transportes ferroviários fossem completamente bloqueados. Os temíveis exércitos alemães avançavam sobre Kiev e Odessa sob a direção de destacamentos avançados da Rada Central e dos S.-R. e S.-D. ucranianos com seus líderes: o professor M. Grouchevski e o publicista O. Vinnitchenko. Eles tinham feito um acordo com os imperadores alemão e austríaco, contra o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, e conduziam agora seus aliados pela terra ucraniana mostrando-lhes os caminhos mais curtos e mais transitáveis em direção a Dnièpr e ao *front* revolucionário.

Mas, o governo do bloco, com Lênin à frente, não poderia deixar de perceber o alcance capital daquilo que tentamos instaurar por aquelas trocas.

Eles o perceberam. Desde o dia de sua instalação, o governo socialista, esquerda das esquerdas, como qualquer outro governo, viu nisso um perigo, e procurou de todas as formas entravar o desenvolvimento deste movimento.

Enviaram, para começar, destacamentos encarregados de romper toda ligação entre o campo e a cidade; em seguida, as autoridades passaram a fixar o grau de lealdade ou deslealdade revolucionária dos

forças cossacas, divididas em 18 escalões, e estas foram conduzidas para Alexandrovsk, onde foram abastecidas e onde organizou-se, em sua intenção, uma série contínua de reuniões. Nestas reuniões, o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda se esforçava por ganhá-las às suas idéias e pedia a seus melhores oradores para falar. Estes oradores, muito revolucionários em palavras, se diziam "inalteravelmente ligados à obra da Revolução e a suas finalidades: a libertação efetiva do trabalho, a abolição do jugo do Capital e do Estado policial". Estes enganadores lhes prometiam a liberdade plena e completa, uma ampla autonomia para a região do Don e para outras províncias que, sob o reino dos Romanoff, estavam escravizadas por todos os meios e que formavam a Rússia "una e indivisível", a "Santa" Rússia dos ladrões e dos trapaceiros.

Alguns declamavam grandes frases sobre o renascimento nacional de cada uma das províncias escravizadas, e isto sem pudor algum e apesar da presença nessas reuniões de adversários que sabiam perfeitamente que todas essas belas palavras estavam em contradição com os atos de seus dirigentes e que, ao pronunciá-las, mentiam desavergonhadamente.

Contudo, os cossacos permaneciam impassíveis em geral, fazendo pouco dos discursos, e rindo vez por outra.

Depois, os anarquistas tomaram a palavra, de modo particular Maria Nikiphorova que lhes declarou que os anarquistas nada prometem a ninguém, que eles desejam somente que os homens aprendam a conhecer a si mesmos, a compreender sua situação sob o atual regime de escravidão, que eles desejam, enfim, vê-los conquistar, eles mesmos, sua liberdade.

"Mas, antes de lhes falar de tudo isso mais detalhadamente, sou obrigada a dizer-lhes, cossacos, que vocês foram até agora os carrascos dos trabalhadores da Rússia. Permanecerão o mesmo no futuro, ou então tomarão por fim consciência do seu papel odioso e tornarão a entrar na família dos trabalhadores, que até agora vocês não quiseram reconhecer e que, por um rublo do tzar ou por um copo de vinho, estão sempre prontos a crucificá-la viva?".

Neste momento, os cossacos, que lá estavam presentes em número de vários milhares, tiraram seus *papakhi*[20] e baixaram a cabeça.

---

20. Altos gorros de astrakan. (N. T.)

Maria Nikiphorova continuava a falar. Muitos dentre os cossacos soluçavam como crianças. E numerosos intelectuais, vindos de Alexandrovsk, permaneciam perto da tribuna e, falando entre si, diziam:

"Meu Deus, como parecem pálidos e lastimáveis os discursos dos representantes do Comitê Revolucionário e dos partidos políticos, perto dos discursos dos anarquistas, e acima de tudo deste de Maria Nikiphorova!"

Foi para nós agradável ouvir estas palavras da boca daqueles que se tinham, há anos, mantido longe de nós.

Mas não era por essa razão que estávamos dizendo a verdade aos cossacos. Queríamos unicamente que eles a compreendessem para, nelas se inspirando, se libertarem daqueles que os tinham subjugado e ao serviço dos quais eles tinham se tornado carrascos de todas as iniciativas livres dos trabalhadores desde os tempos recuados em que tinham se fixado no Don e no Doretz, no Kouban e no Térek. Sim, os cossacos foram sempre os carrascos dos trabalhadores. Muitos dentre eles já o tinham compreendido, mas outros ainda continuavam, covardemente, a se servirem de seus sabres e de seus *nagaïki* contra as massas escravizadas.

Durante todo o período de sua estadia em Alexandrovsk (eles aí passaram ainda cinco dias depois da reunião) vieram cotidianamente em massa para os escritórios da Federação pedir aos anarquistas determinações e respondendo às questões que estes últimos lhes faziam. Foram estabelecidas relações. Alguns deixaram seus endereços para o envio de publicações anarquistas e para troca de correspondência sobre as questões concernentes à Revolução social.

Os cossacos de Kouban, aqueles da seção de Labinsky especialmente, foram os que mais manifestaram seu interesse, e sei que muitos deles mantiveram por longo tempo correspondência ativa com nossos anarquistas, solicitando deles explicações sobre tal ou tal questão de organização social, pedindo-lhes para lhes enviar as novas publicações e enviando dinheiro, na medida de suas possibilidades.

Os cossacos do Don nos fizeram igualmente tais perguntas, mas nunca em tão grande número e com o mesmo interesse. E isto, de um lado, porque eles eram menos avançados e também porque, por outro lado, em seu território, a reação tinha erguido uma fogueira onde tencionava imolar a Revolução.

Enquanto os cossacos desarmados estavam em Alexandrovsk, o comando revolucionário lhes propôs tomarem o partido da Revolução contra o general Kaledin.

Muitos deles aceitaram e se declararam prontos a tomar as armas e partir para a frente de combate. Foram organizados em *sotnia* e enviados para Kharkow onde foram colocados à disposião do general Antonoff-Ovséenko, que comandava os exércitos do sul da Rússia.

Outros, ao contrário, declararam que desejavam rever seus filhos e seus parentes, que não viam há quatro anos, e pediram para voltar para suas casas. O comandante revolucionário os autorizou a isso. Mas, na realidade, ele os dirigiu para Kharkow, onde fez com que seus cavalos lhes fossem tomados.

Não quero absolutamente julgar este ato do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, pois, deixar passar, naquele momento, cavalos selados na zona de onde partiam os ataques militares contra a Revolução teria sido equivalente a uma traição. De acordo com meus amigos, não censurei aos bolcheviques e aos S.-R. de esquerda senão uma coisa: de ter agido, desde o início das conferências com os cossacos, não como revolucionários, mas como jesuítas, fazendo promessas e não as mantendo. Eles poderiam, assim, ter feito bastante mal à Revolução. E por outro lado, este mal, eles o tinham feito: o envio de carros blindados diante do local das reuniões anarquistas; a fiscalização das organizações revolucionárias nas cidades e nas aldeias já estavam anunciando as más ações desses dois partidos que dominavam o país, e não tinham de revolucionário senão o nome.

8 | *O bloco bolchevique-S.-R. de esquerda em Alexandrovsk — Minhas observações e suas conseqüências*

A frente de combate estabelecida para deter o avanço dos cossacos que se dirigiam para o Zaporjié foi suprimida. Não mais se ouviu

falar deles deste lado. Todas as formações revolucionárias foram transferidas da margem direita para a margem esquerda do Dnépr, em Alexandrovsk e nas aldeias vizinhas.

Sendo a finalidade do estado-maior de Bogdanoff prosseguir sua marcha em direção à Criméia, e permanecendo, deste modo, sem defesa a cidade de Alexandrovsk, os habitantes foram obrigados a se organizar, e os operários começaram a fazê-lo.

O Comitê Revolucionário, sob o impulso dos partidos que nele estavam representados, começou também a dar prova de atividade revolucionária. Foi antes de mais nada por meio de uma intervenção arbitrária na vida local dos trabalhadores, por meio de ordens severas e autoritárias, dadas verbalmente ou formuladas por escrito.

Ele se animou também com respeito à cidade: carregou a burguesia de Alexandrovsk com um tributo de 18 milhões de rublos. Houve novamente detenções, como no tempo do Governo de Coalizão e da Rada, e os primeiros a sofrer com isso foram naturalmente os socialistas de direita. (Ainda não se ousava tocar nos anarquistas por causa de sua influência nas regiões de Goulaï-Polé e de Kamychevat.) No próprio Comitê, começou a se ouvir mais amiúde a expressão "comissário da prisão"; a prisão, com efeito, já oucupava um dos mais importantes lugares na organização "socialista" da vida.

Tive mais de uma vez o desejo de fazê-la voar pelos ares, mas não tinha conseguido encontrar uma quantidade suficiente de dinamite ou de piroxilina. Tinha falado disso com o S.-R. de esquerda Mirgorodsky e com Maria Nikiphorova, mas ambos, amedrontados, esforçavam-se por me sobrecarregar de trabalho a fim de me impedir de entrar em contato com as guardas vermelhas cujas reservas de explosivos eram consideráveis.

Aceitei o trabalho com o qual me sobrecarregava o Comitê Revolucionário e o levei a bom termo.

Mas, deixar-me levar, sabendo que, por detrás de minhas costas, acontece Deus sabe o quê, não é de meu feitio, tanto mais que não era novato na ação revolucionária. Não podia pois trabalhar com a única finalidade de ser aprovado pelos "oniscientes" e pelos "todo-poderosos" do momento atual.

Vi nítida e seguramente que a colaboração com os bolchevi-

ques-S.-R. de esquerda se tornava impossível para um anarquista, mesmo na luta em defesa da Revolução.

O espírito revolucionário dos bolcheviques-S.-R. de esquerda começava por outro lado a se modificar visivelmente: eles só tratavam de conseguir pôr as mãos sobre a Revolução, e reinar, no sentido grosseiro da palavra.

Tendo por longo tempo observado sua atividade em Alexandrovsk, e, anteriormente, nos Congressos departamentais e de distritos dos camponenses e operários, onde eles representavam a maioria no momento, eu pressentia que a coesão desses dois partidos era uma ficção e que, cedo ou tarde, um dos dois deveria absorver ou devorar brutalmente o outro, pois que ambos sustentavam o princípio do Estado e de sua autoridade sobre a comunidade livre dos trabalhadores.

Verdade é que os trabalhadores, elementos ativos da Revolução, não o compreenderam a tempo. Eles tinham tamanha confiança nos revolucionários que não se preocupavam absolutamente de passar suas idéias pelo crivo nem de fiscalizar sua ação. Era preciso a cada vez atrair a sua atenção e explicar-lhes como estavam as coisas. E quem o teria feito, senão os anarquistas? Mas quais vínculos tinham eles, a este ponto da Revolução russa, com a massa dos trabalhadores?

A grande maioria dos que pretendiam dirigir esse movimento se encontrava então, senão dócil aos poderes centrais do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, em todo o caso por fora da ação direta, permanecendo assim à margem da Revolução.

Tais eram os anarquistas-sindicalistas e os anarquistas-comunistas mais evidentes (não falo absolutamente dos anarquistas-individualistas que não existiam na Rússia e nem, acima de tudo, na Ucrânia).

Alguns grupos anarquistas de camponeses e de operários tomavam decisões muitas vezes tardias, é bem verdade, assumindo a inteira responsabilidade, e se lançavam em todas as frentes na tempestade revolucionária na qual se consumiam com a maior honestidade e com um amor ardente pela Revolução e por seu ideal. Mas, ai! eles pereciam prematuramente e sem muito proveito para nossa causa.

Como pode ser isso? Pessoalmente, não tenho senão uma resposta a dar: "Não sendo organizados, os anarquistas careciam de unidade de ação". Os bolcheviques e os S.-R. de esquerda, em compensação,

falar deles deste lado. Todas as formações revolucionárias foram transferidas da margem direita para a margem esquerda do Dnépr, em Alexandrovsk e nas aldeias vizinhas.

Sendo a finalidade do estado-maior de Bogdanoff prosseguir sua marcha em direção à Criméia, e permanecendo, deste modo, sem defesa a cidade de Alexandrovsk, os habitantes foram obrigados a se organizar, e os operários começaram a fazê-lo.

O Comitê Revolucionário, sob o impulso dos partidos que nele estavam representados, começou também a dar prova de atividade revolucionária. Foi antes de mais nada por meio de uma intervenção arbitrária na vida local dos trabalhadores, por meio de ordens severas e autoritárias, dadas verbalmente ou formuladas por escrito.

Ele se animou também com respeito à cidade: carregou a burguesia de Alexandrovsk com um tributo de 18 milhões de rublos. Houve novamente detenções, como no tempo do Governo de Coalizão e da Rada, e os primeiros a sofrer com isso foram naturalmente os socialistas de direita. (Ainda não se ousava tocar nos anarquistas por causa de sua influência nas regiões de Goulaï-Polé e de Kamychevat.) No próprio Comitê, começou a se ouvir mais amiúde a expressão "comissário da prisão"; a prisão, com efeito, já oucupava um dos mais importantes lugares na organização "socialista" da vida.

Tive mais de uma vez o desejo de fazê-la voar pelos ares, mas não tinha conseguido encontrar uma quantidade suficiente de dinamite ou de piroxilina. Tinha falado disso com o S.-R. de esquerda Mirgorodsky e com Maria Nikiphorova, mas ambos, amedrontados, esforçavam-se por me sobrecarregar de trabalho a fim de me impedir de entrar em contato com as guardas vermelhas cujas reservas de explosivos eram consideráveis.

Aceitei o trabalho com o qual me sobrecarregava o Comitê Revolucionário e o levei a bom termo.

Mas, deixar-me levar, sabendo que, por detrás de minhas costas, acontece Deus sabe o quê, não é de meu feitio, tanto mais que não era novato na ação revolucionária. Não podia pois trabalhar com a única finalidade de ser aprovado pelos "oniscientes" e pelos "todo-poderosos" do momento atual.

Vi nítida e seguramente que a colaboração com os bolchevi-

ques-S.-R. de esquerda se tornava impossível para um anarquista, mesmo na luta em defesa da Revolução.

O espírito revolucionário dos bolcheviques-S.-R. de esquerda começava por outro lado a se modificar visivelmente: eles só tratavam de conseguir pôr as mãos sobre a Revolução, e reinar, no sentido grosseiro da palavra.

Tendo por longo tempo observado sua atividade em Alexandrovsk, e, anteriormente, nos Congressos departamentais e de distritos dos camponenses e operários, onde eles representavam a maioria no momento, eu pressentia que a coesão desses dois partidos era uma ficção e que, cedo ou tarde, um dos dois deveria absorver ou devorar brutalmente o outro, pois que ambos sustentavam o princípio do Estado e de sua autoridade sobre a comunidade livre dos trabalhadores.

Verdade é que os trabalhadores, elementos ativos da Revolução, não o compreenderam a tempo. Eles tinham tamanha confiança nos revolucionários que não se preocupavam absolutamente de passar suas idéias pelo crivo nem de fiscalizar sua ação. Era preciso a cada vez atrair a sua atenção e explicar-lhes como estavam as coisas. E quem o teria feito, senão os anarquistas? Mas quais vínculos tinham eles, a este ponto da Revolução russa, com a massa dos trabalhadores?

A grande maioria dos que pretendiam dirigir esse movimento se encontrava então, senão dócil aos poderes centrais do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, em todo o caso por fora da ação direta, permanecendo assim à margem da Revolução.

Tais eram os anarquistas-sindicalistas e os anarquistas-comunistas mais evidentes (não falo absolutamente dos anarquistas-individualistas que não existiam na Rússia e nem, acima de tudo, na Ucrânia).

Alguns grupos anarquistas de camponeses e de operários tomavam decisões muitas vezes tardias, é bem verdade, assumindo a inteira responsabilidade, e se lançavam em todas as frentes na tempestade revolucionária na qual se consumiam com a maior honestidade e com um amor ardente pela Revolução e por seu ideal. Mas, ai! eles pereciam prematuramente e sem muito proveito para nossa causa.

Como pode ser isso? Pessoalmente, não tenho senão uma resposta a dar: "Não sendo organizados, os anarquistas careciam de unidade de ação". Os bolcheviques e os S.-R. de esquerda, em compensação,

aproveitaram, nestes dias da confiança dos trabalhadores na Revolução, opondo metodicamente aos interesses destes últimos seus interesses de partidos.

Noutro momento, em condições e circunstâncias diferentes, eles não teriam ousado substituir a obra comum revolucionária pela cozinha política de seus Comitês centrais. Mas eles compreenderam que, nos acontecimentos atuais, não havia ninguém a ser desmascarado: os socialistas de direita eram puxados pela burguesia e os anarquistas permaneciam sozinhos para dirigir as forças dos trabalhadores contra estas maquinações.

Mas, uma vez mais, nós, anarquistas, não dispúnhamos de forças organizadas, conscientes das questões e dos problemas do dia-a-dia.

Os bolcheviques e os S.-R. de esquerda, sob a direção do astucioso Lênin, notara a impotência de nosso movimento e se alegraram com isso; pois ver que éramos incapazes de opor a seus interesses de partidos a obra de todo o povo trabalhador, dava coragem aos estatistas. Eles abordaram mais resolutamente as massas e, aliciando-as com a máxima "O poder para os Sovietes locais", estabeleceram, às suas custas, seu próprio poder político de partido estatista, subordinando-lhe tudo na obra revolucionária, a começar pelos trabalhadores que acabavam de romper suas cadeias, mas que ainda não tinham conseguido alforriar-se delas por completo.

Por sua colaboração com a burguesia, no momento em que todos os trabalhadores lutavam contra ela, os S.-R. de direita e os S.-D. mencheviques contribuíram para o sucesso dos bolcheviques e dos S.-R. de esquerda. Nessa época, os trabalhadores ainda não renegavam os S.-R. de direita. Eles se contentavam em ampliar os programas destes últimos que, por não serem os únicos a levar o peso da camaradagem com a burguesia, e o reconhecimento do poder legal da Assembléia Constituinte etc., procuravam arrastá-los consigo nesta cabala.

Todas essas idéias defendidas pelos socialistas de direita eram por si mesmas inaceitáveis para as massas. De mais a mais, nesta época, eles já estavam claramente trabalhando contra a Revolução. Resultou disso tudo que os trabalhadores acabaram por dar preferência aos bolcheviques e aos S.-R. de esquerda.

Este fenômeno, trágico para a Revolução, era conhecido por todo anarquista-revolucionário que, em sua obra direta, tinha trabalhado em

colaboração íntima com os camponeses e os operários e tinha repartido com eles os sucessos e os erros de sua ação comum.

Assim, perturbado por ver que o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda não era o bloco de união que teria sido necessário ter no momento em que o Trabalho se defrontava com o Capital e o Poder governamental num encontro decisivo para todos aqueles que, generosamente, tinham gasto suas forças e suas vidas para prepará-lo e provocá-lo, assim pois me persuadia cada vez mais profundamente que os bolcheviques e os S.-R. de esquerda se retirariam diante de uma reação conduzida pelos socialistas de direita, aliados durante esse tempo à burguesia, ou então iriam se massacrar entre eles para conseguir o primeiro lugar no poder, mas que em caso algum eles iriam trazer para a Revolução a ajuda de que ela necessitava para se desenvolver livremente em seu caminho criador.

Convencido disso, reuni alguns camaradas da Federação anarquista de Alexandrovsk (que trouxeram consigo alguns operários e soldados simpatizantes) e meus camaradas do destacamento de Goulaï-Polé e com a morte na alma, participei-lhe meus receios acerca da Revolução que estava, a meu ver, ameaçada de aniquilamento por toda parte e por parte do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda de modo especial.

Disse-lhes que mais teria valido, para ela, que os bolcheviques e os S.-R. de esquerda não tivessem formado bloco de espécie alguma, pois nenhum de seus princípios poderia detê-los em sua sede de poder, o que deveria sem dúvida e infalivelmente levá-los ao desacordo, e, por suas lutas intestinas, causar um dano enorme à Revolução.

"Já está se vendo, disse eu aos meus amigos, que não é o povo que se regozija com a liberdade, mas sim os partidos políticos. Não está longe o dia em que ele (o povo) estará por completo esmagado sob seu tacão. Não são os partidos políticos que servirão o povo, mas o povo que servirá os partidos políticos. Observamos desde já que muitas vezes, nas questões que lhe dizem respeito diretamente, o nome do povo é apenas citado e que todas as decisões são diretamente tomadas pelos partidos. O povo só é bom para escutar o que os governos lhe dizem!"

Então, tendo informado de minhas impressões e de minha profunda convicção e de que era tempo de nos preparar para a luta, expus, não mais a todos os camaradas, mas somente a um pequeno grupo

íntimo de anarquistas, os planos que eu estava elaborando desde julho-agosto de 1917 e que já tinha, em parte, executado dentro da obra de organização dos camponeses. Tais planos podiam se resumir da seguinte maneira: os camponeses aspiram a ser seus próprios donos, assim nós devemos nos aproximar de suas instituições autônomas locais, explicar-lhes todos os passos feitos pelos socialistas em direção ao poder, e dizer-lhes que a Revolução que eles tinham realizado anunciava outra coisa bem diferente: ela anunciava o direito das massas à liberdade e ao trabalho livre e destruía toda possibilidade de tutela do poder sobre elas.

Quando assim se desejar, poder-se-á sempre aproximar-se dos camponeses: basta instalar-se por entre eles e trabalhar a seu lado honestamente e sem trégua. Quando, por ignorância, eles tentam criar seja o que for que possa vir a se transformar num organismo nocivo para o desenvolvimento de uma sociedade livre, é preciso explicar-lhes e convencê-los de que o que eles desejam fazer será uma pesada carga para eles próprios e propor-lhes outra coisa que, mesmo que venha a responder a suas necessidades, não contradiga os ideais anarquistas.

"Nosso ideal é muito rico e numerosos pontos podem assim ser, desde já, postos em prática pelos camponeses para seu maior bem-estar."

Meus outros planos eram de ordem muito diferente, e diziam respeito à conspiração. Não falei disso naquele dia aos camaradas, mas para tal preparei ininterruptamente os membros do grupo anarquista-comunista de Goulaï-Polé na esperança de que onde, graças a seu trabalho intensivo, ele criasse laços com a população, poderíamos bem depressa realizá-los.

No decorrer dessa conversação íntima com os camaradas de Alexandrovsk, decidi deixar o Comitê Revolucionário e voltar para Goulaï-Polé com todo meu destacamento.

Encontrei naquele mesmo dia o camarada Mirgorodsk (S.-R. de esquerda) e o convidei para jantar comigo no restaurante da Federação. Quando ele chegou, não pude deixar de dizer-lhe que, no dia seguinte, eu iria anunciar no Comitê Revolucionário que meu destacamento ia se retirar desse Comitê e iria se abster de para lá enviar outra pessoa em meu lugar.

A camarada Maria Nikiphorova e vários outros camaradas da Fe-

deração me pediram para não fazer isso tão rapidamente. Mirgorodsky procurou do mesmo modo argumentar comigo; mas eu não podia voltar atrás na minha decisão, tomada de acordo com o meu destacamento, e que só tinha que ser formulada oficialmente a fim de que o Comitê não a interpretasse de maneira errônea.

Na Federação, não estando todos informados de minha resolução senão quando os informei disso, me pediram para explicar-lhes a causa e a finalidade de minha saída. Achavam-se naquele momento, também, na Federação, alguns operários simpatizantes com os S.-R. de esquerda. Eles também insistiram, particularmente, nas explicações.

Tive de lhes repetir o que já havia exposto a alguns dos camaradas.

Disse-lhes que achava que o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda já havia comprometido sua unidade no mesmo momento em que acabava de se formar. Este fato aconteceu, segundo eu, de uma parte, por causa da divergência histórico-filosófica entre a teoria socialista-revolucionária e o marxismo e, de outra parte, por causa da vaidade que tomava conta dos partidos que queriam se entredevorar, levados pelo desejo desmedido de dirigir a Revolução:

"Parece-me perfeitamente evidente que não está longe o dia em que esses dois partidos, que reinam atualmente sobre o país, disputarão e se debaterão até se exterminarem, levando com eles, para a ruína, a Revolução e tudo o que ela tem de melhor.

"Por que, com os diabos, esgotarei aqui minhas forças, enquanto que nos campos vejo nascer a verdadeira Revolução? Os camponeses começam a tomar consciência de si mesmos, manifestam sua vontade de lutar por um ideal de justiça, é preciso ajudá-los! — gritei furioso, enquanto que os camaradas iam ficando cada vez mais espantados.

"Não quero dizer, camaradas, que todos vocês devem voltar-se para os camponeses. Conheço bem vocês. Vocês estão habituados à cidade, e ligados aos operários. Trabalhem aqui, mas lembrem-se que, aqui, a Revolução começa a abandonar a ação direta para as ordens e ordenanças dos Comitês revolucionários, enquanto que, no interior, isso não acontecerá tão facilmente assim. Lá vive a alma da Revolução, aqui a da contra-revolução. Somente uma organização intensa das forças revolucionárias nas aldeias poderá impedir que a Revolução seja imolada".

íntimo de anarquistas, os planos que eu estava elaborando desde julho-agosto de 1917 e que já tinha, em parte, executado dentro da obra de organização dos camponeses. Tais planos podiam se resumir da seguinte maneira: os camponeses aspiram a ser seus próprios donos, assim nós devemos nos aproximar de suas instituições autônomas locais, explicar-lhes todos os passos feitos pelos socialistas em direção ao poder, e dizer-lhes que a Revolução que eles tinham realizado anunciava outra coisa bem diferente: ela anunciava o direito das massas à liberdade e ao trabalho livre e destruía toda possibilidade de tutela do poder sobre elas.

Quando assim se desejar, poder-se-á sempre aproximar-se dos camponeses: basta instalar-se por entre eles e trabalhar a seu lado honestamente e sem trégua. Quando, por ignorância, eles tentam criar seja o que for que possa vir a se transformar num organismo nocivo para o desenvolvimento de uma sociedade livre, é preciso explicar-lhes e convencê-los de que o que eles desejam fazer será uma pesada carga para eles próprios e propor-lhes outra coisa que, mesmo que venha a responder a suas necessidades, não contradiga os ideais anarquistas.

"Nosso ideal é muito rico e numerosos pontos podem assim ser, desde já, postos em prática pelos camponeses para seu maior bem-estar."

Meus outros planos eram de ordem muito diferente, e diziam respeito à conspiração. Não falei disso naquele dia aos camaradas, mas para tal preparei ininterruptamente os membros do grupo anarquista-comunista de Goulaï-Polé na esperança de que onde, graças a seu trabalho intensivo, ele criasse laços com a população, poderíamos bem depressa realizá-los.

No decorrer dessa conversação íntima com os camaradas de Alexandrovsk, decidi deixar o Comitê Revolucionário e voltar para Goulaï-Polé com todo meu destacamento.

Encontrei naquele mesmo dia o camarada Mirgorodsk (S.-R. de esquerda) e o convidei para jantar comigo no restaurante da Federação. Quando ele chegou, não pude deixar de dizer-lhe que, no dia seguinte, eu iria anunciar no Comitê Revolucionário que meu destacamento ia se retirar desse Comitê e iria se abster de para lá enviar outra pessoa em meu lugar.

A camarada Maria Nikiphorova e vários outros camaradas da Fe-

deração me pediram para não fazer isso tão rapidamente. Mirgorodsky procurou do mesmo modo argumentar comigo; mas eu não podia voltar atrás na minha decisão, tomada de acordo com o meu destacamento, e que só tinha que ser formulada oficialmente a fim de que o Comitê não a interpretasse de maneira errônea.

Na Federação, não estando todos informados de minha resolução senão quando os informei disso, me pediram para explicar-lhes a causa e a finalidade de minha saída. Achavam-se naquele momento, também, na Federação, alguns operários simpatizantes com os S.-R. de esquerda. Eles também insistiram, particularmente, nas explicações.

Tive de lhes repetir o que já havia exposto a alguns dos camaradas.

Disse-lhes que achava que o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda já havia comprometido sua unidade no mesmo momento em que acabava de se formar. Este fato aconteceu, segundo eu, de uma parte, por causa da divergência histórico-filosófica entre a teoria socialista-revolucionária e o marxismo e, de outra parte, por causa da vaidade que tomava conta dos partidos que queriam se entredevorar, levados pelo desejo desmedido de dirigir a Revolução:

"Parece-me perfeitamente evidente que não está longe o dia em que esses dois partidos, que reinam atualmente sobre o país, disputarão e se debaterão até se exterminarem, levando com eles, para a ruína, a Revolução e tudo o que ela tem de melhor.

"Por que, com os diabos, esgotarei aqui minhas forças, enquanto que nos campos vejo nascer a verdadeira Revolução? Os camponeses começam a tomar consciência de si mesmos, manifestam sua vontade de lutar por um ideal de justiça, é preciso ajudá-los! — gritei furioso, enquanto que os camaradas iam ficando cada vez mais espantados.

"Não quero dizer, camaradas, que todos vocês devem voltar-se para os camponeses. Conheço bem vocês. Vocês estão habituados à cidade, e ligados aos operários. Trabalhem aqui, mas lembrem-se que, aqui, a Revolução começa a abandonar a ação direta para as ordens e ordenanças dos Comitês revolucionários, enquanto que, no interior, isso não acontecerá tão facilmente assim. Lá vive a alma da Revolução, aqui a da contra-revolução. Somente uma organização intensa das forças revolucionárias nas aldeias poderá impedir que a Revolução seja imolada".

Meus camaradas anarquistas e seus amigos partidários dos S.-R. de esquerda me responderam que o futuro nos mostraria o que estava acontecendo e que, no momento, o bloco bolchevique-S. -R. de esquerda não estava se afastando da via da Revolução operária e camponesa: "Ele permanece sólido. A maioria dos trabalhadores o vê e o sustém com sua ação. Fazer propaganda contra ele ou fomentar um levante significaria abrir caminho a um poder semiburguês, no estilo de Kerensky, ou, o que é pior ainda, consolidar a Rada Central, ela que escamoteou quase completamente a luta pela emancipação social dos trabalhadores — isto significaria cometer um crime contra a idéia mesma de Revolução.

"Deploramos, prosseguiam meus camaradas, sua atitude em relação ao bloco bolchevique S.-R. de esquerda, e ficaríamos felizes se você abordasse esta questão de outro ponto de vista. Você mesmo diz constantemente que os revolucionários devem estar sempre onde está o povo, para expandir, aprofundar e desenvolver a Revolução.

"Até o presente, você e nós agimos assim. O que nos impede de continuar? Cada um de nós sabe que se o bloco cair para a direita, ou tentar barrar os trabalhadores antes que eles atinjam seus objetivos — a liberdade, a igualdade e o trabalho independente — nós faríamos imediatamente uma campanha contra ele. E assim, cada trabalhador veria e compreenderia que nós tínhamos razão em nos levantar contra os bolcheviques e os S.-R. de esquerda".

Lembro-me que Maria Nikiphorova e todos os amigos que trabalhavam com ela nesta cidade defenderam especialmente essa posição. Ela mesma citou diversas vezes o nome do camarada A. Kareline, dizendo que antes de deixar Petrogrado, ela tinha examinado longamente essa questão com ele e que ele lhe havia dito ser esta a melhor atitude que poderíamos tomar em relação ao poder bolchevique S.-R. de esquerda.

Entretanto, os argumentos relativamente justos de meus camaradas não me confundiram. Eu estava profundamente convencido de que o bloco não se sustentaria por muito tempo. Havia, além do que eu já assinalei, outros sinais prenunciadores. Lênin agia sem nenhum controle, não somente do partido S.-R. de esquerda, aliado do partido bolchevique, mas também deste último, do qual ele era o chefe e o criador.

Indo, eu mesmo, organizar os camponeses de Goulaï-Polé e sua região, fora de toda influência bolchevique ou S.-R. de esquerda, tirei, desse fato, conclusões importantes.

Adivinhei, com efeito, a intenção de Lênin: fazer da ala esquerda dos S.-R. (entre os quais não havia um só membro do núcleo inicial dos S.-R.) um joguete em suas próprias mãos.

Foi por isso que me abstive de toda resposta aos camaradas e só lhes disse, de uma vez por todas, que eu voltaria mesmo para Goulaï-Polé.

Enquanto falávamos do bloco e do futuro da Revolução, a qual eles queriam dominar, o comissário dos correios me fez chegar uma mensagem telefônica de Goulaï-Polé que avisava que os agentes da Rada Central ucraniana lá chegaram, e que, declarando-se partidários dos Sovietes, faziam uma propaganda enérgica para levarem os soldados, chegados da frente de combate exterior, a constituírem, em Goulaï-Polé e região, *koureni haïdamaki* e que os chauvinistas já haviam começado a organizá-los.

Essa mensagem, assinada por Chramko, ajudou-me a deixar o Comitê Revolucionário de Alexandrovsk e a precipitar minha partida para Goulaï-Polé.

Após redigir meu aviso oficial, fui ao Comitê remeter este documento a quem de direito e despedir-me.

O Comitê acolheu-o desfavoravelmente e o Bureau o deplorou, mas em termos moderados. Logo que lhes expliquei as razões de minha partida precipitada com todos os detalhes, o camarada Mikhailevitch, presidente do Comitê, pediu-me que passasse com ele para uma sala vizinha e manifestou toda sua alegria em ver-me voltar para Goulaï-Polé.

"Sua presença, camarada Makhno, é, aqui, neste momento, mais que indispensável. Por outro lado, você já sabe, eu creio, que, segundo um projeto da direção do partido, nós pensamos dividir o distrito de Alexandovsk em duas unidades administrativas, e foi proposto que uma delas seja colocada sob sua direção em Goulaï-Polé, camarada Makhno!"

Respondi a meu "benfeitor" que essa idéia não me seduzia,

que não se enquadrava naquilo que eu pensava sobre o futuro e o desenvolvimento da Revolução.

"Aliás, acrescentei, isto supõe primeiramente seu sucesso definitivo, não é?"

"Mas ele está assegurado. Todos os operários e camponeses estão conosco, e eles dominam tudo, por toda parte!", gritou meu colega da véspera.

"A propósito! você tem a mensagem telefônica que acabo de receber de Goulaï-Polé? Você compreendeu o que está lá?", retruquei.

"Mas claro!"

"Então é melhor deixarmos nossa conversa para mais tarde, e dar ordem, desde agora, ao comandante da estação de Ekaterinoslav para que ele prepare um trem para as quatro horas, a fim de embarcar o destacamento de Goulaï-Polé."

Assim foi feito, rapidamente.

Fiquei alguns instantes ainda com o "camarada" Mikhailevitch, a anarquista Maria Nikiphorova e outros membros do Comitê. Falei a eles do ardor revolucionário da população que, desde já, estava pronta para combater; depois, pedindo permissão a eles, dirigi-me à estação, onde, alguns minutos depois de mim, chegaram os membros do Comitê e, a cavalo, a anarquista Maria Nikiphorova. Eles vinham despedir-se de mim e assistir nossa partida.

Troquei algumas palavras com os dirigentes do Comitê Revolucionário. Depois o destacamento entoou o hino revolucionário e o trem partiu.

9 | *Supressão da "unidade territorial" do "zemstvo" — Formação de um Comitê Revolucionário pelos membros do Soviete — Campanha de fundos para as necessidades da Revolução*

Durante nossa ausência, em que faltavam os mais enérgicos camponeses revolucionários e operários anarquistas ou simpatizantes, Goulaï-Polé recebeu a visita de agentes da Rada Central: eram os proprietários de bens de raiz da aldeia, que, por causa da guerra, haviam recebido o grau de subtenente, e que agora estavam sendo enviados aos campos, para pregar sobre o tema de uma Ucrânia independentemente e apoiada sobre os *haïdamaki* e os cossacos.

Chegamos à noite, e logo no decurso dela, soldados vindos do *front* me informaram que tinham tido uma reunião geral, na qual os agentes da Rada tinham tomado a palavra para anunciar que suas tropas estavam concentradas em Podolie e ao redor de Kiev e que elas estavam prontas para entrar em combate. Convidaram em seguida, os soldados a se organizarem e se prepararem para se apoderarem do poder nesta região livre.

Para impressionar a assistência, um certo Voulfovitch, dizendo-se "maximalista" e soldado do *front*, apresentou à assembléia diversas cartas anônimas que afirmavam existir em Goulaï-Polé e arredores uma certa sociedade que podia, se a ocasião se apresentar, prover os fundos de uma organização de soldados etc...

Não hesitei um só momento em detê-lo. A uma hora da madrugada, fui procurar o camarada Kalachnikoff, secretário do grupo anarquista-comunista, e, tendo reunido com ele alguns camaradas, discutimos juntos tudo o que me foi informado pelos soldados do *front*. Em seguida, fomos à casa do "maximalista" Voulfovitch e o detivemos.

Ele protestou e declarou que tinha se referido ao grupo anarquista-comunista (ele sabia que, de meu posto revolucionário, eu dirigia, de tempos em tempos, relatórios a esse grupo, e que discutíamos juntos

para saber se meus atos não estavam em contradição com os objetivos em comum).

Ele estava convencido de que sua prisão me valeria uma repreensão.

Eu lhe disse que a liberdade lhe seria restituída desde que soubéssemos quem lhe tinha enviado essas cartas anônimas em que se afirmava a existência, em Goulaï-Polé e arredores, de uma Sociedade com fundos à disposição das tropas da Rada Central Ucraniana. Então, o "maximalista" Voulfovitch não protestou mais e deixou-se levar. Ele parou de fanfarronar e disse-me que as cartas lhe foram dadas, uma hora antes da reunião, pelo cidadão Althausen, hoteleiro em Goulaï-Polé e tio do agente provocador Naoum Althausen, que se fez conhecer à época do processo de nosso grupo.

O cidadão Althausen foi, também, imediatamente preso. Eu lhe expliquei a razão e disse-lhe que, com Voulfovitch, ele seria citado, pelo Soviete, diante do tribunal da assembléia-*skhod* dos camponeses e operários de Goulaï-Polé.

Ele se deu conta de que o incidente tomava uma direção séria. A assembléia-*skhod* lhe exegiria detalhes sobre a existência na região de uma agência financeira secreta da Rada. E ele preferiu falar sem demora toda a verdade.

A comunidade judia de Goulaï-Polé, disse ele, receando os chauvinistas, decidiu aproximar-se deles oferecendo-lhes uma ajuda financeira, de maneira que, caso eles triunfem, saibam que os judeus sustentam a Ucrânia e aqueles que lutam por ela.

Ele acrescentou também:

"Entenda-me, cidadão Makhno, não há aqui nada que possa prejudicar a Revolução. Isto não poderia fazer mal a nossa comunidade, pois ela deverá pagar esse dinheiro de seu próprio bolso". E ele mostrou seu bolso esquerdo.

Os camaradas membros do Soviete dos Deputados camponeses e operários, sabendo que Goulaï-Polé estava em efervescência, apressaram-se a juntar-se a nós. Ficaram indignados em saber das ações da coletividade judia e exigiram que detivéssemos e interrogássemos todos os seus líderes, a fim de conhecer a verdade sobre sua conduta infame.

Percebendo o ódio que provocaria a revelação disto entre a população não-judia de Goulaï-Polé, pus-me a abafar esse caso. Aconselhei então que nos contentássemos em interrogar Althausen e fazer em seguida um relatório detalhado na reunião-*skhod* dos camponeses e operários aos quais solicitaríamos que não responsabilizassem toda a comunidade judia por um ato imputável somente a um pequeno número dentro dela.

Os camaradas do Soviete, que tinham confiança em mim e sabiam que eu seria incapaz de fazer chantagem, aprovaram minha proposta.

Os "cidadãos" Voulfovitch e Althausen fora, então, liberados.

Teria sido preciso que assistisse a essa reunião-*skhod* aquele que quisesse escrever a história sincera e autêntica de Goulaï-Polé e seu levante formidável, único nos anais da Revolução — levante que, tendo nascido entre os camponeses-servos, sustentado por todos os trabalhadores da região, expandiu-se, em resposta à tentativa de repressão, em movimento revolucionário colossal, não ainda tranqüilo!

Teria sido preciso que tal pessoa assistisse para se convencer da seriedade e também da extrema prudência com que os trabalhadores abordaram uma questão que, em outras localidades da Ucrânia, teria infalivelmente originado *pogroms*[21] e o assassinato de judeus pobres, inocentes e perseguidos sem trégua, há séculos, na Rússia.

É verdade que a atitude do relator valeu qualquer coisa, embora ele não tenha procurado atenuar em nada as dimensões do problema e tenha tocado em todos os pontos sensíveis.

Foi decidido abandonar a comunidade judia a sua própria consciência e contentar-se, por esta vez, em dirigir uma repreensão aos líderes, ressalvando que se agirá de outra maneira, caso reincidam, colocando-os frente a um tribunal revolucionário.

Assim foi liqüidada essa questão. Não foi em nada diminuído o direito dos judeus de tomar parte em todos os congressos dos Sovietes, em todos os debates, em todas as decisões. Reconheceu-se a cada um, sem distinção, o direito de exprimir livremente sua opinião, garantindo-se a aceitação e o respeito por todos do direito de se destruir

21. *Pogroms*: nome dado na Rússia aos movimentos populares dirigidos contra os judeus acompanhados de pilhagem e de massacre. (N. T.)

tudo aquilo que fosse negativo ao desenvolvimento da Revolução social; pois, a sociedade nascente exigia de cada um grandes esforços e sacrifícios.

Em Goulaï-Polé existia uma unidade territorial chamada unidade de *zemstvo*, mas este termo não era mais usado, ele foi suprimido definitivamente pelo Soviete que, se apropriando de todas as funções sociais, tinha, de acordo com o *skhod* dos camponeses, constituído um Comitê Revolucionário encarregado da instrução e da distribuição das forças revolucionárias de combate.

O grupo anarquista-comunista, os raros S.-R. de esquerda da região, os S.-R. ucranianos agrupados em torno do *Prosvit*, liderados pelo agrônomo Dmitrenko, foram convidados a fazer parte deste Comitê. Quanto aos bolcheviques, estes não existiam nem em Goulaï-Polé, nem na região.

A formação desse Comitê era resultado das sugestões do grupo anarquista. Enquanto unidade revolucionária independente, ao mesmo tempo que permitia a existência do bloco bolchevique-S.R. de esquerda, ele nos dava o meio de aperfeiçoar melhor a organização dos camponeses. Nossas forças, nesse momento, não eram suficientes para nos permitir voltarmo-nos mais resolutamente para os operários e outros grupos; a fé em nossos camaradas anarquistas das aldeias estava ainda viva em nós. Esses, portanto, agiam no vazio, sem prestar a mínima conta dos acontecimentos, das discussões estéreis, negativas a nosso objetivo. Para remediar esse estado de coisas, colocou-se, ao Soviete, a questão de saber a qual de seus membros seria confiada a direção do Comitê. E o Soviete, que fazia questão de ver um anarquista neste posto, indicou-me.

Eu sabia o que tinha sucedido: com efeito, o Comitê seguiu a linha de conduta indicada pelo grupo anarquista-comunista, estudada e aceita pelo Soviete e aprovada pela população. Contudo, após longas discussões, acabei por aceitar.

Depois de minha saída do Soviete, quiseram dar a direção ao camarada Maxismo Chramko, que não estava inscrito em nenhum partido e que tinha sido presidente do Conselho dos *zemstvo* (posto que eu tinha categoricamente recusado e cuja oferta reiterada, na época das eleições, me fez fugir de Goulaï-Polé). Chramko reuniu, então, um bando de gatunos e seguiu para a propriedade de Kossovtzé-Tikhomi-

rovo (a duas *verstas*[22] de Goulaï-Polé) que, sob minha iniciativa, tinha sido atribuída aos trabalhadores, para ali fundar um orfanato. Ele pilhou a biblioteca que tinha muito valor, da qual só se pôde recuperar metade, e levou até os crucifixos. Essa atitude o desacreditou aos olhos dos camponeses, que o estimavam muito, até então. Encarregaram-no de fazer o inventário das propriedades dos *pomechtchiki* para estabelecer as listas das divisões a serem feitas na primavera.

Quanto à direção do Soviete, esta foi confiada a Luc Korostélev, antigo membro ativo de nosso grupo, por quem ele tinha simpatias desde a Revolução.

Nosso grupo pediu que as funções do Comitê Revolucionário fossem claramente definidas. Este o declarou perante toda a população: ele se consagraria principalmente à organização dos trabalhadores, a fim de uni-los na luta pela manutenção, desenvolvimento e triunfo da Revolução, atacada de todas as partes por seus inimigos que tentavam fazer dela um joguete nas mãos dos partidos políticos que se entregavam à luta pelo poder.

Nosso grupo exigiu, então, que se desarmasse o batalhão do 48º Regimento de Berdiansk, acantonado em Orekhovo (a 35 *verstas* de Goulaï-Polé) e composto de partidários do General Kaledin e também da Rada Central Ucraniana.

O Comitê era ainda muito fraco para tal tarefa (o grupo anarquista-comunista o sabia) mas sustentou deliberadamente essa exigência. Nesse caso, nosso grupo entendeu-se com a Federação anarquista de Alexandrovsk. Eles se renderam, cada um de seu lado, em Orekhovo, e desarmaram o batalhão.

Nesse momento, os poderes revolucionários do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda admiravam ainda os atos dos anarquistas.

O general Bogdanoff, que comandava os exércitos do bloco, jubilava-se, dizia-se, e esperava, impacientemente, que levássemos todas as armas apreendidas do batalhão, se não a ele mesmo, pelo menos ao Comitê Revolucionário de Alexandrovsk, principalmente pelo fato de que Maria Nikiphorova, anarquista, que tinha tomado parte no desarmamento, continuava a pertencer a ele.

---

22. 1 *Versta*: 1.067 metros.

Mas as coisas não se passaram assim.

O grupo anarquista-comunista de Goulaï-Polé, desde o mês de julho de 1917 perseguia firmemente seu objetivo de ganhar a confiança dos camponeses, manter e desenvolver neles este espírito de liberdade e independência que seus melhores membros — na maior parte mortos — alimentaram durante doze anos.

Agora que era possível falar abertamente, o grupo podia pregar seu ideal com a convicção e a obstinação do profeta, numa linguagem simples e clara, acessível aos camponeses, sem recorrer aos termos velados e nebulosos de antigamente. Ele esperava atingir seu objetivo e realizar todas as suas aspirações. Decidiu que o momento era dos mais propícios para a criação de quadros armados, sem os quais não seria possível derrubar seus inimigos numerosos. A Federação anarquista de Alexandrovsk o apoiou: fuzis, lança-bombas, metralhadoras, foram transportadas a Goulaï-Polé e colocadas, oficialmente, à disposição do Comitê Revolucionário.

Os trabalhadores de Goulaï-Polé e também dos campos e aldeias dos arredores estavam cada vez mais decididos. Nos enviavam representantes, declarando que todos, jovens e velhos, estavam prontos a pegar em armas e a defender sua liberdade e independência contra todo poder, mesmo contra aquele do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, se ele ousasse intrometer-se nas novas formas de vida que os camponeses elaboravam livremente entre eles.

Em minha qualidade de dirigente do Comitê Revolucionário, eu devia, me parecia, ocupar-me exclusivamente de seus assuntos. Ora, todos os dias e duas ou três vezes ao dia, o grupo anarquista-comunista me encarregava de entrevistar-me com camponeses de alguma aldeia ou mesmo de uma região inteira para tratar de questões diversas. Pois, se eles vinham a Goulaï-Polé para seus assuntos pessoais, não deixavam, entretanto, de se apresentar à sede do grupo para aí informar-se daquilo que não tinham podido assimilar dos propagandistas que visitavam toda a região.

Nós elaborávamos planos em comum, procurando resolver por onde seria bom começar tal ou tal trabalho, e como se poderia fazê-lo ter sucesso, malgrado as autoridades.

"Que maravilha! — gritavam, por exemplo, os camponeses, entrando no escritório do grupo, no Comitê Revolucionário ou no So-

viete dos Deputados camponeses e operários. — Nós começamos realmente a sentir em nós e em nosso redor a liberdade."

O trabalho tomava proporções gigantescas. Mas os meios financeiros começavam a faltar completamente.

Essa situação nos preocupava muito, a alguns de meus camaradas e a mim mesmo, pois a organização das forças de combate supunha, no começo, muitas despesas. Eu sabia que bastaria dirigirmo-nos ao Comitê Revolucionário de Alexandrovsk, para que nossos gastos fossem cobertos, mas eu não podia me resolver a isso, nem em nome do grupo, nem em meu próprio, pois tinha como objetivo criar a unidade revolucionária dos camponeses, de maneria inteiramente independente de todo partido político e, sobretudo, de toda instituição governamental.

Somente após uma longa hesitação, foi que me decidi a propor o que se segue. Havia em Goulaï-Polé um banco comercial cujos fundos tinham sido transferidos ao Banco do Estado de Alexandrovsk, mas que continuava, entretanto, suas operações de contabilidade, esperando prosseguir suas atividades, mesmo após a Revolução de outubro. Poderíamos solicitar que ele transferisse certa quantia para as necessidades do Comitê Revolucionário.

Esse projeto foi estudado durante aproximadamente oito horas. O grupo, a princípio, se opôs. Sofri todas as penas do mundo para conseguir que não me impedissem de fazer essa proposta ao Comitê. Prometi tomar sobre mim toda a responsabilidade no caso de os comerciantes se recusarem a executar de boa vontade.

O grupo acabou por me dar seu "concordo", mas me lembrando que, segundo os estatutos, ele poderia me pedir que abandonasse minhas funções no Comitê Revolucionário e no Soviete para me limitar ao trabalho que se fazia em seu seio.

Eu sempre concordei com isso. Esse foi mesmo o ponto sobre o qual mais tinha insistido quando discutimos os parágrafos relativos à unidade do grupo e aos deveres de seus membros para com ele.

Após ter obtido a promessa formal de que aqueles membros que faziam parte do Comitê Revolucionário não me largariam quando eu pedisse aos comerciantes que dessem 250.000 rublos — e, por causa

disso, eu tinha necessidade da aprovação desse Comitê e do Soviete — convoquei estas duas instituições, em conjunto.

Abri a seção comunicando que corriam rumores segundo os quais a Rada Central Ucraniana estava em conversações de paz com os alemães e que os bolcheviques, em desacordo nesta questão com seus colegas no poder, os S.-R. de esquerda, estavam pressionados a concluir um tratado prejudicial à Rada e a eles mesmos.

"É verdade, disse eu então à assembléia, que essa versão carece de verificação, e isso será feito nos próximos dias. Mas pessoalmente posso já afirmar com toda a certeza, que a Rada assinou efetivamente esta aliança desonrosa com os imperadores alemães e austríacos, Carlos e Guilherme."[23]

(Eu possuía, com efeito, cartas de Odessa e de Khotin, trazidas por um camarada, que confirmavam essa notícia.)

"Eis o momento decisivo da Revolução. A vitória será daquele que estiver preparado. Devemos armar-nos da cabeça aos pés e armar também toda a população, senão a Rada Central e os bolcheviques, graças às suas alianças, matarão a Revolução. Devemos nos preparar para sustar o assalto, quebrá-lo e salvar assim nossa conquista.

"Devemos descartar de nosso caminho todo compromisso, todo ato que nos coloque sob a dependência do bloco bolchevique-R.-S. de esquerda, como fizemos com a Rada Central e com a coalizão de Kerensky com a burguesia. Para aí chegar, devemos agir independentemente em todos os fronts da Revolução.

"Expliquei, em seguida, que tínhamos necessidade de dinheiro e que agradaríamos muito ao Comitê Revolucionário de Alexandrovsk se o pedíssemos a eles, mas isto nos seria fatal, pois as autoridades do distrito somente nos atenderiam para atentar contra nossa liberdade e independência.

"Mas nós temos necessidade de dinheiro, e este dinheiro se acha aqui, ou, em todo caso podemos atraí-lo por intermédio de Goulaï-Polé, sem dar às atuoridades a impressão que as veneremos, que temos nenecessidade delas e que, portanto, nós nos postamos a seus pés. En-

23. Carlos I, da Áustria-Hungria, que reinou de 1916 a 1918, e Guilherme II da Alemanha. (N. T.)

quanto formos donos de nossa cabeça, disse eu a meu auditório, não o faremos".

Algumas vozes perguntaram:

"Diga-nos, então, camarada Makhno, onde está esse dinheiro e como podemos obtê-lo para a obra comum".

"Logo lhes explicarei. Para o momento, vou me deter naquilo que vejo em nossas fileiras e nas fileiras de nossos inimigos que, não é preciso dizer, são de todo tipo, e que, em todos as frentes, lutam com palavras contra a reação, pela liberdade, mas, na realidade, lutam é contra a liberdade e pela reação.

"Camaradas, algum de vocês, aqui presente, não negará o fato de que a idéia de liberdade e independência econômica e política germinou e se desenvolve entre os camponeses. Quem os ajudou a entrar nesse caminho? Eu digo que foi a Revolução e o trabalho obstinado, muitas vezes desgastante do grupo anarquista-comunista local, do qual sou membro.

"Quais serão os resultados, é difícil dizer no momento: nós só vemos inimigos ao redor de nós, e poucos, muito poucos amigos, que por sinal não estão aqui. Estão entrincheirados nas aldeias e se mostram entre nós, somente de tempos em tempos. Estes amigos são os anarquistas. Eles não querem que o campo permaneça sempre sob a autoridade das cidades. Mas eles dão pouco ao campo escravizado em relação àquilo que poderiam dar atualmente.

"Há, evidentemente, razões para tanto, mas é difícil percebê-las e exprimi-las aqui, onde o problema é outro. Contudo, os anarquistas estão sempre, em pensamento pelo menos, conosco! (explodiram aplausos e gritos: 'Viva o anarquismo! Viva nossos amigos!').

"Não se entusiasmem, camaradas. Passo ao ponto essencial. O essencial é armarmo-nos, armar toda a população para dar à Revolução uma força tal que nos permita começar a construir nós mesmos a sociedade nova, por nossos próprios meios, com nossa razão, nosso trabalho, nossa vontade.

"Os trabalhadores desta região, desde o outono de 1917, tentam preparar-se para isso; mas, neste momento, as forças negras da reação representam para eles uma ameaça de morte; a autoridade, de uma parte, dos bolcheviqeus e dos S.-R. de esquerda, e de outra parte, da

Rada que conclui, sei de fonte segura, uma aliança com os imperadores da Áustria e da Alemanha — eis aí o perigo para a Ucrânia e para tudo aquilo que as massas conseguiram conquistar de melhor graças à Revolução.

"O armamento de toda a população não será possível, se ela não reconhecer sua necessidade. Ora, durante a semana passada, recebemos — eu, no Escritório do Comitê, e o secretário do grupo — inúmeros representantes dos camponeses da região que, unanimemente, nos solicitaram armamento.

"Mas isso não é suficiente: devemos ouvir a expressão dessa mesma necessidade diretamente das assembléias de camponeses e discuti-la com eles para podermos realizá-la com um rendimento máximo. E para tanto, devemos enviar, por todo lado, propagandistas. Afastaremos, com efeito, os camponeses dos preparativos do plantio de primavera, tomando seus carros e cavalos, ou melhor, para não fazê-lo, deveremos alugá-los. Mas será necessário pagá-los. Falta-nos, pois, o dinheiro.

"Ora, nós não o temos, mas nossos inimigos sim, aqui mesmo, em Goulaï-Polé; há dinheiro com os *pometchtchiki*, com os comerciantes. Seu banco está ali, a dois passos do nosso Comitê.

"Devo dizer-lhes, camaradas, que a caixa está vazia. Todo o dinheiro está no Banco do Estado de Alexandrovsk. Mas nós podemos consegui-lo. Só é preciso que aceitemos uma proposta.

"Durante toda a Revolução, o banco de Goulaï-Polé especulou sobre o trabalho. Na realidade, ele deveria desde há muito ter sido expropriado e o dinheiro remetido ao fundo dos trabalhadores. Nem o governo de coalizão de Kerensky, nem o governo bolchevique S.-R. de esquerda o fizeram até o momento e continuam a impedir o povo revolucionário de fazê-lo.

"Proponho, então, não levar em consideração o governo dos bolcheviques e os S.-R. de esquerda, e exigir da direção do Banco, em nome da Revolução, a remessa de 250 mil rublos, e isto nas próximas 24 horas".

Essa resolução foi votada, sem discução, e aprovada por unanimidade.

Na manhã seguinte, fui ao Banco e expus essa decisão aos dire-

tores. Eles solicitaram ao Comitê que lhes concedessem um prazo de três dias, depois convocaram uma assembléia geral dos acionistas e assinaram, sob o impulso enérgico do S.-D. Sbar, os cheques que tinham dividido proporcionalmente entre eles. Aqueles que não estavam no momento receberam a visita de um representante do Banco e de um membro do Comitê Revolucionário que lhes apresentaram um cheque para assinar.

Em quatro dias, todos os cheques foram reunidos. No quinto dia, um membro do Comitê, em companhia de um procurador do Banco, foi a Alexandrovsk e recebeu a soma. Os trabalhadores de Goulaï-Polé asseguraram assim o sucesso dos primeiros passos da Revolução, reunindo o dinheiro necessário à propaganda e à organização do trabalho livre, independente do capital e do Estado.

Uma parte daquela soma foi colocada à disposição do Soviete dos Deputados camponeses e operários. Uma outra foi empregada, na mesma proporção, na fundação e manutenção de um orfanato para as crianças que perderam seus pais na guerra. Este foi instalado numa residência cercada de um belo jardim que tinha pertencido ao comissário de Polícia. A terceira parte, a mais importante, foi para o Comitê Revolucionário. Colocamos, temporariamente, metade à disposição da Seção de revitalização do Soviete, criada por ele e dirigida sob seu controle e com a aprovação do *skhod* dos camponeses e operários, pelo camarada Séreguin, membro do grupo anarquista-comunista. Esta seção conseguiu assegurar à população todo o necessário a seu consumo, apesar de os poderes centrais a colocarem sob suspeita e atrapalharem seu funcionamento.

10 | *Como se organizaram as trocas entre a cidade e o campo*

O grupo anarquista-comunista insistiu, desde o princípio, na necessidade de conservar, em seu trabalho, o caráter anarquista. Era

preciso, pois, que sua tática se inspirasse nas exigências do momento e soubesse, em tempo, rejeitar certas atitudes e opor-se a elas, apresentando outras.

No início, isto gerou protestos daqueles membros que, inteiramente devotados à causa, não eram mais partidários das tendências anteriores do grupo, a saber: a negação da organização, da unidade de ação, da possibilidade, para um anarquista, de passar da teoria à prática, sob um regime não anarquista nem verdadeiramente socialista. Eles me diziam: "Camarada Nestor, você deve ter trazido da prisão visões estatistas sobre o trabalho e acreditamos que você não as aceite inteiramente e não sejamos obrigados a nos separar".

Essa apreensão foi, entre outras, freqüentemente formulada por meu velho amigo, Moïse Kalinitchenko, membro de nosso grupo desde 1907, um operário instruído, que tinha lido muito.

Entretanto, tudo o que eu propus foi aceito e realizado entre os camponeses durante o ano de 1917 com grande êxito; eles não ouviam, com efeito, nenhum outro grupo social ou político, com tanta atenção e confiança quanto o nosso. Seguiam nossas indicações em todos os domínios: questão agrária, negação da autoridade, luta contra toda e qualquer tutela.

Esse fato indicava claramente toda a direção a seguir: não se separar da massa, nela fundir-se, sem cessar de ser ela mesma, fiel a seu ideal. Ir sempre à frente, com os trabalhadores, malgrado as dificuldades que enchiam o caminho e ralentavam o movimento.

Assim, os membros do grupo se amalgamavam com a idéia de unidade coletiva na ação e, particularmente, na ação racional e fecunda. Eles se habituavam a ter confiança naturalmente uns nos outros, a se compreender, a se apreciar sinceramente em seus domínios respectivos.

Essas características, capitais na vida e na luta de toda organização — e, sobretudo, de uma organização anarquista — nos permitiram resistir às vicissitudes da vida dos trabalhadores ucranianos durante os anos em que os "governos" se multiplicavam.

Essa confiança recíproca fazia nascer espontaneamente o entusiasmo que permitia manifestar-se a energia e a iniciativa de cada um

— o grupo as canalizava para os objetivos estabelecidos de comum acordo.

O camarada que dirigia a seção de revitalização mostrou, nesse sentido, o máximo de iniciativa.

O grupo soube apreciá-lo e encarregou-o de estabelecer relações, em nome dos trabalhadores da região de Goulaï-Polé, com os operários dos centros têxteis de Moscou e de outras cidades, e de instituir trocas diretas entre eles. Estes deveriam fornecer, à população da região, tecidos de qualidade e cores desejadas e em quantidades determinadas, enquanto que Goulaï-Polé lhes enviaria trigo e, eventualmente, outros gêneros alimentícios, se eles assim o desejassem.

O camarada Séreguin enviou agentes às cidades, foi ele mesmo a diferentes regiões encontrar-se com delegações operárias que, sob o controle de funcionários governamentais e membros da "Tcheka", percorriam a região, em busca de trigo para comprar.

Em quinze dias ele estabeleceu relações com os operários das usinas têxteis de Prokhorov e Morozov e combinou fraternalmente com eles que as trocas se fariam na base da estimativa recíproca das necessidades comuns: os camponeses enviariam trigo aos operários e os operários lhes forneceriam os tecidos que lhes fossem necessários.

Lembro-me da alegria com que, em seu regresso a Goulaï-Polé, sem perder tempo em passar em sua casa, ele correu a meu encontro no Comitê Revolucionário, e abraçou-me, dizendo: "Você tem razão, Nestor, de insistir na necessidade de se fundir na massa de trabalhadores e de trabalhar com eles, aconselhá-los, explicar a eles como devem agir em tal momento. Todos os trabalhadores o percebem".

Ele pediu em seguida que convocássemos o camarada Kalachnikov, secretário do grupo, e o camarada Antonov, presidente da seção do trabalho. Ele lhes contou com que calor e franqueza a delegação das usinas têxteis acolheu nossa idéia de troca direta. Disse também com que alegria percebeu que a idéia de uma sociedade livre não morria nos campos, malgrado os sacrifícios que envolvia; mas, acrescentou, os operários sentiam o horizonte fechar-se e nascer, frente a seus mais caros desejos — a liberdade e a independência de toda tutela governamental — uma sombra ameaçadora.

"Sem dúvida, diziam os operários, não nos desencorajamos, mas não podemos nos impedir de pensar nisso com tristeza."

Contou-nos também que a delegação acolheu tudo com alegria — o encontro com os camponeses, o acordo de auxílio-mútuo — mas que ela se perguntava com inquietude se os funcionários e os agentes do governo não interceptariam tudo o que se enviasse das cidades.

A delegação indicara os caminhos pelos quais se encaminhariam os produtos. Dois ou três dias mais tarde, dois homens, designados por ela vieram a Goulaï-Polé para ouvir, no próprio local, a voz dos camponeses desta região insurgida.

Eles encontraram aí uma acolhida fraternal e receberam a promessa de que todos, até o último, defenderiam os princípios grandiosos da Revolução: a liberdade e a independência de trabalho em relação à autoridade, ao Capital e ao Estado.

Ao cabo de alguns dias, retornaram a Moscou.

O camarada Séreguin apresentou um relatório na reunião-*skhod* dos camponeses; a seu pedido, apoiado pelo grupo, acrescentei alguns comentários; eu via nisso o mais belo exemplo, único na história, de uma compreensão recíproca entre duas camadas sociais, os proletários das cidades e os do campo.

O *skhod* aprovou essa proposta com entusiasmo e, sem se deixar levar pela idéia de ver confiscada sua encomenda pelos agentes do governo, os camponeses ajudaram durante dias a Seção de revitalização a carregar os vagões de trigo e a despachá-los em direção aos centros têxteis.

O grupo anarquista-comunista formou, a fim de acompanhar a carga até o destino, um destacamento comandado pelo camarada Skomski. E o trigo, apesar de todos os empecilhos colocados pelos comandantes das estações, chegou são e salvo.

Uns dez dias depois, os operários das fábricas têxteis de Moscou expediram a Goulaï-Polé diversos vagões de tecidos. Mas na rota, os funcionários os interceptaram e os conduziram ao centro de abastecimento de Alexandrovsk. "Porque, disseram eles, sem a permissão da autoridade central soviética, não é permitida a troca de mercadorias entre camponeses e operários. Isso só é permitido pelas autoridades operária e camponesa e, mais precisamente, pela dos Sovietes; ora, esta última não tinha ainda dado o exemplo de transações diretas

entre camponeses e operários." Tudo isso acompanhado de injúrias dirigidas aos trabalhadores de Goulaï-Polé e seu grupo anarquista.

Colocado a par do incidente, o camarada Séreguin correu ao Comitê Revolucionário e solicitou minha opinião sobre que providências tomar para impedir que a Seção de abastecimento governamental se apropriasse dos tecidos destinados aos camponeses. Porque, se ela o fizesse, sofreríamos duplamente: materialmente, porque já enviamos o trigo, e moralmente, pelo fracasso de nossa bela iniciativa de inspiração verdadeiramente social.

"Ajude-nos", gritava, chorando, com a cabeça entre as mãos.

Conservando nossa calma, ao menos em aparência, reunimos com urgência o Comitê Revolucionário e o Soviete dos Deputados camponeses e operários, e decidimos endereçar à Seção de abastecimento de Alexandrovsk, em nome destas duas organizações, um protesto, nos afirmando prontos a denunciar, como negativa ao governo soviético mesmo, aquela atitude.

Convocamos ao mesmo tempo uma reunião-*skhod* de camponeses. Resolvi despachar, em nome do grupo, alguns camaradas, Moise Kalinitchenko, A. Martchenko e N. Sokrouta, que pertenciam também ao Comitê Revolucionário, para informar aos trabalhadores da região que a seção governamental tinha interceptado os tecidos que lhes foram enviados pelos operários têxteis de Moscou.

O secretário do grupo, que coloquei a par, depois de colher as opiniões de diversos camaradas vindos à reunião-*skhod*, informou-me que minha iniciativa tinha sido aprovada.

Coloquei no papel, então, os pontos principais do que deveriam dizer. Eu conhecia todos eles, e sabia o que cada um poderia explicar.

Quando eles partiram, eu fui com os camaradas Antonov (presidente da União Profissional), Séreguin, Korostelev (presidente do Soviete) e alguns membros de nosso grupo à assembléia-*skhod* geral dos camponeses e operários.

Era uma verdadeira reunião da antiga "Zaporojska Siercha" (Grupo Educativo ucraniano) como nos descrevia a história. Os camponeses não eram mais ignorantes como naquele tempo, nem estavam reunidos para discutir questões da Igreja e de Credo. Não, eles tinham vindo para discutir seus interesses lesados por um punhado de

indivíduos a soldo do governo. Vieram plenamente conscientes de seus direitos.

O camarada Séreguin tomou a palavra. Seu discurso foi acolhido com aclamações sem fim, gritos de reconhecimento por sua iniciativa, e gritos de indignação pelo ato de Alexandrovsk contra Goulaï-Polé.

Outros falaram, em seguida, em nome do Soviete, do Comitê Revolucionário, da União Profissional e do grupo anarquista-comunista.

A população exigia uma marcha imediata sobre a cidade para caçar as autoridades que aí se encontravam, inúteis e nocivas à obra dos operários. E não eram palavras meramente. Eles dispunham, no momento, de quadros da juventude revolucionária, em número suficiente para ocupar militarmente a cidade de Alexandrovsk e para expulsar, se não fuzilar, todos os funcionários governamentais.

"A Revolução proclamou os princípios de liberdade, igualdade e trabalho livre — gritavam os trabalhadores dos campos dominados — e os queremos ver aplicados na vida, mataremos todos aqueles que a eles se oponham. O governo do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, malgrado seu caráter revolucionário, é nocivo ao desenvolvimento das forças criativas da Revolução. Nós o condenamos à morte ou morreremos nós, nesta luta. Mas não toleraremos que o governo coloque obstáculos ao livre desenvolvimento de nossas forças e à melhoria de nossa condição social. Não aceitaremos a humilhação e a opressão que seus agentes querem nos impor para triunfar sobre tudo aquilo que há de belo na revolução."

Sim, a população de Goulaï-Polé estava verdadeiramente pronta naquele dia a se bater contra Alexandrovsk, e quem de nós poderia se opor a ela?

Todos tínhamos estado nas primeiras fileiras da Batalha Revolucionária: não tinha cabimento retirarmo-nos agora! Éramos revolucionários por ligações com o ideal de justiça que a Revolução tinha escolhido como arma. E esta arma, nós não queríamos sujar por causa de compromissos com a autoridade. Nós nos esforçaríamos para limpá-la da lama com que a haviam coberto os dois partidos no poder: os bolcheviques e os S.-R. de esquerda, muito ignorantes. Apren-

demos a afirmar e a desenvolver a Revolução na vida e na luta dos trabalhadores.

Mesmo não tendo forças suficientes para esta obra grandiosa e plena de responsabilidade, não queríamos ao menos deixar de tentá-la com aquilo de que dispúnhamos, sabendo bem, entretanto, quais seriam os resultados reais de nossos esforços.

Eis aí porque não se achava ninguém entre nossos camaradas que se colocasse contra a marcha a Alexandrovsk; ao contrário, todos para ela se preparavam.

Pessoalmente, eu estava convencido de que era necessário, a mim e a diversos de meus camaradas — tais como: Kalinitchenko, Martchenko, Isidore-Pierre Louty, S. Karetnik, Savva Makhno, Stephane Chepel — que nos mostrássemos os primeiros entre nossos iguais para levar as forças revolucionárias ao combate. E parecia, com efeito, que deveria ser assim.

Gritos partiam da multidão:

"Nestor Ivanovitch, diga-nos a sua opinião! Não podemos deixar de responder a esta provocação dirigida contra nós pelos agentes dos poderes de Alexandrovsk!".

Em minha qualidade de chefe das tropas revolucionárias da região, sabendo a quem e a que elas deviam servir, disse aquilo que deveria dizer: que a decisão dos trabalhadores refletia suas idéias, que suas idéias eram as minhas e que eu os obedeceria.

Nesse momento, passaram ao camarada Séreguin um despacho do Escritório de abastecimento de Alexandrovsk. Dizia que, após ter tomado conhecimento dos telegramas do Comitê Revolucionário e do Soviete dos Deputados camponeses e operários, o Escritório tinha reconhecido que os tecidos dirigidos à Seção de abastecimento do Soviete de Goulaï-Polé já tinham sido pagos e que o Escritório de Alexandrovsk, de acordo com os outros organismos soviéticos da cidade, tinha decidido deixá-los passar. Não restava mais nada a não ser enviar delegados para receber os tecidos e encaminhá-los a Goulaï-Polé.

Assim que o conteúdo do despacho foi dado a conhecer, a alegria tomou conta da assistência, mas a idéia da resistência armada não foi abandonada. A assembléia exprimiu o desejo de que o camarada Nestor Makhno organizasse as forças armadas de maneira que pudessem

ser mobilizadas em 24 horas e ocupar Alexandrovsk, se o camarada Séreguin não conseguisse desembaraçar os tecidos dentro de dois dias.

"Não há necessidade de mobilizar neste momento — disseram os camponeses — e seria penoso e pouco correto disparar artificialmente a luta contra a autoridade, mas ela é necessária; nós assim pensamos e sempre pensaremos."

Vinte e quatro horas mais tarde, o camarada Sereguine informou-me, no Comitê Revolucionário, que tinha sido avisadc pelo delegado enviado a Alexandrovsk que os tecidos, confiscados pelas autoridades, tinham sido remetidos a quem de direito e tinham chegado à estação de Goulaï-Polé. Ele iria convocar uma reunião-*skhod* na qual pediria aos camponeses, como tinha sido autorizado, que o ajudassem a efetuar o transporte dos tecidos ao Depósito Geral de abastecimento e onde fixaria, com eles, o dia e o modo de distribuição dos tecidos.

Ele me pediu, como também a outros camaradas do Comitê Revolucionário e do grupo anarquista-comunista, que viesse a essa reunião e o secundasse ao explicar à população as vantagens de tais trocas entre a cidade e as aldeias, desde que se façam em grande quantidade e sejam, sobretudo, de artigos de consumo.

A sessão se desenrolou sobre esse tema: efetuar as trocas entre a cidade e as aldeias sem passar pela autoridade política do Estado.

O exemplo estava aí: sem intermediário, as aldeias poderiam melhor conhecer a cidade e a cidade, as aldeias. Duas classes de trabalhadores se entendiam, assim, nesse objetivo comum: arrancar do Estado todo o poder nas funções públicas, abolir sua autoridade social, ou melhor, suprimi-la.

À medida que essa idéia grandiosa se desenvolvia entre os trabalhadores da região de Goulaï-Polé, à medida que estes últimos a adotavam, eles tomavam posição na luta contra todos os princípios autoritários que a entravavam. Eles buscaram precisar o valor teórico destas trocas diretas entre trabalhadores e procuraram o meio de estabelecer concretamente seu direito a praticá-los.

Viam aí, ao mesmo tempo, a possibilidade de solapar de maneira eficaz as bases capitalistas da Revolução, vestígios de tempos tzaristas. De maneira que, enquanto todos os tecidos recebidos estavam sendo repartidos, a população de Goulaï-Polé já pensava em estender o sis-

tema de trocas a todos os artigos de primeira necessidade e em quantidade suficiente para toda a região. Isto provaria que a Revolução tinha como objetivo não somente destruir as bases do regime burguês e capitalista, mas que também indicava concretamente os fundamentos para uma sociedade nova e igualitária onde poderia crescer e se desenvolver o eu consciente dos trabalhadores. A sua luta seria consagrada ao triunfo de uma "justiça mais alta" destinada a substituir a justiça injusta de hoje.

Os trabalhadores de Goulaï-Polé apressaram-se então a se entender com aqueles outros das aldeias de outras regiões para colocar em prática a idéia de trocas entre aldeias e cidade e relacioná-la com a necessidade de defender a Revolução.

Ora, a defesa da Revolução não poderia estar assegurada e ser durável a menos que todos aqueles que não exploravam os outros compreendessem seu caráter essencialmente criador. E isso não poderia ser realizado caso a população não tivesse compreendido que, após ter conhecido o jugo do senhor — o usineiro e o proprietário fundiário — e do senhor supremo — o Estado —, ela deveria organizar-se a si própria e por sua conta a nova vida política e social, e defendê-la. Era preciso, conseqüentemente, que os trabalhadores das aldeias se aproximassem dos das cidades; eles sentirão melhor assim seu papel no ato criador da Revolução.

O período de destruição estará definitivamente terminado quando a fase criativa começar — período no qual tomará parte não somente a vanguarda revolucionária, mas toda a população, envolvida pelos acontecimentos e desejando ajudar, em atos e palavras, a superar os obstáculos que se acharem em seu caminho.

Durante os dez ou onze meses de sua participação ativa na Revolução, os trabalhadores da região de Goulaï-Polé tiveram muitas ocasiões de verificar a exatidão desta teoria e de aplicá-la na vida sã e livre, forjada por eles mesmos cotidianamente.

O Soviete local se entendeu com as organizações de abastecimento e decidiu que aí mesmo se deveria sustentar e desenvolver a idéia de troca entre as aldeias e cidade, sem intermediários, funcionários do governo. Delegados foram enviados às diferentes cidades para colocar diversas questões e trazer tecidos.

Entrementes, os camponeses começaram a acumular o trigo, a fa-

rinha e outros produtos alimentares, nos armazéns gerais, que deveriam ter, doravante, reservas tendo em vista trocas futuras.

Desta vez, no entanto, os delegados dos camponeses voltaram com as mãos vazias. As autoridades do bloco bolchevique S.-R. de esquerda tinham, em todas as usinas, interditado categoricamente as organizações operárias de entrar em relações freqüentes de qualquer natureza com as aldeias. Para isso existia, no dizer das autoridades, instituições proletárias e estatais que deveriam se ocupar da organização industrial e agrícola das cidades e aldeias, consolidando assim o socialismo no país.

Foi somente em Moscou que os operários revolucionários das fábricas têxteis, obtiveram, de seus senhores socialistas, o direito de trocar uma vez mais suas mercadorias com os produtos da região de Goulaï-Polé.

Mas o envio de tecidos foi, desta vez, extremamente difícil. Eles foram sucessivas vezes retidos no trajeto e nunca chegaram ao destino. Os funcionários governamentais apoderaram-se deles e durante mais de 15 dias jogaram-nos de uma linha para outra, até que os transportes ferroviários fossem completamente bloqueados. Os temíveis exércitos alemães avançavam sobre Kiev e Odessa sob a direção de destacamentos avançados da Rada Central e dos S.-R. e S.-D. ucranianos com seus líderes: o professor M. Grouchevski e o publicista O. Vinnitchenko. Eles tinham feito um acordo com os imperadores alemão e austríaco, contra o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, e conduziam agora seus aliados pela terra ucraniana mostrando-lhes os caminhos mais curtos e mais transitáveis em direção a Dnièpr e ao *front* revolucionário.

Mas, o governo do bloco, com Lênin à frente, não poderia deixar de perceber o alcance capital daquilo que tentamos instaurar por aquelas trocas.

Eles o perceberam. Desde o dia de sua instalação, o governo socialista, esquerda das esquerdas, como qualquer outro governo, viu nisso um perigo, e procurou de todas as formas entravar o desenvolvimento deste movimento.

Enviaram, para começar, destacamentos encarregados de romper toda ligação entre o campo e a cidade; em seguida, as autoridades passaram a fixar o grau de lealdade ou deslealdade revolucionária dos

indivíduos e da classe toda dos trabalhadores, seus direitos de afirmar sua inteligência, sua vontade, sua parte na revolução que se fazia a suas expensas.

Como dissemos, o primeiro envio de tecidos tinha sido distribuído aos habitantes de Goulaï-Polé e região pelo Escritório de Abastecimento e pela União cooperativa.

Só restou, então, aos agentes do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda abandonar os produtos em qualquer lugar na linha da estrada de ferro, deixando-os assim à disposição das novas autoridades que vinham atrás das baionetas alemãs e austríacas, ou encaminhando-os ao destino mostrando assim aos trabalhadores das cidades e das aldeias que, malgrado a fuga, pensaram mais neles que nos soldados que vinham.

A carga chegou assim a Goulaï-Polé e foi dividida conforme o desejo dos habitantes.

II | *Os novos membros de nosso grupo*

Por volta de meados de fevereiro chegaram a Goulaï-Polé três marinheiros da frota do Mar Negro. Dois deles eram camponeses da aldeia, o terceiro um desconhecido; este se instalou em casa de seu pai, o cocheiro do *pomechchiki* Abr. Jantsep.

Todos os três diziam-se socialistas revolucionários de esquerda. Dois deles, Boris Veretelmik (camponês de Goulaï-Polé) e E. Polonski (o desconhecido), possuíam cartões do Comitê socialista-revolucionário de esquerda de Sebastopol. O terceiro, Charovski, igualmente camponês de Goulaï-Polé, não pertencia a nenhum partido.

Desde o primeiro dia de sua chegada, eles chamaram a atenção da assembléia-*skhod* geral por sua atitude revolucionária enérgica. Era

a época em que os marinheiros eram considerados defensores ardentes da Revolução. A população acolheu-os com respeito e escutou-os com interesse.

Eu conhecia Boris Veretelnik desde a infância; por isso é que, quando me apresentou a seus amigos, Charovski, que não pertencia a nenhum partido, e Polonski, o socialista revolucionário de esquerda, não senti nenhuma desconfiança. Apresentei os três ao Comitê Revolucionário e foram admitidos como membros da seção de propaganda, sob a condição de que toda sua atividade na região se fizesse em nome do Comitê. Eles aceitaram e ficaram trabalhando em Goulaï-Polé.

O Comitê do partido S.-R. de esquerda de Sebastopol chamou, um belo dia, os camaradas Veretelnik e Polonski; mas, a pedido deles, e com à aceitação do grupo anarquista-comunista, enviei uma carta, da parte naturalmente do Comitê Revolucionário de Goulaï-Polé, dizendo que estes dois camaradas eram necessários junto a nós.

Eles não foram mais incomodados.

Pouco tempo depois, o camarada Boris Veretelnik rompeu com o partido S.-R. de esquerda e entrou no grupo camponês anarquista-comunista de Goulaï-Polé. O Camarada Polonski, ficou de fora e declarou simplesmente simpatizar com o anarquismo; mas trabalhou com o camarada Veretelnik e outros, sob a direção do grupo, comunicando-nos toda sua atividade na região, exatamente como todos os outros membros.

Muitas vezes, é verdade, o irmão de Polonski, um bolchevique que trabalhava, a esse tempo, no Comitê Revolucionário de Bolché-Tokmak, convocou-o, prometendo-lhe um cargo no Escritório do Comitê Revolucionário; mas Polonski sempre recusava, não querendo deixar a região de Goulaï-Polé, pois o espírito que aí reinava, dizia ele, prendeu-o indissoluvelmente a sua obra revolucionária e, nesta tarefa, ele se encontrou parcialmente, e por isso experimentava grande alegria.

Assim, as forças de nosso grupo aumentavam, sua atividade espalhava-se, todos os seus membros consagravam-se inteiramente a sua missão revolucionária.

Não havia obstáculo que os pudesse impedir de realizar a conquista intelectual e moral das massas.

Nosso grupo estava sempre na vanguarda da Revolução, con-

duzindo atrás de si os trabalhadores na luta contra os opressores. Foi sempre um exemplo para a atividade revolucionária autônoma dos camponeses e dos operários. Ensinou-os a agir e mostrou-lhes as formas desta atividade e suas aplicações práticas nesta luta que era a sua.

12 | *As comunas agrárias, sua organização interior, seus inimigos*

Fevereiro-março (1918). Chegou o momento de repartir tudo o que foi tomado dos *pomechtchiki* no outono de 1917 (gado e ferramentas) e de instalar em suas propriedades os camponeses voluntários e os operários organizados em comunas agrárias. Todos os trabalhadores da região tomaram consciência da importância de tal ato, seja para a construção de uma vida nova, seja para sua defesa. Sob a direção do Comitê Revolucionário, os antigos soldados da frente de batalha começaram a trazer para o fundo comum da comunidade todo o material e todos os animais que pertenceram aos *pomechtchiki*, deixando a cada um dois pares de cavalos, uma ou duas vacas (segundo o tamanho da família), um arado, uma semeadeira, um ceifador etc., enquanto os camponeses iam aos campos terminar a divisão das terras. Ao mesmo tempo, alguns camponeses e operários, organizados desde o outono em comunas agrárias, deixavam suas aldeias e, com as famílias, tomavam posse das antigas propriedades dos *pomechtchiki*, sem notar que os destacamentos de combate dos guardas-vermelhos do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, após entendimentos com os imperadores da Áustria e da Alemanha, evacuavam a Ucrânia e a abandonavam, com suas frágeis formações de combatentes revolucionários, a uma luta desigual contra as tropas regulares alemãs e austríacas, protegidas pelos bandos armados da Rada Central.

Nem bem instalados, eles se voltaram, sem perda de tempo, a organizar suas forças: uns empenharam-se nos trabalhos agrícolas da primavera, outros formaram unidades de combate destinadas a defen-

der a Revolução e suas conquistas, nas quais os trabalhadores dessas regiões deram exemplo a todo o país.

A maior parte dessas comunas agrárias eram compostas de camponeses, algumas, ao mesmo tempo, de camponeses e operários. Elas estavam fundamentadas, antes de tudo, sobre a igualdade e a solidariedade de seus membros. Todos, homens e mulheres, trabalhavam em conjunto com uma consciência perfeita, fosse nos campos, fosse nos trabalhos domésticos.

A cozinha era comum. O refeitório, também. Mas, a vontade de um dos membros de preparar ele mesmo sua refeição e a de seus filhos, ou de tomar parte na cozinha comum e levar a refeição para sua casa, não encontrava nenhuma restrição. Cada um, ou mesmo um grupo, podia se organizar como quisesse, com a condição de informar todos os outros membros da comuna, a fim de que se pudesse tomar, na cozinha e na despensa, as decisões necessárias para essas modificações.

Os membros se dispunham também a levantar cedo e irem logo ao trabalho com o gado, os cavalos ou outras tarefas domésticas.

Cada um tinha o direito de se ausentar, conforme desejasse, mas deveria avisar seu companheiro de trabalho mais próximo, a fim de que este pudesse substituí-lo durante sua ausência. Isto, para os dias úteis. Nos dias de repouso (domingos), havia uma escala.

O programa de trabalho era estabelecido nas reuniões em que todos participavam; sabia-se, assim, logo em seguida, as tarefas de cada um.

Somente ficou pendente a questão do ensino, pois, as comunas não queriam reconstruir as escolas segundo o modelo antigo; entre as possibilidades novas, a escolha recaiu sobre a escola anarquista de F. Ferrer, sobre a qual as comunas tinham ouvido falar através dos numerosos relatos e brochuras distribuídas pelo grupo anarquista-comunista. Mas faltavam pessoas que entendessem dos métodos dessa escola e as comunas decidiram convidar aquelas que por ventura existissem nas cidades. Ficou decidido que, no caso de impossibilidade, contentar-se-iam, para o primeiro ano, de, simplesmente, chamar pessoas capazes de ensinar.

Havia, num raio de sete a oito *verstas* ao redor de Goulaï-Polé,

quatro dessas comunas agrárias. Havia muitas outras na região. O fato de me deter particularmente sobre essas quatro é porque eu as organizei pessoalmente. Todas as belas iniciativas do início foram realizadas sob meus olhos, e todas as questões importantes me foram colocadas de antemão.

Enquanto membro de uma delas, a mais importante talvez, eu colaborava dois dias por semana em todos os seus trabalhos: na semeadura da primavera, ajudei a revirar a terra e a semear; às vezes ajudava na granja, ou então auxiliava na estação de eletricidade.

Os quatro outros dias, eu trabalhava em Goulaï-Polé, no grupo anarquista-comunista e no Comitê Revolucionário. Todos os membros do grupo e todas as comunas agrárias me solicitavam, diante das exigências do momento, que gerava a necessidade de agrupamento de todos os revolucionários para lutar contra as forças da reação que vinham diretamente do Oeste, sob a forma dos exércitos imperiais alemães e austro-húngaro e das tropas da Rada.

Em cada comuna, havia alguns camponeses anarquistas, mas a maioria não o era. No entanto, eles davam prova dessa solidariedade anarquista da qual somente são capazes, no dia-a-dia, as naturezas simples, ainda não tocadas pelo veneno político das cidades — as quais exalam sempre um odor de mentira e traição que não poupa nem mesmo muitos camaradas que se dizem anarquistas.

Cada comuna era composta de uma dúzia de famílias e compreendia por volta de 100, 200 ou 300 membros. Cada uma recebeu, por decisão do Congresso regional das comunas agrárias, uma quantidade normal de terra — isto é, proporcional à sua capacidade de cultivo — e situada em sua vizinhança imediata. Elas obtiveram, por outro lado, os animais e a ferramentaria agrícola que já existiam nessas propriedades.

E os trabalhadores das comunas foram à sua obra, ao som de cantos livres e alegres, refletindo a alma da Revolução e daqueles que morreram por ela ou que continuavam, desde muitos anos, a lutar pelo grande ideal de justiça destinado a triunfar da iniqüidade e a tornar-se a chama da humanidade. Eles semeavam, aravam, cheios de confiança em si mesmos, resolvidos a não permitir que os antigos proprietários retomassem essa terra que eles haviam conquistado, pois, sem jamais ter trabalhado nela, a tinham possuído por

autorização do governo e procuravam agora dela se apoderar novamente.

Os habitantes das pequenas vilas e aldeias vizinhas, ainda em parte inconscientes e sob a dependência dos *koulaki,* tinham ciúme das comunas e manifestaram, mais de uma vez, o desejo de lhes tomar tudo: animais e ferramentas, a fim de repartir entre si.

"Os livres *communards* poderão a qualquer hora no-los revender, se assim o desejarem", diziam eles. Mas essa tendência estava severamente subjugada às reuniões-*skhod* e a todos os congressos, pela maioria absoluta dos trabalhadores que viam, na organização dessas comunas, o despertar feliz de uma vida social nova que, à medida que a Revolução se aproximava do ponto culminante de sua marcha triunfal, não faria mais que se desenvolver, crescer e dar impulso ao estabelecimento de uma sociedade análoga, se não em todo o país, pelo menos em todas as aldeias e lugarejos da região.

O regime comunal livre era por eles considerado como a forma mais elevada da justiça social; entretanto, para a maioria, eles não se decidiam passar à realização imediata, alegando a aproximação das tropas alemãs e austríacas, sua própria desorganização e sua incapacidade de se defender contra as novas autoridades, revolucionárias ou não.

Foi por isso que os trabalhadores revolucionários da região contentaram-se em sustentar por todos os meios aqueles entre eles que, mais ousados, estando organizados, nas antigas propriedades dos *pomechtchiki,* em comunas agrícolas livres, aí construíam uma vida independente sobre bases novas. Uma parte dos *pomechtchiki,* dos *koulaki* e de colonos alemães compreenderam que, de um jeito ou de outro, não poderiam ficar ainda muito tempo os senhores, em suas próprias posses, com esses milhares de *dessiatines*[23] explorados graças ao trabalho de outros. Sem esperar mais, eles se juntaram à revolução e organizaram, sobre novas bases, sua vida social, isto é, sem trabalhadores diaristas *batraki* e sem arrendar suas terras.

Portanto, ao mesmo tempo em que, sobre todas as terras liberadas, nascia a alegria dos oprimidos, ao mesmo tempo em que os traba-

---

23. Palavra derivada de *dessiatine*, aproximadamente 1 hectare de terra. (N. T.)

lhadores, que tinham sido por longo tempo humilhados pela desigualdade política, econômica e social, começavam a se repensar, a compreender sua escravidão, e empenhavam todas suas forças para se libertarem inteiramente e para sempre desta vergonha, agora que já parecia que essa liberação estava no ponto de se tornar um fato concreto, as massas, elas memas, preparando-se para sua realização, agora que a idéia de liberdade, igualdade e solidariedade entre os homens começavam, enfim, a penetrar na vida dos trabalhadores e a matar assim toda possibilidade de nova servidão — nesse mesmo momento, os arautos governamentais do bloco bolchevique-S.-R. de esquerda, ajudados pela astúcia política de Lênin, desenvolviam com um furor crescente a idéia segundo a qual eles tinham o direito de dispor da Revolução e de submeter todo o povo a seu governo, segundo eles, o único defensor das aspirações seculares das massas.

Este desejo de poder embruteceu a tal ponto os socialistas-estatistas que eles esqueceram momentaneamente suas divergências fundamentais sobre o problema da paz de Brest-Litovsk, que eles tinham acordado com os imperadores alemão e austro-húngaro e que tinha sido acolhida pela população revolucionária com hostilidade. Negligenciaram momentaneamente essa questão capital e as discussões calorosas que ela suscitava. Uma outra, não menos importante, colocava-se agora diante deles: como, permanecendo aos olhos das massas os pioneiros e agentes da Revolução, poderiam chegar a desfigurar a idéia mesma de Revolução social, sem afundar-se antes de ver realizadas suas aspirações secretas: desviar a Revolução de sua via autônoma, criadora, e subjugá-la inteiramente às doutrinas estatistas, destiladas das prescrições e diretrizes do Comitê Central do partido e do governo?

Ficou evidente que, na orientação que eles imprimiram à grande Revolução russa, não havia lugar, nem para as comunidades agrícolas autônomas, organizadas livremente sobre as terras conquistadas, nem para a passagem, às mãos dos operários, das fábricas, usinas, tipografias e outras.

Os atos que emanavam diretamente dos trabalhadores refletiam claramente suas tendências anarquistas. E era isto o que mais amendrontava os socialistas-estatistas de esquerda; pois, os trabalhadores das aldeias e vilas reuniam forças precisamente nesse sentido e se preparavam para deflagrar um movimento anarquista contra o princí-

pio mesmo de Estado, a fim de retirar deste suas principais funções e passá-las às autoridades locais autônomas.

Nesse sentido, os trabalhadores davam provas de grande ousadia e se seu movimento não era ainda completamente organizado, ao menos era perseguido com tenacidade.

Se tivessem encontrado neste caminho uma ajuda eficaz da parte dos anarquistas-revolucionários, eles teriam podido realizar plenamente suas aspirações e teriam atraído todas as forças ativas da Revolução. Assim teria sido cortada a ação inconsciente e incoerente dos novos dirigentes socialistas que, com Lênin, Ustinov e companhia, tratavam de impor à massa dos trabalhadores. E o terror ignóbil dos bolcheviques, dirigido contra a humanidade em geral, e, em particular, contra aqueles que conservavam suas convições pessoais e se permitiam julgá-los, a eles e a seu governo dito "proletário", não teria existido na Rússia, nem na Ucrânica, nem em outras repúblicas bolcheviques.

Ai de mim! nós, anarquistas-revolucionários, não fomos jamais capazes de abraçar em toda sua amplidão os grandes atos revolucionários populares, de compreender seu alcance e de ajudá-los a se desenvolver em toda sua grandeza e eficácia. E, ainda agora, estamos de todo impotentes, e isto simplesmente pela falta, nos dias mais decisivos da Revolução, de uma organização sólida.

Os socialistas-estatistas de esquerda, ao contrário, se não aderiram totalmente aos atos revolucionários diretos dos trabalhadores, ao menos compreenderam rapidamente e reconheceram que do ponto de vista de seus princípios, não os poderiam sustentar, pois as ações populares, se levadas a termo, enterrariam suas veleidades de poder e os obrigariam a descer das torres estatais que esses novos senhores tinham escalado, subindo pelo dorso dos defensores diretos da Revolução. Apressaram-se, pois, em agir, isto é, não somente permitiram ao governo de Lênin frear os trabalhadores revolucionários das cidades e do campo, por decretos vindos de cima, mas ainda contribuíram pessoalmente, ajudando a desorganizá-los no momento mesmo em que estes estavam conseguindo pela primeira vez agrupar eficazmente suas forças. Esses partidos de esquerda provocaram uma parada no processo de destruição, e a Revolução não pôde assim atingir sua fase última, a partir da qual somente o processo de reconstrução pode encontrar seu ponto de partida e ganhar seu pleno desenvolvimento;

este desenvolvimento não pode, de resto, fazer-se senão contra tudo que há de velho e podre na sociedade antiga e que é inútil numa sociedade sadiamente compreendida, mas que sempre, no momento de grandes distensões psicológicas, tende, sob aspectos e formas as mais variáveis, precocemente e superficialmente camufladas, a retomar lugar nas novas formações sociais livres.

Esses socialistas-estatistas de esquerda, aproveitando-se do calor infantil do povo russo, ucraniano e outros, abusaram de sua confiança. Os príncipes estatais desviaram os trabalhadores do seu propósito de expansão e intensificação da Revolução e trouxeram a desorganização para a sociedade livre nascente, desfigurando assim suas tendências individuais e sociais, e afrouxaram por isso mesmo o processo de sua realização.

Foi esse fato, e nenhum outro, que engendrou o cansaço dos partidários da libertação dos trabalhadores, enquanto que seus inimigos, recuperando-se, se organizaram rapidamente e puseram-se a agir tendo em conta a correlação de forças.

Tais momentos são, na maior parte dos casos, favoráveis às novas autoridades; agora elas podem facilmente açambarcar os trabalhadores, essa vanguarda dedicada da Revolução, o distanciá-los do *front* revolucionário, grande e criador, que se desenvolve ao redor deles. Precisamente de tais condições é que os trabalhadores ucranianos foram afastados. A política do tratado de Brest-Litovsk, com os imperadores alemão e austro-húngaro, para isso contribuiu grandemente. (É tempo de assinalar que os socialistas de esquerda protestaram com energia contra esse tratado, mas, enquanto aliados dos bolcheviques no seu trabalho de açambarcamento e engodo dos trabalhadores, submeteram-se ao fato consumado. Da mesma maneira que os bolcheviques, e mesmo com eles, retiraram da Ucrânia todos os destacamentos armados da guarda-vermelha, em conformidade ao tratado de Brest-Litovsk.)

Após a conclusão desse tratado, todas as forças armadas da Revolução, formadas de operários e camponeses russos, foram retiradas do *front* pelo governo dos "Sovietes' dominado nesse momento por dois partidos socialistas, os bolcheviques e os S.-R. de esquerda; e, em se retirando, não opuseram praticamente nenhuma resistência aos exércitos monárquicos contra-revolucionários alemães e austro-húngaros, nem aos destacamentos da Rada Central.

Quanto aos trabalhadores ucranianos, foram deixados, na sua maior parte, absolutamente desarmados, a mercê dos carrascos da Revolução, tendo o comando revolucionário retirado as armas da Ucrânia ou as tendo abandonado, em sua fuga, às tropas alemãs.

A retirada das tropas revolucionárias para fora do território ucraniano durou dois meses. Durante esse tempo, os comandantes das divisões, que não tinham ainda sido tocados pelo veneno daqueles partidos políticos, fizeram o possível para armar a população. Mas as circunstâncias eram totalmente desfavoráveis, e por isso as armas não puderam ser todas entregues à população e por ela empregadas contra o avanço das forças contra-revolucionárias. A retirada dos guardas-vermelhos se transformou, com efeito, numa verdadeira fuga e os territórios abandonados foram na maior parte das vezes ocupados no mesmo dia pelas forças da reação, não tendo a população nem mesmo tempo para organizar-se em unidades combatentes.

13 | *Os êxitos dos exércitos alemães e austríacos e das tropas da Rada Central ucraniana — Os agentes contra-revolucionários — A luta contra eles*

Em março de 1918, a cidade de Kiev e a maior parte da Ucrânia à margem direita do Dnièpr foram ocupadas pelos exércitos expedicionários monarquistas alemães e austro-húngaros. Depois de um acordo com a Rada Central, dirigida pelos socialistas ucranianos sob a presidência do velho S.-R., o professor Grouchevski, esses exércitos penetraram em nosso solo e começaram seu ataque odioso contra a Revolução.

Com a ajuda direta da Rada e de seus agentes, o comando monarquista das tropas alemãs e austro-húngaras estenderam uma rede de espionagem contra-revolucionária sobre toda a Ucrânia. Aquelas, com as tropas da Rada Central, estavam ainda à margem direita do Dnièpr, enquanto toda a região da Ucrânia situada à margem esquerda já estava infestada de numerosos esbirros, espiões e provocadores.

Durante esse período, nem um dia se passou em Goulaï-Polé, e nos arredores, sem uma reunião em que não se esforçassem para levar os trabalhadores a renunciar à Revolução.

A invasão, por espiões e provocadores, da parte mais revolucionária da Ucrânia, isto é, a região situada à margem esquerda do Dnièpr, teve logicamente por resultado unir todos os chauvinistas de Goulaï-Polé em uma organização de caráter "revolucionário" que se denominou "socialista-revolucionária".

Seus chefes foram o agrônomo Dmitrenko, P. Semeita-Riabko, A. Volokin e Prikhodko. Os quatro últimos eram subtenentes. Na maior parte, eram grandes proprietários de terra e um deles, Volkov, dono de uma loja de tecidos.

Esses subtenentes-proprietários viam, desde muito tempo, com raiva a obra da Revolução, que os privava de suas terras em proveito da comunidade. Entretanto, diziam-se revolucionários, e lutavam, sob este nome plagiado, contra a atividade do Comitê Revolucionário, do Soviete e do Comitê agrário. No momento em que se convenceram que o inspirador desses organismos, que aquele que havia mostrado o caminho nos problemas agrários e político-sociais, era o grupo camponês anarquista-comunista, tentaram, a princípio em segredo, depois abertamente, fazer passar os anarquistas em geral e o grupo do Goulaï-Polé em particular por "ladrões" e "salteadores" que não levavam em consideração nem as Leis da Revolução, nem os limites que ela não deveria ultrapassar.

Esses "revolucionários" citavam como exemplo outras regiões onde os anarquistas não tinham invadido os postos dos trabalhadores e onde a população não tinha tentando resolver o problema da terra sem o Governo Provisório. "Enquanto que entre nós, em Goulaï-Polé, e nas regiões vizinhas, diziam esses 'revolucionários', esta questão foi resolvida pelo banditismo desde 1917. E tudo isso por obra dos anarquistas."

Tais acusações, lançadas por pessoas que se atribuíam a bandeira do socialismo, não diminuíam senão eles mesmos e suas idéias.

Os camponeses de Goulaï-Polé tinham tido relações seguidas com os anarquistas durante dois anos, no tempo da atividade revolucionária secreta; depois eles os viram mais de perto, durante um ano, aberta-

mente à vanguarda da Revolução, e se convenceram de que ficariam sempre com eles. E todos escarneciam esses falsos revolucionários, que nos insultavam a torto e a direito assimilando-nos a ladrões e salteadores.

Quanto a nós, não fazíamos mais que cotejar a obra feita por nossos inimigos, com os trabalhadores, nos meses de venda, e a obra realizada durante esse tempo por numerosos camponeses e operários anarquistas, na organização de comunas agrícolas nas antigas propriedades dos *pomechtchiki.*

Os trabalhadores das aldeias, reconhecendo que os anarquistas tinham razão em sua concepção da Revolução e dos direitos dos trabalhadores para se libertarem inteiramente dos laços da escravidão, continuaram a desenvolver eles mesmos a obra revolucionária, apesar de todas as armadilhas que lhes foram estendidas por seus inimigos.

A igualdade, a liberdade de opinião e a independência de todos e de cada um em Goulaï-Polé e na sua região, trouxeram seus frutos: os trabalhadores tomaram consciência de sua dignidade e começaram a compreender qual seu lugar na vida e na luta contra seus opressores, fossem eles de direita ou de esquerda. Entretanto, tal conduta inquietou os estatistas que, amedrontados pela idéia de ver perigar seus princípios de autoridade, passaram a agir contra os trabalhadores e não deixaram de lado, por isso mesmo, nenhum meio disponível.

No momento em que a organização chauvinista "revolucionária" de Goulaï-Polé empreendeu sua obra impiedosa contra os anarquistas, o avanço vitorioso dos exércitos contra-revolucionários alemães e austro-húngaros, precedidos de destacamentos contra-revolucionários da Rada Central, já tinha jogado ao chão, sobre todo o território ucraniano situado na margem direita do Dnièpr, a Revolução que tinha desarmado completamente o tratado de Brest-Litovsk, estabelecido entre o partido bolchevique e os supostos senhores destes exércitos, Guilherme, o Alemão e Carlos, o austro-húngaro. Nem sei se os líderes socialistas-chauvinistas ucranianos, que aceitaram semelhante tratado tinham plena consciência da sua odiosa atitude em relação à Revolução. Mas seus discípulos certamente não o compreenderam; pois, importunaram-se com esta aliança vergonhosa e com a ajuda militar que ela lhes trouxe, como único meio de libertar a Ucrânia da Revolução e aí restabelecer o tzarismo.

Os socialistas "revolucionários" chauvinistas de Goulaï-Polé anunciavam todos os dias em seus encontros que os exércitos alemães e austro-húngaros e os destacamentos da Rada Central Ucraniana avançavam pisando e arrasando todas as forças vivas da Revolução; e, como os trabalhadores, considerando que a liberdade de palavra era um direito tão inalienável quanto a liberdade de opinião, não lhes criavam obstáculos em sua odiosa propaganda, sentiram-se encorajados e organizaram uma assembléia-*skhod* geral.

Ela prometia ser das mais interessantes. Seus organizadores deveriam então colocar a seguinte questão: quais os trabalhadores de Goulaï-Polé que são partidários da Rada Central (e, por conseguinte, do militarismo alemão e austro-húngaro, que movimentava um exército de 600.000 homens contra a Revolução), e quais os que não o são? E, neste caso, sob qual bandeira se colocam?

Todos os oradores se sujaram até à baixeza. Mentiram sem a menor vergonha. "Pela 'Mãe Ucrânia', por seu governo independente, suas prisões, seus carcereiros e seus carrascos, tudo devia capitular sem resistência, e a Revolução e a Liberdade, e os trabalhadores das cidades e das aldeias que as tinham defendido.

"Em caso contrário, em caso de resistência, diziam os oradores socialistas-chauvinistas, exterminaremos tudo pela força, ajudados pelos aliados, nossos irmãos (eles entendiam por esses, Guilherme II, o Alemão e Carlos, o Austro-húngaro, com seus exércitos).

"Aqueles que não se opuserem aos potentes exércitos de nossos aliados receberão do comando alemão, por intermédio da Rada, açúcar, tecidos, calçados, que milhares de trens trazem atrás deles. (Havia uma falta total desses objetos nesse momento.)

"Mas para aqueles que resistirem, não haverá misericórdia! Suas aldeias e cidades serão inteiramente destruídas pelo fogo; a população será encarcerada e um prisioneiro em cada dez, fuzilado. "E os outros? Os outros sofrerão por sua traição um terrível castigo da parte de seus próprios irmãos ucranianos."

Escutando essas declarações, tomei a palavra e solicitei que todos os oradores, pertencentes ao partido dos organizadores da reunião, colocassem em seus discursos dados exatos.

Enderecei, em seguida, aos cidadãos presentes algumas palavras

de esclarecimento sobre as afirmações ditas pelos defensores da aliança vergonhosa entre a Rada Central e os imperadores, e tirei algumas conclusões daquilo que foi dito por esses oradores e seus replicadores.

A reunião foi ao encontro dos desejos daqueles que a tinham organizado e em desfavor de todas as idéias que eles aí tinham sustentado e defendido. Uma resolução foi votada por uma maioria absolutamente arrasadora, convidando todos os trabalhadores a sustentar uma luta armada ativa contra a Rada Central e os exércitos contra-revolucionários alemães e austro-húngaros.

Isso não satisfez os organizadores da reunião. Eles solicitaram à assembléia esclarecer sob que bandeira devia ser conduzida esta luta contra a Rada e os Aliados que lhes tinham "fraternalmente" estendido a mão na sua obra para a saúde da Ucrânia.

A assembléia rendeu-se a esta questão. Votou-se, e em definitivo os manifestantes dividiram-se em três grupos, dos quais um juntou-se aos organizadores da reunião, ou seja, a Rada Central, outro tomou o partido do S.-R. de esquerda, Mirgorodsky, e o terceiro permaneceu fiel ao movimento camponês anarquista-comunista de Goulaï-Polé.

Quando se passou a contar os votos de cada grupo, aquele que se pronunciou pelo S.-R. de esquerda, Mirgorodsky, ligou-se, inclusive seu líder da ocasião, aos partidários dos organizadores da reunião.

(Foi difícil compreender o papel de Mirgorodsky nessa ocasião; quando tentamos questioná-lo sobre sua atitude, não pôde dar nenhuma explicação satisfatória e só reconheceu o erro de sua manobra jesuítica ao fim da assembléia.)

Entretanto, apesar da fusão desses dois grupos, os partidários da Rada Central acharam-se em minoria absoluta. A resolução votada pelos cidadãos presentes à reunião foi ratificada e complementada por ataques mais diretos ainda contra a Rada e os exércitos alemães que marchavam com ela.

Então, o líder da organização chauvinista ucraniana, que se autodenominava "socialista-revolucionário", o subtenente Paul Semeniouta-Riabko, subiu à tribuna e, em tom de guerra, anunciou aos trabalhadores:

"Não importa! Vocês se arrependerão um dia. Mas ninguém será perdoado, sobretudo os anarquistas! Não está longe a hora em que

nosso exército entrará em Goulaï-Polé. Nós nos explicaremos nesse momento. Lembrem-se que nossos aliados, os alemães, são fortes! Eles nos ajudarão a restabelecer a ordem na região e vocês não verão mais nenhum anarquista por perto."

Esses gritos histéricos e essas ameaças indignaram todos os trabalhadores. Os camponeses anarquistas apressaram-se em tomar a palavra e declararam que eles aceitavam o desafio. "Mas exigimos, disse um deles, que o subtenente Semeniouta-Riabko dê esclarecimentos sobre a vinda dos Alemães a Goulaï-Polé."

Então, ele deu as informações pedidas.

"Os alemães ajudarão a Rada Central Ucraniana a impor suas leis à região e a restabelecer a ordem que prescreve a prisão aos anarquistas. É na prisão que vocês pregarão suas idéias!", gritou o subtenente, deixando-se levar pela cólera.

Das fileiras do auditório, algumas vozes se elevaram:

"Abaixo! Expulsem-no!"

Os anarquistas de novo encarregaram um dos seus para declarar que, agora, viam claramente que a organização chauvinista era culpada pela chegada dos exércitos contra-revolucionários alemães a Goulaï-Polé. Por essa ajuda brutal eles prometeram punir a Revolução.

"Não, não a Revolução, mas os bolcheviques e os anarquistas", ecoou uma voz do grupo dos S.R. chauvinistas ucranianos.

"Bem! saibam, senhores chauvinistas, nós, anarquistas, responderemos a seu odioso desafio! declarou o secretário de nosso grupo.

A reunião terminou com essas palavras. Os trabalhadores, sentindo-se ultrajados pelas ameaças do subtenente Semeniouta-Riabko, voltaram para casa indignados.

Os partidários do sub-tenente rodearam-no e gritaram maldosamente, encorajados pelo riso de seu líder, aos trabalhadores que se afastavam: "Voltem para casa. Quanto a nós, ficaremos esperando a réplica dos anarquistas".

Três ou quatro horas depois, transmiti oficialmente ao Comitê Revolucionário de Goulaï-Polé, em nome do grupo anarquista, a seguinte questão: como o Comitê, enquanto defensor da unidade e da

solidariedade revolucionárias, via a ameaça endereçada aos anarquistas pela organização chauvinista ucraniana? Pensava, o Comitê, levá-la em consideração ou não?

Estudaram esta questão no mesmo dia, e responderam ao grupo que não atribuíam nenhuma importância a essa ameaça.

A organização dos chauvinistas, entendia o Comitê, não era uma organização revolucionária e, além de uma tagarelice estéril, ela não podia em nada prejudicar a obra da Revolução. Contudo, o grupo anarquista-comunista não aprovou esta atitude e declarou de novo, numa nota oficial endereçada ao Comitê, que era inadmissível que, numa obra de unidade e igualdade, se dê lugar a opiniões contrárias aos princípios de solidariedade revolucionária. A nota exigia que se publicasse um apelo à população condenando decididamente a organização contra-revolucionária dos chauvinistas e suas ameaças aos anarquistas.

O grupo declarou que se o Comitê Revolucionário se negasse a fazê-lo, ele se veria na obrigação de retirar seus membros do seio desse Comitê e não mais o poderia apoiar no futuro.

Alguns dos que faziam parte do Comitê me perguntaram se eu me solidarizaria com as exigências do grupo e me submeteria a sua decisão, se ele consultasse seus membros. Quando lhes respondi que essas exigências eram justas, e que, ainda que não fosse delegado junto ao Comitê Revolucionário, mas junto ao Soviete, eu me submeteria a sua decisão, qualquer que ela fosse, e faria tudo para aplicá-la integralmente, todos os membros desse Comitê decidiram por unanimidade, e sem discussão, examinar novamente nossas duas notas e convocar os chefes da organização chauvinista para tentar aplainar o conflito que surgira entre eles e os anarquistas.

Mas já era muito tarde.

Nosso grupo informou ao Comitê Revolucionário que declarava o terror contra todos aqueles que ousassem, agora ou no futuro, após uma vitória eventual da contra-revolução, destruir o ideal anarquista ou perseguir seus anônimos defensores. O primeiro ato nesse sentido seria a execução do subtenente Semeniouta-Riabko, e acabara de ser feita.

Com efeito, o líder dos chauvinistas ucranianos tinha sido morto

no momento mesmo dessa declaração, morto pelos membros do grupo. A notícia dessa execução impressionou fortemente o Comitê Revolucionário. Seus membros estavam desorientados, não conseguiam nem agir nem falar, e pareciam completamente aniquilados, enquanto que nossos representantes desempenhavam com calma as tarefas costumeiras.

No dia seguinte, por volta das dez horas da manhã, uma delegação de chauvinistas veio ao Comitê para me pedir conselhos e solicitar que eu interviesse no conflito entre a organização ucraniana — eles não se diziam mais chauvinistas — e o grupo anarquista.

Quando mais tarde, abordei esta questão com os membros do Comitê, todos se recusaram a examinar o caso, declarando que o subtenente Semeniouta-Riabko, deslumbrado pelos êxitos dos exércitos contra-revolucionários austro-alemães, tinha perdido a cabeça, o que o impedira de compreender que a Revolução não estava ainda definitivamente vencida e não perdoaria àqueles que desejassem sua perda.

Ter ameaçado os anarquistas com a vinda das tropas alemãs e com a prisão fora, da parte do líder chauvinista, um ato de injustiça flagrante contra a Revolução que ainda era defendida por quase todo o povo. A execução daquele que tinha sustentado a contra-revolução que se aproximava presa às baionetas dos exércitos alemães e austro-húngaros e dos lados da Rada Central, não fora mais do que um ato de defesa revolucionária.

Os anarquistas tiveram que matar este adepto da contra-revolução no momento mesmo em que foram ameaçados.

"O líder da organização chauvinista ucraniana, sendo um inimigo da Revolução, consideramos, declararam os mebros do Comitê, de todo inadmissível ocuparmo-nos deste incidente e mencioná-lo em nossos relatórios.

"De acordo com sua organização e em nome dela, o subtenente Semeniouta-Riabko lançou no rosto dos anarquistas um desafio ignóbil; cabe, pois, àquela organização regularizar o caso, retirar o desafio lançado e formular com exatidão seu credo social e político. Só então será ela admitida no Comitê Revolucionário e poderá evitar, no futuro, conflitos semelhantes".

A delegação deixou então o Comitê e voltou para seus camaradas

trazendo a repreensão pronunciada contra toda a organização chauvinista ucraniana.

Devo dizer que, pessoalmente, não aprovei esta resposta, mas não pude protestar em presença da delegação. Somente depois da sua partida, foi que afirmei uma vez mais que via neles a expressão da unidade e da solidariedade revolucionárias e que no meu modo de ver, eles teriam podido entrar em diálogo com as organizações que lhes pediam para julgar erros cometidos por seus representantes — erros provocadores de conflitos como esse que acabamos de ver com os chauvinistas, e pelo qual seu líder pagou com a vida.

Desde a primeira avaliação do grupo sobre a atitude do Comitê no que concernia à provocação lançada aos anarquistas, eu já tinha insistido sobre a necessidade de aquele intervir no conflito. Mas a maioria dos seus membros protestou, entendendo que se o Comitê não interviesse, o conflito seria rapidamente esquecido por todos.

Eu repetia agora: se o Comitê, no momento sugerido, tivesse concordado com a minha vontade de manter a dignidade revolucionária de nosso grupo, ao mesmo tempo que a sua própria — ele não ignorava, aliás, quais alianças os unia um ao outro na defesa e desenvolvimento da Revolução —, seria possível que nosso grupo não tivesse matado o agente da Rada Central Ucraniana.

"É verdade que já é tarde para falar disso, disse eu, então, a meus camaradas do Comitê, mas não para agir e evitar assim os assassinatos com os quais os chauvinistas poderão responder a essa execução e que — devo declará-lo abertamente aqui — desencadearão o terror contra todos aqueles que, por besteira, serão transformados em agentes da obra sombria da Rada e seus aliados."

No curso dessa mesma reunião, o Comitê designou três de seus membros: Moise Kalinitchenko, Paul Sokrouta e eu mesmo, para formar com os chauvinistas e nosso grupo, uma comissão mista e procurar os meios de prevenir os assassinatos que viessem de qualquer dos lados.

Nosso grupo foi representado por seu secretário, o camarada A. Kalachinikoff.

Depois de discussões, pareceu que a organização ucraniana se distanciou inteiramente do gesto do subtenente Semeniouta-Riabko.

Seu representante, Dmitrenko, declarou que era preciso explicar a provocação do Seminiouta-Riabko pelo seu rude entusiasmo e sua afeição dolorosa a seu povo. A organização ucraniana de Goulaï-Polé desaprovava esse ato como contraditório a suas idéias.

Ora, Dmitrenko não estava sendo sincero. Sua declaração não era nada mais que uma manobra política.

Percebemos isso, e o secretário do nosso grupo, o camarada Kalachnikoff respondeu que "víamos na ameaça formulada o desejo de toda a organização chauvinista de penalizar os anarquistas pela sua luta tenaz contra a invasão do território pelos exércitos alemães e austro-húngaros e as tropas da Rada Central.

"O grupo anarquista acreditou ser seu dever suprimir o inspirador dessa empreitada, dirigida contra os anarquistas e contra suas idéias. Ele o matara e estava pronto a matar no futuro tal tipo de malfeitor."

Em seguida, fui a uma reunião em que solicitei a meus camaradas renunciar ao terror, mas fui coberto de censuras. Muitos entre eles acreditaram ver aí o desejo de defender os atos contra-revolucionários e não me pouparam zombarias.

Essa audácia irritou-me, mas a independência da qual ela era a expressão me alegrou; pois, me fazia sentir que minha atividade entre os jovens membros não foi perdida.

Apesar de tudo, minhas considerações pró ou contra o terror serviram de base à revisão dessa questão; depois de uma série de reuniões e de discussões sérias entre camaradas, o grupo renunciou a sua primeira decisão e afirmou que, enquanto os inimigos da Revolução não fizessem mais que gritar sem fazer uso de armas, os atos terroristas planejados não seriam aplicados.

Durante muito tempo, nossos membros mais jovens não quiseram compreender esta resolução e insinuaram mais de uma vez, em direção a mim, que o "camarada Makhno queria converter em contra-revolucionários os revolucionários mais inveterados e provocou um golpe forte na unidade do grupo" etc.

Entretanto, a importância do momento era tal que não podíamos admitir desertar de nossas posições. Era, com efeito, a época em

que a contra-revolução, trazida pelas baionetas das tropas alemãs, ganhava vantagem claramente sobre os defensores da Revolução que eram representados apenas por alguns destacamentos isolados de guardas-vermelhos. Por conseguinte, numa região como Goulaï-Polé, que podia ainda dispor de forças consideráveis para a salvaguarda da Revolução, o trabalho deveria ser dirigido em outro sentido.

Era preciso afirmar, com ainda mais clareza e realce, o entendimento entre os diferentes partidos, a igualdade e a liberdade de opinião; pois, Goulaï-Polé constituía, agora, uma base onde se formavam as forças reais de defesa da Revolução.

Eis por que não dei atenção aos protestos ingênuos dos meus jovens amigos. Eu via configurar-se diante de mim, em toda sua amplitude, uma questão bem mais importante: como organizar os batalhões de voluntários para combater a Rada Central e seus aliados, os exércitos alemão e austro-húngaro que compreendiam ao todo 600 mil homens.

Eu sentia, da parte do Comitê Revolucionário, uma negligência nesse aspecto e insistia para que todos os destacamentos, de que se dispunha em Goulaï-Polé e na região, fossem chamados batalhões de voluntários e seus efetivos elevados a 1.500 homens.

Nosso grupo anarquista-comunista deveria, segundo eu, mostrar o exemplo, nesse caso como no outro. Se não, estaria condenado a permanecer a reboque dos acontecimentos. Ele se distanciaria dos trabalhadores do campo escravizado e seria reduzido, a exemplo de centenas de outros grupos anarquistas na Rússia, a não ter influência alguma sobre as idéias capazes de guiar as grandes massas daqueles que, tendo fé na Revolução, não tinham tido tempo de apreciá-la em seu justo valor, nem de aprender a defendê-la contra os desvios que imprimiam a ela os chefes do socialismo político.

O grupo levou esse fato em consideração e mostrou, na organização dessas forças armadas, qualidades combativas de primeira ordem.

Entretanto, outros grupos nas vilas e aldeias de outras regiões perdiam seu tempo em vãs discussões, do gênero:

"Pode um grupo anarquista, permanecendo fiel a seus princípios, criar unidades revolucionárias de combate? Não seria preferível man-

ter-se afastado de tal empreitada, tratando de não impedir que seus membros delas participem individualmente?" A que o grupo camponês de Goulaï-Polé replicou com a seguinte palavra de ordem:

"Trabalhadores revolucionários, formem batalhões de voluntários para salvar a Revolução! Os socialistas-estatistas traíram-na na Ucrânia e jogaram contra ela as forças negras de países estrangeiros. Para romper o ataque da reação, é necessário organizar a força imensa que representam os trabalhadores.

"Somente formando batalhões de voluntários é que eles vencerão as maquinações de seus inimigos de direita e de esquerda!".

O Comitê Revolucionário e todos os sovietes da região retomaram nossa palavra de ordem e fizeram uma ativa propaganda a seu favor.

Havia, é verdade, sobretudo no clã dos chauvinistas ucranianos, indivíduos que a combateram. Mas as discussões não tinham, agora, mais que um caráter puramente teórico; em todo caso, não se baseavam mais nas baionetas dos exércitos contra-revolucionários alemães e austro-húngaros, nem se revestiam da forma de ameaças contra os adversários da política criminosa da Rada Central. Essa política estava dirigida contra os trabalhadores ucranianos e contra aquelas de suas conquistas que se afirmavam mais e mais claramente conforme o desenvolvimento da Revolução e para as quais se encaminhavam, superando os obstáculos mais terríveis colocados por seus inimigos: à direita, a burguesia, à esquerda os socialistas-estatistas que se esforçavam por aproveitar o momento para dar uma falsa interpretação dos objetivos da Revolução e, desta maneira, fazê-la passar inteiramente para seu controle.

A hora era das mais penosas. Parecia que todos nós, membros do grupo e das organizações revolucionárias camponesas e operárias, o sentíamos. Assim, um escândalo explodiu envolvendo o Soviete da União Profissional dos Metalúrgicos e dos Trabalhadores do Bois: seus membros exigiam que o grupo e o Soviete dos deputados camponeses e operários chamassem de volta o camarada Leon Schneider que eles tinham enviado ao Soviete Departamental dos Deputados camponeses, operários e soldados.

Tal exigência tinha sido motivada pelo fato de que o camarada Leon Schneider não satisfazia seu mandato, e que, por conseguinte, as usinas e os moinhos de Goulaï-Polé, bem como as ferrarias, serra-

lherias e outras oficinas não recebiam nada, ou somente com muito atraso, o ferro, o carvão e outros materiais de que necessitavam.

Diante de tal censura, endereçada a um de seus responsáveis, o grupo, após entendimento com o Soviete dos Deputados camponeses e operários, chamou Leon Schneider para que ele explicasse as razões que o impediam de cumprir sua missão.

Ora, o camarada L. Schneider já tinha tido tempo de sofrer o contágio do desleixo desordenado e irresponsável de certos camaradas anarquistas das cidades. Ele respondeu, pois, que não podia retornar a Goulaï-Polé, por estar, assim dizendo, encarregado de tarefas para o Soviete Departamental, e sugeria que o grupo nomeasse outro representante para seu lugar.

Tal atitude da parte de um membro do grupo anarquista-comunista, tão considerado pelos trabalhadores, levou-nos a enviar-lhe um despacho urgente exigindo seu retorno imediato a Goulaï-Polé onde deveria explicar-se diante do grupo, o Soviete dos Deputados camponeses e operários e a União Profissional. Se ele não obedecesse, o grupo se veria obrigado de enviar dois camaradas para reconduzi-lo.

Ele sabia que esta ameaça não era vã e que seria seguida logo depois de uma ordem de execução. Ele seria perseguido por ter comprometido o grupo diante do Soviete dos Deputados camponeses e operários e a União Profissional e, por conseguinte, diante de todos os trabalhadores e um tiro de fuzil bem que poderia ser a conclusão.

Dois dias após ter recebido esse telegrama lacônico, o camarada Schneider já estava em Goulaï-Polé e fazia seu relato aos Sovietes e ao grupo. Cancelamos seu mandato e ele voltou à usina Kerner e à sua bancada.

Enquanto estávamos ocupados em desembaraçar o caso de Leon Schneider, os agentes da Rada Central e dos exércitos alemães e austríacos que ela dirigia contra a Revolução ucraniana não perdiam tempo.

Eles se utilizaram desse caso e o interpretaram por todo canto, à sua maneira, nos encontros.

Foi preciso combater suas calúnias asperamente. É necessário ir a todas as aldeias e lugarejos, assistir a todas as reuniões organizadas por esses agentes da Rada ou do general Eichhorn o que nos tomou

tempo e nos obrigou a nos afastarmos dos objetivos imediatos do nosso grupo: a criação de um *front* de combate contra a contra-revolução.

14 | *Centralização dos destacamentos — Formação de um* front *único com o bloco bolchevique-S.-R. de esquerda*

Os acontecimentos se precipitaram. Os exércitos alemão e austro-húngaro, sob o comando do General Eichhorn já se aproximavam da cidade de Ekaterinoslav; de outra parte, projéteis eram lançados por sobre o Dnièpr desde a região da ponte de Kitchkas sobre a cidade de Alexandrovsk que se achava a 80 *verstas* de Goulaï-Polé.

Os destacamentos de guardas-vermelhos, comandados pelo general Egorov, da mesma forma que os numerosos destacamentos autônomos que somente recebiam desse e do chefe dos exércitos vermelhos de reserva do "Sul da Rússia", Belinkevitch, armas e munições e agiam por sua conta e risco, a maior parte das vezes nos setores onde não havia inimigos, foram transferidos com urgência da Criméia em direção à região de Verkhne-Tokmak-Pologui. Aliás não se tratava mais de fazer saírem as tropas dos comboios pretendidos. Elas tinham sido retiradas do *front* muito cedo, o que influenciou, claramente, seu grau de combatividade. Elas cogitavam agora de ir o mais longe possível desse *front*, para as estações de entroncamentos tais como Essinovataia e Ilovaisk. Na realidade, dois dias mais tarde, elas foram impelidas de encontro aos exércitos inimigos que, diga-se de passagem, se achavam ainda sobre a margem direita do Dnièpr.

Certo número de destacamentos autônomos e um grupo de guardas-vermelhos do bloco bolchevique-S.-R de esquerda repeliram heroicamente as tentativas do inimigo de atravessar o rio. Mas as forças diminuíam, por falta de repouso, pelo sono, e também por esgotamento das munições. Esse fato gerou inquietude em Goulaï-Polé e região, e depois em todas as regiões vizinhas.

Os agentes da reação crescente levantaram a cabeça e começaram

a falar com mais segurança contra os Sovietes, contra a Revolução e contra os trabalhadores que nisso viam seu próprio enfraquecimento e esforçavam-se por todos os meios para desenvolvê-la.

Estes acontecimentos influenciavam penosamente os trabalhadores. Em inúmeros lugarejos e aldeias, nascia a desordem que sempre aparece nas massas quando elas não são mais informadas a tempo sobre a posição ocupada, no combate, por sua vanguarda revolucionária.

Essa desordem que reinava na região gerou a fraqueza e a hesitação na própria Goulaï-Polé. Noite e dia aconteciam reuniões do Soviete dos Deputados camponeses e operários, da União Profissional, do Comitê Revolucionário e do grupo anarquista. Todos me pediam conselho e insistiam para que eu lhes dissesse o que deveriam fazer.

E que poderia eu lhes dizer, num momento tão grave, senão aconselhá-los a reagir e a opor, à contra-revolução, ações de energia e decisão pelo menos iguais àquelas que eles punham em suas palavras?

Insisti com aqueles que estavam presentes à reunião extraordinária sobre a necessidade de publicar imediatamente um apelo em nome das organizações que representavam, explicando exatamente aos trabalhadores da região o estado atual da Revolução e o que seria preciso fazer para salvá-la. Este apelo foi publicado. Ele convidava os trabalhadores a organizar uma resistência armada contra aquela que fingia querer libertá-los, a Rada Central, e contra os exércitos alemães que marchavam com ela.

Toda a população da região respondeu a esse apelo enérgico. Por todo lado, jovens e velhos afluíam para seus Sovietes locais e na nossa aldeia mesmo, para se inscrever e formar, imediatamente, batalhões de voluntários. Os habitantes de Goulaï-Polé mesmo formaram um batalhão compreendendo seis companhias de 200 a 220 homens cada.

A população judia forneceu uma companhia que, igualmente, fez parte do batalhão de Goulaï-Polé. O grupo anarquista-comunista, com seus membros e simpatizantes, formou um destacamento de algumas centenas de homens armados de fuzis, revólveres e espadas. Metade deles possuía cavalos selados. Este destacamento foi colocado à disposição do Comitê Revolucionário.

Os trabalhadores de Goulaï-Polé, por iniciativa do estimado dou-

tor Abraham Isaacovitch Loss, organizaram destacamentos sanitários, improvisaram hospitais e se dividiram em diversas funções de assistência médica no *front* revolucionário.

Pessoalmente, fiquei vinte e quatro horas em Pologui, no estado-maior do comandante dos exércitos vermelhos de reserva do "Sul da Rússia", Belinkevitch; informei-lhe os objetivos atuais do Comitê Revolucionário de Goulaï-Polé, e coloquei-o a par da organização de defesa da Revolução, atividade elevada ao primeiro plano por aquele Comitê e por nosso grupo anarquista-comunista.

O camarada Belinkevitch prestou a maior atenção ao que eu lhe disse e prometeu ir a Goulaï-Polé, logo no dia seguinte, para ver comigo de que maneira ele poderia ajudar o Comitê Revolucionário e o nosso grupo anarquista-comunista. Mas não me satisfiz com esta promessa. Insisti em que me desse imediatamente sua resposta: poderia ele fornecer armas a nossos voluntários?

Vendo minha impaciência para resolver o mais rapidamente possível essa questão, ele seguiu comigo no mesmo dia para Goulaï-Polé.

Pôde assim verificar no local a exatidão do que lhe havia dito e prometeu ao Comitê ir imediatamente entender-se com quem de direito, e de lhe comunicar em seguida em que o estado-maior dos exércitos vermelhos de reserva poderia ajudar a Goulaï-Polé revolucionária.

De volta a Pologui, levei o camarada Belinkevitch visitar a comuna número 1 e os campos onde se achavam os *communards* livres. Ele observou-os trabalhar, perguntou-lhes quais as razões que os levaram a adotar esse modo de vida, e emocionou-se até o fundo da alma.

Dirigindo-se dos campos para o refeitório dos *communards*, para a refeição da noite, Belinkevitch apertou-me a mão e disse-me: "Senti, desde o primeiro momento, uma grande confiança em você, camarada Makhno, e lhe peço agora que envie, esta noite mesmo, seus homens buscarem em meu estado-maior as armas, fuzis e metralhadoras necessários a seu batalhão de Goulaï-Polé".

Essa promessa deixou-me contente e eu disse imediatamente, por telefone, ao camarada Polonski, comandante do batalhão de volutários de Goulaï-Polé e ao camarada Martchenko, membro do Comitê Revolucionário, para irem imeditamente a Pologui, ao estado-maior do co-

mandante Belinkevitch, receber armas e munições para transportá-las a Goulaï-Polé.

Separando-nos, o camarada Belinkevitch e eu, prometemo-nos ajuda recíproca para a obra revolucionária. Empenhou-se, no caso de uma retirada, em colocar à disposição dos *communards* escalões de reserva para que pudessem retirar-se a tempo.

Assim, transcorreram dias difíceis.

Fui, no dia seguinte, com alguns atiradores, à estação de Goulaï-Polé, para passar em revista o que nos haviam enviado do estado-maior de Belinkevitch. Vimos aí, seis canhões (dos quais, quatro do tipo francês e dois do tipo russo), três mil fuzis, dois vagões de cartuchos e nove vagões de munição para os canhões.

Nossa alegria foi indescritível. Transportamos imediatamente o que era mais urgente para o Comitê Revolucionário e repartimos entre as companhias, depois preparamo-nos para partir para a *front* de batalha para combater contra a Rada Central e seus aliados, os imperadores alemão e austro-húngaro.

O apelo lançado pelo Comitê, pelo Soviete dos Deputados camponeses e operários e pelo grupo anarquista-comunista, convidando os trabalhadores da região a vir rapidamente formar batalhões de voluntários, chegou ao conhecimento do comandante dos guardas-vermelhos que, imediatamente, enviou, por um trem especial, um delegado para se entender comigo e saber de quais forças o Comitê Revolucionário da valente região de Goulaï-Polé dispunha e em que momento estas tropas, inspiradas pelo espírito anarquista, poderiam ser enviadas para a frente de combate.

Eu estudava esta questão com ele na noite de 8 de abril de 1918, na mesma hora em que Lênin e Trotsky discutiam no Kremlin o aniqüilamento dos grupos anarquistas de Moscou, depois de toda a Rússia (nessa época, eles já haviam se desinteressado pela Ucrânia). O enviado do comandante dos guardas-vermelhos de Ekaterinoslav estava torturado pela idéia de que esses destacamentos armados iriam, conforme o Tratado de Brest-Litovsk, ser retirados das primeiras linhas do *front* revolucionário e colocados mais perto da fronteira russa, enquanto que os batalhões dos trabalhadores ucranianos, reunidos às pressas, não tinham podido ainda ser formados em combate, e retardavam-se por todo canto. Prometi-lhe, quanto a mim, fazer com que,

desde a manhã seguinte, as tropas revolucionárias armadas começassem a dirigir-se para o *front*.

Depois de sua partida, recebi a notícia de que, no setor de Alexandrovsk, os guardas-vermelhos recuavam igualmente. O comandante dessa cidade implorou aos batalhões de voluntários de Goulaï-Polé para virem em seu socorro. Após aconselhar-me com o Comitê Revolucionário e com o grupo anarquista-comunista, expedi para lá o destacamento formado por esse grupo, e também um batalhão misto composto por camponeses dos lugarejos mais próximos de Alexandrovsk. A unidade enviada por nosso grupo era um destacamento de cavalaria. O comandante dos guardas-vermelhos tinha, na verdade, muito pouco à sua disposição.

Nosso destacamento foi, imediatamente, despachado para o setor de combate de Ekaterinoslav e, de lá, sob minha ordem, para o setor de Tchaplino. Ao mesmo tempo, os batalhões de voluntários de Goulaï-Polé, Konsko-Razdorskoïe, Chanjaro-Tourkenovsk e outros, preparavam-se, apressadamente, para partir para o *front*.

15 | *Sou chamado com urgência ao estado-maior de Egorov — Derrota de nossa frente de combate*

O momento era dos mais críticos: o movimento chauvinista ucraniano parecia morto, não se ouviam mais falar dele. Seus membros obedeciam silenciosamente à massa da população, fazendo o que ela deles exigia.

A artilharia, depois a infantaria, foram organizadas, e pensávamos começar o combate quando constatamos que os canhões não possuíam miras automáticas.

Telegrafei imediatamente a Belinkevitch, pedindo novas miras, mas não recebi resposta: nessa mesma noite, o agrônomo S.-R Dmitrenko tinha, juntamente com dois jovens e ardentes ucranianos, P.

Kovalenko e Mikita Konoplia, cortado todos os fios telefônicos e telegráficos[24] e impediu assim que me comunicasse com o estado-maior dos guardas-vermelhos. Levei ao conhecimento de todos os camponeses este ato odioso. Ao cabo de algumas horas, as comunicações foram restabelecidas e, transmitiram-me, da parte de Belinkevitch, que as miras e as munições deveriam encontrar-se em Goulaï-Polé num vagão que ele me indicou: tudo foi encontrado, de fato, e enviado a quem de direito.

Enquanto isso, apareceu em Goulaï-Polé a proclamação dos socialistas-chauvinistas explicando a aliança da Rada Central com os "irmãos" alemães, vindos ajudar os filhos da Ucrânia a "libertá-la do jugo dos *katzapi*".

Terminava por um apelo à população, convidando-a a ajudar a Rada Central e os exércitos "fraternos" alemães e austro-húngaros a esmagar o inimigo.

Ao mesmo tempo, chegaram a Goulaï-Polé murmúrios confirmando que os exércitos alemães destruíam todas as cidades e vilas onde os habitantes se opunham a seu avanço e que, ao contrário, forneciam produtos indispensáveis, e em primeiro lugar açúcar, calçados e tecidos, àqueles que a eles se aliavam.

Ouvíamos mais e mais constante e forte: "E que acontecerá se, verdadeiramente, os alemães queimarem as vilas? Queimarão Goulaï-Polé? Que faremos, então, com nossas crianças e pais?". E após essas lamentações, um agente qualquer da Rada Central lançava a palavra "delegação" que tomavam e repetiam um após outro, os habitantes de Goulaï-Polé.

Essa palavra atraiu minha atenção. Convoquei os membros do Comitê Revolucionário, aqueles do Soviete dos Deputados camponeses e operários e os do grupo anarquista-comunista e propus publicar um apelo encabeçado pelas seguintes linhas: "A alma do traidor e a consciência do tirano são tão negras como uma noite de inverno". Organizaríamos, em seguida, uma reunião para explicar a toda a população o sentido provocador do termo "delegação".

---

24. Este ato só foi conhecido quatro meses mais tarde e Dmitrenko foi fuzilado.

Soube, no mesmo momento, de uma parte, que acabava de chegar a Goulaï-Polé alguns partidários da Rada Central que tentavam fazer crer que, vindos do *front* de combate exterior, foram feitos prisioneiros dos bolcheviques e que acabavam de se libertar; e de outra parte, que nossa vila preparava, sob a direção do pai de um desses ditos evadidos, Tikhon Byk, o envio de uma delegação ao comando alemão.

Pedi, pois, aos camaradas para organizar o mais rápido possível aquela reunião e pus-me à procura de Tikhon Byk, de quem reclamei esclarecimentos sobre essa "delegação". Ele negou durante muito tempo, mas, quando percebeu que isso era inútil, disse-me para não me meter nesta questão: "Isto era tarefa do povo". Não insisti e deixei-o depois declarar-lhe, que por tal ação, o povo mesmo lhe torceria o pescoço e a todos que o defendessem.

O apelo foi publicado e a reunião convocada; todos concordaram com a partida imediata para o *front*. Durante esta assembléia, trouxeram-me um telegrama do comando do destacamento dos guardas-vermelhos, Egorov, chamando-me com urgência a seu estado-maior, na região de Verhne-Tokmak-Fedorovka.

Ao mesmo tempo, a comuna número 2, da qual era membro, fez-me saber que uma dezena de soldados, pertencentes ao estado-maior dos exércitos vermelhos de reserva do "Sul da Rússia", tinha chegado de automóvel, completamente bêbados, e morto um dos seus, e que era indispensável tirá-los de lá sem brigas. Parti precipitadamente e consegui convencê-los a deixar a comuna. Depois, dirigi-me à estação de Pologui onde peguei o trem para o estado-maior de Egorov.

No meio do caminho, avisaram-se que ele havia recuado para a direção de Uzowo; peguei então o entroncamento Verhne-Tokmak-Tzarekonstantinovka. Em Tzarekonstantinovka revi Belinkevitch e seus exércitos de reserva que haviam se retirado de Pologui e tinham, da mesma forma, perdido a ligação com o Estado-maior de Egorov e esperava restabelecê-la somente à noite. Eu estava inquieto por não ter encontrado esse estado-maior nos intervalos de tempo esperados e a idéia de que eu deveria estar, quaisquer que fossem as circunstâncias, em Goulaï-Polé a 16 de abril, só fazia aumentar minha ansiedade. Decidia-me a não procurar mais sua localização e voltar a Goulaï-Polé, quando Belinkevitch me falou: "Se o comarada Egorov mandou, você deve tratar de vê-lo antes de partir para o *front*. Provavelmente, ele

decidiu não enviar seu batalhão ao setor de Tchaplino, estando este setor, em parte, evacuado por nossas forças".

Esta notícia deixou-me surpreendido. Decidi esperar que a noite viesse e que o camarada Belinkevitch tivesse restabelecido a ligação com o estado-maior de Egorov.

Por volta das nove horas da noite, enviei uma mensagem telefônica ao estado-maior de Goulaï-Polé e ao Comitê Revolucionário, prevenindo que eu estava retido por um tempo indeterminado.

À meia-noite, recebi de Pologui, via Tzarekonstantinovka, a notícia de que nossa vila tinha sido, traiçoeiramente, entregue aos alemães e às tropas da Rada Central que os acompanhavam.

Não pus fé nessa estranha informação que não trazia nenhuma assinatura. No entanto, à uma hora da manhã, telefoinei a Pologui e perguntei se tinham sido eles que haviam passado essa mensagem telefônica. A telefonista respondeu-me: "Sim, dois jovens armados vieram até minha casa e um deles deu-me a mensagem que você recebeu. Ele recusou-se a fornecer qualquer assinatura".

Tratei de conseguir comunicação com Goulaï-Polé, mas disseram-me que de lá não respondiam nada.

Preparei-me, pois, a ir pessoalmente para lá, mas recebi, ao mesmo tempo a notícia de que o estado-maior de Egorov achava-se em Volnovaha, a uma distância de 45 a 50 *verstas* de Tzarekonstantinovka. Decidi ir até lá; mas, quando lá estava chegando, soube que ele já havia partido para Dolia. Telegrafei: "O estado-maior de Egorov deverá ficar muito tempo em Dolia?", e recebi a resposta de que ele já havia partido para Taganrog.

Deixei o escritório do telégrafo e dirigi-me para a locomotiva. Neste momento chegava à estação o escalão do estado-maior de Belinkevitch e de lá vi sair meu sobrinho Thomas, o filho de meu irmão mais velho, que, com ar transtornado, estendeu-me uma carta.

Rasguei rapidamente o envelope e li o que se segue, datado de muitos dias atrás: "Nestor Ivanovitch, logo que você partiu de Goulaï-Polé, partiu também Tikhon Byk, com alguns chauvinistas. Duas versões circulam por aqui: alguns dizem que eles lançaram-se atrás de você para, covardemente, matá-lo. Seja, pois, prudente, em sua viagem de volta, sobretudo na estação de Pologui. Outros supõem que T.

Byk foi, em delegação secreta, encontrar os exércitos. Logo em seguida à sua partida, enviei dois de meus amigos à casa dele. Sua mulher quis dar a entender que ele tinha partido por dois dias para a casa de parentes. Comunicaram-me, enquanto eu escrevia estas linhas, que uma delegação da Rada Central e dos exércitos alemães acaba de chegar a Goulaï-Polé. Mas ela se esconde, pelo momento, e não se mostra à população. Tomei todas as medidas para me precaver contra ela, mas não estou seguro de consegui-lo. Volte, pois, logo: sem você, aqui, estamos todos tristes e deprimidos."

A carta estava assinada:

"Teu fiel B. Veretelnik."

e datada de 15 de abril.

Quis perguntar a meu sobrinho sobre os acontecimentos de Goulaï-Polé, mas minha voz tremia e, fechando os olhos, deixei-me cair num banco, fazendo-lhe com a mão um sinal de que não desejava nada ouvir. Alguns minutos depois, entrei no meu vagão e parti para Tzarekonstantinovka-Pologui-Goulaï-Polé.

Em seguida à retirada dos comboios de guardas-vermelhos, fiquei retido três ou quatro horas entre Volnavaha e Tzarekonstantinovka. Chegado nesta última cidade, recebi outras notícias de Goulaï-Polé, mais inquietantes ainda. Li: "Meu caro Nestor Ivanovitch, na noite de 16 de abril, sobre uma falsa ordem assinada por você, o destacamento dos anarquistas foi chamado de Tchaplino e desarmado no caminho. Todos nossos camaradas de Goulaï-Polé, todos os membros do Comitê Revolucionário, do Soviete dos Deputados camponeses e operários foram presos e esperam para serem remetidos às autoridades alemãs, e às da Rada Central, para serem executados. A traição foi feita pelos chauvinistas A. Volok, I. Volkov, Ossip Soloveï, o comandante da artilharia V. Charovski, e por outros. Três horas antes que fôssemos presos, a companhia judia foi designada para fazer a guarda da guarnição. Os miseráveis traidores obrigaram os judeus, enganando-os, a desempenhar esta missão infame.

"No momento de nossa prisão, todos nós fomos privados de nossas armas e recebemos mesmo algumas coronhadas. Alguns dos nossos, ainda não desarmados, responderam com fogo.

"Nosso amigo Alexis Martchenko foi preso pelos organizadores mesmos dessa traição, mas conseguiu lhes escapar. Então, foi enviado um pelotão de jovens judeus em seu encalço. Martchenko respondeu com alguns tiros, lançou-lhes duas ou três bombas e desapareceu. Mas foi preso a 15 *verstas* de Goulaï-Polé pelos judeus da colônia Mejirytchi (n.º 4), levado a Goulaï-Polé e remetido ao estado-maior dos traidores.

"Todos os camponeses estão deprimidos. A raiva em relação aos judeus é geral.

"Mando esta carta à sentinela Ch. . . indicando-lhe como fazê-la chegar a você. Se recebê-la, venha logo, com um destacamento qualquer para nos libertar.

Teu fiel B. Veretelnik."

16 de abril. 9 h da manhã.

Enquanto lia esta carta, o destacamento de Maria Nikiphorova chegava à estação de Tzarekonstantinovka. Contei-lhe os acontecimentos que acabavam de se desenrolar em Goulaï-Polé. Ela telefonou imediatamente ao comandante de um destacamento de guardas-vermelhos, um certo soldado Poloupanov, que tinha nesse momento enfrentado um combate contra os ditos inválidos das "guardas-brancas" de Mariopol. Maria Nikiphorova propôs-lhe voltar a Tzarekonstantinovka para, de lá, fazer um ataque contra Goulaï-Polé.

O soldado Poloupanov respondeu que não podia retornar e aconselhou-a a evacuar o mais rápido possível a região de Tzarekonstantinovka-Pologui, se não quisesse que os alemães lhe cortassem a retirada.

Mas, nesse entretempo, chegaram o destacamento do soldado Stepanov e, pouco depois, o destacamento siberiano de Petrenko, composto de dois comboios de cavaleiros e soldados de infantaria.

Em resposta ao pedido de Maria Nikiphorova de retornar com ela a Pologui e, de lá, sob a proteção de dois carros blindados, a Goulaï-Polé, o soldado Stepanov declarou que, tendo atrelado a seu comboio diversos vagões de fugitivos, pelos quais ele devia responder ao comandante dos exércitos vermelhos de reserva do "Sul da Rússia",

o camarada Belinkevitch, ele continuaria seu caminho em direção a Taganrog. E, efetivamente, partiu em seguida.

Maria Nikiphrova e Petrenko decidiram então voltar a Pologui e ocupar Goulaï-Polé à força para libertar todos os anarquistas e outros revolucionários presos, e, igualmente, permitir a saída da vila, se elas assim o desejassem, das forças armadas revolucionárias subjugadas, e em todo caso, carregar as armas, a fim de que não caíssem nas mãos dos alemães.

Enquanto os destacamentos se preparavam para partir, e eu percorria febrilmente a plataforma me arrancando os cabelos, lamentando amargamente ter enviado ao *front*, em primeiro lugar, o destacamento formado por nosso grupo, recebi uma terceira carta do camarada Veretelnik.

Nessa carta, ele me dizia: "Meu querido amigo Nestor Ivanovitch, os infames organizadores da nossa traição, assustados por não sei o que, me libertaram, da mesma forma que ao camarada Gorev, sob a condição, entretanto, de que deixássemos Goulaï-Polé.

"O camarada Gorev e eu mesmo aproveitamos esta circunstância para organizar, em cada *sotnia*, uma reunião com a participação dos velhos camponeses. Nessas assembléias, os camponeses votaram resoluções exigindo a libertação imediata de todas as pessoas detidas, e dos anarquistas em primeiro lugar, remetendo-as ao estado-maior dos traidores. Todos os nossos camaradas foram libertados.

"Numerosos jovens trabalhadores judeus, e toda a burguesia, com exceção de M. E. Hellbuch e de Levy [25], fugiram de medo de uma vingança (no entanto, ninguém aqui os teria maltratado, pois todos os nossos camaradas compreendem bem que os organizadores da traição lhes fizeram desempenhar esse papel à sua revelia, para poder organizar, em seguida, um *pogrom* contra eles).

"Os alemães se aproximam de Goulaï-Polé. Nossos camaradas se escondem em grupos. Os camponeses fazem desaparecer rapidamente os fuzis, as metralhadoras e as munições, e se salvam, seja nos campos, seja nas vilas vizinhas.

25. Todos os dois, judeus ricos, mas honestos, levaram em consideração durante toda suas vidas as decisões tomadas nas reuniões-*skhod* gerais dos trabalhadores e sempre condenaram o velho regime.

"Alguns de meus amigos e eu mesmo pensamos ficar em Goulaï-Polé até o último minuto. Talvez consigamos matar Leon Schneider. No momento da detenção dos nossos camaradas no escritório do grupo, ele foi o primeiro a entrar com os *haïdamaki*, despedaçou nosso estandarte, rasgou e picou os retratos de Kropotkin, Bakunin e Sacha Semenota. Este ato odioso foi presenciado por numerosos operários, camponeses e camponesas.

"Eu mesmo não vi L. Schneider, mas ouvi dizer por todo lado que ele dirigiu aos *haïdamaki* um discurso infame. Falaremos novamente disso mais tarde. Tome atenção para não cair entre as patas dos alemães. É preferível que você se abstenha de vir a Goulaï-Polé. Você não pode fazer mais nada por nós, agora! Os alemães ocuparam as cidades de Orekhovo e de Pokrovsko, e, efetivamente, estarão entre nós em duas ou três horas.

Nós te reencontraremos.

Para o momento, seja prudente.

Teu fiel B. Veretelnik."

16 de abril, 3 horas da tarde.

Nem bem terminei de ler essa carta precipitei-me para Maria Nikiphorova e, juntos, corremos ao camarada Petrenko. Eu a li aos dois e disse-lhes que, da minha parte, achava não haver mais tempo de ir a Goulaï-Polé, que já deveria estar ocupada pelos alemães. Quanto a atacá-los somente com nossos destacamentos, nem sonhando, e, além do mais, não nos deixariam mesmo chegar até lá.

"Se é certo, disse, que eles ocuparam a cidade de Orekhovo, é possível que estejam, no momento, aproximando-se de Pologui, e se é verdade que os guardas-vermelhos lhes abandonaram Tchaplino e evacuam Grichino, Goulaï-Polé já deve estar para atrás do *front* alemão."

Embora os camaradas Nikiphorova e Petrenko começassem a gozar de mim, dizendo que eu não sabia nada de suas estratégias e desprezava os recursos combativos de seus destacamentos, apressavam-se em dirigir suas locomotivas para a direção de Volnovaha; quanto a Pologui e Goulai-Polé, não fizeram mesmo mais nenhuma questão.

Então perguntei-lhes: "Por que esta pressa? vocês receberam deste setor notícias inquietantes?", Maria Nikiphorova respondeu-me que os alemães tinham ocupado as estações de Pologui e de Verhne-Tokmak e tinham cercado, na linha Verhne-Tokmak-Berdiansk, o destacamento anarquista do camarada Mokroussov.

Se você quiser, disse-me ela, venha em meu vagão. Vou dar ordem ao meu comboio de continuar sua rota em direção a Volhovaha-Uzowo." E ela acrescentou, sussurrando, com um meio-sorriso, como se desculpando: "Você tinha toda a razão em dizer que era muito tarde para nos dirigirmos a Goulaï-Polé. Todos os caminhos para lá estão ocupados pelos alemães".

Recusei, entretanto, a recuar com o destacamento de Maria Nikiphorova. Disse-lhe que esperava ficar ainda por um momento, ainda mais porque o destacamento de Petrenko tinha decidido passar por lá, à noite. Esperava ver chegar, nesse entretempo, algum dos meus camaradas de Goulaï-Polé. Aí foi que, pela primeira vez, me anunciaram que Goulaï-Polé tinha sido traiçoeiramente entregue aos alemães; enviei Alexandre Lepetchenko com a missão precisa de explicar pessoalmente aos *communards* a direção que eles deveriam tomar em sua fuga, e que lhe tinha recomendado fugir com eles.

Quanto aos camaradas Veretelnik, Gorov, Martchenko, Polonski, Kalachnikov, Petrovski, Lionuty, Savva Makhno, S. Chepel, M. Kalinitchenko, P. Sokrouta e outros, deveria ordenar-lhes deixar o mais rapidamente possível Goulaï-Polé e dirigirem-se em direção ao *front* vermelho, onde me encontrariam.

Durante a parada do destacamento de Petrenko na estação de Tzarekonstantinovka, vi chegar alguns camaradas que tinham permanecido em Goulaï-Polé até a chegada dos exércitos alemães e austro-húngaros, aos quais precedia, como batedor, um destacamento da Rada Central Ucraniana. Contaram-me tudo que se passou durante os dois dias seguintes à minha partida. Narraram-me, com lágrimas nos olhos, a odiosa traição de nosso camarada Leon Schneider, e do regimento judeu subjugado pelo estado-maior dos traidores.

Também me contaram sobre a entrada dos exércitos alemães e austro-húngaros e do destacamento da Rada Central em nossa vila, e como seus agentes, os cidadãos de Goulaï-Polé, subtenentes ao tempo da Rada: A. Volokh, I. Volkov, L. Sahno-Prihodka (S.-R.), Pidoima e um certo número de outros, mais insignificantes e bestiais, tais como

"Alguns de meus amigos e eu mesmo pensamos ficar em Goulaï-Polé até o último minuto. Talvez consigamos matar Leon Schneider. No momento da detenção dos nossos camaradas no escritório do grupo, ele foi o primeiro a entrar com os *haïdamaki*, despedaçou nosso estandarte, rasgou e picou os retratos de Kropotkin, Bakunin e Sacha Semenota. Este ato odioso foi presenciado por numerosos operários, camponeses e camponesas.

"Eu mesmo não vi L. Schneider, mas ouvi dizer por todo lado que ele dirigiu aos *haïdamaki* um discurso infame. Falaremos novamente disso mais tarde. Tome atenção para não cair entre as patas dos alemães. É preferível que você se abstenha de vir a Goulaï-Polé. Você não pode fazer mais nada por nós, agora! Os alemães ocuparam as cidades de Orekhovo e de Pokrovsko, e, efetivamente, estarão entre nós em duas ou três horas.

Nós te reencontraremos.

Para o momento, seja prudente.

Teu fiel B. Veretelnik."

16 de abril, 3 horas da tarde.

Nem bem terminei de ler essa carta precipitei-me para Maria Nikiphorova e, juntos, corremos ao camarada Petrenko. Eu a li aos dois e disse-lhes que, da minha parte, achava não haver mais tempo de ir a Goulaï-Polé, que já deveria estar ocupada pelos alemães. Quanto a atacá-los somente com nossos destacamentos, nem sonhando, e, além do mais, não nos deixariam mesmo chegar até lá.

"Se é certo, disse, que eles ocuparam a cidade de Orekhovo, é possível que estejam, no momento, aproximando-se de Pologui, e se é verdade que os guardas-vermelhos lhes abandonaram Tchaplino e evacuam Grichino, Goulaï-Polé já deve estar para atrás do *front* alemão."

Embora os camaradas Nikiphorova e Petrenko começassem a gozar de mim, dizendo que eu não sabia nada de suas estratégias e desprezava os recursos combativos de seus destacamentos, apressavam-se em dirigir suas locomotivas para a direção de Volnovaha; quanto a Pologui e Goulai-Polé, não fizeram mesmo mais nenhuma questão.

Então perguntei-lhes: "Por que esta pressa? vocês receberam deste setor notícias inquietantes?", Maria Nikiphorova respondeu-me que os alemães tinham ocupado as estações de Pologui e de Verhne-Tokmak e tinham cercado, na linha Verhne-Tokmak-Berdiansk, o destacamento anarquista do camarada Mokroussov.

Se você quiser, disse-me ela, venha em meu vagão. Vou dar ordem ao meu comboio de continuar sua rota em direção a Volhovaha-Uzowo." E ela acrescentou, sussurrando, com um meio-sorriso, como se desculpando: "Você tinha toda a razão em dizer que era muito tarde para nos dirigirmos a Goulaï-Polé. Todos os caminhos para lá estão ocupados pelos alemães".

Recusei, entretanto, a recuar com o destacamento de Maria Nikiphorova. Disse-lhe que esperava ficar ainda por um momento, ainda mais porque o destacamento de Petrenko tinha decidido passar por lá, à noite. Esperava ver chegar, nesse entretempo, algum dos meus camaradas de Goulaï-Polé. Aí foi que, pela primeira vez, me anunciaram que Goulaï-Polé tinha sido traiçoeiramente entregue aos alemães; enviei Alexandre Lepetchenko com a missão precisa de explicar pessoalmente aos *communards* a direção que eles deveriam tomar em sua fuga, e que lhe tinha recomendado fugir com eles.

Quanto aos camaradas Veretelnik, Gorov, Martchenko, Polonski, Kalachnikov, Petrovski, Lionuty, Savva Makhno, S. Chepel, M. Kalinitchenko, P. Sokrouta e outros, deveria ordenar-lhes deixar o mais rapidamente possível Goulaï-Polé e dirigirem-se em direção ao *front* vermelho, onde me encontrariam.

Durante a parada do destacamento de Petrenko na estação de Tzarekonstantinovka, vi chegar alguns camaradas que tinham permanecido em Goulaï-Polé até a chegada dos exércitos alemães e austro-húngaros, aos quais precedia, como batedor, um destacamento da Rada Central Ucraniana. Contaram-me tudo que se passou durante os dois dias seguintes à minha partida. Narraram-me, com lágrimas nos olhos, a odiosa traição de nosso camarada Leon Schneider, e do regimento judeu subjugado pelo estado-maior dos traidores.

Também me contaram sobre a entrada dos exércitos alemães e austro-húngaros e do destacamento da Rada Central em nossa vila, e como seus agentes, os cidadãos de Goulaï-Polé, subtenentes ao tempo da Rada: A. Volokh, I. Volkov, L. Sahno-Prihodka (S.-R.), Pidoima e um certo número de outros, mais insignificantes e bestiais, tais como

Ossip Solovei, V. Charovski (S.-R.), o agrônomo Dmitrenko, tinham se preparado para receber os carrascos da Revolução, alemães e austro-húngaros, com a esperança de lhes poder demonstrar por atos que eles também souberam estrangular a revolução e aquilo que ela tinha de melhor.

Esse "nec plus ultra" dos patriotas ucranianos, "a flor da população", estava pronto a seguir o exemplo dos soldados alemães e austríacos que, deixando em seus países, em meio à fome e ao frio, seus pais e mães, mulheres e crianças, tinham vindo aqui para matar seus semelhantes; e não contentes em sustentar esses criminosos, conscientes ou inconscientes, esses destruidores da obra revolucionária, quiseram fazer pior ainda: estavam prontos para partir, na vanguarda desses assassinos e incendiários, para combater os trabalhadores da Ucrânia, afogá-los no sangue, seguros de que seus donos e senhores do momento, chegados traiçoeiramente sob a cobertura da bandeira socialista, lhes fossem permitir conservar seus galões dourados de subtenentes e seus direitos de propriedade sobre suas terras.

Esses campeões da ocupação do território revolucionário pelas forças inimigas, esses partidários selvagens do extermínio dos trabalhadores, remeteram para os grupos contra-revolucionários, durante sua passagem pelas ruas de Goulaï-Polé, metralhadoras, algumas centenas de fuzis, e nossos canhões!

O comandante desses grupos agradeceu a eles por sua "fidelidade". Esses arautos odiosos da idéia de ocupação, da mesma forma que todos aqueles que, como eles, se preparavam para o regime contra-revolucionário, não dissimularam a felicidade que lhes causou o reconhecimento dos fortes.

Que opróbrio!

Que vinganca fez nascer na alma dos revolucionários! Vingança, contra todos aqueles que pisaram o povo escravizado, torturado, massacrado política e socialmente!

Não mais piedade para com os inimigos dos trabalhadores! Não mais piedade para com todos aqueles que tentaram opor-se à nossa atividade revolucionária!

A seqüência de minhas memórias mostrará aos leitores o desencadear dos acontecimentos que se sucederam com rapidez.

NOTA AO FINAL DA OBRA DE MAKHNO, DO ORGANIZADOR DA COLEÇÃO

Com a assinatura do Tratado de Brest-Litovsk, os bolchevistas retiram suas tropas da Ucrânia, deixando-a à mercê da Rada Ucraniana e das tropas do imperialismo austro-alemão. Após ocupar Kiev, suas tropas atacam as *comunas livres* estabelecidas junto ao Dnièpr. Grande número de agentes caíram sobre a região, no intuito de desmoralizar a obra dos camponeses. As tropas imperialistas e as da Rada Ucraniana totalizavam seiscentos mil efetivos. As tropas alemãs chegam ao Dnièpr e tentam passar, mas são contidas por batalhões bolchevistas e de autônomos. Belinkevitch, comandante dos guardas-vermelhos de reserva, fornece armas a Makhno para combater o imperialismo alemão; ao todo seis canhões, três mil fuzis, dois vagões de cartuchos e nove de balas para canhões. A 8 de abril de 1918, na Ucrânia, reúne-se Makhno com um delegado bolchevista, no exato momento que em Moscou Lênin e Trotsky planejam o aniquilamento dos grupos anarquistas a partir da capital e depois pelo país todo. Na defesa da autonomia das comunas livres, Makhno enfrentou: a Rada Ucraniana, as tropas bolchevistas e as do general Denikin, que queria restabelecer o tzarismo e o capitalismo. Makhno venceu as tropas de Petliura, do general Denikin na batalha de Peregonovka. Os bolcheviques ofereceram vantagens a Makhno para ingressar no Exército Vermelho. Os bolcheviques insistiam em impor sua *Tcjeka* (polícia política secreta), seus Comissários e a ditadura do Partido em nome do proletariado. Makhno passou a ser insultado, caluniado, tachado de "contra-revolucionário", "bandido" inimigo número um da revolução. Ante isso, Makhno achou por bem convocar o terceiro congresso dos camponeses operários e guerrilheiros para 10 de abril de 1919. O Congresso recebeu um telegrama do Comandante de Divisão, *Dybenko*, declarando-o contra-revolucionário e os seus organizadores *fora da lei*. Enquanto isso, os Destacamentos Militares do Exército

Insurrecional de Makhno venciam os generais "brancos" Denikin, Koltchak, Wrangel. Após a derrota do general Wrangel, o governo bolchevique, desrespeitando *acordo formal* de aliança entre Moscou e Makhno, metralhou o exército makhnovista que regressava vitorioso nas alturas do istmo de Perekop, numa estreita faixa situada entre a montanha e o mar. Com a repressão a Makhno, a revolta dos Marinheiros de Cronstadt posteriormente, e com a "militarização do trabalho", atrelando o sindicato e o trabalhador russo ao Estado, Trotsky cria as condições à contra-revolução de Stalin. Como na Revolução Francesa, Robespierre ao guilhotinar os radicais *herbertistas*, cria condições de sua queda e vitória dos chamados *thermidorianos*.

Maurício Tragtenberg